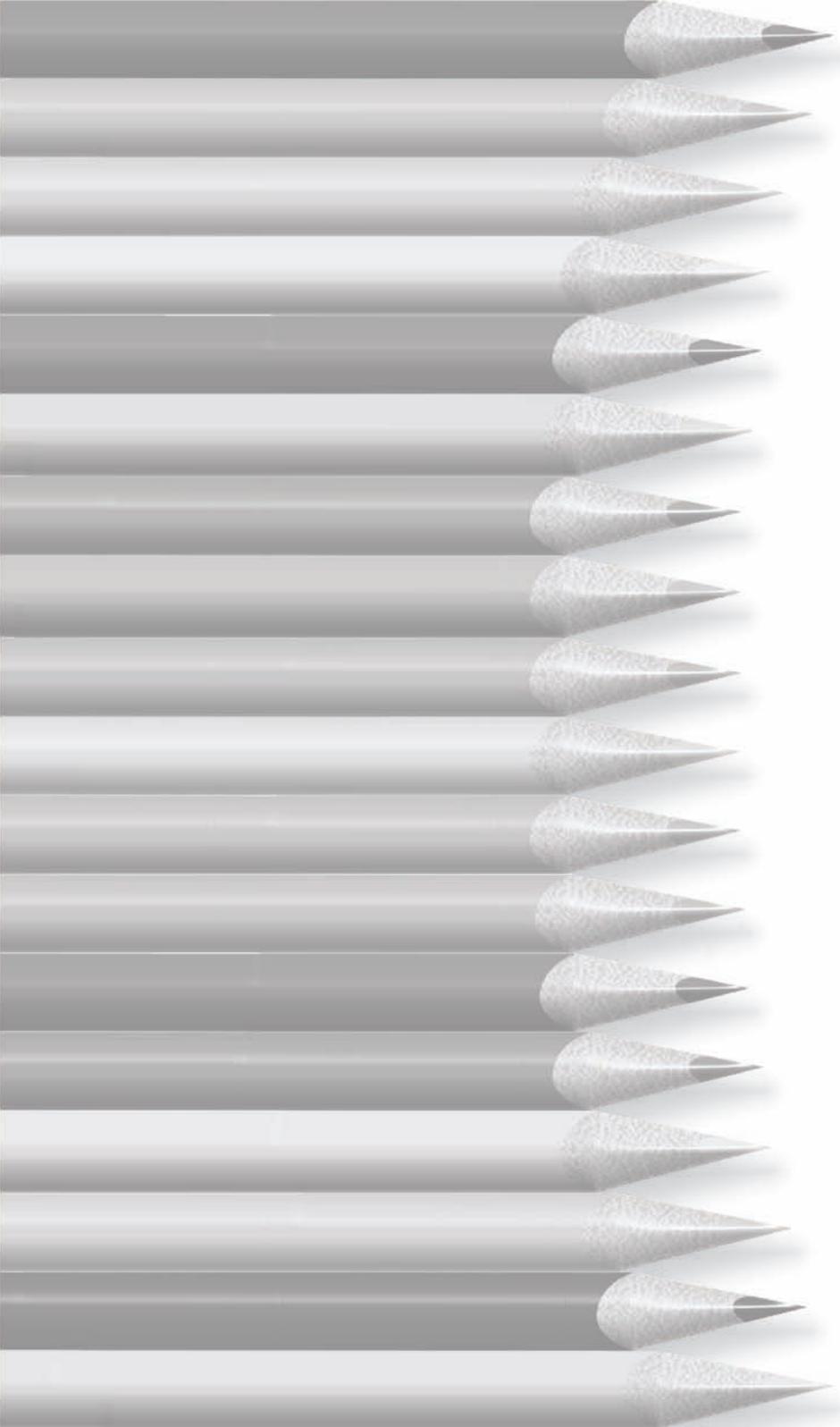


DIVERSIDADE TEXTUAL

PROPOSTAS PARA
A SALA DE AULA



DIVERSIDADE TEXTUAL

PROPOSTAS PARA
A SALA DE AULA

Coordenação: *Márcia Mendonça*

Elaboração: *Ana Regina Ferraz Vieira*

Anny Querubina de Souza Barros

Djario Dias de Araújo

Débora Amorim G. Costa Maciel

Jorge Luís Lira da Silva

Márcia Mendonça

Normanda Beserra

Ministério
da Educação



Recife 2008



Ministério
da Educação

Presidente: *Luis Inácio Lula da Silva*
Ministro da Educação: *Fernando Haddad*
Secretaria de Educação Básica: *Maria do Pilar Lacerda Almeida e Silva*
**Diretoria de Políticas de Formação, Materiais Didáticos e de Tecnologia
para Educação Básica:** *Jeanete Beauchamp*
Coordenação Geral de Formação de Professores: *Roberta de Oliveira*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Reitor: *Amaro Henrique Pessoa Lins*
Pró-Reitora para Assuntos Acadêmicos: *Ana Maria dos Santos Cabral*
Diretor do Centro de Educação: *José Batista Neto*
Coordenação do Centro de Estudos em Educação e Linguagem
CEEL: *Andréa Tereza Brito Ferreira; Artur Gomes de Moraes;
Eliana Borges Correia de Albuquerque; Telma Ferraz Leal*

Coordenação:

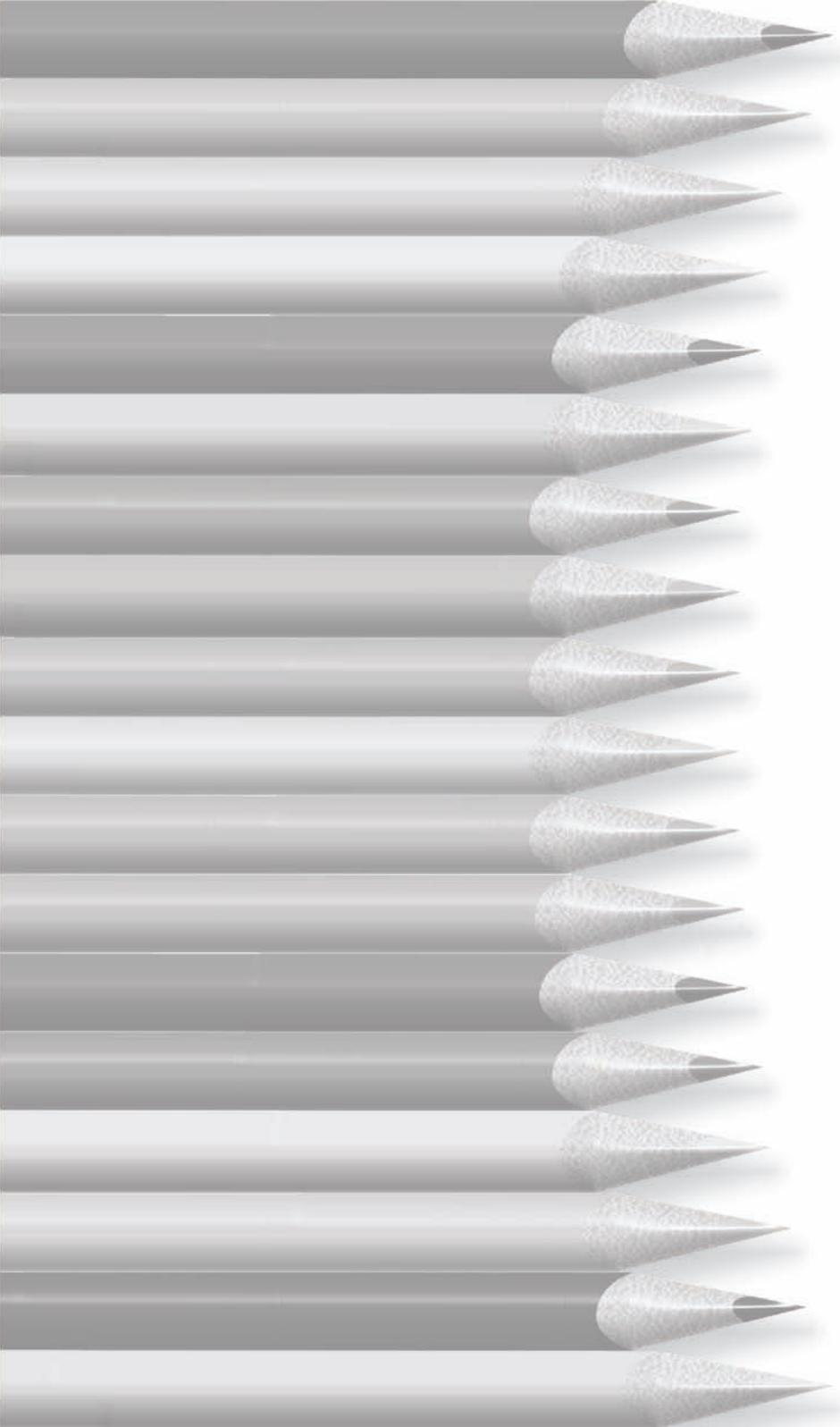
Márcia Mendonça

Elaboração:

*Ana Regina Ferraz Vieira
Anny Querubina de Souza Barros
Débora Amorim G. Costa Maciel
Djario Dias de Araujo
Jorge Luís Lira da Silva
Márcia Mendonça
Normanda Beserra*

Leitura crítica

*Clecio Bunzen
Telma Ferraz Leal*



**Diversidade textual:
propostas para a sala de aula**

Copyright © 2008 by Os autores

Capa, Diagramação e Editoração eletrônica
Vlamir Lemos

Revisão
Neide Rodrigues de Souza Mendonça

Apoio
*Gabriela Ramos do Nascimento Silva
Danielle de Farias Tavares Ferreira*

Diversidade textual: propostas para a sala de aula
Formação continuada de professores / coordenado por Márcia
Mendonça
Recife, MEC/CEEL, 2008.
ISBN 978-85-61611-00-2
Língua portuguesa – Estudo e ensino. 2. Professores – Formação. I.
Mendonça, Márcia, coord. II. Título.
CDU 806.90 (2.ed.)
CDD 469 (22.ed.)
UFPE-CAC2008-06

2008

Todos os direitos reservados ao MEC e UFPE/CEEL.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por
meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica sem a
autorização prévia do MEC e UFPE/CEEL.

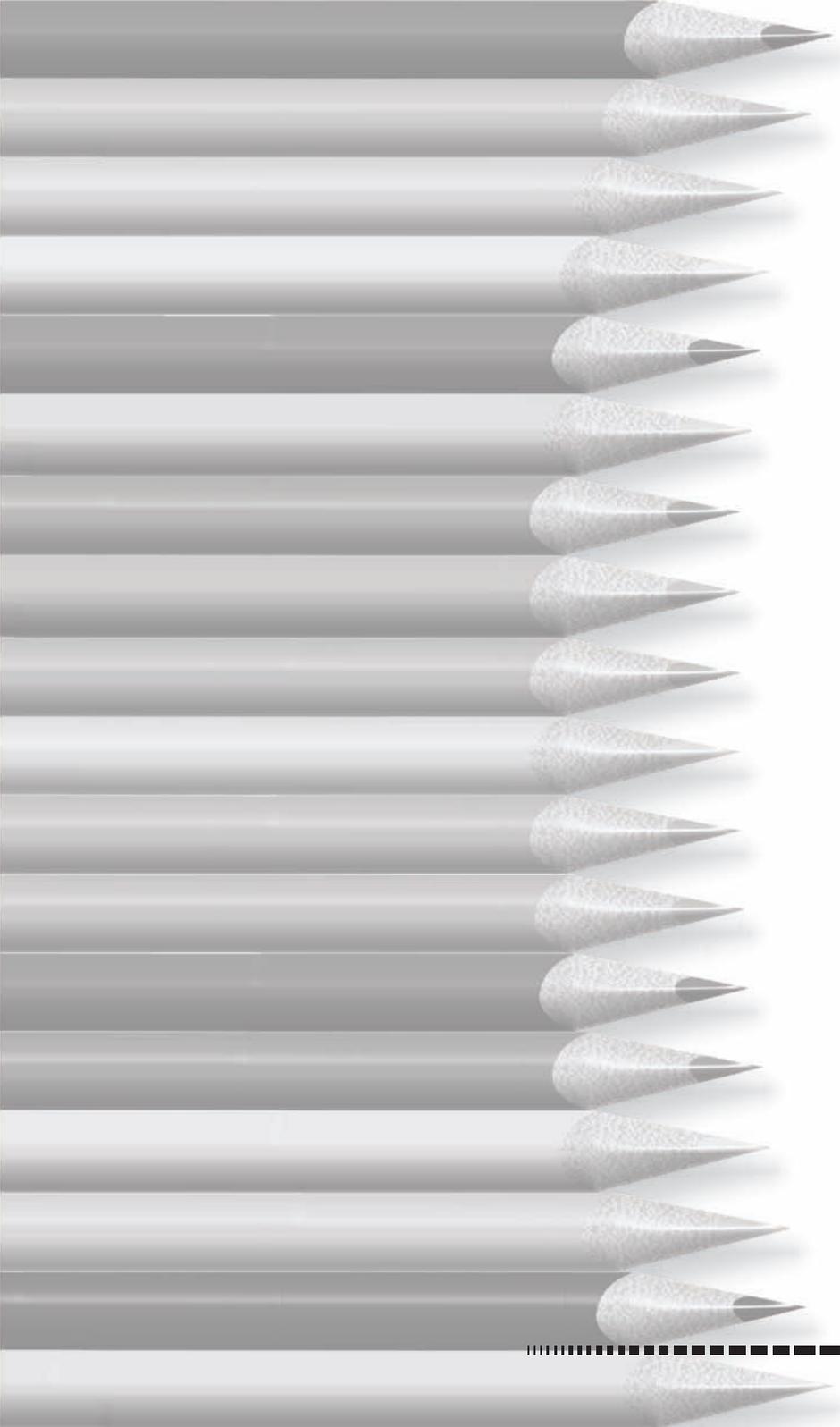
CEEL

Avenida Acadêmico Hélio Ramos, s/n. Cidade Universitária.
Recife – Pernambuco – CEP 50670-901
Centro de Educação – Sala 100.
Tel. (81) 2126-8921
F723

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO		13
1. ORIENTAÇÕES GERAIS		14
2. SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS		18
GÊNEROS LITERÁRIOS	CANTIGA POPULAR Cantar e brincar? É só começar! Débora Amorim G. da Costa Maciel	19
	CONTO INFANTIL Conte, reconte e encante: os contos infantis na sala de aula Débora Amorim G. da Costa Maciel	39
	CRÔNICA Crônica: o cotidiano em destaque Djario Dias de Araujo	55
	FÁBULA ConFABULANDO... Jorge Luís Lira da Silva	67
	LENDA Lendas na sala de aula: resgatando a cultura popular Djario Dias de Araujo	79
	POEMA Muito prazer, o poema Djario Dias de Araujo	91
GENEROS HUMORÍSTICOS	PARÓDIA Vamos brincar de arremedar? Normanda Beserra	103
	PIADA OlimPIADAS Débora Amorim G. da Costa Maciel	115
	TIRA EM QUADRINHOS DiverTIRAS Jorge Luís Lira da Silva	131

GÊNEROS MIDIÁTICOS	ANÚNCIO PUBLICITÁRIO Criar e anunciar: a publicidade no espaço escolar Débora Amorim G. da Costa Maciel	139
	CARTA DO LEITOR A palavra é sua, leitor! Débora Amorim G. da Costa Maciel	147
	CHARGE Caricatura e humor na crítica social Anny Querubina de Souza Barros e Márcia Mendonça	159
	ENTREVISTA Coisas de entrevista: falo eu, fala você Débora Amorim G. da Costa Maciel	179
	NOTÍCIA DE JORNAL IMPRESSO Extra! Extra! Notícias na sala de aula! Djario Dias de Araujo	197
GÊNEROS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	REPORTAGEM DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA Quando o conhecimento vira reportagem Normanda Beserra	207
	INFOGRÁFICO Imagem e texto explicando o mundo Márcia Mendonça	221
GÊNEROS ESCOLARES	DEBATE REGRADO A produção oral no centro do debate Djario Dias de Araujo	239
	RESUMO Pra resumir... Ana Regina Ferraz Vieira	253
	SEMINÁRIO ESCOLAR Professor, hoje os especialistas somos nós! Ana Regina Ferraz Vieira	275
RELAÇÕES ENTRE GÊNEROS	INTERGENERICIDADE Que gênero é esse? Djario Dias de Araujo	291



DIVERSIDADE TEXTUAL

APRESENTAÇÃO

PROPOSTAS PARA
A SALA DE AULA

As ações voltadas para a formação dos professores, diversas estratégias formativas têm sido adotadas. Algumas delas priorizam o estudo de abordagens teóricas e conceitos, sem focar de forma mais sistemática a prática diária de sala de aula, adotando a idéia de que o próprio professor seria responsável pelos processos de transposição desses saberes para o cotidiano escolar. Outras contemplam, de modo mais intenso, as experiências dos professores, realizando, a partir dos relatos que eles trazem, reflexões sobre as perspectivas teóricas que podem ser úteis ao processo de teorização da prática. Dependendo dos modos como são conduzidas as situações de formação, tanto os procedimentos didáticos com foco principal nas abordagens teóricas quanto os que priorizam a teorização da experiência prática podem ser usados e podem favorecer a reconstrução dos saberes dos professores.

Apesar de considerarmos a importância dessas estratégias, acreditamos que é possível também contribuir com a formação docente fornecendo ao professor propostas mais detalhadas de trabalho, como jogos educativos e seqüências didáticas para utilização em sala de aula.

Acreditamos que a apresentação de seqüências didáticas está longe de ser um receituário, uma prescrição fechada do que o professor deve fazer, especialmente se lembrarmos que cada aula é um acontecimento único, com atuação única de professor e alunos, cada um deles, sujeitos singulares. É com essa perspectiva que nós, equipe do Centro de Estudos em Educação e Linguagem (CEEL), apresentamos este conjunto de 20 cartelas didáticas da área de Língua Portuguesa, destinadas aos professores do Ensino Fundamental. Esperamos que seja útil a você, professor, e que provoque reflexões produtivas sobre o ensino-aprendizagem de língua materna em suas diversas modalidades, cotidiano que desafia todos os que se interessam pelo tema.



ORIENTAÇÕES GERAIS

Seqüências didáticas: auxiliando o trabalho com língua materna na escola

Já há algum tempo, as iniciativas para a melhoria da qualidade de ensino têm colocado a **aprendizagem significativa** em primeiro plano, pois se espera que o que se ensina na escola faça sentido para o aluno, seja relevante para a sua vida, dentro do ambiente escolar e fora dele. Ao lado disso, a formação para a cidadania é outra vertente que orienta o trabalho de ensino-aprendizagem da língua materna.

Logo, algumas práticas escolares são questionadas e revistas, para serem mantidas, reformuladas ou substituídas. Na área da linguagem, não mais é suficiente o trabalho de leitura e escrita baseado exclusivamente em textos escolares, como os textos das cartilhas ou as redações escolares. Trata-se de **envolver os alunos em práticas de linguagem diversificadas**, o que implica o contato freqüente com textos tão diversificados quanto essas práticas. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, propõe-se o trabalho simultâneo voltado tanto para a apropriação do sistema de escrita quanto para o desenvolvimento de habilidades nos eixos de oralidade, leitura e escrita de textos e análise lingüística, em suma, deseja-se alfabetizar letrando¹.

É nessa perspectiva que se garante um espaço privilegiado para o trabalho com os gêneros textuais, manifestações das práticas discursivas que se estabeleceram ao longo dos anos, para cumprir determinados propósitos comunicativos, e que permanecem em mudança. Em todas as esferas de atuação do homem, desde as relações pessoais até o universo artístico, jurídico, escolar, etc., há gêneros que preenchem determinadas funções sociais. Alguns exemplos são o bilhete, o poema, a lei, o e-mail, o requerimento, a fábula, a piada, a história em quadrinhos, o blog, o conto, o diário, o debate, a receita, a notícia, a reportagem, a entrevista, o resumo, a biografia, o seminário, a peça de teatro, a letra de música, etc. **Cada um tem características e estilos próprios, modos específicos de produção, circulação e recepção, além de implicações ideológicas particulares.**

Assim, acreditamos que **o trabalho didático centrado apenas nos tipos textuais** (narração, argumentação, descrição, exposição) **não contribui para que o aluno se familiarize com os diferentes gêneros que circulam na sociedade.** Ou seja, pedir que eles escrevam uma dissertação (ou narração, ou descrição) e expor sobre características gerais desses tipos textuais não é suficiente para que os estudantes, fora da escola, saibam lidar com a diversidade textual com a qual se deparam.

¹ Apesar de reconhecermos a necessidade de desenvolver atividades de apropriação do sistema de escrita nos anos iniciais, priorizaremos, nestas cartelas didáticas, os eixos de leitura, escrita, oralidade e análise lingüística. Ainda assim, várias atividades propostas permitem a ampliação para um trabalho mais direcionado ao processo de alfabetização propriamente dito.

Se assim fosse, com os conhecimentos escolares sobre narração, os alunos poderiam, com igual facilidade, escrever um conto, ler um romance, contar uma piada, todos eles, textos com estruturas semelhantes (personagens, cenário, conflito, etc.), mas com funções distintas. Isso, de fato, não acontece porque, embora todos eles sejam textos predominantemente narrativos, se diferenciam muito quanto às finalidades e aos modos como se organizam, ou seja, têm características distintas entre si. E isso exige, do leitor/autor, estratégias de compreensão e produção diferenciadas em cada caso. Portanto, não é mais possível supor que basta ensinar aspectos gerais da narração para que o estudante possa se apropriar (ler e escrever) de qualquer discurso narrativo.

Torna-se necessário, portanto, trazer para a sala de aula múltiplas práticas de linguagem, materializadas nos gêneros textuais, por meio de situações de ensino-aprendizagem desafiadoras. Ainda que se possa explorar o(s) tipo(s) textual(ais) predominantes num dado gênero – a narração na piada, a argumentação no artigo de opinião - é fundamental explorar as características de cada gênero.

Vale lembrar que a constituição dos gêneros está profundamente ligada ao contexto histórico-cultural em que se situam e ao papel que exercem nas trocas lingüísticas. Por essa razão, a escola deve explorar a diversidade textual, auxiliando os alunos a perceberem as variadas funções sociais que os gêneros cumprem, os diferentes temas tratados (assim como as perspectivas de tratamento desses temas), a adequação ao suporte em que circulam, etc., e como tudo isso se revela em sua organização textual-discursiva (seleção vocabular, organização dos períodos, distribuição da informação, estratégias argumentativas, relações entre o texto verbal e as imagens, etc.). Enfim, **é preciso discutir, na escola, as razões para os gêneros serem como são.** Ao longo da trajetória escolar, esse trabalho ajudará os alunos a tornarem-se cada vez mais aptos a interagir com os textos criticamente.

Mas apenas trazer gêneros variados para dentro da sala de aula não garante a construção e a ampliação de capacidades de leitura, escrita, oralidade e análise da língua. Ao serem transpostos de outras esferas para o ambiente escolar, os gêneros são escolarizados, ou seja, são abordados conforme os objetivos da escola, relativos ao ensino-aprendizagem. Por exemplo, ao lermos um poema fora da escola, não temos de responder a questões de leitura, o que é bastante comum quando se lê um poema em sala de aula. A escolarização não é um problema em si, pois, de fato, é função da escola tratar os gêneros segundo as necessidades de ensino-aprendizagem dos alunos. Deve-se, no entanto, ter o cuidado de, **na escolarização dos gêneros, tentar não artificializar as práticas de leitura/escuta e produção, sem perder de vista o que é necessário aprender.** Essa foi uma preocupação das seqüências propostas nas cartelas.

Nesse sentido, consideramos essencial levar os alunos a refletirem sobre como se constituem esses gêneros, tomando desde aspectos mais amplos, como, por exemplo, o contexto em que são produzidas as notícias, os critérios para considerar certos fatos passíveis de serem noticiados; até aspectos mais pontuais, como o uso do tempo presente nos títulos das notícias, para dar a sensação de se tratar de acontecimentos recentes.

Pensando sobre como e por que razão um certo gênero é produzido, o aluno estará mais habilitado a lê-lo de forma crítica e a produzi-lo de forma mais adequada, quando for solicitado. É nessa perspectiva que se integram as práticas pedagógicas de compreensão (leitura/escuta), análise lingüística e produção (escrita e oral), conforme vêm apontando pesquisas sobre ensino de língua materna e documentos oficiais que orientam esse processo de ensino.

Para desenvolver um trabalho com os gêneros textuais nos vários eixos de ensino, acreditamos que as práticas de leitura/escuta na escola devem ultrapassar a

² Algumas dessas etapas não se aplicam a todos os gêneros orais. A discussão oral assistemática é planejada ao mesmo tempo em que é produzida, ao passo que o relato oral originado de uma discussão em grupo é planejado antes de ser realizado.

identificação da informação óbvia, explorando-se estratégias de levantamento e checagem de hipóteses, inferências, comparações, sínteses e extrapolações, dentre outras. O desenvolvimento dessas capacidades serve à compreensão de qualquer texto, em qualquer gênero. Mas também é preciso, muito especialmente, considerar as estratégias de leitura mais adequadas para determinados gêneros e para os objetivos que se tem: ler o sumário e a contracapa de um livro para decidir sobre a sua leitura; ler sublinhando o texto, para se fazer um resumo escolar; ler o poema em voz alta, expressivamente; escutar um seminário fazendo esquemas de síntese e anotando dúvidas, etc. As atividades previstas nas seqüências buscam, dentro do possível, abranger esses múltiplos aspectos da leitura e da escuta.

Quanto à produção oral e escrita, é preciso pensar em orientações claras sobre as condições de produção e circulação dos gêneros: qual a razão para elaborar o texto, qual o gênero, quem é o interlocutor, em que suporte será veiculado, etc. A partir daí, promover oportunidades para as etapas de planejamento, produção, revisão e reescrita/refação.

Não se pode esquecer, ainda, a necessidade de familiaridade com o tema do texto a ser produzido, o que implica um trabalho prévio de discussão, de leitura de outros textos sobre o tema, de levantamento de idéias principais, dúvidas e eventuais polêmicas. Não se pode ignorar, também, a importância da experiência com o gênero textual que está sendo solicitado. Sabemos que quanto maior for nossa familiaridade com um determinado gênero textual, melhor será nossa produção, seja ela oral ou escrita. Esses aspectos

BLOCOS³	GÊNEROS
Esfera literária	1. Cantiga popular
	2. Conto infantil
	3. Crônica
	4. Fábula
	5. Lenda
	6. Poema
Esfera humorística	7. Paródia
	8. Piada
	9. Tira em quadrinhos
Esfera midiática	10. Anúncio publicitário
	11. Carta do leitor
	12. Charge
	13. Entrevista
Esfera de divulgação científica	14. Notícia de jornal impresso
	15. Reportagem de divulgação científica
Esfera escolar	16. Infográfico
	17. Debate regrado
	18. Resumo
Relações entre gêneros	19. Seminário escolar
	20. Intergenericidade

³Alguns gêneros podem ser enquadrados em mais de um domínio discursivo: a charge tanto é da esfera midiática (jornalística) quanto da esfera humorística; o infográfico tanto é da esfera de divulgação científica quanto da esfera midiática (jornalística); a carta do leitor é publicada nos veículos da esfera jornalística, mas não é produzida por esses mesmos veículos. Nossa intenção não é fazer uma classificação rígida dos gêneros, mesmo porque isso seria impossível, pois desconsideraria a própria natureza dinâmica e flexível dos gêneros. A tabela serve para expor a você a maneira como organizamos os diversos gêneros nestas cartelas didáticas.

já constituem o próprio processo de planejamento do texto a ser elaborado.

As atividades de análise lingüística propostas buscam, como prioridade, a produção de sentidos e a reflexão sobre o fenômeno da linguagem. Não é objetivo dessas atividades a memorização de nomenclaturas nem a resolução de exercícios de classificação morfossintática. Pretende-se, na verdade, oportunizar ao aluno a reflexão sobre as regras de uso e de funcionamento da língua, ajudando-o a construir definições a partir do trabalho com o texto ou a atividade. Nesse sentido, é importante que as suas falas sejam valorizadas e sistematizadas de forma coletiva.

Nas seqüências didáticas aqui sugeridas, buscamos contemplar alguns gêneros de esferas sociais variadas que sejam relevantes para a formação plena dos alunos. Além disso, priorizamos textos heterogêneos tanto em relação a suas formas de produção e circulação, quanto em relação a sua multimodalidade (textos que usam diferentes sistemas simbólicos, como o desenho e a linguagem verbal escrita, por exemplo). A escolha dos gêneros em cada esfera pautou-se também pelas possibilidades concretas de aplicação por parte do professor: nível de complexidade para adequação a série/ciclo e facilidade de acesso (para isso, anexamos, às seqüências, exemplares representativos de alguns gêneros e indicamos fontes onde eles podem ser encontrados). Os gêneros encontram-se assim distribuídos:

A esfera literária recebe um lugar de destaque, com seis gêneros distintos, e isso se deve à necessidade de garantir aos alunos o contato com um repertório literário que lhes oportunize a leitura de fruição e o desenvolvimento de habilidades de apreciação estética e de leitura crítica. Tais momentos nem sempre são possíveis nas práticas cotidianas extra-escolares.

Ocupa espaço, nestas cartelas didáticas, o humor, pois a escola também é o lugar do prazer, do riso e da reflexão sobre estratégias de produção de efeitos humorísticos.

Os gêneros do universo midiático que foram escolhidos abrangem o jornalismo (notícia, entrevista e charge), a publicidade (anúncio publicitário) e também dão voz aos leitores (carta do leitor). Necessitam ser lidos criticamente, pois atualmente a circulação das informações em nossa sociedade e a criação de padrões de consumo passam pelo filtro das empresas de comunicação.

O diálogo entre o mundo da ciência e os leigos está representado pelos gêneros de divulgação científica. Se defendemos a inserção dos leitores em práticas de letramento diversificadas, é preciso contemplar esses gêneros, que buscam explicar conceitos científicos e divulgar avanços da ciência para um público não-especializado.

Além dos gêneros oriundos de várias esferas discursivas, que foram escolarizados nas diversas seqüências, tratamos também dos gêneros típicos da esfera escolar. O aluno necessitará, ao longo dos anos de estudo, se familiarizar com gêneros solicitados pela escola, o que pode ajudá-lo com a aprendizagem de Língua Portuguesa e das demais disciplinas.

Por fim, o bloco “Relações entre textos” aborda não um gênero determinado, como fizeram as seqüências anteriores, mas um processo específico de produção de sentido: o cruzamento de gêneros (intergenericidade). A intergenericidade é muito comum nas esferas do humor, da publicidade e da literatura, pois os gêneros aí produzidos têm a liberdade de jogar com vários modos de produzir sentido. Assim, há poemas na forma de receitas, publicidade na forma de cartas, entre outras possibilidades. A focalização da intergenericidade como bloco final das seqüências didáticas busca chamar a atenção do professor para esse fenômeno, cada vez mais freqüente, e para a importância de abordá-lo

⁴ Para indicar os eixos de ensino trabalhados, preferimos simplificar. Usamos “Produção escrita” para atividades que envolvem diversos graus de autonomia com a escrita, desde o mero registro escrito, passando pela retextualização, até a criação de textos escritos propriamente dita. Do mesmo modo, usamos “Oralidade” também para os casos de discussão assistemática oral, em que a oralidade em si não é o objeto de ensino, mas um recurso, um meio para a realização de objetivos didáticos relativos a outros eixos, como a leitura e a análise lingüística.

ORGANIZAÇÃO DAS CARTELAS DIDÁTICAS	
SEÇÃO	FUNÇÃO
Orientações gerais sobre o gênero	Fornecer informações básicas para o professor sobre o contexto histórico-cultural em que circula o gênero, suas características e seu potencial de uso pedagógico. Esse texto não deve ser usado com os alunos , pois é destinado a esclarecer o professor sobre aspectos do gênero.
Para saber mais	Apresentar fontes de consulta bibliográfica para que o professor aprofunde os conhecimentos sobre o gênero e sobre como explorá-los na sala de aula.
Onde encontrar	Informar o professor sobre fontes (impresas e virtuais) onde podem ser encontrados exemplares do gênero.
Seqüência didática	Propor uma seqüência didática com orientações pedagógicas para aplicação em sala de aula: eixo de ensino ⁴ privilegiado em cada momento (leitura, escrita, oralidade, análise lingüística), ações didáticas (“passo -a -passo”), material didático e observações para o professor.
Anexos	Prover o professor com alguns dos textos e fichas usados na seqüência.

na escola. Outros gêneros dessas e de outras esferas discursivas podem e devem fazer parte do dia-a-dia da sala de aula.

Cada cartela didática se organiza da seguinte maneira:

Enfim, a organização das cartelas se baseia no pressuposto de que os alunos podem desenvolver sua competência discursiva para tornarem-se leitores-ouvintes e escreventes-falantes cada vez mais autônomos, proficientes e críticos. A escola deve, portanto, propiciar o desenvolvimento de capacidades amplas de leitura/escuta, escrita, oralidade e análise lingüística, **e uma exploração adequada da diversidade textual em sala de aula pode contribuir para que os estudantes sejam cada vez mais capazes de compreender e elaborar gêneros diversos, em várias situações de interação social.**

Algumas seqüências parecerão mais atraentes para uma certa turma de alunos que outras, algumas demandarão mais trabalho que outras. Por outro lado, uma seqüência que tenha sido planejada para uma etapa de escolaridade (ciclo/ série) pode ser utilizada para alunos de outra fase (ciclo/série), desde que o professor faça as adaptações necessárias. É certo que, ao utilizar qualquer uma das seqüências propostas como base da atuação docente, como qualquer aula que se planeje, deve-se ter “olhos e ouvidos bem abertos” para a dinâmica de cada grupo-classe. Portanto, **a sua intervenção, professor, com eventuais alterações e ampliações, será sempre bem-vinda**, completando esse eterno trabalho de co-autoria, que é aprender, ensinar, aprender, ensinar, aprender...

Um abraço e bom trabalho.

A equipe



CANTAR E BRINCAR? É SÓ COMEÇAR!

Cantiga Popular

2º ciclo do Ensino Fundamental (3ª e 4ª séries)
Débora Amorim G. da Costa Maciel

Objetivo geral: resgatar o gênero cantiga popular nas práticas escolares, explorando-o em atividades de escuta e cantoria, registro escrito e produção escrita.

Objetivos específicos

As atividades previstas possibilitam:

- favorecer o contato dos alunos com as letras musicais, as melodias e os ritmos lúdicos que envolvem as cantigas populares.
- promover atividades de leitura/cantação de diferentes cantigas populares;
- realizar atividades de identificação e criação de rimas para reflexão sobre as semelhanças da pauta sonora e escrita;
- estimular produção de textos escritos a partir de história contada por cantiga popular;
- desenvolver atividades de revisão textual, focalizando as normas ortográficas.
- oportunizar práticas orais de argumentação.

**ESTE TEXTO SE DESTINA A FORNECER INFORMAÇÕES BÁSICAS SOBRE O GÊNERO PARA O PROFESSOR.
NÃO DEVE SER USADO COM OS ALUNOS.**

Caro professor,

As cantigas populares (ou canções) são um gênero intersemiótico, ou seja, elas harmonizam, simultaneamente, mais de um tipo de recurso semiótico: a linguagem verbal e a musical (ritmo e melodia). A canção não é apenas texto verbal, nem apenas peça melódica, mas as duas materialidades juntas. Está entre oralidade e escrita, com aspectos das duas modalidades em diferentes graus.

As cantigas populares são gêneros passados oralmente, de geração em geração, em brincadeiras infantis. São parte das manifestações populares da cultura e marcam a lembrança de adultos e crianças e também, por isso, devem ser trabalhadas na escola, como forma de valorizar esse repertório. Em sua organização, a canção utiliza-se da métrica, da rima e da aliteração para alcançar a melodia desejada. Além disso, é freqüente o uso do sentido figurado, de metáforas. Todos esses são recursos parecidos com os usados no processo de criação poética. Porém, a poesia e a canção são vistas como dois gêneros específicos, com meios de realização diferenciados (gráfico x sonoro), que se cruzam em aspectos de sua materialidade e, por alguns momentos, comuns de sua produção (COSTA, 2002). De acordo com Frey-Streiff (1990), a canção popular apresenta uma unidade entre texto e música, além de uma convergência das diversas propriedades da melodia. Assim, a construção da melodia é baseada nas propriedades e nas unidades do texto, portanto texto e melodia são indissociáveis. Nesse sentido é que, quando exploradas em sala de aula, as canções devem ser cantadas sempre que possível, pois não foram criadas para a mera leitura em voz alta da letra.

Por serem textos curtos de estilo simples, as cantigas populares podem oportunizar às crianças, especialmente as das séries iniciais, espaços de interação efetiva, valorizando as experiências significativas de linguagem entre os sujeitos. A natureza lúdica das cantigas populares ajuda no trabalho com sílabas, rimas, aliterações, reescrituras, paródias musicais etc. Pelo fato de as crianças as memorizarem com facilidade ou já as saberem de cor, o trabalho com as cantigas populares ajuda a focalizar atenção na pauta escrita e favorece a reflexão sobre as palavras, as sílabas e os seguimentos menores, as letras. Brincar com as palavras por meio das cantigas populares é um ótimo recurso para ajudar no processo de alfabetização e letramento.

O gênero cantiga (canções de ninar, canções de brincar com sons e palavras, cantigas de roda etc.) pode ligar o lúdico (as brincadeiras, as invenções, os jogos) ao ensino-aprendizagem da leitura, da escrita e da oralidade, desde que haja planejamento e objetivos claros para as atividades. Além disso, a exploração das cantigas na sala de aula amplia os conhecimentos dos alunos acerca da cultura popular e incentiva o gosto pelo gênero.

Para saber mais:

- BRITO, Teca Alencar de (2003). *Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança*. Fundação Petrópolis, RJ.
- COSTA, Nelson Barros da (2002). *As letras e a letra: o gênero canção na mídia literária*. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, cap. 107-121.
- EVANGELISTA, Aracy Alves Martins(1996) . *Literatura infantil e textualidade*. Intermédio - Cadernos Ceale. Literatura infantil na escola: leitores e textos em construção. Formato, vol. II, p. 9-27.
- FERRAZ, Carmi, e MENDONÇA, Márcia (orgs.). (2006) *Diversidade textual: os gêneros na sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica.
- FREY-STREIFF, Marguerite(1990). A notação de melodias extraídas de canções populares. In: SINCLAIR, Hermine (org). *A produção de notação na criança: linguagem, número, ritmos e melodias*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, p. 125-168.

Onde encontrar:**Sites:**

- <http://www.alzirazulmira.com/cantigas.htm>
- http://simaiapsicopedagoga.ubbihp.com.br/do_fundo_do_bau.htm
- <http://www.qdivertido.com.br/cantigas.php>
- <http://www.jangadabrasil.com.br/index.asp> (ver link realejo)

O gênero cantiga popular pode ser encontrado também em coletâneas de CDs e DVDs que trazem um repertório variado de cantigas populares, canções de ninar e canções de brincar.

CDs

- PERES, Sandra e TATIT, Paulo (1998). *Cantigas de roda: canções folclóricas do Brasil*. São Paulo: Palavra Cantada/ MCD World Music. CD.
- LOBO, Francine; MAYA, Tânia e GUERRA, Alexandre (2004). *Minhas primeiras cantigas de roda*. São Paulo: Azul Music. CD.

CANTAR E BRINCAR ? É SÓ COMEÇAR !
Cantiga popular

2º ciclo do Ensino Fundamental (3ª e 4ª séries)

Eixos de ensino	Passo-a-passo	Material didático	Observações
Oralidade	<p>1º momento: Inicie a aula colocando cantigas populares para os alunos escutarem, dançarem e brincarem.</p>	Cds e DVDs de cantigas populares.	<p>O número de aulas necessárias nesta seqüência é variável. Dependerá do número de alunos na turma e do ritmo de trabalho deles.</p> <p>A cantiga deverá ser apreciada pelos alunos, estando livres para formarem rodas de dança, fazerem as brincadeiras sugeridas pelas músicas.</p> <p>Caso sejam apresentadas músicas que os alunos não conheçam, escreva as letras dessas músicas em cartolinas ou no quadro, para que todos tenham acesso ao que está sendo trabalhado.</p>
Oralidade	<p>2º momento: Após o momento de escutar e cantar as cantigas, resgate os conhecimentos prévios dos alunos sobre esse gênero.</p> <p>a) Quem conhece as músicas que tocamos? b) Alguém sabe o nome dessas músicas? c) Há alguma música que, quando vocês ouvem, lembram de brincadeiras, jogos, festas, datas comemorativas? Quais?</p> <p>Após as falas dos alunos, comente que as músicas que eles escutaram são chamadas de cantigas populares. Aproveite este momento para conversar sobre o gênero.</p>		<p>Esse momento é importante para valorizar os conhecimentos dos alunos e resgatar a tradição oral das cantigas, mas é possível desconheçam o termo “cantiga que alguns popular”.</p>

Escrita	<p>3º momento: Os nomes das cantigas populares citadas pelos alunos deverão ser listados no quadro e, posteriormente, registrados em uma cartolina para ser afixada na parede da sala.</p>	Quadro Piloto/Giz Cartolina	Você poderá ampliar a construção da lista de cantigas utilizando a relação de músicas que disponibilizamos em anexo.
Escrita Oralidade	<p>4º momento: Peça para que os alunos pesquisem junto aos seus pais, avós, tios, vizinhos, músicas conhecidas por eles. Oriente para que escrevam e /ou gravem as músicas pesquisadas.</p>	Caderno, lápis, Gravador.	Caso os alunos gravem as cantigas, peça para que transcrevam as letras encontradas.
Oralidade	<p>5º momento: Convide os alunos a cantarem algumas músicas encontradas em suas pesquisas. Você também poderá sugerir a cantação de músicas que eles listaram na atividade do segundo momento.</p>	Músicas pesquisadas.	Este é o momento de vivenciar a função social do gênero. É importante que a sala esteja organizada para a formação de rodas, realização de brincadeiras, etc.
Análise lingüística	<p>6º momento: Apresente, em um cartaz, as letras das músicas “A Barata” e “Chapeuzinho Vermelho”, peça aos alunos que observem o que há de comum nessas músicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Como elas iniciam; ▪ Como são organizados os versos; ▪ O que há de comum nas estrofes; ▪ Se há, nas cantigas, alguma parte que deve ser repetida assim que as estrofes terminam. <p>Peça que os alunos comparem a organização das letras das cantigas apresentadas com aquelas que eles pesquisaram e transcreveram. Ajude-os a observar se a letra da cantiga transcrita por eles está organizada adequadamente no papel.</p>	Cartaz com a letra das músicas. Caderno e lápis.	<p>Aproveite para discutir a organização da letra da cantiga no papel:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Título; ▪ Versos (um abaixo do outro); ▪ Estrofes (versos agrupados) ▪ Refrão (apresentam palavras que rimam, etc).
	<p>7º momento: Utilizando as cantigas “A Barata ” e “ Chapeuzinho Vermelho”, convide um de seus alunos a vir ao quadro e, com a ajuda do grupo-sala, grifar nos textos:</p>		Nesta atividade, os alunos estarão trabalhando com as rimas e refletindo sobre as semelhanças entre as partes orais e escritas.

<p>Leitura Escrita Análise lingüística</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ As partes das palavras cujos sons são parecidos; ▪ As palavras cujos sons são parecidos, mas a escrita é diferente. <p>Após a localização, desafie o grupo-sala a criar novas palavras a serem colocadas no lugar das palavras grifadas, porém avise que as novas palavras também devem rimar e fazer sentido no texto.</p>	<p>Letra da música</p>	<p>Verão que, em geral, as “as rimas são produzidas por palavras cujas partes finais são idênticas ou parecidas quando falamos.” É importante discutir com os alunos se as rimas têm sentido, se a nova estrofe ficou “legal”.</p>
<p>Escrita</p>	<p>8º momento: Solicite que os alunos formem pequenos grupos e escrevam a letra de uma cantiga que conhecem. Avise-os de que as suas produções serão apresentadas aos alunos de outras séries, logo, deverão ter atenção com o que estão escrevendo. Combine com eles uma dinâmica de revisão e troca de textos com outros grupos.</p>	<p>Papel Caneta</p>	
<p>Leitura Escrita Análise lingüística</p>	<p>9º momento: Solicite aos alunos a troca das produções. Neste momento, escreva no quadro orientações para que o grupo revisor observe:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ se a cantiga que o grupo escreveu é conhecida, ▪ se o grupo escritor colocou o título da cantiga, ▪ se a letra da cantiga está completa. ▪ se o grupo revisor está entendendo todas as palavras escritas, ▪ se acha que o grupo escritor está com dificuldades na escrita de algumas palavras. <p>Recomende ao grupo revisor que escreva, no final do texto, um bilhete orientando o grupo escritor a escrever a palavra de forma correta. Avise, também, que poderão ser escritos outros comentários referentes ao texto.</p>	<p>Dicionário</p>	<p>A troca dos textos entre os grupos visa à construção de um espaço de leitura e revisão. Caso os alunos tenham dificuldade em colocar o título da música por desconhecimento, poderá haver um momento de pesquisa dos nomes das músicas. Este momento poderá ser oportuno para desenvolver um trabalho de reflexão sobre as normas ortográficas regulares e irregulares. Oriente o grupo revisor que o dicionário poderá ser utilizado para auxiliar nesse</p>

<p>Leitura Escrita Análise lingüística</p>	<p>10º momento: Após a revisão, os textos voltarão ao grupo produtor. Ele lerá as possíveis observações do grupo revisor, em seguida, passará o texto a limpo.</p> <p>Os grupos receberão folhas de ofício coloridas para que possam passar a limpo seus textos, tendo o cuidado com a organização, a ortografia etc, pois todas as letras das cantigas serão lidas por outras turmas.</p> <p>Organize sua turma e leve-a pessoalmente para distribuir as suas produções com outras salas.</p>	<p>Papel ofício colorido</p>	<p>Oriente seu aluno a se tornar um leitor/revisor, ajudando a escrever um bilhete de auxílio ao amigo. Ajude no momento da correção.</p> <p>Lembre-se, os textos dos seus alunos serão publicizados.</p> <p>Se possível, reproduza as cantigas para que possam ser distribuídas a um maior número de alunos das outras séries.</p> <p>Se achar pertinente, amplie essa atividade para a confecção de um livro de cantigas populares, prevendo etapas de planejamento do livro, elaboração de capa, índice, ilustrações, etc. até o dia do lançamento.</p>
<p>Leitura Oralidade</p>	<p>11º momento: Apresente aos alunos um cartaz com a letra da cantiga “O Cravo e a Rosa”. Convide-os a lerem/cantarem.</p>	<p>CD e DVD; Cartaz com a letra da música.</p>	<p>Você poderá escolher outras cantigas populares para explorá-las.</p>
<p>Oralidade</p>	<p>12º momento: Após a cantação/escuta da cantiga, faça a exploração textual:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Como vocês imaginam o lugar que o cravo e a rosa estavam? ▪ Vocês acham que o cravo brigou com a rosa por qual motivo? Será que houve motivo? ▪ O que será que o(a) autor(a) da cantiga quis dizer com o trecho “o cravo saiu ferido e a rosa despedaçada”? ▪ Quando vocês escutam essa música o que vocês sentem? ▪ Como vocês ilustrariam essa cantiga se quisessem colocá-la em um livro infantil? <p>Peça aos alunos que ilustrem a história contada pela cantiga.</p>	<p>Ofício Lápis de cor Cartolina Fita adesiva</p>	<p>Você poderá ampliar as questões de interpretação textual.</p> <p>As ilustrações deverão ser expostas na sala, identificadas com o nome da música.</p>

<p>Escrita</p>	<p>13º momento: Retome a letra da cantiga e pergunte aos alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Vocês gostariam de mudar algo na história do “Cravo e da Rosa?”. ▪ Que tal criarmos um novo final para a história contada pela cantiga? <p>Peça para que os alunos modifiquem a história da forma que quiserem. Alerta-os de que terão que musicar o novo final da cantiga.</p> <p>Proponha à turma uma eleição com as produções que mais chamarem a atenção. A sala irá escolher uma cantiga a ser representada, porém todas as produções deverão estar no mural.</p>	<p>Papel Caneta</p>	<p>A atividade de modificação da cantiga deve ser feita em pequenos grupos.</p> <p>É importante que se formem grupos pequenos para que possa haver maior concentração.</p> <p>Você deverá circular entre os grupos para garantir uma produção em que todos os integrantes participem.</p> <p>Como, em geral, o texto das cantigas é curto, você poderá acordar com eles um conjunto de cantigas populares ou formar um grupo que faça o coral e outro grupo que faça a dramatização das cantigas populares.</p> <p>O trabalho com a dramatização permite dinamizar a aula, além de possibilitar aos alunos trabalhar com a seqüência narrativa, já que a cantiga “O cravo brigou com a rosa” traz uma pequena história.</p> <p>Reserve espaço para o ensaio dos grupos.</p>
<p>Oralidade</p>	<p>14º momento: Apresentação, pelos grupos, da cantiga modificada.</p> <p>Depois da apresentação, os grupos defenderão a escolha de sua produção para ser representada.</p>	<p>Textos produzidos pelos alunos (novos finais para as cantigas)</p>	<p>O momento de apresentação pelo grupo oportuniza o trabalho com a argumentação oral, visto que os alunos terão o objetivo de convencer a sala de que a produção do grupo é interessante para a peça.</p>

<p>Escrita</p>	<p>15º momento: Todos os alunos deverão participar na produção da encenação. A sala deverá eleger:</p> <ul style="list-style-type: none"> - ator e atriz principal (a Rosa e o Cravo); - atores e atrizes coadjuvantes (os que socorrem o Cravo); - os (prováveis) novos personagens surgidos nas novas estrofes da música; <p>Na elaboração da encenação, os alunos ficarão responsáveis por diversas funções:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Cenógrafo - confeccionar o cenário; ▪ Figurinista - criar roupas para os personagens; ▪ Diretor e assistente de direção - ajudar no ensaio dos personagens; ▪ Etc. <p>Junto com os alunos crie um roteiro escrito para a peça, descrevendo tudo o que deve ser feito para que a representação seja realizada.</p>	<p>TNT de várias cores Tesoura Cola Isopor.</p>	<p>Todos os participantes da peça devem ser definidos. Você anotarà todos os nomes e seus respectivos papéis. Todo o ambiente deve ser preparado para a realização da peça. Os alunos, sob a sua orientação, realizarão o ensaio.</p>
<p>Oralidade</p>	<p>16º momento: Quando todos estiverem seguros, você poderá marcar o dia para a apresentação. A sala de aula ou o pátio da escola poderá ser o lugar da montagem e apresentação da peça.</p> <p>Sugerimos que, nesta atividade, os alunos cantem a cantiga e acompanhem com palmas. Assim teremos um espetáculo alegre e cheio de ritmo.</p>	<p>Todo o material necessário à apresentação, conforme orientado anteriormente.</p>	<p>Você poderá optar em transformar a sala de aula em um pequeno teatro (metade camarim e metade palco para a peça). Os alunos poderão fazer convites, cartazes etc., chamando os alunos de outras salas para assistirem à apresentação. A cada dia da semana, uma turma da escola poderá vir assistir ao pequeno espetáculo. A atividade com as cantigas populares pode ser ampliada.</p> <p>Você poderá mostrar para os alunos modelos decantigas populares que ganharam versões diferentes e propor que eles façam suas próprias modificações.</p>

Anexos:

1. A Barata

A barata diz que tem
Sete saias de filó
É mentira da barata
Que ela tem é uma só

Rá, rá, ra
Ró, ró, ró
Ela tem é uma só

A barata diz que tem
Um sapato de fivela
É mentira da barata
O sapato é da irmã dela

Rá, rá, ra
Ró, ró, ró
Ela tem é uma só

A barata diz que tem um anel de formatura
É mentira da barata
Ela tem é casca dura

Rá, rá, ra
Ró, ró, ró
Ela tem é uma só

A barata diz que usa
Um perfume muito bom
É mentira da barata
Ela usa é Detefon

2. A Canoa Virou

A canoa virou,
Fui deixar ela virar,
Foi por causa de fulano (nome da criança)
Que não soube remar.

Siriri pra cá, siriri pra lá
Fulana é velha
E quer se casar

Siriri pra cá, siriri pra lá
Fulana é velha
E quer se casar
Se eu fosse um peixinho
E soubesse nadar,
Eu tirava fulano (nome da criança)
Do fundo do mar.

Siriri pra cá, siriri pra lá
Fulana é velha
E quer se casar

Siriri pra cá, siriri pra lá
Fulana é velha
E quer se casar

3. Adoletá

Adoletá
Lepeti
Peti
Polá
Lê café com chocolá
Adoletá
Puxa o rabo do tatu
Quando quem saiu foi tu



Puxa o rabo da cutia
Quando sai a sua tia
Quando um ganha, o outro perde
Não adianta disfarçar
E tem que ficar ligado
Quando a música parar.
(Bate a mão direita com a direita do companheiro à sua frente
e a esquerda com a esquerda).

4. Ai bota aqui, ai bota ali o seu pezinho

Ai bota aqui ai bota ali o seu pezinho
O seu pezinho bem juntinho com o meu (bis)

E depooois não vá dizer
Que vocêêê já me esqueceu (bis)

Ai bota aqui ai bota ali o seu pezinho
O seu pezinho bem juntinho com o meu (bis)

E vou chegaaar nesse seu corpo
Um abraaaço quero eeu (bis)

Ai bota aqui ai bota ali o seu pezinho
O seu pezinho bem juntinho com o meu (bis)

Agora queee estamos juntinhos
Me dá um abraaaço e um beijinho

5. Alecrim

Alecrim, alecrim dourado
Que nasceu no campo
Sem ser semeado

Alecrim, alecrim dourado
Que nasceu no campo



Sem ser semeado
Foi meu amor
Que me disse assim
Que a flor do campo
É o alecrim

Foi meu amor
Que me disse assim
Que a flor do campo
É o alecrim

6. Atirei o pau no gato

Atirei o pau no gatô-tô
Mas o gatô-tô
Não morreu-reu-reu
Dona Chicá-cá
Admirou-sê-sê
Do berrô, do berrô que o gato deu:
Miauuu!

7. Bão, balalão

Bão balalão
Senhor capitão
Espada na cinta
Ginete na mão

8. Borboletinha

Borboletinha,
Tá na cozinha,
Fazendo chocolate,
Para a madrinha.

Poti, poti,
Perna de pau,
Olho de vidro,
Nariz de pica-pau, pau, pau.
Borboletinha,
Tá no jardim,
Fazendo cambalhotas,
Só para mim.

Poti, poti,
Perna de pau,
Olho de vidro,
Nariz de pica-pau, pau, pau.

9. Cai, Cai, Balão

Cai, cai, balão! Cai, cai, balão!
Na rua do sabão.
Não cai, não! Não cai, não! Não cai, não!
Cai aqui na minha mão!

10. Carneirinho – Carneirão

Carneirinho, carneirão,
neirão, neirão,
Olhai pro céu, olhai pro chão,
pro chão, pro chão.
Manda el-rei, nosso senhor,
senhor, senhor,
Para todos se ajoelharem.

Carneirinho, carneirão,
neirão, neirão,
Olhai pro céu, olhai pro chão,
pro chão, pro chão.
Manda el-rei, nosso senhor,

senhor, senhor,
Para todos se levantarem.

11. Chapeuzinho Vermelho

Pela estrada afora
Eu vou tão sozinha
Levar estes doces para a vovozinha

Ela mora longe
O caminho é deserto
E o lobo mal passeia aqui por perto

Eu sou o lobo mau, lobo mau, mau, mau,
Pego as criancinhas pra fazer mingau

Hoje estou contente
Vai haver festança
Quero um bom petisco
Para encher a minha pança

Eu sou o lobo mau, lobo mau, mau, mau,
Pego as criancinhas pra fazer mingau

Hoje estou contente
Vai haver festança
Quero um bom petisco
Para encher a minha pança

12. Ciranda, Cirandinha

Ciranda, Cirandinha,
vamos todos cirandar,
vamos dar a meia volta,
volta e meia vamos dar.

O anel que tu me destes,



era vidro e se quebrou,
o amor que tu me tinhas,
era pouco e se acabou.
Por isso menina
entre dentro desta roda,
diga um verso bem bonito,
diga adeus e vá-se embora.
Todo mundo se admira
de macaca fazer renda,
eu já vi uma perua,
ser caixeira de uma venda.

13. Crioula, la

Cachorrinho está latindo
Lá no fundo do quintal
Cala a boca cachorrinho
Deixa o meu benzinho entrar

Crioula, lá
Crioula, lá, lá, lá
Crioula, lá
Não sou eu quem caio lá

Meu potinho de melado
Meu cestinho de cará
Quem quiser comer comigo
Fecha a porta e venha cá

Crioula, lá
Crioula, lá, lá, lá
Crioula, lá
Não sou eu quem caio lá

Atirei uma pedra n'água

De pesada foi ao fundo
E os peixinhos responderam
Sai pra lá seu sujo esmundo
Crioula, lá
Crioula, lá, lá, lá
Crioula, lá
Não sou eu quem caio lá

14. De Marré

Eu sou pobre, pobre, pobre
de marré, marré, marré
Eu sou pobre, pobre, pobre
de marré, deci

Eu sou rica, rica, rica
de marré, marré, marré
Eu sou rica, rica, rica
de marré, deci
Quero uma de vossas filhas
de marré, marré, marré
Quero uma de vossas filhas
de marré, deci
Escolha a que quiser
de marré, marré, marré
Escolha a que quiser
de marré, deci
Eu sou pobre, pobre, pobre
de marré, marré, marré
Eu sou pobre, pobre, pobre
de marré, deci

Eu sou rica, rica, rica
de marré, marré, marré
Eu sou rica, rica, rica
de marré, deci
Eu quero a (nome da criança)
de marré, marré, marré



Eu quero a (nome da criança)
de marré, deci

Que ofício darás a ela
de marré, marré, marré

Que ofício darás a ela
de marré, deci

Dou ofício de chapeleira
de marré, marré, marré

Dou ofício de chapeleira
de marré, deci

Este ofício não me agrada
de marré, marré, marré

Este Ofício não me agrada
de marré, deci

Dou ofício de costureira
de marré, marré, marré

Dou ofício de costureira
de marré, deci

Este ofício já me serve
de marré, marré, marré

Este ofício já me serve
de marré, deci

(Ao aceitar o ofício, a menina "pobre" passa
para a fileira da "rica", esse processo
se dá até a última criança "pobre" passar para
a fileira da "rica".

E então as pobres, que se tornaram ricas, cantam:)

Eu de pobre fiquei rica
de marré, marré, marré

Eu de pobre fiquei rica
de marré, deci

(E, então, as que eram muito ricas perdem um pouco da riqueza,
cantam:)

Eu de rica fiquei pobre
de marré, marré, marré

Eu de rica fiquei pobre
de marré, deci

Dizei, senhora viúva

Dizei, senhora viúva,
Com quem quereis se casar,

Se casar, se casar,

Se é com o filho do conde,

Se é com seu general,

General, general.

15. Dona Aranha

Dona aranha

Subiu pela parede

Veio a chuva forte

E a derrubou

Já passou a chuva

E o sol já vem surgindo

E a dona aranha

Na parede vai subindo

Ela é teimosa

E desobediente

Sobe, sobe, sobe

Nunca está contente.

16. Escravos de Jó

Escravos de Jó

Jogavam caxangá.



Tira, bota
Deixa o Zamberê ficar.
Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue, zigue, zá
Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue, zigue, zá.

17. Esta Rua

Se esta rua, se esta rua fosse minha,
Eu mandava, eu mandava ladrilhar,
Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhante,
Para o meu, para o meu amor passar.

Esta rua, esta rua tem um bosque,
que se chama, que se chama Solidão.
Dentro dele, dentro dele mora um anjo,
que roubou, que roubou meu coração.

Se roubei, se roubei teu coração,
é porque tu roubaste o meu também.
Se roubei, se roubei teu coração,
é porque, é porque te quero bem.

18. Gata Pintada

Gata pintada
Quem te pintou?
Foi uma velhinha
Que por aqui passou.

Em tempo de areia
Fazia poeira
Pega essa lagarta
Pela ponta da orelha

19. Gatinha Parda

Ah, minha gatinha parda
Que em janeiro me fugiu
Quem roubou minha gatinha
Você sabe? Você sabe?
Você viu?

Eu não vi a tal gatinha
Mas ouvi o seu miau
Quem roubou sua gatinha
Foi a bruxa, foi a bruxa
Picapau.

20. Indiozinhos

1,2,3 indiozinhos
4,5,6 indiozinhos
7,8,9 indiozinhos
10 num pequeno bote.
Foram navegando pelo rio abaixo
Quando um jacaré se aproximou
E o pequeno bote dos indiozinhos
Quase, quase virou
(Repete: 1,2,3 indiozinhos...)

21. Linda Roseira

A mão direita tem uma roseira
A mão direita tem uma roseira
Que dá flor na primavera
Que dá flor na primavera
Entra na roda, ó linda roseira
Entra na roda, ó linda roseira
Abraça a mais faceira
Abraça a mais faceira
A mais faceira eu não abraço



A mais faceira eu não abraço
Abraço a boa companheira
Abraço a boa companheira

22. Marcha Soldado

Marcha soldado cabeça de papel
Se não marchar direito
Vai preso no quartel

O quartel pegou fogo
O bombeiro deu sinal
Acode, acode, acode,
A bandeira nacional

23. Minha Viola

Eu tirei um dó da minh(á)* viola
Da minha viola eu tirei um dó
Dor...mir é muito bom, é muito bom
Dor...mir é muito bom, é muito bom

(Cantar rápido):

É bom camarada
É bom camarada, é bom, é bom, é bom
Eu tirei um ré da minh(á) viola
Da minha viola eu tirei um ré
Re...mar é muito bom, é muito bom
Re...mar é muito bom, é muito bom

É bom camarada
É bom camarada, é bom, é bom, é bom

Eu tirei um mi da minh(á)viola,
Da minha viola eu tirei um mi,
Min...gau é muito bom, é muito bom
Min...gau é muito bom, é muito bom



É bom camarada
É bom camarada, é bom, é bom, é bom

Eu tirei um fá da minh(á)viola
Da minha viola eu tirei um fá
Fa...lar é muito bom, é muito bom
Fa...lar é muito bom, é muito bom

É bom camarada
É bom camarada, é bom, é bom, é bom

Eu tirei um sol da minh(á)viola
Da minha viola eu tirei um sol
So...rrir é muito bom, muito bom
So...rrir é muito bom, muito bom

É bom camarada
É bom camarada, é bom, é bom, é bom

Eu tirei um lá da minh(á)viola
Da minha eu tirei um lá
La...var é muito bom
Lá é alto é muito difícil, é muito difícil
É bom camarada
É bom camarada, é bom, é bom, é bom
Eu tirei um si da minh(á) viola
Da minha viola eu tirei um si
Si...lêncio é muito bom, é muito bom
Si...lêncio é muito bom, é bom demais

É bom camarada
É bom camarada, é bom, é bom, é bom

* *Cantar como se a sílaba tônica fosse a última*

24. O Caranguejo

Caranguejo não é peixe,
Caranguejo peixe é
Caranguejo só é peixe
na enchente da maré.
Palma, palma, palma!
Pé, pé, pé!
Roda, roda, roda
Caranguejo peixe é
A mulher do caranguejo
tinha um caranguejinho:
Deu no Ouro ,deu na Prata,
Ficou todo douradinho!
Palma, palma, palma!
Pé, pé, pé!
façam roda minha gente
Caranguejo peixe é!
Fui é à Espanha buscar o meu chapéu
Azul e branco da cor daquele céu
Caranguejo só é peixe
na enchente da maré
Palma, palma, palma!
Pé, pé, pé!
Dança crioula que vem da Bahia,
Pega a criança joga na bacia.
Bacia que é de ouro lavada com sabão
Depois de areada enxugada com roupão
Roupão é de seda enfeitada com filó
Agora eu quero ver a ficar pra vovó.

(Se a criança não conseguir um par na dança, fica para "vovó".
Aí as demais crianças pedem a sua benção)

A nossa benção vovó
Roda, roda, cavalheiro
Caranguejo só é peixe

na enchente da maré.

25. O Cravo e a Rosa

O cravo brigou com a rosa
Debaixo de uma sacada
O cravo saiu ferido
A rosa, despetalada.

O cravo ficou doente
A rosa foi visitar
O cravo teve um desmaio
A rosa pôs-se a chorar

O cravo tem vinte anos
A rosa tem vinte e um
A diferença que existe
É que a rosa tem mais um

26. O Sapo não Lava o Pé

O sapo não lava o pé
Não lava porque não quer
Ele mora lá na lagoa
Não lava o pé
Porque não quer
Mas que chulé!

27. Pai Francisco

Pai Francisco entrou na roda
Tocando seu violão,
Ba-lão, bão-bão, ba-lão, bão-bão
Vem de lá seu delegado,
E Pai Francisco foi pra prisão.
E como ele vem todo requebrado,



Parece um boneco desengonçado.
E como ele vem todo requebrado,
Parece um boneco desengonçado.

Palma é palma é palma / Pé é pé é pé
Você gosta de mim, ô fulana (diz o nome da pessoa que está dentro da roda)

Eu também de você, ô fulana
Vou pedir a seu pai, ô fulana
Para casar com você, ô fulana

Se ele disser que sim, ô fulana
Tratarei dos papéis, ô fulana
Se ele disser que não, ô fulana
Morrerei de paixão, ô fulana

Palma é palma é palma, ô fulana
Pé é pé é pé, ô fulana
Roda é roda é roda, ô fulana
Abraçarás quem quiser, ô fulana
(A pessoa abraça alguém que deverá vir para dentro da roda.
É importante combinar antes da brincadeira que a mesma pessoa não poderá ser abraçada duas vezes e quem ainda não foi deverá ser abraçado, trabalhando, assim, a socialização e o afeto)

28. Perdi meu Galinho

Há três noites eu não durmo, ô lalá
Pois perdi o meu galinho, ô lalá.
Pobrezinho, lalá, coitadinho, lalá,
Eu o perdi lá no jardim.

Ele é branco e amarelo, lalá,
Tem a crista vermelhinha, lalá.

Bate as asas, lalá, abre o bico, lalá,
Ele faz qui, ri, qui, qui...

(Adapt. de H. P. Vieira)

29. Pirulito que bate...bate

Pirulito que bate... bate
Pirulito que já bateu,
Quem gosta de mim é ela
Quem gosta dela sou eu.

30. Pombinha Branca

Pombinha branca,
Que está fazendo,
Lavando roupa,
Pro casamento.

Vou me lavar,
Vou me trocar,
Vou na janela,
Pra namorar.

Passou um homem,
de terno branco,
Chapéu de lado,
Meu namorado.
Mandei entrar,
Mandei sentar,
Cuspiu no chão,
Limpa aí seu porcalhão!
Tenha mais educação!



31. Rebola, chuchu

Alface já nasceu
E a chuva quebrou o galho
Alface já nasceu
E a chuva quebrou o galho

Rebola, chuchu
Rebola chuchu
Rebola senão eu caio
Rebola chuchu
Rebola chuchu
Rebola senão eu caio

Se quiser aprender a dançar
Vá na casa do seu Juquinha
Se quiser aprender a dançar
Vá na casa do seu Juquinha

Ele pula, ele roda
Ele faz requebradinha
Ele pula, ele roda
Ele faz requebradinha

32. Sambalê, lê

Sambalê, lê tá doente
Tá com a cabeça quebrada
Sambalê, lê precisava
É de umas boas palmadas

Samba, samba, samba ô lê, lê
Samba, samba, samba ô lá, lá

Olhe morena bonita
Como é que se namora
Põe-se um lencinho no bolso

Com as pontinhas de fora

Samba, samba, samba ô lê, lê
Samba, samba, samba ô lá, lá

33. Tanta Laranja Madura

Tanta laranja madura menina, que cor são elas,
Elas são verde-amarela, vira (nome da menina) cor de canela, vira
(nome da menina) cor de canela.

OBS: Cada vez que é dito o nome de uma participante (vira... cor de canela), esta ficará de costas para a roda.

34. Terezinha de Jesus

Terezinha de Jesus
De uma queda foi ao chão
Acudiram três cavalheiros
Todos três chapéu na mão

O primeiro foi seu pai
O segundo seu irmão
O terceiro foi aquele
Que a Tereza deu a mão
Terezinha de Jesus
Levantou-se lá do chão
E sorrindo disse ao noivo
Eu te dou meu coração

35. Tororó

Fui no Tororó
Beber água e não achei
Achei bela morena
Que no Tororó deixei
Aproveita minha gente
Que uma noite não é nada



Se não dormir agora
Dormirá de madrugada
Oh! Mariazinha
Oh! Mariazinha
Entrará na roda
Ficará sozinha

(Fulana responde):

Sozinha eu não fico
Nem hei de ficar
Porque tenho (fulana)
Para ser meu par
Deita aqui no meu colinho
Deita aqui no colo meu
E depois não vá dizer que você se arrependeu

36. Trem de Ferro

O trem de ferro
Quando sai de Pernambuco
Vai fazendo fuco-fuco
Até chegar no Ceará

No Ceará
Um pouquinho de Coca-Cola
Um pouquinho de guaraná
Um macaco na escola
Aprendendo o be-a-bá

O be-a-bá
Você diz que dá que dá
Você diz que dá na bola
Na bola você não dá

37. Três, três passará

Três, três passará
Derradeiro ficará
Bom vaqueiro, bom vaqueiro
Dê licença de passar
Com meus filhos pequeninos
Para acabar de criar

38. Um, dois, feijão com arroz

Um, dois,
Feijão com arroz.

Três, quatro,
Tenho um prato.

Cinco, seis,
Pulo uma vez.

Sete, oito,
Como um biscoito.

Nove, dez,
Olho meus pés.



CONTE, RECONTE E ENCANTE: OS CONTOS INFANTIS NA SALA DE AULA

Conto infantil

1º Ciclo do Ensino Fundamental (1ª e 2ª séries)
Débora Amorim G. da Costa Maciel

Objetivo geral: explorar os contos infantis, compreendendo as estratégias de construção desse gênero textual, bem como vivenciando o prazer e a diversão proporcionados por essas narrativas.

Objetivos específicos

As atividades previstas propiciam aos alunos:

- realizar leitura de prazer de contos diversos;
- pesquisar diferentes contos para socializá-los oralmente;
- mobilizar estratégias de leitura, tais como antecipação e checagem de hipóteses, no desenvolvimento das atividades;
- produzir novos finais para os contos, através da escrita e do desenho;
- (re)conhecer características do gênero conto, tais como as marcas típicas de início e final, o perfil dos personagens e sua relação seus nomes, a presença do aspecto maravilhoso, etc.
- analisar diferentes versões dos contos em diferentes suportes.

ESTE TEXTO SE DESTINA A FORNECER INFORMAÇÕES BÁSICAS SOBRE O GÊNERO PARA O PROFESSOR. NÃO DEVE SER USADO COM OS ALUNOS

Caro professor,

Como tantos outros gêneros literários, que registram pensamentos e fantasias do homem na sua relação com o mundo, os contos têm se perpetuado ao longo da história como uma construção coletiva, mantendo viva a tradição de povos diversos, sobretudo através da oralidade. Por lidarem com conteúdos da sabedoria popular, inerentes à condição humana, é que esses contos perduram até hoje, mesmo sofrendo alterações e ganhando diferentes versões de acordo com a cultura e a época. Nesse sentido, explorá-los na escola pode ser uma rica oportunidade para refletir sobre tais tradições, para pensar sobre conceitos e valores que interessam ao ser humano, como o bem, o mal, a felicidade, o medo, a coragem, a justiça, etc.

Os contos falam sobre heróis ou heroínas em aventuras sobrenaturais no mundo mágico ou maravilhoso, daí a presença das “fadas”. Com ou sem a presença das fadas (mas sempre com o maravilhoso), essas narrativas se desenvolvem dentro do universo mágico dos reis, rainhas, em tempo e espaço fora da realidade conhecida. O lugar geográfico por onde circulam os personagens é sempre restrito: lugares misteriosos e fascinantes, como castelos e florestas.

Fruto da sua origem oral, os contos têm, quase sempre, uma estrutura simples e fixa, como por exemplo, a situação inicial, identificada pela marca "Era uma vez..." (ou outra equivalente) e a final, que culmina em "...e foram felizes para sempre.". Há um traçado característico na estrutura dos contos: a *ordem existente* - situação inicial; a *ordem perturbada* - a situação de equilíbrio inicial é destruída, o que dá origem a uma série de peripécias, que só se interrompem com o aparecimento de uma força retificadora; a *ordem restabelecida*. Esses estágios são delimitados e claramente diferenciáveis uns dos outros dentro do enredo. Conhecer e ser capaz de identificar essas etapas num conto é uma das habilidades a serem, inicialmente, trabalhadas na escola, pois essa organização típica é que permite aos ouvintes/leitores iniciantes se situar nesse universo. Dessa forma, tornam-se mais habilitados a compreender os contos que lhes são narrados, repassando-os a outras pessoas, recriando-os ou, mesmo, criando novos contos

Em seu conteúdo, os contos propõem uma maneira certa e outra errada de agir (distinção entre o bem e o mal). A seqüência de eventos apresenta situações onde as personagens que agem errado “se dão mal” e as que agem certo “se dão bem”. Os heróis não são sobre-humanos, pois vencem os conflitos e os

problemas como “pessoas normais”, isto é, as vitórias são alcançadas porque geralmente os protagonistas usam muitas qualidades (inteligência, bondade, beleza, simpatia etc.) no confronto contra vilões e, com elas, os vencem.

Usualmente, os protagonistas recebem nomes gerais ou descritivos, como na história de “João e Maria” em que os nomes dos personagens, por serem muito comuns, se tornam genéricos, valendo para qualquer menino ou menina. Esses mesmos nomes dos personagens é que dão título aos contos: *Bela Adormecida*, *Branca de Neve*, etc. Os pais dos personagens principais permanecem anônimos, são referidos como “pai”, “mãe”, “madrasta”, “rei”, “rainha” etc. Essa relevância fundamental do perfil dos personagens centrais para o desenrolar da narrativa pode dar origem a atividades didáticas interessantes para os alunos das séries iniciais.

Além disso, é importante não esquecer que as esferas de circulação dos contos são diversas, entre elas jornais, revistas, livros e antologias, que reúnem um conjunto de exemplares do gênero. Alguns contos, criados para serem apreciados originalmente em livros e em outros suportes, têm sido adaptados para o cinema e a televisão. Essas criações são releituras de clássicos infantis, transpostos para outro meio de expressão. Algumas versões desses contos são sátiras às histórias originais, recheados pela imaginação dos produtores de cinema e TV. A comparação entre as versões de um mesmo conto pode ser uma atividade produtiva em sala de aula, pois os alunos serão confrontados com possibilidades distintas de terminar uma certa história., podendo opinar sobre cada uma.

As narrativas dos contos podem ser utilizadas em sala de aula como instrumentos didáticos na exploração dos diferentes eixos de ensino da língua, porém o professor não pode esquecer que a literatura deve ser, sobretudo, prazer e diversão.

Para saber mais:

Livros e artigos:

- CUNHA, Rodrigo. *Deu a louca na narrativa infantil?* (2007). *Cienc. Cult.*, jan./mar, vol.59, no.1, p.59-60.
- MACHADO, Ana Maria (2002). *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- NETO, Varejão. (2002) *O conto literário*. n.7, p. 317-345, abril, *Revista Arte e Comunicação*, UFPE.
- EVANGELISTA, Aracy *et al.* (orgs.) (2003). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica.

Sites:

- http://www.cosacnaify.com.br/infanto/autor/odilon_moraes.htm (Este site traz uma entrevista com o ilustrador Odilon Moraes).
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Grimm>
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Conto_de_fadas
- <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo>

Onde encontrar:

Em livros de contos infantis, como os clássicos dos irmãos Grimm, em *sites* especializados e em filmes, onde se encontra uma variedade de contos clássicos e adaptações.

Livros:

- HOFFMAN, Mary (2003). *Meu primeiro livro de contos de fadas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GRIMM, Irmãos (2002). *Contos de Fadas*. 4 ed. São Paulo: Iluminuras.

Revistas:

- *Nova Escola Edição Especial*. São Paulo: Abril V. 4.

Sites:

- <http://www.qdivertido.com.br/contos.php>
- <http://sitededicadas.uol.com.br/cinf.htm>

Paródias de contos / recriações**Livros:**

- HOLANDA, Chico Buarque de (2006). *Chapeuzinho Amarelo*. Ilustrações de Ziraldo. Rio de Janeiro: José Olympio.
- SOUZA, Maurício de (2003). *Fábulas*. Rio de Janeiro: Globo. (Coleção *Um tema só*).
- SPIEGELMAN, Art *et. al.* (2003) *Little Lit*:- Fábulas e contos de fadas em quadrinhos. São Paulo: Companhia das Letras.

Sites:

- SOUZA, Maurício de. *Fábulas* (Bidu). Disponível em <http://www.monica.com.br/comics/fabulas/pag1.htm>. Acesso em 05 jun. 2007.

Filmes:

- *DEU a Louca na Chapeuzinho Vermelho*. Direção: Cory Edwards. Produção: Maurice Kanbar, David Lovegren, Sue Bea Montgomery e Preston Stutzman. Roteiro: Cory Edwards, Todd Edwards e Tony Leech, baseado em estória de Todd Edwards e Cory Edwards. São Paulo: Europa Filmes, 2005. 1 DVD. (80 min), son., color.

CONTE, RECONTE E ENCANTE: OS CONTOS INFANTIS NA SALA DE AULA

Conto infantil

1º Ciclo do Ensino Fundamental (1ª e 2ª séries)

Eixos de ensino	Passo-a-passo	Material didático	Observações
<p>Leitura Oralidade</p>	<p>1º momento: Peça aos alunos que formem um círculo. Espalhe, entre eles, diferentes exemplares de livros de contos infantis. Deixe-os manusear livremente.</p> <p>Forme pequenos grupos e oriente-os a escolherem um livro. Cada grupo deverá ler o livro escolhido e convencer os outros grupos a quererem ouvir a história do livro escolhido.</p>	<p>Contos infantis diversos, preferencialmente em livros.</p>	<p><i>O número de aulas necessárias nesta seqüência é variável. Dependerá do número de alunos na turma e do ritmo de trabalho deles</i></p> <p>Crie um clima especial para a atividade. Se possível, confeccione, junto com o grupo, um tapete “mágico”. Nele, todos sentarão nos momentos da leitura ou nas outras atividades. Para a atividade ficar interessante, seria bom que os alunos não escolhessem um conto muito conhecido. Separe, no acervo da escola, o maior número possível de livros de contos infantis. Você poderá deixá-los em sala de aula, em um baú ou mala de leitura confeccionada pelos alunos, por exemplo. Você poderá reservar um dia especial para inauguração da caixa ou mala de livros.</p> <p>Deixe espaço para uma segunda escolha, pois os alunos do grupo podem não gostar da história.</p>

Leitura
Oralidade

2º momento:

Após a escolha do livro, pergunte:

- Alguém conhece o livro escolhido?
- Por que vocês escolheram esse livro?
- Olhando a capa e as ilustrações, será que a gente consegue dizer o nome do livro e a história que ele conta?

Anote no quadro:

- O nome do título dito pelos alunos e a história contada por eles.

Leia o título do livro e cheque as hipóteses dos alunos:

- O nome do livro é igual ao que vocês disseram?
- O título que vocês pensaram ficou próximo ou distante do original?

Pergunte, agora, se eles conhecem quem escreveu o livro, o autor. Leia o nome do autor e, se achar interessante, conte um pouco a biografia dele.

Prossiga, questionando sobre quem fez os desenhos/ilustrações. Você pode perguntar, por exemplo, se eles sabem a função do ilustrador, se gostaram das ilustrações, etc.

Diga o nome do ilustrador e, caso os alunos não estejam familiarizados com essa profissão, converse com eles sobre a função do ilustrador na confecção do livro.

Livro/conto
escolhido pelos
alunos

As perguntas prévias sobre o texto favorecem a habilidade de fazer antecipações sobre a temática, que poderão ser verificadas durante e após a leitura. Se a escola não dispuser de contos em livros, podem-se explorar as ilustrações do conto, em vez da capa.

<p>Leitura Oralidade</p>	<p>3º momento: Inicie a leitura do texto e, em determinado ponto, pare a leitura e pergunte:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Se nós continuássemos lendo a história, o que vocês acham que aconteceria com o personagem X (diga o nome do personagem)? Por que vocês acham que seria dessa forma? <p>Discuta oralmente as antecipações feitas pelos alunos, sugira possibilidades que desviem do enredo da história, para ver se eles concordam ou discordam. Incite-os a sustentarem suas opiniões quanto ao que acham que vai tratar o texto.</p>	<p>Livro escolhido pelos alunos</p>	<p>Ajude o aluno a mergulhar na narrativa, conte a história de forma expressiva. Dê oportunidade para que o grupo-sala levante hipóteses, tente prever a continuação do texto. Lembre-se de que o levantamento de hipóteses é uma estratégia de leitura interessante, pois permite ao leitor antecipar ou prever temas e ações que poderão acontecer na narrativa. Ao discutir com os alunos, é importante que eles explicitem o porquê de terem construído aquela hipótese para a história.</p>
<p>Escrita Leitura</p>	<p>4º momento: Peça aos alunos que, em grupo, escrevam a continuação do conto. Observe os diferentes níveis de escrita dos alunos para a formação dos grupos.</p> <p>Convide os grupos a lerem e/ou contarem através da seqüência de imagem, o que escreveram/ desenharam.</p> <p>Pontue, no quadro, os novos elementos trazidos pelos alunos, para confrontar com o texto original.</p>	<p>Cartolina Piloto</p>	<p>Cada dupla poderá escrever/desenhar a continuação da história, ficando livres para modificar características dos personagens e para criar novas personagens, um outro conflito e/ou desfecho de sua escolha. No momento de formar as duplas, esteja atento ao nível de conhecimento sobre o sistema de escrita de cada aluno, para permitir a participação de todos. Os grupos que estiverem nas fases iniciais de escrita podem desenhar, porém é importante que, ao menos, você peça que eles tentem escrever os nomes dos personagens/cenas que estão desenhando.</p>

<p>Leitura Oralidade</p>	<p>5º momento: Retome a leitura do conto. Ao final, confronte com a criação dos alunos. O confronto pode ser mediado por questões tais como:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Vocês gostaram da continuidade do texto dada pelo autor? Por quê? ▪ Vocês preferem a versão do autor ou a que vocês escreveram? Por quê? ▪ As (re)criações feitas por vocês poderiam ser colocadas no livro? Teriam sentido? Será que outras pessoas gostariam? 	<p>Livro escolhido pelos alunos</p>	<p>Este momento servirá para que os alunos percebam os caminhos trilhados pelo autor e as possibilidades que a história nos dá quando interagimos, criativamente, com ela. É importante retomar aqui as hipóteses iniciais dos alunos e a reescrita do conto para mostrar como vamos (re)construindo os sentidos na leitura dos textos.</p>
<p>Análise lingüística</p>	<p>6º momento: Anote, no quadro, nomes de alguns personagens de contos infantis, por exemplo:</p> <p style="text-align: center;">BELA ADORMECIDA CHAPEUZINHO VERMELHO BRANCA DE NEVE PINÓQUIO</p> <p>Pergunte:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Será que, no mundo real, alguém se chamaria Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve? Pinóquio? Por quê? ▪ Por que será que a maioria das histórias traz os personagens sem identificá-los por um nome de pessoa? <p>Discuta oralmente as respostas dos alunos.</p>	<p>Livro “Chapeuzinho Amarelo” (Chico Buarque de Holanda)</p>	<p>Essa atividade é interessante porque dialoga com os títulos dos livros, já que os nomes dos personagens geralmente dos nome às histórias. Além disso, os nomes das personagens geralmente dizem algo sobre suas características: <i>Bela Adormecida</i> – beleza; <i>Chapeuzinho Vermelho</i> – vestimenta; <i>Branca de Neve</i> – cor da pele. Há alguns casos de personagens com nomes de pessoas: João e Maria, Peter Pan, e outros. Nesta atividade, é importante discutir</p>

Depois explore, com os alunos, que característica do personagem já está dita nos nomes deles. Pode-se perguntar algo do tipo:

▪ Quando a gente ouve o nome *Branca de Neve*, como a gente imagina que seja essa personagem?

Anote, no quadro, em duas colunas, as respostas dos alunos:

PERSONAGEM	CARACTERÍSTICA
Branca de Neve	clara
Bela Adormecida	bela
Chapeuzinho Vermelho	usa um chapéu vermelho

Finda a discussão, apresente aos alunos a capa do livro “Chapeuzinho Amarelo”, de Chico Buarque (ver anexos), e pergunte aos:

- O título lembra algum outro livro (ou história?) conhecido? E a ilustração, também lembra esse outro livro?

Leia o nome do livro e pergunte:

- O que o autor fez com “Chapeuzinho”?
- Por que será que ele alterou de “Vermelho” para “Amarelo”?
- Será que, ao alterar o nome do personagem, ele mudou a história?

Leia o texto completo para seus alunos e confronte com a história de “Chapeuzinho Vermelho”. É importante que, durante a leitura, você faça algumas “paradas” com o objetivo de perguntar aos alunos o que eles acham que vai acontecer durante a narrativa, etc.

Quadro
Piloto/giz

que aspecto/característica do personagem está sendo destacado no título da narrativa.

É importante que os alunos percebam semelhanças e diferenças nos títulos e nas ilustrações (ambas os personagens usam chapéu, mas de modelos e cores diferentes).

Na segunda parte da atividade, o aluno estará refletindo sobre a associação dos nomes dos personagens a adjetivos diversos, inclusive sobre os sinônimos dos adjetivos presentes na história, sem, no entanto, apegar-se a nomenclaturas.

Caso você não tenha na escola o livro que estamos indicando, selecione outras recriações de conto infantil. Confira as sugestões na seção **Onde encontrar**.

7º momento:

Amplie, em cartolinas, um conto infantil (numa versão não muito longa), ocultando algumas informações. Por exemplo:

“Branca de Neve”

_____ uma linda princesa que morava em
_____ (...)

Escreva em algumas tarjetas:

HÁ MUITOS ANOS

ERA UMA VEZ

NAQUELE DIA

CASTELO

FELIZES PARA SEMPRE

Cole as tarjetas na parede e peça aos alunos que completem a história com as informações que faltam. Em seguida pergunte:

- Como o conto iniciou?
- Onde ocorreu a história?
- Como acabou?

Com a ajuda dos alunos, sistematize essas informações num quadro.

Conto “A branca de Neve” ampliado em cartolinas.

Tarjetas de cartolina com as expressões:

HÁ MUITOS ANOS

ERA UMA VEZ

NAQUELE DIA

CASTELO

FELIZES PARA SEMPRE

Quadro de sistematização (anexo 1)
Quadro Piloto/giz

Essa atividade ajuda os alunos a observarem elementos estruturais dos contos de fadas.

Como a noção de tempo e espaço não é tão fácil de trabalhar em séries iniciais, peça aos alunos que organizem as expressões contidas nas cartelas para ajudaos a desenvolverem a noção de tempo (*Naquele dia, No outono passado, Há muitos anos atrás,* etc.) e de espaço(*na floresta negra, no castelo, na cidade, etc.*). Na atividade do 8º momento, essas cartelas serão retomadas.

Uma ampliação dessa atividade pode ser uma discussão sobre quem é bom e quem é mau nos contos. Mais importante do que apenas identificar heróis e vilões, relativizar esses conceitos é essencial. Por exemplo, muitas vezes, também sentimos inveja, como a madrasta de Branca de Neve. A discussão deve ser em torno de por que nos sentimos assim, o que fazer com esse sentimento, se ele atinge outras pessoas ou não, como ocorreu na história, etc. O cuidado com as questões éticas envolvidas deve sempre estar presente nesse tipo de atividade, além da atenção à capacidade de compreensão da faixa etária.

	<p>Relembre, com os alunos, outros contos já trabalhados em sala de aula observando como iniciam, o espaço de realização e a culminância. O objetivo é fazer com que eles descubram semelhanças entre as narrativas.</p>		
<p>Escrita Oralidade</p>	<p>6º momento: Peça para os alunos pesquisarem contos infantis contados pelos seus vizinhos, irmãos mais velhos, avós, pai, mãe, na biblioteca da escola, em sua casa. Entregue a eles uma ficha (anexo 2) que auxiliará na atividade.</p> <p>Caso os alunos estejam nas fases iniciais da escrita, oriente-os a registrarem os contos com a ajuda de um adulto.</p>	<p>Ficha de dados sobre o conto (anexo 2)</p>	<p>Solicite que, se possível, eles tragam os livros encontrados.</p> <p>Caso os alunos disponham de equipamento de gravação (em celular, aparelho de som, etc.), o registro dos contos pode ser feito em áudio ou em audiovisual.</p>
<p>Oralidade Escrita</p>	<p>7º momento: Peça que cada aluno escolha um dos contos pesquisados, venha à frente da sala e socialize com a turma. Cada grupo dirá:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Onde pesquisou. ▪ Quem foi o entrevistado. ▪ Qual o título do conto. ▪ Falará um pouco sobre o conto. (Caso tenha desenhado, o aluno apresentará o desenho ao grupo). <p>Ajude os alunos a confeccionarem uma lista com os contos coletados e exponha-os na parede da sala de aula.</p>	<p>Quadro Piloto/giz Cartolina</p>	<p>A atividade de produção das listas permite que a produção desse gênero nas séries iniciais se revista de significado, nesse caso, organizar os dados da pesquisa realizada.</p> <p>Outra possibilidade é ampliar o trabalho com a lista: convertê-la em sumário de uma coletânea de contos a ser organizada pelos alunos; explorá-la para a confecção de jogos de alfabetização (jogo da memória, caça-palavras, cruzadinhas, etc.), pois pode haver necessidade de trabalhar com a apropriação do sistema de escrita.</p>

			A atividade de elaboração da lista é uma ótima oportunidade para trabalhar a consciência fonológica, assim como a composição e decomposição das palavras. Porém tome cuidado para não perder de vista os objetivos da seqüência, que privilegia leitura e produção de textos.
Leitura Escrita Oralidade	<p>8º momento: Convide os alunos a darem uma nova versão a um conto bem conhecido, eles deverão situar os personagens em contexto atual. Você poderá exemplificar utilizando o conto “Chapeuzinho Vermelho”.</p> <p>Pergunte:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Na história que vocês conhecem, onde mora Chapeuzinho Vermelho? ▪ Será que, em nosso conto, podemos tirá-la da floresta e colocá-la em outro local? ▪ Onde você colocaria a personagem? ▪ Etc. <p>Inicie retomando as cartelas com os termos sobre tempo e espaço (como o conto iniciou, onde ocorreu a história, como acabou). Organize as cartelas numa lista no quadro e escreva, ao lado de cada uma, as novas possibilidades ditas pelos alunos.</p>	Conto escolhido pelos alunos	A listagem dos termos no quadro ajuda os alunos a visualizarem diversas alternativas para a recontextualização do conto. Por exemplo, ao lado de <i>Floresta Negra</i> , anota-se <i>Bairro X</i> ; ao lado de <i>Há muito anos</i> , anota-se <i>Em 2007</i> .

Escrita	<p>9º momento: Depois de pronta a lista, os alunos passarão a produzir a nova versão do conto. Avise-os que o grupo-sala elegerá a versão mais criativa para ser ampliada em cartolinas e colada na parede da sala.</p> <p>Circule entre os grupos, auxiliando-os na tarefa.</p>	Cartolina Hidrocor Fita adesiva	<p>A atividade poderá ser feita de forma coletiva. Escreva a versão dos alunos no quadro e eleja um grupo para ficar responsável por copiar o que foi produzido.</p> <p>Oriente-os a produzirem as ilustrações dos novos contos, bem como atentarem para a correção textual, visto que seus textos serão expostos na parede da sala e outras pessoas irão lê-los.</p>
Oralidade	<p>10º momento: Finda a produção textual, peça para que os alunos apresentem suas versões. Analisar, junto com os grupos, o que de novo apareceu no conto atualizado e sistematize na ficha comparativa (anexo 4) Estimule-os a compararem com a obra original. Faça a votação da produção que será exposta em sala de aula.</p>	Ficha comparativa (anexo 4)	
Oralidade Escrita	<p>11º momento: Explique aos alunos que eles agora irão ver como outras pessoas também recriaram contos famosos, adaptando-os para o cinema. Convide-os a assistirem ao filme “Deu a louca na Chapeuzinho Vermelho”.</p> <p>Em seguida, pergunte:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ O que acharam do filme? ▪ Parece com a história que conhecemos? 	Filme <i>Deu a Louca na Chapeuzinho Vermelho</i>	<p>Caso não se consiga esse filme específico, há diversos outros desenhos animados que recriam contos infantis. O importante é possibilitar a comparação entre versões de um mesmo conto.</p> <p>Outras perguntas podem ser feitas confrontando as versões dos contos publicados em livros e aqueles adaptados para o cinema.</p>

- Houve alguma alteração?
- Os personagens são os mesmos?
- A história começa igual à do livro?
- O final da história é o mesmo? Etc.

Oportunize os alunos a contarem o que viram no filme comparando versões diferenciadas de um mesmo gênero, buscando observar em que se aproximam ou se distanciam. As falas dos alunos podem ser registradas em uma cartolina (anexo 4) e posteriormente exposta na parede da sala de aula.

Oralidade

12º momento:

Proponha um dia especial de contação em que os alunos poderão contar seus contos preferidos e ouvir os contos de pessoas visitantes.

Para esse dia, poderão ser convidados alguns avós, tios para narrarem contos para a turma.

Aproveite a oportunidade para, juntamente com o grupo, elaborar um *convite* para os visitantes.

Combine todos os detalhes com os alunos, não esqueça de entrar em contato com os convidados confirmando a presença no evento.

Anexo
Anexo 1

 **Quadro de Sistematização** 

(a ser reproduzido no quatro ou em cartolinas)

NOMES DOS PERSONAGENS	COMO OS CONTOS INICIAM?	ONDE SÃO REALIZADOS?	COMO OS CONTOS TERMINAM?
Branca de Neve			
Bela Adormecida			
Chapeuzinho Vermelho			
Branca de Neve			

Anexo 2

FICHA DE DADOS SOBRE O CONTO	
Equipe:	
Nome do entrevistado:	
Título do Conto:	
Sobre o que conto o conta?	

Chico Buarque Chapeuzinho Amarelo



 FICHA COMPARATIVA 

CONTO	EM QUE SE PARECEM ?	EM QUE SE DIFERENCIAM ?
CONTO APRESENTADO NOS LIVROS		
CONTO ADAPTADO PARA A TV		

Capa do livro *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque, com ilustrações de Zirald. Rio de Janeiro: José Olympio: 2006.

CRÔNICA: O COTIDIANO EM DESTAQUE

Crônica

4º ciclo do Ensino Fundamental (7ª e 8ª séries)
Djario Dias de Araujo

Objetivo geral: (re)conhecer características do gênero crônica, relacionando-as às temáticas do cotidiano, de modo a lê-las, produzi-las adequadamente.

Objetivos específicos

As atividades previstas propiciam aos alunos:

- ativar estratégias de leitura diversas na leitura de crônicas;
- conhecer e refletir sobre as realidades socioculturais locais, cujo cotidiano é tema de certas crônicas;
- expor oralmente suas idéias e conhecimentos acerca dos temas lidos nas crônicas.
- perceber a relação entre as crônicas e certos fatos jornalísticos que lhes deram origem;
- identificar o ponto de vista do cronista ao relatar, numa crônica, um certo fato, seja ele humorístico, satírico, lírico, etc.;
- reconhecer algumas estratégias discursivas de produção de sentido nas crônicas, como a relação entre paragrafação e progressão tópica, a função de seqüências tipológicas (narração, descrição) na produção de sentido, interligando-as com objetivos comunicativos desse gênero;
- produzir crônica a partir de um fato, evidenciando o olhar singular sobre o cotidiano como o ponto de partida para a produção.

**ESTE TEXTO SE DESTINA A FORNECER INFORMAÇÕES BÁSICAS SOBRE O GÊNERO PARA O PROFESSOR.
NÃO DEVE SER USADO COM OS ALUNOS.**

Caro Professor:

Diariamente, milhares de leitores procuram avidamente os textos publicados pelos cronistas nos jornais. Relatos breves de fatos do cotidiano, a crônica, no contexto brasileiro, conquistou a preferência de muitos leitores, especialmente por ser um texto curto, leve, ora lírico, ora humorístico, e muitas vezes crítico, que aborda o dia-a-dia de nossa sociedade. Acreditamos que esse mesmo prazer desfrutado pelos leitores do jornal pode ser experimentado pelos alunos nas aulas de língua materna, mesmo porque a crônica é um dos gêneros mais utilizados pelos livros didáticos, portanto, relativamente familiar aos alunos.

O dicionário define crônica como “registro de fatos históricos em ordem cronológica, pequeno texto baseado em fatos do cotidiano”. Segundo essa definição, a finalidade da crônica é relatar fatos do cotidiano de forma breve. Mas além disso, pode também apresentar, na sua composição, um cuidadoso trabalho com a linguagem, marcado pela subjetividade: traços de devaneio, poeticidade, humor e aspectos pitorescos. Nesse sentido, a crônica é também uma expressão artística.

Já no início da era cristã, a crônica, que é uma palavra derivada do latim *chronica*, se configurava como um relato de acontecimentos numa perspectiva cronológica, uma narração de histórias na sua ordem temporal, um curto registro de eventos de sua época, muitas vezes, satirizando-os. Com o advento da imprensa, no século XIX, a crônica passou a fazer parte dos jornais, suporte em que se consolidou como gênero. A crônica tinha como objetivo, inicialmente, levantar um comentário crítico dos fatos acontecidos durante a semana. Esse gênero só foi trazido para o Brasil na segunda metade do século XIX, período em

que José de Alencar se destacou como um grande cronista.

Com o passar do tempo, as crônicas se firmaram, ganhando vida para além das páginas dos jornais, e hoje já são reunidas em coletâneas e publicadas no formato de livro. Por figurar nesses dois domínios – o jornalístico e o literário - a crônica pode ser considerada como texto literário e/ou como texto jornalístico e muitos cronistas são conhecidos como “poetas dos acontecimentos do dia-a-dia”. Nesse sentido, é possível categorizar as crônicas em dois grandes grupos: as jornalísticas e as literárias. Nas jornalísticas, predomina a função de relatar criticamente um fato de ordem social recente, datado. Logo, é um texto efêmero, pois a crônica publicada no jornal de ontem possivelmente não atrairá a atenção de leitores de hoje. Já as crônicas literárias também se basearão em temas do cotidiano, todavia enfocando aspectos mais atemporais, mais universais. É comum que as crônicas literárias apresentem traços de poeticidade, lirismo e sátira a aspectos sociais. No trabalho em sala de aula, não é importante classificar as crônicas, mesmo porque não se trata de uma divisão rígida, já que a poeticidade pode aparecer em crônicas jornalísticas e a sátira social também pode estar presente em crônicas literárias. Ainda assim, você pode criar atividades que levem os alunos a perceber diferenças entre esses dois tipos de crônicas, como sugerimos na seqüência abaixo.

Freqüentemente, a crônica marca um diálogo explícito entre o produtor do texto e o leitor. Em muitos casos, ela é escrita na primeira pessoa, ressaltando a impressão do autor sobre um determinado assunto, marcando seu ponto de vista, o que termina por estabelecer uma maior interação com o leitor. Esse é um dos aspectos que vale a pena explorar na escola: como o cronista lança um olhar inusitado, pouco comum sobre fatos aparentemente banais, criando um texto envolvente, divertido, emocionante.

Do ponto de vista textual, as tipologias textuais predominantes são a narrativa e a descritiva, mas outras seqüências tipológicas podem aparecer no texto, como a argumentativa e expositiva. A linguagem da crônica não tem rebuscamento, assumindo, muitas vezes, um tom informal. Pelo espaço limitado do veículo onde nasceram e onde assumiram sua organização específica (o jornal), é um texto curto, portanto, suas descrições serão breves e haverá poucos personagens no caso de crônicas narrativas.

Ao levantar questões sobre fatos “miúdos” da prática social do aluno, o gênero crônica é propício para estabelecer uma rápida identificação do aluno com o conteúdo do texto, tornando as atividades de leitura e produção de textos um momento de prazer e descoberta. Quando o aluno se identifica com a aula, com o contexto, com o cenário criado pela crônica, todos os outros eixos de língua portuguesa, como a produção escrita e a análise lingüística, serão ressignificados. A produção de crônicas pelos alunos deve ser orientada com atenção, investindo-se tempo numa familiarização mais detida com o gênero para que eles conheçam as estratégias usadas pelos cronistas na elaboração das crônicas. É necessário também sensibilizar o olhar dos discentes para que percebam o que há de singular, de único, de fascinante, de engraçado nas situações corriqueiras por que passamos. Desenvolver esse ponto de vista diferenciado pode resultar numa crônica interessante.

Introduzir as crônicas nas atividades de sala de aula é garantir momentos em que o ato de ler terá como objetivo maior o prazer. Além do valor inegável desse gênero como fonte de leitura, acreditamos ainda que ler crônicas pode ser a porta de entrada para leituras literárias de maior extensão e complexidade, como contos e romances.

Crônicas, não deixe o cotidiano passar em branco.

Para saber mais:

Livros:

- SÁ, Jorge de (1999). *Crônica*. 6ª ed. São Paulo: Ática.
- CANDIDO, Antonio (*et al.*) (1992). *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas/ Rio de Janeiro: Unicamp/ Fundação Casa de Rui Barbosa.

Sites:

- <http://www.tvcultura.com.br/aloescola/literatura/cronicas/index.htm>
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%B3nica>

Onde encontrar:

As crônicas podem ser encontradas em jornais e revistas de grande circulação e também na internet. Muitas deles são reunidas em livros, alguns citados a seguir:

Livros:

- ANDRADE, Carlos Drummond de, *et al.* (2002). *Crônicas I*. 27. ed. São Paulo: Ática (Coleção *Para Gostar de Ler*).
- ASSIS, Machado de (2003). *Fuga do hospício*. 3. ed. São Paulo: Ática (Coleção *Para Gostar de Ler*).
- BORBA FILHO, Hermilo (2000). *Louvações, encantamentos e outras crônicas*. Recife: Bagaço.
- NOVAIS, Carlos Eduardo *et al.* (2002). *Crônicas 6*. 18. ed. São Paulo: Ática (Coleção *Para Gostar de Ler*).
- SABINO, Fernando (2000). *Cara ou coroa?* São Paulo: Ática (Coleção *Para Gostar de Ler Júnior*).
- VERÍSSIMO, Luis Fernando (2001). *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva.

CRÔNICA: O COTIDIANO EM DESTAQUE

Gênero: crônica

4º ciclo do Ensino Fundamental (7ª e 8ª séries)

Eixos de ensino	Passo-a-passo	Material didático	Observações
Leitura Oralidade	1º momento: Divida a turma em pequenos grupos e dê a cada grupo o título de uma das duas crônicas que serão lidas. Feito isso, diga aos alunos que irão ler um texto com aquele título, e, com base nisso, cada grupo explicará oralmente qual seria o assunto do texto. Após a análise pelo grupo, um representante irá apresentar para toda sala uma síntese oral de suas hipóteses sobre o assunto do texto.	Tiras com os títulos das crônicas “O homem trocado” e “A espada” (ver anexos).	<p>O número de aulas necessárias nesta sequência é variável. Dependerá do número de alunos na turma e do ritmo de trabalho deles.</p> <p>Com essa atividade, estaremos fazendo o levantamento de hipóteses sobre o assunto do texto a partir do título, que é uma pista para o leitor.</p> <p>Como serão duas crônicas a serem lidas e analisadas nesse momento, é preferível que os títulos das crônicas sejam divididos igualmente. Se forem seis grupos, três com uma crônica, três com outra.</p>
Leitura	2º momento: Entregue a cada grupo o texto correspondente ao seu título. Oriente cada equipe para fazer a leitura de seu texto. Após a leitura, comente sobre o grupo que mais se aproximou da temática da crônica, e pergunte a essa equipe como eles conseguiram se aproximar do tema.	Cópias das crônicas “O homem trocado” (anexo 1) e “A espada” (anexo 2)	Com essa atividade, além de estarmos verificando as hipóteses iniciais dos alunos sobre o tema, estamos também solicitando que eles justifiquem em que pistas do título se apoiaram para construir tais hipóteses.
Leitura	3º momento: Solicite que uma pessoa de cada equipe faça a leitura do seu texto em voz alta. Feita a leitura, pergunte o que os textos têm em comum, em que são parecidos. Oriente-os para observarem o tema,	Cópias das crônicas “O homem trocado” (anexo 1) e “A espada” (anexo 2)	Estaremos, com essa atividade, despertando o olhar dos alunos para as características do gênero em questão, tais como o cunho humorístico, a extensão,

	<p>a extensão, linguagem, a presença ou não de humor. Sistematize num painel ou cartaz as respostas dos alunos e procure construir, junto com eles, uma definição provisória de crônica, que será retomada mais adiante.</p>	<p>Papel madeira ou cartolina para o cartaz</p>	<p>curta e a abordagem de temas do cotidiano. Se preferir, faça uma comparação da crônica com outro gênero (por exemplo, conto de fadas, lenda, notícia) para que fiquem mais evidentes as suas características. Ver anexos de outras seqüências, neste volume.</p> <p>É preciso lembrar que o humor não é uma característica presente em todas as crônicas, mas é o caso das duas crônicas lidas nesse momento.</p>
Escrita	<p>4º momento: Com base no que foi lido, peça aos alunos que façam uma imagem (desenho) que represente seu texto e, abaixo do desenho, uma palavra ou expressão que tenha relação com ele. Após a elaboração dos desenhos, uma pessoa da equipe mostra seu desenho, e justifica o porquê de tê-lo feito, bem como a relação da palavra ou frase escrita com a crônica lida.</p>	<p>Papel ofício Giz de cera ou lápis de cor.</p>	<p>Com essa atividade, além de explorar a ludicidade, pois nessa etapa da escolarização (séries/ciclo), os alunos já não desenham com tanta freqüência, estaremos materializando o tema das crônicas. Os alunos poderão visualizar o ambiente, o cenário ou o fato que serviu de inspiração para o cronista.</p> <p>Essa atividade pode ser ampliada na elaboração de uma antologia de cronistas brasileiros. Cada aluno escolheria uma crônica para ilustrar e todas seriam reunidas num só volume a ser doado à biblioteca.</p>
Leitura Análise lingüística	<p>5º momento: Escreva no quadro a seguinte definição de crônica: “Relato (literário/jornalístico) breve de fatos do cotidiano, que pode ter caráter crítico, lírico e/ou humorístico”. Peça que eles digam se a definição serve para os textos lidos anteriormente e por quê. Nesse momento, retome a definição provisória que vocês construíram e</p>	<p>Quadro Piloto/Giz</p>	<p>Os alunos podem ter definido preliminarmente a crônica como um gênero humorístico, por conta dos exemplos anteriores. Nessa atividade, eles são confrontados com uma definição mais ampla. Isso prepara a leitura da próximacrônica, que não é humorística, e sim, lírica.</p>

	compare as duas, pedindo que os alunos ampliem e mudem o que for necessário naquela definição elaborada pelos alunos. Algo que pode ajudar a perceber a relação da crônica com o cotidiano é falar um pouco sobre o perfil dos autores – a maioria é jornalista – e o modo de circulação das crônicas – o jornal diário.		
Análise lingüística	<p>6º momento: Distribua com cada grupo a crônica “A flor no Asfalto” de Otto Lara Resende. Solicite que os alunos façam a leitura nos seus grupos. Após a leitura, pergunte ao grande grupo: Quais as diferenças e semelhanças entre os textos lidos anteriormente e este último? Observe se eles perceberam os seguintes aspectos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ tema tratado; ▪ fato real ou ficção; ▪ ponto de vista (crítico, humorístico, lírico, etc.); ▪ linguagem usada (informal, formal, semiformal); ▪ Predominância de diálogos ou de comentários do cronista; ▪ Etc. <p>Peça para que os alunos analisem essa questão em grupos e escrevam as respostas. Um colega faz a leitura do trabalho do grupo. Sistematize as respostas no painel.</p>	Cópias da crônica “A flor no Asfalto” de Otto Lara Resende (anexo 3). Papel madeira ou cartolina para o cartaz.	<p>Como sabemos, as crônicas podem ser literárias ou jornalísticas. A primeira se baseia em fatos mais universais do nosso cotidiano, já a jornalística poderá se construir a partir de manchetes de jornal, de uma situação mais datada. Diferença semelhante pode ser observada entre charge e cartum (ver seqüência obre charge neste volume)</p> <p>Essa atividade visa despertar o aluno para essa questão. É interessante que os dados da caracterização sejam sempre colocados num painel ou cartaz. Caso os alunos não levantem todas as diferenças e similaridades presentes nos dois textos, você pode complementar, lembrando de sempre colocá-las no cartaz. Essa ação favorecerá o momento da produção escrita.</p>
Leitura Análise lingüística	<p>7º momento: Ainda com base na crônica “A flor no Asfalto” de Otto Lara Resende, pergunte:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Que acontecimento dá origem à crônica? É um fato comum ou incomum nas grandes cidades? ▪ Como o autor inicia a crônica? Expõe logo o acontecimento que originou a crônica? Por quê? Isso faz alguma diferença para o desenvolvimento do texto? 	Cópias da crônica “A flor no Asfalto” de Otto Lara Resende (anexo 3).	<p>Os alunos devem perceber que a abertura da crônica tematiza uma das grandes questões abordadas na crônica: a banalidade da morte na rodovia, que será contrastado com o milagre da vida, no decorrer do texto. Outra questão importante é o olhar lírico e</p>

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Liste as idéias apresentadas em cada parágrafo do texto. ▪ Como o autor finaliza sua crônica? Há alguma ligação entre a frase que encerra e a que inicia a crônica? ▪ Há uma "mensagem" que o autor quer passar com esse texto? Existe, na crônica, alguma frase que sintetize essa idéia? ▪ O olhar lançado pelo autor para o fato do atropelamento foi um olhar comum, esperado? Por quê? ▪ Os períodos que descrevem o acidente são longos ou curtos? Isso tem a ver com o ritmo dos acontecimentos? Por quê? ▪ Você gostou da crônica? Por quê? ▪ Como seria uma ilustração feita para ser publicada no jornal, junto com essa crônica? 		<p>poético lançado pelo cronista sobre um atropelamento numa grande cidade do Brasil. Normalmente, esse acontecimento seria relatado de forma objetiva ou sensacionalista numa notícia. Na crônica de Otto Lara Resende, o mesmo fato assume um teor poético.</p> <p>A atividade de análise da crônica “A flor no Asfalto” apontará para um importante aspecto da organização textual, que é a paragrafação, elemento importantíssimo na progressão do texto. Ao solicitar, na questão 2, que os alunos listassem as idéias do autor ao longo do texto, estaremos tornando visível para o aluno a forma como o autor deu continuidade do texto, sobretudo, a função do parágrafo na distribuição dos assuntos. Como sabemos, os períodos se organizam em parágrafos. Mas, diferente do período, o parágrafo não é uma organização essencialmente sintática. Ele tem uma função estética (formal) e também textual. É um facilitador da leitura.</p>
<p>Análise lingüística</p> <p>Escrita</p>	<p>8º momento: Escreva no quadro um trecho com predominância mais narrativa da crônica analisada acima, tal como: “Por sorte, vinha uma ambulância. Depois de chorar no asfalto, o bebê foi levado para o hospital de Xerém.” Escreva também um trecho com tipologia descritiva, tal como: “Dona Creusa, aos 44 anos, já era avó, mãe de vários filhos e viúva. Pobre, concentração humana de experiências e de dores, tinha pressa de viver”.</p>	<p>Cópias da crônica “A flor no Asfalto” de Otto Lara Resende (anexo 3).</p>	<p>Com esta atividade, estaremos analisando as seqüências textuais (tipologia) predominantes na crônica.</p>

	<p>Após a leitura compartilhada dos trechos da crônica, conduza a discussão para que os alunos percebam em qual dos trechos o mais importante é contar um certo fato (trecho narrativo) e em qual dos textos o que predomina é a descrição de características. (trecho descritivo).</p> <p>Faça uma exposição dialogada sobre a função da tipologia narrativa e descritiva na construção dos sentidos do gênero crônica. Nesse gênero, a narração faz a história avançar, familiariza o leitor com os fatos, mas não necessita ser precisa e concisa, como na notícia; a descrição, por sua vez, (re)cria o cenário, o clima, as sensações envolvidas no acontecimento, expondo o ponto de vista do cronista.</p>		<p>É importante que os alunos percebam, no exemplo analisado, o quanto a descrição de D. Creusa, como mulher pobre, batalhadora e que enfrentava dificuldades, ajudou a ressaltar o drama do acidente. Os trechos narrativos, por sua vez, fazem a história avançar, contam o que acontece em uma ordem cronológica. Uma outra sugestão é solicitar que os alunos discutam em grupo e percebam no texto trechos narrativos e descritivos na crônica e sua função no texto</p>
Leitura	<p>9º momento:</p> <p>Como atividade de casa, oriente os alunos para assistirem a um telejornal e anotar dados sobre uma notícia que mais lhes chamou a atenção.</p> <p>Na aula seguinte, peça para que os alunos apresentem oralmente a notícia selecionada. Solicite que eles comparem o modo como foi narrada a mesma notícia por diferentes colegas, para que percebam que um mesmo fato pode ser narrado e, até mesmo, compreendido, de diferentes modos.</p>	Caderno Lápis	<p>É possível que muitos alunos tragam a mesma notícia. Um fato interessante a ser observado nessa apresentação é ver como um mesmo fato é contado por pessoas diferentes. Que aspectos da notícia serão enfatizados pelo aluno? Por que isso acontece?</p> <p>Nessa atividade, deve-se chamar a atenção do aluno para os diferentes olhares lançados sobre um mesmo fato, uma habilidade que os cronistas têm bastante desenvolvida. Se quiser complementar essa reflexão, leve para a sala de aula a crônica “A última crônica”, de Fernando Sabino, que trata de como esse olhar especial pode encontrar beleza e poesia em acontecimentos aparentemente banais (ver anexo 4).</p>

<p>Leitura Escrita</p>	<p>10º momento Como enfatizado, possivelmente, muitos alunos trarão a mesma notícia. Com base nesse critério, sugira que os alunos levantem olhares diferentes sobre esse fato: humorístico/irônico; crítico, lírico. Relembre o modo como os autores lidos fizeram isso: o humor de Luís Fernando Veríssimo e o lirismo de Otto Lara Resende. Peça que eles discutam em grupos que tipo de crônica poderia ser elaborada a partir dessa notícia, o que ela relataria, etc. Os grupos devem socializar a discussão.</p> <p>Após isso, comece a elaborar, coletivamente, o parágrafo inicial de uma crônica, com base na notícia discutida. Pergunte aos alunos o título mais adequado e inicie, no quadro, a escrita dessa parte do texto. Após a elaboração, o professor faz a leitura. Se houver dificuldade para elaborar o parágrafo coletivamente, explique que isso se dá porque a crônica traz um olhar muito pessoal, individual, e é por essa razão que eles elaborarão uma crônica completa individualmente no momento seguinte.</p>		<p>Esteja preparado para mudar a notícia inicialmente escolhida, caso se perceba que ela não é tão interessante para “inspirar” uma crônica. É importante alertar os alunos para o fato de que o olhar lançado dependerá muito da notícia lida. Algumas notícias levarão nosso olhar mais para o lado humorístico (por exemplo, um ladrão que fica preso na loja que estava roubando e é capturado pela polícia), enquanto outras nos levarão a um olhar mais crítico (um trabalhador humilde que devolve uma grande soma de dinheiro encontrada, no mesmo dia em que se descobre um novo escândalo de desvio de dinheiro público). Preferimos deixar que os alunos tentem elaborar coletivamente o parágrafo inicial da crônica para permitir que eles percebam a necessidade da marca individual na criação desse gênero. Se o alunos sentirem dificuldade, não encare isso como um problema, mas como oportunidade para que eles percebam uma característica do gênero: a marca individual do cronista, o estilo próprio, o olhar singular.</p>
<p>Leitura Escrita</p>	<p>11º momento: Agora peça que cada aluno escolha uma das notícias discutidas em sala (pode ser a que ele trouxe ou não) para escrever uma crônica baseada nela. Imagine que tipo de crônica poderia surgir dessa</p>	<p>Anotações sobre as notícias Caderno Lápis/ caneta</p>	<p>Se a notícia escolhida por certo um aluno for a relatada por outra pessoa, ele precisará consultar os detalhes do fato noticiado que foram anotados no caderno,</p>

	<p>notícia.</p> <p>Relembre, oralmente, as características da crônica com os alunos. Oriente os alunos para anotarem livremente algumas idéias para a crônica, até encontrarem a melhor. Essas anotações podem funcionar como um “roteiro” provisório. Saliente que os cronistas também escrevem, reescrevem e abandonam certas idéias no momento de criar seus textos.</p> <p>Depois de prontas, peça que os alunos troquem as crônicas com um colega, para que este faça sugestões, alterações, correções. Após passarem a limpo seus textos, devem entregá-los a você.</p>	<p>na pesquisa de casa.</p> <p>É necessário resgatar as características da crônica, bem como aspectos relacionados à organização do texto (paragrafação, ortografia, coesão, coerência, etc.).</p>
<p>Escrita Análise lingüística</p>	<p>12º momento:</p> <p>Depois de avaliar as crônicas, entregue-as a cada autor e solicite a reescrita final do texto. É interessante sinalizar para o aluno, com clareza, a situação a ser corrigida. Quanto à ortografia, por exemplo, as palavras com a grafia errada podem ser circuladas para que o aluno as procure no dicionário. Caso o texto produzido não atenda às características de uma crônica, por exemplo, é preciso apontar o que precisa ser alterado e também ler novamente, com a turma, as características da crônica no painel, antes da reescrita do texto. Após a reescrita, o texto pode ser publicado no jornal da escola e até num jornal de circulação mais ampla, se for possível. Uma sugestão é fazer um painel com o título “E a notícia vira crônica...”. As crônicas do painel poderiam ser reunidas, posteriormente numa coletânea, ilustrada pelos alunos, para ser doada à biblioteca.</p>	<p>Como temos enfatizado em nossas sugestões de atividades, é interessante que o material produzido pelos alunos circule, seja lido por outras pessoas. Quando avisados de que suas produções irão ser lidas por outros colegas, a perspectiva de produção muda. O texto terá outra finalidade, a relação do aluno com sua escrita será ressignificada dentro dessa proposta.</p> <p>Uma outra sugestão de produção de uma crônica literária seria entregar aos alunos uma imagem de revista, por exemplo, e solicitar que produzissem uma pequena crônica a partir daquele material. Outra possibilidade seria pedir que os alunos, na hora do recreio, observassem silenciosamente os colegas brincando, passeando, conversando e, depois solicitar uma crônica com o tema “os segredos do recreio”.</p>

Anexo 1

Crônica “*O homem trocado*”.

VERÍSSIMO, Luis Fernando (2001). *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva. p. 27-28.

Disponível em < <http://www.pensador.info/frase/MjMxNDk5/>>.

Acesso em 28 fev. 2008.

Anexo 2

Crônica “*A espada*”.

VERÍSSIMO, Luis Fernando (2001). *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva. p. 19-21.

Disponível em <

http://veja.abril.com.br/idade/estacao/luis_fernando_verissimo/livros/comedias.html>. Acesso em 28 fev. 2008.

Anexo 3

RESENDE, Otto Lara. A flor no asfalto. *Folha de São Paulo*, 30 de maio 1992.

Disponível em

< http://www.cbm.df.gov.br/cidadao/cmdpii/prova_8_ano-ensino_fundamental.pdf >

Acesso em 28 fev. 2008.


A ÚLTIMA CRÔNICA

Fernando Sabrina

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: "assim eu queria o meu último poema". Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta

para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reasssegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho - um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular. A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: "Parabéns pra você, parabéns pra você..." Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura - ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido - vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu queria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

Crônica publicada no livro "*A Companheira de viagem*" (Editora Record, 1965).

Objetivo geral: compreender e produzir fábulas, refletindo sobre sua função social (de ensinamento), suas características lingüístico-discursivas e seu conteúdo temático.

Objetivos específicos

As atividades previstas na seqüência possibilitam aos alunos:

- ativar conhecimentos prévios e levantar hipóteses sobre o gênero fábula durante discussão oral;
- caracterizar o gênero paulatinamente ao longo da seqüência, retomando, ampliando e reformulando as conclusões sobre a fábula;
- refletir sobre o conceito de *moral*, para compreender a função da *moral da história* nas fábulas;
- identificar as alegorias usadas nas fábulas e como elas se relacionam com o caráter moralizante desse gênero;
- expressar opinião sobre provérbios comuns na moral de fábulas;
- observando a coerência global do texto na atividade ao recontar fábula a partir de título e moral;
- comparar fábula e sua paródia, observando como semelhanças e diferenças nas partes da narrativa e como se alcança o efeito de humor na paródia da fábula;
- refletir sobre o uso de certas expressões para se referir personagens (construção da cadeia referencial) em fábulas e em versão parodiada de fábula e seus efeitos de sentido no texto;
- criar títulos para fábulas, reconhecendo as características dos títulos usados neste gênero;
- reconhecer a moral subjacente a diferentes fábulas;
- planejar a escrita de fábulas, atentando para as características do gênero e para a organização textual e revisar os textos com base nessas características;
- produzir capa, contracapa, sumário e ilustrações de coletânea de fábulas, atentando para as características comuns a cada uma dessas partes da obra;
- reconhecer-se como autor de fábulas, ao organizar coletânea das fábulas produzidas.

**ESTE TEXTO SE DESTINA A FORNECER INFORMAÇÕES BÁSICAS SOBRE O GÊNERO PARA O PROFESSOR.
NÃO DEVE SER USADO COM OS ALUNOS.**

Caro Professor:

A fábula é um dos gêneros textuais mais antigos de que se tem notícia. Suas origens são incertas, mas atribui-se ao escravo Esopo (século VI a.c C) a difusão dessa narrativa na Grécia, há cerca de 2600 anos. Acreditava-se que as fábulas eram originárias da Índia, mas já foram encontrados textos sumerianos (de cerca de 4.000 anos atrás), com narrativas muito semelhantes ao que hoje se configura como fábula. De fato, para Dezotti (2003), “a fábula é um modo universal de construção discursiva”, o que explica sua permanência ao longo dos milênios e em tão distintas civilizações, fascinando até os leitores da atualidade.

Ao longo do tempo, a fábula ganhou também expressão pelas mãos de La Fontaine (1621-1695), escritor francês que recontou fábulas de Esopo, Fedro e Bábrio, imprimindo uma configuração a esse gênero textual que se consagrou. Por exemplo, recontou *A raposa e as uvas* e *A cigarra e a formiga*, revisitadas na obra do grego Esopo e do romano Fedro (I d.C.), estabelecendo versões que circulam até os dias atuais. No Brasil, o maior expoente da produção e divulgação do gênero fábulas foi Monteiro Lobato, que também criou suas versões para as fábulas de Esopo e de La Fontaine, além de ter criado fábulas narradas entre as aventuras da turma do *Sítio do Pica-Pau-Amarelo*.

Originalmente, a fábula se dirigia ao público adulto, mas as adaptações feitas pelos Irmãos Grimm e por La Fontaine se destinaram às crianças, com o intuito de passar ensinamentos morais e éticos. Alguns desses autores faziam sátira política, como La Fontaine, que chegou a criticar o abuso de poder dos reis em algumas fábulas. Atualmente, o público infantil é o privilegiado na criação de fábulas, mas encontramos fábulas parodiadas, como as de Millôr Fernandes, que se destinam a adolescentes e a adultos, contendo crítica social e política.

A fábula caracteriza-se por ser uma narrativa geralmente curta, de natureza alegórica, ou seja, com figuras que representam outro sentido, que não o literal. Sua alegoria é constituída pelas personagens, geralmente animais, que personificam virtudes e vícios humanos, pensando e agindo como pessoas (personificação). Algumas figuras de linguagem constitutivas das alegorias na fábula são: a personificação, a metáfora, a ironia, a hipérbole (exagero) e o eufemismo (uso de expressões mais suaves, mais brandas), as quais devem ser exploradas com os alunos.

O objetivo da fábula é sugerir uma verdade ou uma reflexão de ordem moral, destacada geralmente no final do texto. No entanto, há também fábulas cujos personagens são plantas (*O bambu e a oliveira*), pessoas (*O caçador covarde e o lenhador*, *A criança e o corvo*), partes do corpo (*O estômago e os pés*), etc. Além disso, é um texto que possui uma linguagem simples, sem longas descrições dos personagens, pois o que está em “jogo” são as qualidades e os defeitos que cada um deles representa e que já são universalmente conhecidos: a raposa é a esperteza, o cordeiro é a inocência, etc. Os títulos das fábulas, por sua vez, são bastante gerais: na sua grande maioria, compõem-se de nomes dos personagens do texto (*O leão e o rato*) e de algum elemento da história (*A raposa e as uvas*).

O trabalho com fábulas na sala de aula propicia discussões relevantes sobre questões morais e éticas, normas de comportamento, etc. E isso pode ser ampliado quando se faz a relação com o cotidiano do aluno, com as polêmicas atuais, etc. Mas um aspecto essencial no ensino de língua materna é a explorar a construção discursiva das fábulas: a apresentação das ações de cada personagem pode revelar muito do seu caráter, de sua postura ética diante da vida; as expressões usadas para se referir aos personagens podem indicar um ponto de vista a respeito de cada um (*o cordeiro / o cordeirinho; a raposa / a raposa esfaimada*). Esse trabalho cuidadoso com a linguagem, que se realiza no gênero fábula, deve ser objeto de reflexão com os alunos, no processo de formação de leitores críticos.

A partir da discussão sobre a temática das fábulas, podem-se desenvolver habilidades orais dos alunos, instigando-os a se posicionarem criticamente diante do texto lido, explicando e defendendo seus pontos de vista. No que se refere ao eixo da leitura, pode-se desenvolver diversas estratégias de leitura, desde a antecipação, passando pela localização de informações, até a inferência e a generalização. Isso pode ser alcançado quando se leva o aluno a resgatar os conhecimentos prévios sobre o gênero textual em estudo e sobre os autores e a refletir sobre os títulos das fábulas e como se relacionam com a temática da história; sobre o modo como se descrevem os personagens e as expressões que fazem referência a eles ao longo do texto; sobre a estruturação da narrativa (partes da narrativa).

No eixo da produção, os alunos tanto podem criar fábulas, quanto escrever paródias de fábulas, versões contemporâneas de fábulas antigas, provérbios, gêneros argumentativos (artigos de opinião, resenhas, etc.), entre outros. É preciso articular a produção de textos às reflexões sobre os usos lingüísticos próprios desse gênero, conforme comentado anteriormente, para que os alunos se aproximem, o mais possível, da configuração do gênero.

Do ponto de vista ideológico, recriações modernas de fábulas podem ser exploradas na escola com proveito, especialmente em séries mais avançadas. Um exemplo brasileiro são as *Fábulas fabulosas*, de Millôr Fernandes, que retomam fábulas clássicas, recontextualizando-as para fazer crítica social, para ironizar certos comportamentos. O trabalho comparativo entre essas paródias e as fábulas originais pode render discussões relevantes. Alberto Moravia, em *Histórias da pré-história* (2003) também cria “antifábulas”, com “lições” nada convencionais, que subvertem a função tradicional do gênero, a de passar um ensinamento moral coerente com o que a sociedade espera em termos de comportamento.

Dessa forma, o professor dispõe de um material bastante rico, não somente do ponto de vista da exploração de habilidades de leitura e escrita, mas também no que diz respeito à promoção de discussões sobre ética e moral. Contribuí, assim, para a formação do aluno-cidadão de forma mais global e coloca-o em contato com essa milenar manifestação da cultura ocidental.

Para saber mais:

Livros e artigos:

- DEZOTTI, Maria Celeste Consolin (2003). *A tradição da fábula: de Esopo a La Fontaine*. São Paulo: [IMESP](#).
- FÁVERO, Leonor Lopes (2003). Paródia e dialogismo. In BARROS, Diana Luz Pessoa de e FIORIN, José Luiz (orgs.). *Dialogismo, polifonia e intertextualidade: em torno de Mikhail Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: EDUSP.
- COELHO, Livy Maria Real. As faces d'A raposa e as uvas. Disponível em <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/viewFile/20/13>>. Acesso em 28 set. 2007.

Sites:

- BAGNO, Marcos. Fábulas fabulosas. Disponível em <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/vdt/vdttxt3.htm>. Acesso em 08 out. 2007.
- BERRIEL, Carlos Eduardo. Leituras cruzadas: o avesso das coisas. *Folha de São Paulo*, 30 set. 2003. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u572.shtml>>. Acesso em 28 set. 2007.
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%A1bula>
- <http://www.redebrasil.tv.br/salto/boletins2005/nl/tetxt3.htm>

Onde encontrar:

Livros:

- ESOPPO (2004). *Fábulas*. São Paulo: Martin Claret.
- FERNANDES, Millôr (1997). *Fábulas fabulosas*. 14. ed. Rio de Janeiro: Nórdica. (**paródias**)
- FERNANDES, Millôr (2007). *Novas fábulas fabulosas*. Rio de Janeiro: Desiderata. (**paródias**)
- LA FONTAINE, Jean de (2005). *Fábulas*. São Paulo: Martin Claret.
- LOBATO, Monteiro (1995). *Fábulas*. 51 ed. São Paulo: Brasiliense.
- MORAVIA, Alberto (2003). *Histórias da pré-história*. Tradução de Nilson Moulin. Ilustrações de Cecília Esteves. São Paulo: Editora 34. (**antifábulas**)

Sites:

- <http://www.contandohistoria.com/fabulas.htm>
- <http://criancas.uol.com.br/historias/fabulas/>
- <http://nonio.eses.pt/fabulas/>
- <http://www.sinomar.com.br/fabulasfabulosas.asp>

Ilustrações de fábulas e versões distintas para uma mesma fábula:

- <http://www.surlalunefairytales.com/illustrations/index.html> (**site em inglês**)

ConFABULANDO
Fábula

4º ciclo do Ensino Fundamental (7ª e 8ª séries)

Eixos de ensino	Passo-a-passo	Material didático	Observações
Oralidade	<p>1º momento: Confabulando sobre as fábulas Distribua tarjetas com nomes de virtudes, de animais, de objetos, de plantas, de fabulistas, de títulos de fábulas famosas e morais de fábulas. Logo depois, agrupe os alunos, de acordo com quatro categorias:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ fabulistas; ▪ animais, objetos e plantas; ▪ títulos de fábulas; ▪ morais de fábulas. 	Tarjetas de cartolina preenchidas	<p><i>O número de aulas necessárias nesta seqüência é variável. Dependerá do número de alunos na turma e do ritmo de trabalho deles.</i></p> <p>Essa atividade resgata os conhecimentos prévios dos alunos sobre o gênero fábula, auxiliando-os na caracterização desse gênero. Lembramos que você deve selecionar várias fábulas para realizar as atividades previstas nesta seqüência. Anexamos algumas e indicamos fontes de consulta que podem ajudar nessa coleta.</p>
Oralidade Escrita	<p>2º momento: Levante questões sobre as tarjetas recebidas pelos alunos a fim de levantar hipóteses sobre o gênero textual a ser trabalhado, por exemplo, <i>Quem é Monteiro Lobato?, Alguém sabe contar a história cujo título tem em mãos?</i> A partir dessas questões, os grupos receberão tarjetas em branco, nas quais escreverão características da fábula, lerão em voz alta e afixarão no mural da caracterização sobre o gênero em questão. Algumas perguntas que podem nortear esse levantamento de características são:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Para que são contadas/escritas as fábulas? ▪ Que tipos de personagens são mais comuns? ▪ Como termina a maioria das fábulas? 	Tarjetas de cartolina preenchidas Tarjetas de cartolina em branco Cartolina	<p>O mural iniciado nesta etapa será retomado, reconstruído e reformulado ao longo da seqüência, devendo manter-se afixado na sala durante a seqüência.</p> <p>Nesse momento, o importante não é esgotar a caracterização das fábulas, mas registrar o que os alunos já sabem a respeito.</p> <p>Para ajudá-los, use alguns critérios para dividir o mural e melhor organizar a caracterização das fábulas: objetivo (função social), tipos de personagens, etc. É possível que os alunos já percebam que provérbios são usados como moral das fábulas.</p>

<p>Oralidade Análise lingüística</p>	<p>3º momento: Retomando o termo “moral da história”, discuta com seus alunos o que seria moral, lançando perguntas do tipo</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Quando é que usamos a expressão “Moral da história:....”? ▪ O que significa “moral”? ▪ Por que a maioria das fábulas termina com uma moral? <p>Sistematize no quadro algumas contribuições dos alunos. Após isso, escreva no quadro o significado da palavra <i>moral</i> (“conjunto das regras, preceitos etc. característicos de determinado grupo social que os estabelece e defende”).</p> <p>Peça então para eles responderem à seguinte pergunta:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Por que se diz que a fábula tem um caráter moralizante? 	<p>Quadro Piloto</p>	<p>Esse momento destina-se a familiarizar os alunos com o conceito de <i>moral</i>. Muitas vezes, este é confundido com o conceito de ética. A moral tem um caráter prático, nos dizendo como nos portar. Como conjunto de valores, regras de comportamento, costumes estabelecidos por uma sociedade, está muito ligada à época e ao lugar em que é válida. Por exemplo, alguns comportamentos hoje amplamente aceitos pela sociedade já foram “imorais”, em certa época da história: mulheres usarem calças compridas; filhos contestarem pais, etc. Já a ética tem um caráter reflexivo: a ela recorreremos para avaliar nosso comportamento. É uma espécie de “juízo da moral”. Ressaltamos, porém, que é preciso avaliar se é necessário distinguir, com a sua turma, os conceitos de moral e de ética.</p>
<p>Leitura Oralidade Escrita</p>	<p>4º momento: FabuLENDO Os alunos receberão fábulas diferentes para leitura individual e socialização nos grupos no intuito de debaterem sobre os valores morais contidos na narrativa. Após a leitura, os alunos procurarão responder as seguintes questões:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Que virtudes ou vícios a fábula ressalta? ▪ Que personagens os representam? Por quê? ▪ A moral da fábula ainda se aplica ao modo de vida da sociedade atual? 	<p>Fotocópias de fábulas diversas Cartolina Piloto</p>	<p>Nessa atividade, os alunos estarão refletindo sobre os valores éticos e morais contidos nas fábulas e como as alegorias os representam. O caráter moralizante é próprio das fábulas e você deve, nesse momento, trazer à discussão aspectos históricos desse gênero como o fato de que foi criado para passar ensinamentos aos adultos (ver texto de abertura desta seqüência).</p>

<p>Oralidade Leitura</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Os valores trazidos no texto são princípios fundamentais para a convivência humana, válidos para qualquer época, qualquer lugar e qualquer cultura? ▪ A mudança dos valores morais ao longo do tempo fez “envelhecer” os princípios éticos trazidos pelas fábulas? <p>Em seguida, os alunos sistematizarão, em um cartaz, as principais conclusões, para socializarem no grande grupo.</p>		<p>Aproveite para ampliar o mural da caracterização. Lembre aos alunos que a moral pode aparecer explícita ou implícita nas fábulas.</p> <p>Chame a atenção dos alunos para revisar e corrigir o texto do cartaz, já que este será exposto.</p>
	<p>5º momento: Refabulando Selecione alguns títulos e morais de fábulas e escreva-os em tarjetas de cartolinas. Distribua-as com os alunos. Primeiramente, questione se eles já conhecem os títulos da história e se já conhecem a moral que encerra as fábulas. Alguns dos alunos devem perceber que é comum provérbios (gêneros da tradição oral) finalizarem fábulas. Pergunte o que pensam sobre esses provérbios, sobre o seu caráter moralizante, de ensinamento</p>	<p>Tarjetas de cartolina Piloto</p>	<p>É importante que essa atividade suceda um trabalho de familiarização com o gênero fábula, como no 2º momento.</p> <p>É preciso lembrar que você deve conhecer as fábulas que tiveram seus títulos e morais selecionados e ter uma cópia de uma delas.</p>
<p>Oralidade</p>	<p>6º momento: Com base nos títulos e nos provérbios recebidos, os grupos tentarão recontar ou criar oralmente a fábula. Logo em seguida, os grupos receberão a história original e compararão quanto à adequação (ou adaptações) ao título e à moral recebida. Após a contação das fábulas, promova uma discussão sobre características comuns encontradas na produção oral dos alunos, ampliando o mural.</p>	<p>Fotocópia de fábulas</p>	<p>O objetivo é explorar a coerência entre o título, a moral e a fábula criada, de modo a desafiar os alunos a criar uma narrativa fabulística tendo como pistas o título e a moral. Para a contação, são importantes os recursos não-verbais, como gestos, pausas, etc. Ajude a turma a se organizar quanto ao tempo necessário para planejar, ensaiar e apresentar o texto.</p>

7º momento:

REfabulando: de Monteiro Lobato a Millôr Fernandes

Os alunos receberão e lerão a fábula “A raposa e as uvas” nas versões de Monteiro Lobato (ML) e de Millôr Fernandes (MF). Eles devem refletir sobre a estrutura, a linguagem e o (re)dimensionamento da temática da fábula em momentos históricos diferentes.

Depois, refletirão sobre a moral das duas fábulas (o que mudou nas duas versões, o caráter de ensinamento na versão de Lobato e a presença do humor na versão de Millôr, a atualização dos provérbios, o recurso da paródia para “distorcer a moral clássica” da primeira versão).

Para conduzir a discussão, lance perguntas do tipo:

- Como inicia cada fábula?
- O que faz a raposa em cada uma?
- Em cada fábula, o que resolve fazer a raposa quando encontra o empecilho para comer as uvas?
- Como termina cada fábula?
- Qual das duas é mais engraçada? Por quê?

Fotocópias da
fábula *A
raposa e as
uvas* nas
versões de
Monteiro
Lobato
(anexo 1)
e de Millôr
Fernandes
(anexo 2)

Cartolina

Se quiser ampliar o repertório dos alunos, cada grupo pode trabalhar com uma fábula diferente, na versão de Millôr Fernandes e na de Monteiro Lobato. Algumas sugestões: "A assembléia dos ratos" (ML) e "Na hora de ratificar" (MF); "Os dois viajantes da macacolândia" (ML) e "O leão, o burro e o rato"(MF); "A raposa sem rabo" (ML) e "O camelô acamelado"(MF).

Lembre que a fábula “A raposa e as uvas” originalmente foi registrada por La Fontaine, escritor francês do século XVII. (1621-1695), que a retomou de Esopo, Bábrio e Fedro. Esses três escreveram/registraram fábulas há muitos séculos, na antiguidade (antes de Cristo).

Aproveite para refletir sobre um recurso importante na produção da fábula de Millôr: a paródia. É importante os alunos perceberem as diferenças nas partes da narrativa, ou seja, como Millôr parodiou a fábula original, mudando algumas coisas:

- na orientação (caracterização de personagens, tempo e espaço da narrativa);
- na complicação (o fato que gera a narrativa; no caso da fábula, as uvas estarem inacessíveis);
- na resolução (a conseqüência da complicação; na fábula, as ações da raposa após ser mal sucedida na tentativa de pegar as uvas);

			<ul style="list-style-type: none"> ▪ na avaliação (na fábula, trata-se da moral). <p>Ajude os alunos a refletirem sobre como diferenças sutis, do tipo categorizar os personagens como “cordeiro” ou “cordeirinho”, provoca efeitos de sentido no texto.</p> <p>Veja, no item <i>Para saber mais</i>, o artigo “Paródia e Dialogismo” de Leonor Fávero, com uma boa análise da paródia em fábulas.</p>
Leitura Análise lingüística	<p>8º momento: REfabulando: a linguagem</p> <p>Os alunos irão destacar do texto o processo de referenciação (expressões usadas para designar cada personagem ou lugar) e de adjetivação (como são descritos os personagens e outros elementos da narrativa: a raposa, os cachos e as uvas nas duas versões das fábulas). Peça que eles sistematizem num quadro essas diferenças, para que percebam a mudança na linguagem e os efeitos de sentido pretendidos pelos autores, através de questões como as seguintes:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Em que versão a raposa parece estar mais faminta? Por quê? 2. Em que versão a linguagem está mais aproximada da atualidade? Dê exemplos. 	Fotocópias da fábula <i>A raposa e as uvas</i> nas versões de Monteiro Lobato (anexo 1) e na de Millôr Fernandes (anexo 2)	Essa atividade sobre adjetivação, assim como a anterior, pode ser aplicada a outras fábulas – sendo uma clássica e outra parodiada. O importante é levar os alunos a refletir sobre as possíveis intenções do autor ao usar certos adjetivos e como essas escolhas se relacionam com a moral pretendida. Muitas vezes, o uso dos artigos definidos ou indefinidos (<i>um cordeiro/ o cordeiro</i>) ou a forma de nomear os personagens (<i>cordeiro/ cordeirinho</i>) revelam aspectos importantes para compreender o humor e a ironia entre outros efeitos de sentido.
Leitura Análise lingüística	<p>9º momento: REfabulando: a linguagem</p> <p>Distribua com os alunos a fábula “O leão e o rato”, de La Fontaine. Depois de fazerem a leitura, chame a atenção para as expressões usadas para designar os personagens (<i>leão - o rei das selvas; o grandalhão</i>, por exemplo).</p>	Fotocópias da fábula <i>O leão e o rato</i> (anexo 3)	Essa estratégia pode ser utilizada também em outra fábula. O foco é a <i>cadeia referencial</i> dos personagens – as expressões usadas para designar um referente, no caso, as personagens, ao longo do texto. A cadeia referencial pode, inclusive dar pistas sobre

	<p>Depois disso, os alunos escreverão, num quadro, as expressões responsáveis que designam personagens, respondendo às questões:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Por que, na fábula, o leão é chamado dessa forma? 2. Isso ajudou a conhecer melhor o personagem e sua atuação na fábula? Explique. 		<p>mudanças nas personagens ou no modo como o narrador as encara ao longo da narrativa, por exemplo, o leão inicialmente é “o rei das selvas”, mas passa ser denominado, ironicamente, de “o grandalhão”.</p> <p>Você pode chamar a atenção para a diferença de títulos entre autores. Monteiro Lobato dá à fábula o título de “O leão e o ratinho”, enquanto Esopo a intitula de “O leão e o rato agradecido”.</p> <p>Retome e complemente o mural com outras características.</p>
Escrita	<p>10º momento: FABUzindo textos Entregue aos alunos várias fábulas, sem o título nem a moral. Com base nas discussões trazidas nas atividades anteriores, os alunos irão coletivamente produzir um título e uma moral para as fábulas recebidas. Após a produção, escreva no quadro as sugestões dos alunos e compare-as com os títulos e as morais originais.</p>	<p>Fotocópia de fábulas Lápis Papel</p>	<p>A produção de títulos exige que o aluno identifique a unidade temática do texto. Por isso, é importante discutir as produções dos alunos, no intuito de fazê-los perceber quais títulos melhor se articulam ao tema da fábula.</p> <p>A produção da moral da fábula, de modo semelhante à criação de títulos, exige do aluno a capacidade de compreensão global do texto e a capacidade de síntese. Lembre que eles podem citar provérbios já existentes, o que também é adequado, pois é comum, no gênero fábula, provérbios constituírem a moral.</p>
Leitura Análise lingüística Oralidade	<p>11º momento: Distribua tarjetas aos alunos, solicitando que, com base nas atividades envolvendo as fábulas, eles recuperem aspectos característicos desse gênero. Com base nas respostas trazidas nas tarjetas, o professor trará o mural da caracterização para que os</p>	<p>Papel ofício</p>	<p>Algumas outras características do gênero fábula que podem vir à tona são:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ quem produz? (esfera de produção); ▪ quem escuta/lê hoje em dia e quem escutou/leu em outras épocas?

	<p>alunos retomem as características iniciais sobre o texto, ampliando com outras possíveis características surgidas nessa atividade.</p>		<ul style="list-style-type: none"> ▪ (esfera de recepção) ▪ onde encontramos? (esfera da circulação); ▪ que outros textos usam as fábulas? (propagandas, poemas, etc.). <p>Uma variação interessante é pedir para os alunos escreverem fábulas em um cenário brasileiro, como o nordestino. Ver um exemplo de Luís Camargo (anexo 4).</p>
Escrita	<p>12º momento: Os alunos, com base nesses estudos sobre o gênero, produzirão uma fábula, utilizando outras alegorias - animais, objetos ou plantas que simbolizem vícios e virtudes humanas. Retome o mural da caracterização. Lembre a eles que a fábula tem o objetivo de ensinar sobre um tema ou sobre o mesmo tema das fábulas estudadas, atualizando a moral da narrativa, em virtude das questões sociais vigentes. Para isso, o professor poderá solicitar a (re)escrita dos textos produzidos, chamando a atenção para a organização textual-discursiva dos textos (pontuação, discurso direto/indireto, elementos da narrativa, marcadores de tempo-espaço, adjetivação, cadeia referencial, figuras de linguagem, entre outros aspectos).</p>	Mural da caracterização	<p>Uma variação na produção de fábulas pode ser a paródia de fábulas famosas. Personagens reais, que representem virtudes e vícios, como certos artistas, políticos e outras pessoas conhecidas, podem ser introduzidos. Cenários inusitados também podem ser usados, para criar humor, como uma clínica de beleza, uma escola, etc. O importante é manter a essência do gênero: passar um ensinamento com o uso de alegorias (animais, objetos, plantas) para representar vícios e virtudes humanas. Você pode até solicitar a paródia de uma mesma fábula por vários alunos, para eleger a melhor versão.</p>
Escrita	<p>13º momento: Como produto final do estudo com o gênero fábula, o professor poderá organizar um livro de fábulas, utilizando as produções dos alunos. Para que esse livro resulte bem feito, oriente a turma em cada etapa:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ criação dos textos, com revisão e reescrita, até a versão 	Cartolina Piloto Papel Hidrocor Lápis de cor Cola	<p>Para a elaboração do livro, você deve organizar o tempo escolar e orientar os alunos para os objetivos da atividade de escrita (para que estou escrevendo), os interlocutores (para quem), a forma de circulação (em livro, em CD, na internet, etc.).</p>

- final;
- seleção dos textos que irão compor a coletânea;
- seleção e/ou criação de ilustrações para o livro;
- elaboração da capa, contracapa, apresentação e sumário.

Em todos esses momentos, habilidades importantes de leitura, escrita e análise lingüística podem ser exploradas com proveito

Se preferir, avise aos alunos, logo no início da seqüência, que a turma irá produzir um livro de fábulas ao final do processo. Isso pode motivá-los na realização das atividades.

Uma alternativa para fazer as ilustrações da coletânea de fábulas pode ser a colagem com fotos de revistas e desenhos dos alunos.

Se possível, reproduza vários exemplares e promova o lançamento do livro, convide pais e a comunidade escolar, para uma sessão de autógrafos. Doe um exemplar autografado por todos os autores para a biblioteca da escola.

Anexo 1

Fábula “A raposa e as uvas”.

LOBATO, Monteiro (1991). A Raposa e as uvas. In _____. *Fábulas*. São Paulo, Brasiliense.

Disponível em < <http://piquiri.blogspot.com/2007/03/raposa-e-as-uvras.html>>.

Acesso em 28 fev. 2008.

Anexo 2

Fábula “A raposa e as uvas”.

FERNANDES, Millôr (1997). *Fábulas fabulosas*. 14. ed. Rio de Janeiro: Nórdica.

Disponível em < <http://piquiri.blogspot.com/2007/03/raposa-e-as-uvras.html>>.

Acesso em 28 fev. 2008

Anexo 3

O leão e o rato

Jean de La Fontaine

Um rato, bastante perturbado, sai da sua toca. Quando olha para frente, dá de cara com um leão! Para sua sorte, o rei da selva ou teve piedade ou não estava com fome naquela hora, pois nada fez ao bicho, deixando-o ir embora. Mas o bem que o leão fez foi bem pago. Quem diria que, um dia, ele iria precisar daquele insignificante ratinho! E foi o que aconteceu. Ao passear pela extensa floresta, o leão caiu numa rede enganosa! Logo ele que não conhecia a traição por ser forte e corajoso! Fez de tudo: rugiu, esforçou-se, porém não conseguia fugir.

E não é que aparece o rato para acudir o grandalhão das selvas?

-- Mas como você poderá me ajudar com esse pequeno tamanho? -- pergunta o leão. O rato não responde, e começa a roer as grades da prisão.

Com seus dentes finos, rompe os fios que prendem o leão. Ele consegue libertar aquele que um dia lhe fez bem, pagando, assim, uma dívida com o leão. Com isso, deixa uma lição para as pessoas: de serem sempre gratas com quem lhes ajuda. E mais: mostra que o trabalho, quando feito com paciência, tem melhor resultado do que a força e a imprudência daqueles que, nervosos, tentam realizar suas obrigações.

(La Fontaine, Jean de (1997). *Fábulas*. Rio de Janeiro: Revan. Tradução: Ferreira Gullar).
(Disponível em <http://cienciahoje.uol.com.br/3987>. Acesso em 28 set. 2007.)

Anexo 4

A onça e o cabrito

Fábula de Esopo recontada por Luís Camargo

Foi um dia, apareceu uma onça no sertão. Depois de urrar pela caatinga, sem nenhuma barraquinha de água-de-coco ou cachorro-quente, a onça estava com sede e com fome. E pensou: “quem não tem cachorro-quente, come cabrito”.

Num lugar alto e pedrento, cheio de cactos – mandacarus, palmas e xiquexiques – pastava um cabrito. A onça resolveu almoçar o cabrito.

– Seu cabrito, o senhor não devia se arriscar nesse monte pedregoso! Veja como o campo aqui embaixo é mais verde!

– Dona onça, a senhora me desculpe, mas não vou cair nessa conversa mole para boi dormir: eu sei bem que a senhora está mais interessada no seu almoço do que no meu.

E saiu cabriolando monte acima.

Sem água-de-coco, sem cachorro-quente nem cabrito, a onça pegou umas palmas, tirou os espinhos, fez uma salada e comeu.

(CARPANEDA, Isabella; BRAGANÇA, Angiolina D.; GIOVANNI, Jose Ruy et al. (2004). *Viva Vida: livro integrado*. Nova ed. São Paulo: FTD, v. 4, p. 191-192.)
Disponível em <http://www.redebrasil.tv.br/salto/boletins2005/n1/tetxt3.htm>.
Acesso em 28 set. 2007.

LENDAS NA SALA DE AULA: RESGATANDO A CULTURA POPULAR

Lenda

1º ciclo do Ensino Fundamental (5ª e 6ª séries)
Djario Dias de Araujo

Objetivo geral: ampliar o conhecimento sobre o gênero lenda através de práticas de leitura, produção e análise lingüística, reconhecendo sua importância na valorização da cultura popular.

Objetivos específicos

- as atividades previstas propiciam aos alunos
- participar de rodas de contação de lendas como ouvinte, envolvendo-se no seu universo mágico;
- interpretar criticamente lendas de diferentes regiões do país;
- perceber a função (aterrorizadora, moralizante, etc.) e a forma de organização (estrutura composicional) das lendas;
- desenvolver a prática oral de contação de lendas, buscando envolver os ouvintes nos fatos relatados com o uso intencional de gestos, expressões faciais, entonação, etc;
- refletir sobre a função das expressões adverbiais e adjetivas no gênero, percebendo-as como pistas para a compreensão do mundo mágico e assustador das lendas;
- escrever e revisar lendas, atendendo às características estruturais e funcionais do gênero.

**ESTE TEXTO SE DESTINA A FORNECER INFORMAÇÕES BÁSICAS SOBRE O GÊNERO PARA O PROFESSOR.
NÃO DEVE SER USADO COM OS ALUNOS.**

Caro Professor,

Em todas as épocas, em todos os lugares do mundo, as lendas se fizeram presentes como forma de explicar fenômenos fora do alcance da ação real do homem. Elas fazem parte do imaginário popular, da constituição cultural de um povo, região e, até mesmo, de um país. Afinal, quem nunca se assustou com a contação de uma lenda? Quem nunca ouviu a lenda do lobisomem, enraizada na cultura brasileira, ou mesmo as do Rei Artur, fortemente difundidas na Europa? As lendas fazem parte do domínio literário, originalmente de tradição oral. São textos interessantes e desafiadores, por apresentarem narrativas fantásticas, sobre fenômenos sobrenaturais, feitos heróicos, que levam a um julgamento moral, entre outras características, possibilitando ao ouvinte/leitor interagir com o mundo ficcional ali apresentado. No cenário brasileiro, encontramos lendas específicas para cada região, daí termos selecionado um repertório variado de lendas na nossa seqüência. Muitas lendas estão fortemente ligadas às tradições culturais de certas regiões, como é o caso das lendas amazônicas, oriundas da cultura indígena, bastante influente na região Norte. Vale salientar ainda que as lendas assumem funções específicas para cada comunidade. Entre os indígenas, por exemplo, as lendas têm função.

As lendas constituem um importante instrumento didático, pois fazem parte da prática social do nosso aluno, seja ele oriundo do ambiente rural ou urbano. Por essa razão, o trabalho bem orientado com as lendas na sala de aula permite um melhor envolvimento dos estudantes com as práticas de leitura, escrita, produção oral e análise lingüística, pois o interesse por essa manifestação da literatura pode ser um fator de motivação.

Durante muito tempo, as lendas foram transmitidas oralmente, de geração em geração, em volta das fogueiras, nos lares, etc. Portanto, uma das principais estratégias didáticas que envolvem a didatização/escolarização do gênero é recriar o momento da contação de lendas. Como cada gênero textual

exige estratégias de leitura diferentes, não lemos uma lenda da mesma forma que uma notícia ou uma receita. Se uma das funções do gênero é assustar o ouvinte, deve-se ter atenção ao tom de voz, ao timbre, à altura, ao ritmo de fala, de acordo com o momento da história, além de gestos e expressões faciais, o que ajudará na construção da atmosfera mágica das lendas. Nesse sentido, as lendas constituem um excelente material para o desenvolvimento de atividades no eixo da oralidade, tanto através da leitura expressiva em voz alta quanto através dos debates após a contação.

Explorar o eixo da análise lingüística no trabalho com lendas na sala de aula significa pensar sobre os elementos que trabalham a serviço da produção de sentido nesse gênero. Com a leitura de lendas, podemos refletir, com nossos alunos, sobre o uso das expressões adverbiais, ajudando na criação das imagens mentais por parte do leitor quanto ao cenário (*Naquela mata...*), ao tempo e às ações dos personagens (*De repente...; Lentamente...*). Esses elementos lingüísticos situam o leitor no mundo imaginário e fantástico das lendas. Além disso, o vocabulário usado para imprimir suspense e medo, na descrição do cenário e dos personagens (inclusive os nomes dos seres lendários), também pode ser explorado.

O trabalho com lendas na escola se presta às mais diversas faixas etárias e aos diversos objetivos didáticos de língua portuguesa, já que mexe com o imaginário e resgata a cultura popular, ressignificando nosso olhar na valorização das nossas tradições, da nossa cultura, do nosso povo.

Para saber mais:

- CASCUDO, Luis da Câmara (2001). *Lendas brasileiras*. São Paulo: Global.
- GOMES-SANTOS, Sandoval (2003). *Recontando histórias na escola: gêneros discursivos e produção da escrita*. São Paulo: Martins Fontes.
- KLOETZEL, Kurt (1990). *O que é superstição*. São Paulo: Brasiliense.

Onde encontrar:

Livros:

- CASCUDO, Luis da Câmara (2001). *Geografia dos Mitos Brasileiros*. São Paulo: Global.
- FERREIRA, Elita (2007). *A Cumade Fulozinha -A caipora*. Ilustrações Paulo Rocha. 3. ed. Recife: Bagaço.
- LOPES NETO, J. Simões (2001). *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Porto Alegre: L&PM Editores S/A.
- LINS E SILVA, Maria José Borges (1987). *Lendas e Fatos Pitorescos (Fernando de Noronha)*. Recife: Projeto Esmeralda / UFPE / TFFN, Instituto Nacional do Livro.

Sites:

- www.orecifeassombrado.com.br
- www.rbb.hpg.ig.com.br/gauc/gauc26.txt
- <http://www.amazonia.com.br/folclore/lendas.asp>
- www.terrabrasileira.net/folclore/regioes/3contos/curupira.html
- <http://sitededicadas.uol.com.br/orbita.starmedia.com/~ocoveiro/Fulozinha.htm>
- <http://www.terrabrasileira.net/folclore/regioes/centro/contocent.html>
- <http://www.memoriaviva.com.br/cascudo/index2.htm>

LENDAS NA SALA DE AULA: RESGATANDO A CULTURA POPULAR

Lenda

1º ciclo do Ensino Fundamental (5ª e 6ª séries)

Eixos de ensino	Passo-a-passo	Material didático	Observações
Oralidade	<p>1º momento: Distribua, com cada aluno, o título de uma lenda, como: <i>Cumadre Fulozinha, O encontro com o Papa-Figo, Mula-sem-cabeça, À noite com a Perna Cabeluda, Negrinho do pastoreio e O boto Amazônico</i>. Peça para que os alunos se agrupem de acordo com o título recebido. Após os agrupamentos, pergunte se os alunos conhecem a história do título recebido e peça que falem um pouco a respeito para seus colegas de grupo. Após alguns minutos, um componente da equipe comenta sobre a lenda para toda a sala.</p>	Tarjetas em cartolina com títulos de lendas	<p><i>O número de aulas necessárias nesta seqüência é variável. Dependerá do número de alunos na turma e do ritmo de trabalho deles.</i></p> <p>Se preferir, trabalhe com lendas da sua região também.</p> <p>Nesse primeiro momento, é interessante não ressaltar o nome do gênero, para que eles descubram. Essa é uma estratégia que permite ao leitor levantar hipóteses sobre o gênero que será trabalhado.</p>
Leitura	<p>2º momento: O professor distribui, com cada grupo, a lenda correspondente ao título recebido, mas informa que ela está embaralhada, e que partes da lenda estão espalhadas nas outras equipes. Um componente de cada equipe deve visitar os outros grupos a fim de entregar partes que não pertencem a sua lenda e coletar as que faltam do seu grupo.</p>	Lendas “fatiadas” e embaralhadas em envelopes (ver anexos 1 a 6)	<p>Você pode “fatiar” as lendas pelos parágrafos: cada “fatia” é um parágrafo.</p> <p>É importante garantir que só um aluno de cada equipe visite os outros grupos, para melhor organização da atividade. Uma possível variação é não avisar que as lendas estão embaralhadas. Ao tentar montá-las, os alunos perceberão. Nesse momento, questione o que os fez notar que há trechos de outras lendas misturados à lenda de cada grupo.</p>
Leitura Oralidade	<p>3º momento: Montadas as lendas, um integrante da equipe irá lê-la. Compare a ordem dada pelos alunos às lendas originais (ver anexos). Compare também as respostas dadas pelas equipes no primeiro</p>	Lendas montadas (ver anexos)	Essa atividade permite a checagem dos conhecimentos prévios sobre o gênero levantados pelos alunos no primeiro momento da nossa seqüência, comparando-

	<p>momento dessa seqüência com a lenda recebida. Pergunte ao grande grupo qual a equipe que mais se aproximou do texto original. Só então pergunte:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Vocês leram um conto de fadas? Por que não? - Como se chama esse texto que vocês leram? <p>Sistematize, num cartaz ou painel, o primeiro olhar dos alunos, suas primeiras descobertas sobre as lendas</p>	<p>Cartolinas para o cartaz Hidrocor</p>	<p>os com o que mostram as lendas originais. Como forma de sistematizar as informações sobre o gênero lendas, elabore um cartaz e, a cada caracterização feita, complemente-o. Esses dados servirão para tornar visível o que os alunos já compreenderam sobre o gênero, bem como para orientá-los posteriormente na sua produção oral e escrita.</p> <p>O cartaz poderá ser chamado de “Lendas da Nossa Cultura”. Se preferir, monte um painel maior, a ser construído com a caracterização do gênero, com ilustrações de personagens e com exemplos de lendas.</p>
<p>Leitura Oralidade Análise Linguística</p>	<p>4º momento: Além de verificar o grupo que mais se aproximou da lenda original, lance mais perguntas como forma de caracterização do gênero lenda e sistematize as informações no cartaz “Lendas da Nossa Cultura”. Algumas perguntas possíveis são:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Há algo em comum nos personagens dessas lendas? ▪ Há fatos estranhos, sobrenaturais, nas lendas? Quais? ▪ Há alguma situação de punição ou castigo de um personagem por uma atitude errada? ▪ Etc. 	<p>Lendas (anexos 1 a 6) Cartaz “Lendas da nossa cultura” Hidrocor</p>	<p>Após a caracterização por parte dos alunos, complemente o cartaz com as características que faltarem. No anexo 7, há algumas sugestões de características, para que você “traduza” numa linguagem compreensível aos alunos.</p>
<p>Análise linguística Leitura Oralidade</p>	<p>5º momento: A partir da caracterização que se encontra no cartaz, informe aos alunos que muitas lendas têm como objetivo maior criar suspense e causar medo nos leitores/ouvintes. Então, pergunte se as lendas lidas anteriormente pelos grupos cumprem essa função. Aprofunde a discussão, indagando sobre que trechos e termos - expressões adjetivas, adverbiais, etc. - ajudaram a criar essa atmosfera de suspense e terror</p>	<p>Quadro de giz Cartaz “Lendas da nossa cultura” Hidrocor</p>	<p>Os alunos devem perceber que “assustar” não é a única função da lenda. Ela também traz reflexões sobre um julgamento moral ou uma punição.</p> <p>A atividade de contação evidenciará para os alunos como cada gênero exige estratégias de leitura distintas.</p>

	<p>Caso a lenda lida por um certo grupo não tenha essa característica, pergunte para que essa lenda foi criada. Anote, no cartaz, essa outra característica da lenda, sua função de assustar o leitor/ouvinte.</p> <p>Comece a contar, sem o auxílio do texto escrito, uma lenda com que você esteja familiarizado. Essa familiaridade é essencial, pois, para contar uma história com emoção, precisamos tê-la internalizada. Lembre-se da expressividade gestual e vocal na hora da contação.</p> <p>Após sua contação, pergunte a diferença entre a leitura feita pelos alunos no início da seqüência e na sua contação. Anote no cartaz de sistematização.</p>		<p>No momento da contação, faça uso expressivo de recursos extralingüísticos como gestos, entonação, tom de voz e pausas.</p> <p>Possivelmente, eles ressaltarão que, na contação, recursos como a entonação, os gestos, a expressão facial entre outros, foram utilizados, e esse é o objetivo maior da atividade.</p>
Leitura oralidade	<p>6º momento:</p> <p>Peça que os alunos releiam silenciosamente a lenda do seu grupo como preparação para a posterior contação. Informe que não será possível ter o texto escrito como suporte no momento da contação, por isso é preciso ter a história “em mente”, mesmo sem memorizar o texto por completo. Após a contação, a turma escolhe, numa eleição por aclamação, o melhor contador da turma. O professor pede para que os alunos, como atividade de casa, perguntem aos seus familiares outras lendas. Eles devem ouvir as lendas e recontá-las em sala na aula seguinte.</p>	Lendas (anexos 1 a 6)	<p>Informe à turma que o melhor contador será o que utilizar melhor os gestos, a expressão facial e a entonação da voz no momento da contação, imprimindo suspense, surpresa, medo, alegria, de acordo com a lenda narrada.</p> <p>Essa é uma pesquisa que tem como eixo a tradição oral. Os alunos escutarão outras lendas e contarão na sala, sem registro escrito, nesse momento.</p>
Oralidade	<p>7º momento:</p> <p>Inicie a aula com a apresentação dos alunos sobre as lendas pesquisadas e complemente no cartaz alguma nova característica da lenda que surgir. Aproveite para confirmar, com a reflexão sobre as lendas ouvidas, alguma característica já anotada no cartaz. Após as apresentações, peça para que os alunos se organizem com o mesmo grupo do início da seqüência.</p> <p>Mostre uma caixa e pergunte aos alunos o que tem dentro dela. Após alguns minutos, abra a caixa e mostre que tem apenas</p>	Cartaz “Lendas da nossa cultura” “Caixa de contação” (para guardar os objetos)	<p>Na caixa da “contação” qualquer objeto pode ser colocado: de um óculos velho a uma caixa de remédio. Use a imaginação e o que estiver acessível, tudo vale! Essa estratégia didática introduz o elemento lúdico na produção das lendas.</p> <p>Relembre aos alunos que as lendas são parte da tradição popular oral e, portanto, muitas vezes, são apenas contadas oralmente.</p> <p>No momento da contação da lenda a partir</p>

	<p>alguns objetos. Peça para que cada equipe tire dois objetos da caixa e os segure. Se forem 5 grupos, a caixa deve conter 10 objetos. Recolha os objetos, coloque-os em cima de sua mesa e informe que cada grupo irá contar uma lenda de encantamento a partir do seguinte início:</p> <p><i>Reza uma lenda que uma jovem, ao completar 15 anos,...</i></p> <p>Para dinamizar essa atividade, os alunos devem completar a lenda utilizando os objetos selecionados. Diga que o último objeto a ser introduzido na história deve ajudar a “quebrar” o encanto da lenda. Se o objeto for o espelho, por exemplo, ele deve ajudar de alguma forma, a jovem se libertar do encanto.</p> <p>Saliente, para os alunos, que as lendas criadas serão contadas para toda a sala, oralmente.</p>		<p>de objetos, é importante que haja progressão no texto, e que os pontos clássicos de organização do texto (início, meio e fim) sejam respeitados.</p> <p>Para evitar que a lenda criada fique artificial, é preciso que os objetos escolhidos por você ajudem a compor uma lenda, ou seja, permitam criar um clima de suspense. Esses objetos podem remeter a personagens típicos de lendas, como flores artificiais, lembrando “Cumadre Fulozinha”, entre outros.</p>
Oralidade	<p>8º momento:</p> <p>Criada a história pelos grupos, antes do momento da contação, reserve algum tempo para cada equipe “ensaiar” a contação da lenda. É o momento de observar se o contador, de fato, reteve a história, se está usando adequadamente recursos expressivos, etc.</p> <p>Depois, o contador escolhido por cada equipe narra a lenda. Ao final, a turma elege a história mais assombrosa e original e o melhor contador.</p>	História criada pelos grupos	<p>É necessário relembrar os elementos constitutivos de uma contação de história, como o uso dos gestos, da entonação etc.</p> <p>No momento da contação, o ambiente na sala deve ser de silêncio atento</p>
Leitura Análise lingüística	<p>9º momento:</p> <p>Entregue a lenda “O encontro com o Papa-Figo” a todas as equipes. Peça para que cada aluno faça a leitura silenciosa e identifique:</p> <p>Onde ocorreu o fato e quando?</p> <p>Como o problema foi resolvido?</p> <p>A solução surgiu pelos caminhos “normais”? Por quê?</p> <p>O que há de sobrenatural na lenda?</p> <p>Como são descritos os personagens? Essa descrição ajudou a criar suspense?</p> <p>A palavra “possivelmente” expressa certeza ou incerteza?</p>	Cópias da lenda “O encontro com o Papa-Figo” para toda a turma	<p>Neste momento, poderá ser feita a reflexão sobre expressões adverbiais de tempo (<i>então, aí, depois</i>, etc.), de espaço (<i>nas ruas, na mata, em casa</i>, etc.) que permitem a progressão da história. É interessante que os alunos descubram a função textual desses elementos.</p> <p>Outra possibilidade é refletir sobre a variação lingüística a partir da lenda, identificando as formas populares como traço típico de uma comunidade.</p>

	<p>O que quer dizer a expressão “mal das pernas?”</p> <p>Após algum tempo, promova a discussão sobre o que foi solicitado aos alunos, resgatando a importância daqueles elementos no texto. Pode sistematizar no quadro.</p> <p>Aproveite para refletir sobre as variedades <i>figo/figado</i>; <i>sinhô/senhor</i>, <i>vêio/velho</i>; <i>cumade/ cumadre/ comadre</i>; escrevendo, no quadro, as duas formas e discutindo a representação da cultura popular na lenda através do uso de tal variedade lingüística.</p>		<p>Outras lendas podem servir para o mesmo tipo de reflexão (<i>Fulozinha/ Florzinha; cumade/comadre</i>). O importante é não cair na tentação de “corrigir” as lendas, do contrário, elas perderiam toda sua autenticidade como exemplares da cultura popular, que deve ser respeitada e valorizada tal como é.</p>
Escrita Leitura	<p>10º momento:</p> <p>Para aproximar mais as lendas do contexto de vida dos alunos, você vai explorar uma lenda urbana, surgida há apenas algumas décadas. Organize a turma em duplas e distribua a notícia “Lobisomem em Peixinhos”, publicada no jornal Diário de Pernambuco, sobre uma aparição no bairro de Peixinhos (Recife/PE).</p> <p>Solicite a leitura em voz alta da notícia e abra um debate sobre a veracidade do fato relatado na notícia.</p> <p>Após o debate, oriente os alunos para a produção de uma lenda, tendo como mote a aparição do lobisomem em Peixinhos. Remeta ao cartaz “Lendas de nossa cultura” para lembrar aos alunos as características a serem observadas no momento da produção.</p> <p>Ao final, recolha o material para a revisão dos textos, solicitando, posteriormente, a reescrita por parte dos alunos.</p> <p>As produções podem ser reunidas num livro, com ilustrações elaboradas pelos próprios alunos sobre o tema. Se você tiver optado por ampliar o cartaz de caracterização para um painel, as lendas produzidas também podem ser expostas nesse suporte.</p>	<p>Cópias da notícia “Lobisomem em Peixinhos” (anexo 8)</p> <p>Cartaz “Lendas da nossa cultura”</p> <p>Materiais diversos para a confecção do livro ou exposição em painéis</p>	<p>Não há problema se não houver consenso na turma sobre se é verdade ou não o fato narrado. Os seres lendários sobrevivem justamente porque não há como provar se eles existem ou não, tudo depende da crença ou da imaginação de cada um.</p> <p>No momento da revisão, é preciso você torne visível para os alunos a situação a ser revista, ou seja, se são elementos discursivos (adequação ao gênero lenda), textuais (coesão e coerência) ou lingüísticos (gramaticais, tais como ortografia, concordância verbal, etc.).</p>

Oralidade
Escrita

11º momento:

Para valorizar o aprendizado dos alunos no processo, proponha a contação das lendas para alunos de séries iniciais.

Outra possibilidade é sugerir a gravação em fita ou em CD das contações das lendas para entregar o material num Instituto de Cegos da cidade, para que as pessoas com deficiência visual tenham acesso a esse rico acervo. Nesse caso, oriente os alunos para as etapas:

- escolher um repertório variado e interessante de lendas;
- escolher os melhores contadores;
- providenciar os equipamentos necessários;
- realizar a gravação;
- elaborar a capa do CD, de preferência em Braille e na linguagem escrita convencional;
- organizar o encontro no Instituto de Cegos, com audição do CD e contação de lendas “ao vivo”.

Fita-cassete
ou CD para
gravação

Equipamento
para gravação
do CD ou da
fita

Materiais para
elaboração da
capa do CD
em Braille e
na escrita
convencional

É interessante que a produção do aluno tenha visibilidade, que circule, que tenha uma função social outra, para além da função escolar. Essa ação pode ressignificar o momento da produção escrita.

Anexos:

Anexo 1

Lenda do Boto Amazônico

Disponível em <<http://www.brasilfolclore.hpg.ig.com.br/boto.htm>>.

Acesso em 28 fev. 2008

Anexo 2

CUMADE FULOZINHA

Ela é descrita como uma caboclinha ágil, com olhos escuros e vivos, de longa cabeleira negra caindo pelas costas - cabelos lisos às vezes usados como chicote, às vezes para agarrar presas, como tentáculos. O maior folclorista brasileiro, o potiguar Luís da Câmara Cascudo, afirmou que a Comadre Flozinha - ou melhor "Cumade Fulôzina", como é chamada pelo povo - é um mito típico do Litoral e da Zona da Mata de Pernambuco, embora também seja conhecido na área canavieira de Alagoas. Os que tiveram um encontro com ela, testemunharam uma personalidade zombeteira; na maioria das situações era malvada; em alguns casos, prestimosa.

Sua principal diversão é fazer tranças difíceis de desemaranhar em crinas e caudas de cavalos ou em cabelos de meninos e meninas que vagam pelos matos depois de serem desobedientes com os pais. É agressiva com os caçadores que judiam dos animais ou que matam bichos por diversão e não para alimentar a família. O castigo para eles é a desorientação: a Cumade os faz ficarem perdidos por horas. Mas são os que entram na floresta e dizem em alto em bom som que não acreditam na Fulozinha que merecem a pior punição. Levam surras violentas sem saber de onde vêm os golpes.

Dizem ainda que a Cumade Fulozinha emite um assobio agudo sempre que está prestes a aparecer. Quando o assobio parece estar perto, é porque ela está longe; quando o som parece estar longe, é porque a Cumade está por perto. Incoerência só permitida a uma criatura mágica.

E você que mora numa grande cidade como o Recife, deve achar que está livre das travessuras da Cumade Fulôzina. Afinal, a tal assombração vive nas matas dos municípios do interior, dando susto nas "pessoas da roça", não é?

Não, não é bem assim. A menina encantada que reina nas "brenhas" de Pernambuco também parece estar no que restou da Mata Atlântica dentro da área da capital do Estado.

O Parque Dois Irmãos abarca quase 400 hectares de vegetação densa que envolve os alojamentos das centenas de animais de várias espécies que vivem no zoológico. Nos fins de semana, milhares de visitantes vão até lá para ver os bichos e passear nas trilhas abertas na floresta preservada. Isso durante o dia. À noite, quando tudo fica silencioso e sombrio, o lugar é tomado por fenômenos inexplicáveis e aparições misteriosas, segundo os funcionários da instituição.

É nessa hora que reina a Cumade Fulôzinha, que se diverte assustando as pessoas com "brincadeiras" sobrenaturais. Quem trabalha no parque garante que os animais percebem que ela está nas proximidades. Os cavalos que chegaram a ser criados no Dois Irmãos ficavam correndo de um lado para o outro dentro dos cercados depois do cair do sol. Não é para menos: os tratadores explicam que "alguém" fazia tranças nas crinas e nas caudas dos bichos – e essa é uma artimanha típica da Cumade. Outras vezes a "trela" é abrir as porteiras para deixar os cavalos correrem soltos. E, até hoje, os grandes felinos, mais sensíveis, soltam urros aterradores como se alguma coisa os ameaçasse durante a noite

Disponível em <http://www.orecifeassombrado.com/Lendas007.htm>.

Acesso em 28 fev. 2008.

Anexo 3

ENCONTRO COM O PAPA-FIGO

No século passado, em Recife, um senhor de família influente na sociedade, foi acometido de uma doença rara. Os sintomas se manifestaram e logo começou a ficar pálido e "mal das pernas". "Doença do sangue", diziam. Os poucos que o viram se assustaram. Os médicos não conseguiam prescrever medicação eficiente. Tornou-se ele recluso, deprimido, arisco. Uns mais supersticiosos diziam que possivelmente ele estava virando Lobisomem.

Quando as coisas pareciam sem solução, um negro velho, que ali

trabalhava como empregado, chegou para o senhor e disse: “o sinhô tem cura, mas tem que comer figo de criança nova. Se quiser eu saio pra caçar, o sinhô comerá os figo e brevemente ficará bom”. O próprio negro saiu pelas ruas dos subúrbios, com um saco nas costas, pegando meninos “mais gordinhos”. Quanto mais corados e sadios, melhor. Em muitos casos, crianças de colo eram raptadas, especialmente dos berços, e, às vezes, uma quantia de dinheiro era deixada lá.

Na casa grande, o figado era retirado e, pouco a pouco, com o remédio, o senhor foi melhorando até a cura completa.

Disponível em <http://www.orecifeassombrado.com/Historias013.html>.
Acesso em 02 nov. 2007.)

Anexo 4

Lenda da Mula-sem-cabeça. Disponível em
<http://www.brasilfolclore.hpg.ig.com.br/mulasemcabeça.htm>.
Acesso em 28 fev. 2008.

Anexo 5

Lenda do Negrinho do Pastoreio. Disponível em
<http://www.terrabrasileira.net/folclore/regioes/3contos/negrinho.html>.
Acesso em 28 fev. 2008.

Anexo 6

APERNA CABELUDA

Imaginá-la vai exigir muito da sua criatividade, caro leitor. A aparência da Perna Cabeluda rivaliza com a dos piores monstros materializados nos filmes americanos cheios de efeitos especiais. Segundo contam os que já tiveram o desprazer de conhecê-la pessoalmente, trata-se de uma perna, tão somente um membro humano inferior coberto de pelos asquerosos que parece ter vida própria e se desloca aos pulos.

Com se a visão do seu aspecto perturbador não fosse o bastante para gelar

qualquer coração, a Perna ainda costuma atingir as pessoas com poderosos chutes, golpes precisos que, na maioria das vezes, vão direto ao traseiro das vítimas. O boato sobre as aparições dessa assombração dantesca tomou conta do Recife na década de 70 do século passado e gerou muitos "causos". Leia alguns deles:

A PERNA E O OPERÁRIO

Jair era um sujeito pacato e batalhador. Morava com a mulher e cinco filhos numa pequena casa do bairro de Casa Amarela. Ganhava a vida como operário de uma fábrica e todos os dias saía cedo para não chegar atrasado ao local de trabalho, que ficava do outro lado da cidade. Para ir até lá ele tinha pegar um ônibus até o Centro, onde apanhava mais uma condução para atingir o destino pretendido. Quando Jair se despediu da esposa e dos meninos naquela manhã de segunda-feira no mês de agosto de 1975 não poderia imaginar que um episódio bizarro iria perturbar a sua rotina.

Ao chegar à fábrica, Jair logo recebeu a notícia dada pelo supervisor: naquela semana a produção tinha que ser ampliada e todos iriam fazer hora-extra. Isso garantiria mais dinheiro no fim do mês, mas também significava que operário só poderia retornar para o seu lar tarde da noite, quando diminuía a circulação de ônibus. Fazer o quê? “Manda quem pode, obedece quem tem juízo”, conformou-se Jair. Depois de uma jornada de labuta estafante, ele tomou um banho, trocou de roupa, pegou sua bolsa e iniciou a viagem de volta. Queria fazer o percurso no menor tempo possível, já que não tinha podido avisar à mulher que iria chegar bem mais tarde. Por certo ela já estava preocupada.

O primeiro ônibus até que não demorou a passar. Logo Jair estava no Centro do Recife, onde iria pegar o outro coletivo. Quando o operário desceu na parada, aproximava-se a meia noite. Naquele horário, só circulavam os “bacuraus”, ônibus noturnos bem menos freqüentes que os das linhas diurnas. Não havia jeito senão esperar. Jair aceitou a situação e sentou-se na calçada em frente à parada da Avenida Guararapes, munindo-se de toda a paciência possível.

E naquela noite o Centro da cidade estava “esquisito”. Um silêncio fúnebre tomava conta das ruas por onde nenhum vivente ousava passar. Jair estava só em meio a um labirinto de prédios enormes e sombras, só dissipadas em alguns pontos pela luz amarelada dos postes. De repente, até o

rio que corta o centro do Recife (o Capibaribe) serenou; as águas pareciam estar encolhidas, imóveis, a espera de um evento sobrenatural. Uma brisa gelada, estranha ao clima cálido da nossa região, fustigou o rosto do operário que sentiu um arrepio percorrer-lhe todo o corpo. Era o prenúncio de um encontro do qual ele não iria jamais esquecer.

Jair percebeu que não estava mais só. Alguém (ou alguma coisa) estava muito próximo às suas costas. Com medo do que iria ver, virou-se devagar. E o todo o temor do operário era justificado: bem juntinho a ele estava uma perna humana, ereta, sem nenhum corpo que a sustentasse, coberta de pêlos asquerosos. O pobre homem soltou um berro que ecoou entre os edifícios vazios, e levantou-se num salto da calçada onde estava sentado. Iniciou uma fuga desesperada pelo meio do asfalto, procurando escapular da horrenda visagem. Não percebeu que a Perna o perseguia aos saltos. Na ponte que liga a Avenida Guararapes à Avenida Conde da Boa Vista foi alcançado: levou um chute no traseiro que o fez gritar de pavor e correr ainda mais. Do medo tirou força sobre-humana para continuar a corrida, que só terminou na rua da sua casa, a muitos quilômetros do Centro.

Extenuado, Jair caiu desmaiado em frente à sua residência. Foi socorrido pela esposa com a ajuda de vizinhos. Recuperou-se do tremendo susto, mas ficou dias sem ir trabalhar e sem querer falar o que tinha acontecido. Quando finalmente voltou à fábrica, foi logo ao departamento pessoal para pedir um adiantamento. Comprou uma bicicleta: se encontrasse mais uma vez a Perna Cabeluda, teria mais chances de escapar de um chute.

APERNA E A MOÇA QUE GOSTAVA DE DANÇAR

Jacira tinha vinte e poucos anos e trabalhava como empregada doméstica numa residência do bairro de Campo Grande, no Recife. Nos fins de semana, depois do serviço, a moça vinda de uma cidadezinha do interior gostava de se maquiar, colocar um vestido novo e aproveitar a noite dançando nos bailes promovidos pelo Clube das Pás, tradicional ponto de encontro dos boêmios da cidade. Mas uma coisa a atormentava. Tinha lido no jornal e ouvido no rádio que uma tal Perna Cabeluda estava atacando as pessoas que circulavam a pé pelas ruas escuras.

O susto deveria ser muito grande. Uma perna pulando sozinha sem corpo! E mais: ela dava chutes dolorosos no traseiro das suas vítimas. Jacira estava ainda mais assustada com o boato porque umas amigas suas lhe disseram que a assombração tinha preferência por mocinhas como ela: bonitinhas, bem

arrumadas e que gostavam de freqüentar bailes sozinhas. "Mas só se eu virar 'crente' eu deixo a 'dança'", respondia com desdém a menina. Mas a coragem era só fachada. Por dentro ela tremia de medo só em pensar na Perna Cabeluda.

Mesmo amedrontada, Jacira terminou o serviço naquele sábado e começou o seu ritual para ir ao baile. Pôs batom, perfume, vestido vermelho, o sapato de salto alto e despediu-se da patroa, que recomendou cautela. Já que o clube não ficava longe, a moça foi a pé pelas ruas mal iluminadas. O relógio marcava 22h. Ao dobrar uma esquina, sentiu um arrepio: percebeu que estava sendo seguida. Apavorada, apressou o passo sem olhar para trás. O seu perseguidor, fosse o que fosse, também acelerou. O pânico foi aumentado até que a menina começou a correr e a gritar. Na noite deserta, não havia ninguém para socorrer-la.

Quando as pernas já davam sinais de cansaço, um poderoso chute a acertou em cheio no traseiro. Mesmo aterrorizada, ela ganhou forças para correr como uma louca, quebrando o salto dos sapatos novos. Correu em direção à casa dos patrões, onde chegou descabelada e chorando.

- Que foi que aconteceu, Jacira!

- É que eu tomei uma decisão na minha vida, patroa: amanhã mesmo vou abraçar a "lei dos crentes"!

Disponível em <http://www.orecifeassombrado.com/Historias008.html>.

Acesso em 28 fev. 2008. Adaptado.

Anexo 7

CARACTERÍSTICAS DA LENDA:

(LISTA PARA AUXÍLIO AO PROFESSOR; NÃO REPRODUZI-LA PARA OS ALUNOS)

- Texto narrativo curto que explica a existência e a funcionalidade de elementos da natureza.
- Número reduzido de personagens e de conflitos.
- Possibilidade de o ouvinte/leitor interagir com o mundo ficcional da lenda.
- Presença de seres sobrenaturais e divindades, muitas vezes, seres

humanos que passaram por transformações (encantos, maldições etc.).

- Narrativas que levam ao suspense, ao terror ou ao julgamento moral.
- Função de causar medo e criar suspense nos leitores/ouvintes.
- Punição aos destruidores da natureza e aos que desrespeitam os bons costumes

Anexo 8

LOBISOMEM DE PEIXINHOS

(Notícias) História ocorrida em um bairro de Olinda (PE)

Uma estranha criatura deixou apavorados os moradores de Peixinhos, em Olinda, há três décadas. As testemunhas descreveram um ser peludo e feroz com todas as características de um verdadeiro lobisOMEM. As autoridades policiais se apressaram em dizer que não passava de um maníaco sexual disfarçado. O fato é que o caso nunca foi esclarecido. Tire, então, as suas próprias conclusões. A seguir, duas notícias sobre o assunto publicadas em agosto de 1978 pelo Diário de Pernambuco:

LobisOMEM assusta morador de Peixinhos. Uma figura estranha há vários dias vem inquietando as famílias residentes em Peixinhos, notadamente na localidade conhecida como Cabo Gato (formada há mais ou menos 60 anos). A polícia do distrito está mobilizada para pegar o "bicho" e várias investidas já foram feitas sem nenhum resultado positivo. A informação foi do agente chefe José Alves, do 13º distrito que disse ter sido cientificado que o lobisOMEM só aparece quando vê mulheres, razão pela qual os agentes estão se preparando para colocar mulheres como isca ou então usarem disfarces com roupas femininas a fim de atraírem o ser misterioso.

Perseguidos: Terça-feira à noite quando retornavam de uma sessão espírita em Aguazinha, as domésticas Creusa Maia da Conceição e Eunice Oliveira da Cruz, ao passarem por Cabo Gato, ouviram "um urro estrondoso saindo de um matagal" e, em seguida aparece "uma figura horripilante, que nos perseguiu por mais de cem metros, somente desapareceu quando

gritamos e fomos socorridas por vários rapazes que bebiam em uma barraca". O fato foi levado ao conhecimento do delegado Paulo Malheiros e do agente José Alves, que diz não ter medo do bicho-papão e ficou encarregado de agarrar o "animal". Até ontem, ele não foi visto ainda pelos policiais que esperam colocá-lo na jaula especial do 13o Distrito, que está de portas abertas à sua espera.

Disponível em http://www.orecifeassombrado.com.br/new/_arquivo/arq-lobpei.asp.
Acesso em 17 jun. 2007.

MUITO PRAZER, O POEMA

Poema

2º ciclo do Ensino Fundamental (3ª e 4ª séries)
Djario Dias de Araújo

Objetivo geral: experimentar a leitura de fruição de poemas, analisá-los em relação aos seus efeitos de sentido e produzi-los para expressar-se subjetivamente.

Objetivos específicos

As atividades propostas permitem aos alunos:

- entrar em contato com poemas diversos, reconhecendo-os como expressão da subjetividade de quem escreve;
- selecionar poemas de que gostem para ler, inclusive expressivamente;
- perceber como os recursos não-verbais (entonação, pausas, ritmo, expressão facial, gestos) usados na leitura expressiva de poemas são importantes no processo de (re)construção de sentidos;
- desenvolver a expressão oral, especialmente em situações de declamação de poemas;
- usar pistas textuais para (re)construir interpretações possíveis na leitura de poemas;
- observar a organização estrutural do poema (estrofes e versos) como recurso importante na construção dos sentidos e na condução da leitura a ser feita;
- perceber recursos lingüísticos comuns em poemas, como as rimas, o ritmo, o uso de metáforas;
- produzir e revisar poemas a partir das orientações dadas, respeitando o processo criativo individual de cada aluno.

**ESTE TEXTOS SE DESTINA A FORNECER INFORMAÇÕES BÁSICAS SOBRE O GÊNERO PARA O PROFESSOR.
NÃO DEVE SER USADO COM OS ALUNOS.**

Caro professor:

Definir o gênero poema não é tarefa das mais fáceis. Podemos arriscar dizendo que encontrar uma definição para esse gênero pode não atender às necessidades do trabalho com poemas nas aulas de língua materna. Mais importante que defini-lo é levar o aluno a gostar de ler poemas. Mas, primeiramente, é preciso desfazer um equívoco muito comum: tomar *poema* e *poesia* como se fossem a mesma coisa. A *poesia*, tomada como “uma manifestação cultural, criativa, expressiva do homem” (Assis Brasil, 1979), pode estar presente em qualquer obra de arte: um poema, um conto, um romance, uma pintura, uma música. Já o *poema* é um gênero que materializa pontos de vista sobre o mundo através da expressão poética.

Pode-se dizer que o poema se distingue dos textos literários em prosa, essencialmente pela disposição do texto na página. Em vez de se distribuir em parágrafos, ocupando as linhas até o fim, apresenta-se em versos, e cada um deles assume a extensão desejada pelo poeta para imprimir um certo ritmo durante a leitura do texto. Mas não é o aspecto formal dos poemas a sua face mais fascinante, tampouco a mais importante para explorá-los nas aulas de língua materna. De fato, o objetivo didático de “ler e produzir com prazer” deve ser a máxima quando trabalhamos com poemas na esfera escolar. Assim, é preciso criar um clima propício à expressão artística, em que o aluno se sinta convidado, estimulado a produzir poemas. Além disso, a leitura expressiva e a consideração dos poemas como textos passíveis de mais de uma interpretação devem ser a base metodológica para seu uso nas aulas de língua portuguesa.

Como qualquer texto literário, o poema lança um olhar especial sobre a realidade, recriando-a. Composto, normalmente, em versos, que podem ser

agrupados em duas ou mais estrofes, o poema tem, entre suas bases de construção, o ritmo, a musicalidade. Portanto, encontraremos, em muitos poemas, rimas, aliterações e um cuidado com a extensão dos versos, tudo para imprimir um certo ritmo. É bastante comum, ainda, o uso de metáforas, onomatopéias e neologismos, pois, no domínio literário, a liberdade no uso da linguagem serve à criação e à expressão artística do autor. Assim, é preciso lembrar que todas essas características buscam atender ao propósito de expressar um ponto de vista, um sentimento, uma sensação, uma impressão, uma idéia, e isso de um modo único para cada poema.

A singularidade é outra característica do poema, pois o poeta, muitas vezes, enxerga algo especial, no que há de mais cotidiano, de mais comum. E é isso que distingue o olhar poético de um olhar comum. Quando Mário Quintana diz que “A mentira é uma verdade que esqueceu de acontecer”, ele lança um outro olhar sobre a mentira, normalmente vista como algo negativo. Nessa frase, ele expressa uma visão muito mais terna e singela sobre o que seja a mentira. É preciso sensibilizar os alunos para apreciar esse olhar poético, de modo que se interessem cada vez mais pelo gênero e o leiam com prazer.

Do mesmo modo, o trabalho cuidadoso com a linguagem é outra característica essencial dos poemas. Cada palavra usada, cada comparação, cada palavra inventada, cada sinal de pontuação, a extensão e a disposição de cada verso na página, tudo isso tem relevância, tem uma razão de ser. Assim, no eixo da produção, a intervenção do professor no poema produzido pelos alunos deve ser apenas do ponto de vista gramatical (ortografia, concordância, etc.). O professor não deve sugerir mudanças no texto, na seleção vocabular, já que o poema é expressão da subjetividade de quem o escreve. Portanto, não há palavras mais adequadas para um certo poema, a não ser do ponto de vista de quem o produziu. No dizer de Octávio Paz: “*O poema é feito de palavras necessárias e insubstituíveis*”. Isso significa que o poeta escolhe certas palavras e não outras para dizer o que pretende, o que pensa, para expressar sua emoção, seus sentimentos. Não cabe, portanto, mudar o texto do aluno; pode-se apenas sugerir que o aluno revise o seu poema e observe se mudaria alguma coisa, seja uma palavra, uma rima ou a extensão de um verso.

Vale lembrar que os poemas são feitos não só para serem lidos silenciosamente, mas também para serem ouvidos, para serem declamados. Na declamação, entram em cena recursos não-verbais essenciais para a produção de sentido do gênero: a entonação, que revela emoção; a ênfase em algumas palavras, a expressão facial e os gestos, as pausas. Apreciar o poema declamado e envolver-se na sua atmosfera cria um cenário favorável ao desenvolvimento do gosto pela leitura/escuta desse gênero. Isso é particularmente importante no caso de crianças, que costumam gostar de brincar com as palavras e de perceber o lúdico nos textos. Do mesmo modo, estimulá-las a ler expressivamente não só poemas de outros autores, mas também os próprios poemas, é uma estratégia válida para ajudá-las a se perceber como autores, que são capazes de externar sua subjetividade: o que pensam, o que sentem, o que desejam, o que podem provocar nos interlocutores. Ao mesmo tempo, isso também ajuda a desenvolver as habilidades orais de escuta compreensiva (ao ouvir a declamação) e de expressão oral (ao declamar). Assim é que as atividades de leitura expressiva de poemas são fundamentais para a criação do gosto pela leitura desse gênero.

Especialmente a partir dos anos 60, no Brasil, os poemas têm assumido novas configurações. O uso de diferentes recursos gráficos, como cores, tamanhos e tipos de letra, além da criação de desenhos com o texto do poema (ver o texto *Canção para ninar gato com insônia*, de Sérgio Caparelli, no anexo 5) são algumas tendências. São os chamados poemas visuais, que, no meio digital, se unem a imagens em movimento e a sons. Esses poemas podem atrair bastante a atenção das crianças, pois brincam com novas possibilidades de interação com o leitor/ouvinte. cremos que vale a pena, portanto, investir na exploração desse tipo de poema em turmas do 1º e 2º ciclo do ensino fundamental (1ª a 4ª série). É preciso salientar que os poemas voltados para crianças, foco desta seqüência, não são mais “simples” que os poemas destinados aos adultos, não são menos relevantes do ponto de vista literário. Na verdade, eles revelam o mesmo trabalho cuidadoso com a linguagem, a mesma força criativa dos poemas escritos para adultos.

Se deseja cultivar, em seus alunos, o gosto pela leitura, estimule o fascínio das crianças pelos poemas, para que elas possam sempre dizer: *Muito prazer, o poema.*

Para saber mais:

- BERALDO, Alda (1990). *Trabalhando com poesia*. v. 1 e 2 ed. São Paulo: Ática.
- BRASIL, Assis (1979). *Vocabulário técnico de literatura*. São Paulo: Tecnoprint.
- CAMARGO, Luís. A poesia infantil no Brasil. Disponível em <<http://www.blocosonline.com.br/literatura/prosa/artigos/art021.htm>>. Acesso em 05 set. 2007.
- LYRA, Pedro. *Conceito de Poesia* (1986). São Paulo: Ática.
- MENEZES, Sônia Maria dos Santos. *Poesia e infância*. Disponível em <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/infancia/D_poesia.html>. Acesso em 05 set. 2007.
- MICHELETTI, Guaraciaba (2000). *Leitura e Construção do Real: o lugar da poesia e da ficção*. 4ª ed. Coleção Aprender e Ensinar com texto, v. 4. São Paulo: Contexto.
- PINHEIRO, Hélder (2002). *Poesia na sala de aula*. 2ª ed. revista e ampliada. João Pessoa: Idéia.
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Poema>

Onde encontrar:

Livros:

- CAPPARELLI, Sergio e GRUSZYNSKI, Ana Cláudia (2003). *Poemas para crianças*. Porto Alegre: L&PM Editores.
- MEIRELLES, Cecília (2002). *Ou isto ou aquilo*. São Paulo: Nova Fronteira.
- MORAES, Vinícius de (1991). *A arca de Noé*. 18ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- PAES, José Paulo (2000). *Poemas para Brincar*. São Paulo: Ática.

Sites:

- <http://www.blocosonline.com.br/literatura/poesia/pinf/pinf.htm>
- <http://www.capparelli.com.br/>
- http://www.crmariocovas.sp.gov.br/inf_1.php?t=001
- <http://www.culturapara.art.br/opoema/opoema.htm>
- <http://www.jornaldepoesia.jor.br/infan.html>
- <http://www.revista.agulha.nom.br/infan01.html>
- <http://www.sobresites.com/poesia/>

MUITO PRAZER, O POEMA

Poema

2º ciclo do Ensino Fundamental (3ª e 4ª séries)

Eixos de ensino	Passo-a-passo	Material didático	Observações
<p>Leitura</p> <p>Oralidade</p>	<p>1º momento:</p> <p>Arrume a sala expondo poemas diversos nas paredes da sala, nas cadeiras, no quadro, no mural, em envelopes espalhados. Peça que os alunos circulem livremente, lendo os poemas.</p> <p>Após algum tempo, peça que alguns alunos leiam o poema de que mais gostaram, que mais lhes chamou a atenção. Permita que os alunos justifiquem suas escolhas.</p> <p>Pergunte aos alunos que espécie de texto eles leram. Uma notícia? Um poema? Uma receita? Enfatize, então, que eles irão iniciar uma “viagem” no mundo dos poemas.</p> <p>Peça que os alunos voltem aos seus lugares. Então, faça uma leitura pouco expressiva de um dos poemas, ou seja, usando um tom de voz sem entusiasmo, sem ressaltar nenhuma parte específica do texto. Logo após, faça a leitura expressiva desse mesmo poema, usando a entonação adequada, a ênfase em algumas palavras, a expressão facial e os gestos, as pausas, etc. Pergunte então qual a diferença entre as duas leituras realizadas, qual delas chama mais a atenção de quem escuta, de qual eles mais gostaram.</p>	<p>Poemas diversos afixados nas paredes da sala, no mural, et.</p>	<p><i>O número de aulas necessárias nesta seqüência é variável. Dependerá do número de alunos na turma e do ritmo de trabalho deles.</i></p> <p>Esse primeiro momento se destina a uma leitura de fruição, de prazer, de descoberta. Por isso, a seleção de poemas lúdicos, que “brinquem” com as palavras, que tratem de temas interessantes para essa faixa etária, que despertem a atenção das crianças é essencial para o sucesso das atividades neste momento. Nos anexos, há algumas sugestões e indicações bibliográficas.</p> <p>Se possível, arrume a sala na ausência dos alunos, para causar maior impacto quando eles chegarem. Use letras em tamanho grande para possibilitar a leitura dos poemas afixados nas paredes. Outra sugestão é usar papéis coloridos. A leitura expressiva de poemas é fundamental para a criação do gosto pela leitura desse gênero. A entonação adequada, a ênfase em algumas palavras, a expressão facial e os gestos, as pausas, tudo isso ajuda a construir o sentido de um poema e deve ser explorado em sala de aula. Durante a seqüência de aulas, é interessante que os poemas permaneçam afixados, deixando espaço para os poemas trazidos pelos alunos e, posteriormente, produzidos por eles.</p>

<p>Leitura Oralidade</p>	<p>2º momento: Divida a sala em grupos e oriente para que eles elejam um colega do grupo para fazer a leitura expressiva do poema selecionado. Dê algum tempo para uma espécie de ensaio, para que eles se preparem. O grupo deve ajudar quem vai declamar, sugerindo eventuais mudanças. O importante é que os alunos sejam sensibilizados para a importância desses recursos não-verbais na leitura de poemas. Pergunte então se alguém conhece algum outro poema e se gostaria de dizer (declamar) ou ler para os colegas. Oriente para que eles tragam poemas de que eles gostem na aula seguinte.</p>	<p>Cópia dos poemas escolhidos</p>	<p>É importante que você visite os grupos, ouvindo os ensaios da declamação para orientá-los quanto à leitura expressiva. Com a colaboração do grupo, ajude-os a perceber qual a melhor entonação, onde poderia haver uma pausa, se algum gesto caberia em certo momento do poema, etc. Se necessário, oriente os alunos para consultarem livros didáticos, a biblioteca da escola ou o acervo de livros disponível em salas ou “cantinhos” de leitura.</p>
<p>Leitura</p>	<p>3º momento: Antes de iniciar a leitura dos poemas trazidos, peça que os alunos façam um desenho que represente o poema escolhido. Então, cada aluno, na frente da sala, apresenta o seu desenho e pergunta aos colegas de que fala o poema. Depois que a turma levantar algumas hipóteses, o aluno lê o poema, expressivamente. Afixe os poemas trazidos pelos alunos no painel “Poemas de que eu gosto”.</p>	<p>Poemas trazidos pelos alunos.</p>	<p>Crie um painel para os poemas a serem trazidos pelos alunos ao longo da sequência, que pode ser intitulado “Poemas de que eu gosto”. Isso estimulará os alunos a contribuírem com o acervo da sala, valorizando o repertório de cada um.</p>
<p>Leitura Oralidade</p>	<p>4º momento: Pergunte aos alunos o que é um poema. Anote no quadro algumas repostas. Depois inicie lendo apenas o título do poema “Convite”, de José Paulo Paes, e pergunte qual o possível assunto do texto. Para instigá-los a ampliar a discussão sobre o que seria um poema, leia expressivamente o texto de José Paulo Paes, enquanto os alunos apenas ouvem a declamação. Peça que eles opinem sobre o que o texto afirma a respeito do poema e compare com as respostas dadas pelos alunos.</p>	<p>Cópias do poema “Convite” (anexo 1)</p>	<p>Se desejar, escreva, no centro do quadro, a pergunta “O que é um poema?”, e escreva, em volta dessa frase, as respostas dadas pelos alunos. O objetivo dessa atividade não é chegar a uma definição precisa do que é poema, mas sim possibilitar que os alunos reflitam a respeito. Menos ainda se deseja passar a impressão de que o conceito do autor é melhor, mais correto</p>

			<p>ou mais completo do que as definições das crianças. Esteja atento ao fato de que alguns alunos poderão se restringir à forma para definir poema, com intervenções do tipo “É um texto em versos”. Ajude-os a ir além dessa definição, perguntando sobre por que os poemas são escritos, de que eles falam, para que servem. O que se pretende é que o aluno tenha a oportunidade de dizer o que pensa ser um poema.</p> <p>Se quiser ampliar esse trabalho, faça uso de outros poemas sobre poesia, como “Poética”, de Cassiano Ricardo (disponível em http://www.fccr.org.br/cassiano/cartilha1.htm).</p>
Leitura	<p>5º momento: Elabore algumas perguntas para trabalhar a compreensão do texto lido. Perguntas possíveis são “O que é brincar com as palavras?”; “Por que o autor afirma que as palavras não se gastam?”. Discuta coletivamente as respostas dadas, lembrando que, mais importante que encontrar a “resposta certa”, é fundamental observar e valorizar as justificativas dadas pelos alunos.</p> <p>Aproveite, ainda, para adiantar um pouco o trabalho com as rimas, que será aprofundado no próximo momento. Pergunte se há palavras que rimam, ou seja, que “terminam com o mesmo som”. Escreva, no quadro, os pares de palavras que rimam, de modo que eles visualizem as palavras e percebam melhor o pedaço que rima. Pergunte se as rimas ajudam a tornar o poema interessante para o leitor e por quê.</p>	Cópias do poema “Convite” (anexo 1)	<p>É muito importante lembrar que o poema é um gênero mais aberto do que outros em relação aos sentidos. Em outras palavras, é sempre possível haver mais de uma interpretação para um poema, sem esquecer que há limites para essa leitura.</p> <p>Aproveite para lembrar-lhes que existem também poemas sem rimas, muito interessantes e com o mesmo valor que os demais. Se desejar, leve alguns exemplos para a sala e leia para eles.</p>
Leitura/ Oralidade	<p>6º momento: Divida a turma em pequenos grupos e entregue a cada um o poema “A bailarina” de Cecília Meireles, lacunado. Deixe lacunas para as seguintes palavras do poema: BAILARINA – PÉ – CÁ – SORRI – LUGAR – CÉU – BAILARINA – CRIANÇAS.</p>	Cópias do poema “A bailarina” (lacunado) (anexo2)	<p>Qualquer outro poema pode ser utilizado nessa atividade. O importante é que a atividade não se resuma a um mero preenchimento de lacunas em busca da rima. É preciso ter o cuidado de não</p>

	<p>façam sentido no texto e que rimem com o que está em cada estrofe.</p> <p>Depois de algum tempo, sistematize ,no quadro, as respostas, fazendo listas das palavras escolhidas para cada estrofe. Discuta com eles se as palavras escolhidas deixaram o texto coerente e se rimam com o final do verso anterior. Se necessário, discuta com eles o que caracteriza a rima: mesmo som no final de palavras, o que se reflete na grafia igual ou semelhante; geralmente as rimas recaem sobre as palavras do fim dos versos; o ritmo criado pelas rimas.</p> <p>Compare as respostas dos alunos com a versão do autor. É possível que os alunos considerem que “erraram” se sua resposta não coincidir com a do autor. Esclareça que a atividade não é de adivinhação, mas se destina a fazê-los atentar para as rimas e para o sentido do texto, testando algumas possibilidades.</p>		<p>“esquecer” a leitura do poema para realizar apenas um trabalho formal. É essencial promover a interação com o que diz o texto, com seus sentidos.</p>
<p>Leitura Análise lingüística</p>	<p>7º momento: Distribua as cópias do poema original e solicite a leitura silenciosa, observando em quantas estrofes o poema está dividido. Promova uma discussão sobre por que o poema se divide em estrofes, se isso facilita a leitura. Caso seja necessário, lembre o conceito de estrofe para os alunos. No poema estudado, cada estrofe apresenta uma habilidade da bailarina e os alunos devem chegar a essa conclusão.</p> <p>Finalmente, promova a leitura expressiva feita pelos alunos, lembrando a eles o que é necessário para uma leitura adequada. Se desejar, faça um jogral dividindo a leitura por estrofes.</p>	<p>Cópias do poema “A bailarina” (anexo 2)</p>	<p>O objetivo dessa atividade é explorar as estrofes não apenas do ponto de vista formal, mas como um recurso de organização do texto, das temáticas tratadas (cada estrofe apresenta uma habilidade da bailarina). As estrofes funcionam também como recurso organizador do texto, apontando para o leitor como o autor dividiu os tópicos no poema. No caso do poema “A bailarina”, para dar ritmo ao poema, a forma das estrofes se repete, mudando-se apenas algumas palavras.</p>

<p>Leitura</p>	<p>8º momento: Inicie com uma discussão retomando a temática do poema anterior: a bailarina. Algumas perguntas possíveis são:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ É possível um outro texto falar também de uma bailarina e, ainda assim, ser interessante? ▪ Se vocês fossem escrever sobre uma bailarina, o que fariam sobre ela? <p>Continue o debate já se referindo ao tema do texto que será estudado, lançando perguntas do tipo:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ A bailarina é mais bela e graciosa do que as pessoas comuns? Por quê? ▪ A bailarina tem defeitos ou é sempre bela e graciosa? <p>Distribua, então, com os alunos a letra da música <i>Ciranda da bailarina</i>, avisando que o texto trata, também, da bailarina, mas de um jeito um pouco diferente. Leia a letra da música, para que os alunos conheçam e, depois, cante com eles. Pergunte se gostaram ou não do texto, se ele é diferente do poema de Cecília Meireles e por que razão. Estimule-os a dizer como eles vêem a bailarina, o que diriam se fossem escrever um poema sobre ela.</p>	<p>Cópias do poema <i>Ciranda da bailarina</i> (anexo 3)</p> <p>CD de <i>O grande circo místico</i></p> <p>CD Player</p>	<p>O importante é que os alunos percebam que uma mesma temática pode ser abordada com diferentes pontos de vista e que os poemas são muito propícios para isso. Isso porque os poetas sempre são capazes de lançar um olhar especial sobre a realidade, enxergando novas facetas. Sensibilizar o olhar dos alunos para a criação poética é o objetivo das atividades desse momento.</p> <p>Se possível, leve o CD para a sala de aula, reproduza algumas vezes, até que os alunos possam cantar enquanto lêem a letra.</p> <p>Expressar seu ponto de vista sobre a bailarina é uma etapa de preparação para o momento posterior, quando os alunos deverão lançar um olhar diferente sobre um objeto de uso cotidiano.</p>
<p>Oralidade Escrita</p>	<p>9º momento: Explique que os alunos agora farão um poema, partindo de algo que lhes chame a atenção. Utilizando objetos disponíveis na sala de aula ou levando objetos e fotos de objetos e cenas, estimule os alunos a tentar enxergá-los de um jeito diferente do comum. Por exemplo, ao olhar para um lápis, pode-se pensar não só na sua função – a de escrever – mas em outras perspectivas: o fato de que ele acaba por causa do nosso trabalho; a árvore que morreu para que ele existisse; os sonhos expressos por poetas e escritores com a ajuda do lápis, etc. Deixe que os alunos escolham o objeto que desejem e discuta com toda a turma as possibilidades que surgirem. Valorize as tentativas dos alunos,</p>	<p>Objetos diversos e fotos de objetos e cenas</p>	<p>O objetivo da atividade é estimular um olhar poético sobre algo comum, aparentemente sem grandes atrativos. Esse olhar é parte do talento criativo dos poetas.</p> <p>É possível que alguns alunos sintam dificuldades nessa atividade. Ajude-os, instigando-os a ver objetos e cenas sob uma outra perspectiva e dizendo que eles podem fazer um ensaio de poema, quatro versos, por exemplo. Relembre que um poema não tem uma forma fixa, que não precisa ter rimas, que pois esse é um momento</p>

	<p>propício para vencer inibições. Visite os grupos e oriente os alunos, fazendo as intervenções formais no texto no momento em que eles estiverem produzindo. Na socialização, estimule cada um a ler seu próprio poema, de forma expressiva</p>		<p>tem uma forma fixa, que não precisa ter rimas, que os versos podem ser mais longos ou mais curtos, que pode ser dividido ou não em estrofes, etc. Afixe os poemas num mural de produções dos alunos.</p>
<p>Leitura Análise lingüística Escrita</p>	<p>10º momento: Avise aos alunos que eles irão conhecer poemas bem diferentes dos que eles já leram até então. Divida a sala em pequenos grupos e pergunte como eles escreveriam uma <i>Canção para ninar gato com insônia</i>? Após algum tempo, faça a socialização das possibilidades, anotando no quadro o que os grupos sugerirem. Então, apresente o poema <i>Canção para ninar gato com insônia</i>, de Sérgio Caparelli, em tamanho ampliado, para toda a turma. Estimule-os a tentar ler o poema e a descobrir que imagem eles vêem, por que razão, como o poeta imaginou essa canção, se há algum som que é imitado no poema, etc. Estimule-os a dizer se gostaram ou não do poema, justificando sua resposta. Distribua cópias dos <i>Poeminhas cinéticos</i>, de Millôr Fernandes. Explique que a palavra “cinético” tem a ver com movimento. Pergunte se eles percebem por que os poemas foram chamados de “cinéticos”. Depois, estimule-os a ler os poemas e dizer sua opinião. Diga que, agora, é vez de eles usarem a imaginação e criarem os seus próprios poemas visuais. Uma possibilidade para os alunos com dificuldades é explorar possibilidades com outros animais, um tema caro ao universo infantil. Questões da própria comunidade também podem ser um mote relevante.</p>	<p>Cópia ampliada do poema <i>Canção para ninar gato com insônia</i> (anexo 4)</p> <p>Cópias dos <i>Poeminhas cinéticos</i> (anexo 5)</p>	<p>Essa atividade visa trabalhar com o lúdico presente na poesia visual: o uso de imagens, formas e disposição na página para expressar o que se pretende. É mais uma oportunidade de estimular uma brincadeira com a linguagem.</p> <p>Outros exemplos de poemas visuais podem ser encontrados nos seguintes sites: http://www.poemavisual.com.br/html/pv.php http://www.blocosonline.com.br/literatura/poesia/pvvnvi/pv000000.htm http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_visual/poesia_visual.html</p>

11º momento:

A socialização dos poemas lidos e produzidos é uma etapa fundamental na criação do gosto pelo gênero. Assim, organize um recital de poemas de outros autores e dos poemas criados pelos alunos. Faça ainda uma exposição com os poemas visuais. Aproveite para convidar outras turmas da escola e também a família.

Cartolinas
para os
poemas a
serem
expostos

Cópias dos
poemas a
serem
recitados
pelos alunos

Aproveite para convidar outras turmas da escola e também a família. O convite pode ser feito em forma de poema e a turma poderá produzi-lo coletivamente.

Anexos:
Anexo 1

 **CONVITE** 

Poesia é
brincar com as palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião.

Só que
bola, papagaio, pião
de tanto brincar
se gastam.

As palavras não:
Quanto mais se brinca
com elas,
mais novas ficam.

Como a água do rio
que é água sempre nova.

Como cada dia
que é sempre um novo dia.
Vamos brincar de poesia?

PAES, José Paulo (2000). *Poemas para brincar*. São Paulo: Ática.

Anexo 2

Poema “*A Bailarina*”, de Cecília Meireles.
MEIRELES, Cecília (2002) *Ou isto ou aquilo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
Disponível em <http://aguaparacrianças.blogspot.com/>.
Acesso em 28 fev. 2008.

Anexo 3

 **CIRANDA DA BAILARINA** 

(Edu Lobo e Chico Buarque)

Procurando bem todo mundo tem pereba,
Marca de bexiga ou vacina
E tem piriri, tem lombriga, tem ameba
Só a bailarina que não tem
E não tem coceira, verruga, nem frieira
Nem falta de maneira ela não tem

Futucando bem, todo mundo tem piolho
Ou tem cheiro de creolina
Todo mundo tem um irmão meio zanolho,
Só a bailarina que não tem
Nem unha encardida, nem dente com comida
Nem casaca de ferida ela não tem

Não livra ninguém,
Todo mundo tem remela quando acorda às seis da matina
Teve escarlatina ou tem febre amarela
Só a bailarina que não tem

Medo de subir, gente
Medo de cair, gente, medo de vertigem quem não tem?

Confessando bem,
Todo mundo faz pecado, logo assim que a missa termina
Todo mundo tem um primeiro namorado
Só a bailarina que não tem

Sujo atrás da orelha, bigode de groselha
Calcinha um pouco velha ela não tem
O padre também pode até ficar vermelho
Se o vento levanta a batina

Reparando bem todo mundo tem pentelho
Só a bailarina que não tem
Sala sem mobília, goteira na vasilha
Problema na família, quem não tem?

Procurando bem...
Todo mundo tem...
Procurando bem...

LOBO, Edu e BUARQUE, Chico (1986). *O Grande Circo Místico*. Rio de Janeiro: Marola Edições Musicais Ltda. 1 long-play.

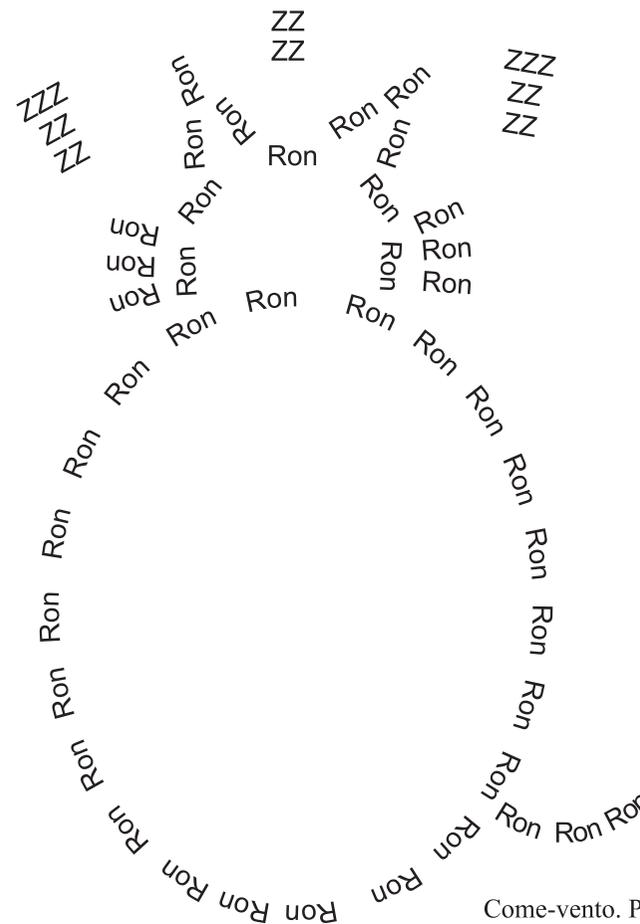


Anexo 4

CANÇÃO PARA NINAR

gato com insônia

(Sérgio Caparelli)



CAPARELLI, Sérgio (1988). *Come-vento*. Porto Alegre: L&PM Editores.

Anexo 5

Poema “*Poeminhas cinéticos*”, de Millôr Fernandes.
FERNANDES, Millôr (1980). *Literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação.
Disponível em <http://amorecultura.vilabol.uol.com.br/cinetico.htm>.
Acesso em 28 fev. 2008.

VAMOS BRINCAR DE ARREMEDAR?¹

Paródia

2º Ciclo do Ensino Fundamental (3ª e 4ª séries)

Normanda Beserra

Objetivo geral: desenvolver a reflexão e o gosto pelas práticas sociais de linguagem, a partir da leitura e produção de paródias, explorando o potencial crítico e divertido desse gênero textual.

Objetivos específicos

Por meio da participação nas atividades previstas, os alunos poderão:

- refletir sobre as relações entre as paródias e seus textos -base (intertextualidade), reconhecendo seu caráter contestador ou engraçado.
- reconhecer os diferentes sentidos produzidos pelas paródias e seus textos -base.
- produzir paródias, expressando críticas sociais ou satirizando comportamentos humanos.
- defender opiniões oralmente em situações de discussão em sala de aula e ouvir / analisar com atenção as opiniões dos colegas.
- construir significados pelo estabelecimento de relações entre textos verbais diversos, inclusive entre textos verbais e não -verbais.
- explorar a musicalidade de textos poéticos pela observação e utilização de seus recursos rítmicos e sonoros na interpretação e na produção de paródia.
- utilizar nomeação e qualificação, mediante a seleção de substantivos e adjetivos, como recursos de construção e ampliação de sentidos do texto.

**ESTE TEXTO SE DESTINA A FORNECER INFORMAÇÕES BÁSICAS SOBRE O GÊNERO PARA O PROFESSOR.
NÃO DEVE SER USADO COM OS ALUNOS.**

Caro professor,

Na Grécia antiga, o termo *paródia* referia-se a uma canção cantada ao lado de outra, como uma espécie de contracanto. Nos dias atuais, são denominadas *paródias* práticas de textualização que recriam um texto conhecido, de modo a atribuir-lhe sentidos de humor ou crítica. É provável que a origem musical da paródia explique o fato de ela ser mais comum nas canções, entretanto podemos encontrar paródias feitas a partir da estrutura composicional e/ ou estilo de muitos outros gêneros, como poemas, contos infantis, provérbios e também com textos não-verbais (com foco em imagem). Um exemplo desse último pode ser visto no Anexo 1, em que Maurício de Souza parodia uma famosa obra de arte, introduzindo, dessa forma, um jogo lúdico em que a brincadeira se dá por meio da imitação não só da imagem (o cenário, os personagens e suas posturas), mas também do título da obra (*O banho de Vênus* por *O banho da gorducha*).

Na literatura especializada, a paródia com objetivos lúdicos é denominada *pastichização* (de pastiche, imitação de obra literária ou artística). É nesse sentido que podemos afirmar que as paródias, assim como outros gêneros, partem de um texto anterior (texto-base) o qual lhes serve de apoio, numa relação chamada de intertextualidade. Chamamos intertextualidade a presença de um texto em outro, com ou sem referência explícita. Há notícias de práticas intertextuais registradas, especialmente na literatura, na Idade Média e também na Grécia e Roma antigas. Fora do âmbito literário e considerando as demais práticas sociais de linguagem, o uso da intertextualidade parece inerente ao próprio funcionamento da linguagem, pois, como afirma Bazerman (2006), “nós criamos os nossos textos a partir do oceano de textos anteriores que estão à nossa volta e do oceano de linguagem em que vivemos. E compreendemos os

¹Arremedar – imitar de modo engraçado ou ridículo.

textos dos outros dentro desse mesmo oceano” (p. 88).

Ao interagir com as pessoas, selecionamos os gêneros textuais com os quais operamos, de acordo com os propósitos da comunicação. Assim, diante de uma paródia, podemos perguntar: quais os propósitos comunicativos que envolvem esse texto? Em outras palavras, por que alguém faz a opção de dizer o que tem a dizer mediante a imitação (engraçada ou crítica) do dizer de outro? Na verdade, a imitação satírica ou crítica de um outro texto costuma atender a propósitos relacionados à obtenção de efeito de humor ou de contestação, embora, é claro, esta não seja a única forma de obter tais efeitos.

Contudo, qualquer que seja o propósito da paródia, o que lhe confere identidade como gênero textual é manter, ao mesmo tempo, uma relação de proximidade e de afastamento (crítico ou cômico) com o texto que lhe dá origem. Portanto, é nessa contradição que a paródia se estabelece como gênero. Assim é que em “No meio do caminho tinha um fuquinha/ tinha um fuquinha no meio do caminho” (Anexo 2), que parodia o conhecido poema de Drummond (“No meio do caminho tinha uma pedra/ Tinha uma pedra no meio do caminho...”), podemos observar que a substituição entre os termos pedra/fuquinha, ao mesmo tempo em que mantém uma relação inapagável com o texto original, afasta-se dele por estabelecer novos sentidos, construídos por um outro autor, em outro momento histórico, com outros propósitos e interlocutores diferentes.

A análise dos efeitos das alterações no texto original e das características e objetivos dos autores de um e de outro texto; o estímulo à criatividade e à participação ativa no processo de ensino-aprendizagem; o estudo dos demais recursos que cada texto possui (rítmicos, sonoros, semânticos, ou seja, de sentido etc.) são aspectos que permitem um trabalho relevante com a linguagem.

Além disso, por se tratar de um gênero que favorece a análise crítica da realidade, a paródia permite o exercício do humor e da brincadeira com a linguagem, ajudando, assim, a desenvolver um trabalho mais prazeroso com a expressão escrita.

Portanto, não é exagero afirmar que a tarefa do professor, de contribuir para formar um cidadão com maior capacidade de agir e interagir pela linguagem, certamente será tanto mais fácil e eficiente, conforme ele utilize práticas pedagógicas que envolvam a intertextualidade. É nessa perspectiva que gêneros eminentemente intertextuais, como a paráfrase, a paródia e o resumo, encerram em si mesmos um grande potencial pedagógico.

Chamamos, ainda, a atenção para um ponto importante na didatização desse gênero: a escolha do texto que servirá de base ao trabalho com paródia. Além do critério óbvio de adequação ao grupo-classe, a escolha deve atentar para o objetivo específico da atividade, por exemplo, se o objetivo é vivenciar com a classe um tema que desperte polêmica ou se é realizar um trabalho mais lúdico.

Uma possibilidade é aproveitar brincadeiras infantis que envolvem a imitação de animais, de adultos e das próprias crianças que participam do jogo. Essas brincadeiras, extremamente atraentes para as crianças, podem servir para introduzir as paródias dentro do universo infantil, além de favorecer a vivência desse gênero.

Então, agora é convidar as crianças pra brincar de arremedar!

Para saber mais:

- BAZERMAN, Charles. Intertextualidade: como os textos se apóiam em outros textos(2006). In: HOFFNAGEL, Judith C.; DIONISIO, Angela P. (orgs.) *Gênero, agência e escrita*. São Paulo: Cortez, p. 87-103.
- DIONISIO, Angela. Conversas entre textos... In: SANTOS, Carmi; MENDONÇA, Márcia e CAVALCANTE, Marianne (2006). *Diversidade textual: os gêneros na sala de aula*. Belo Horizonte: CEEL/MEC/Autêntica, p. 103-113.
- MACHADO, Ida Lúcia. A paródia, um gênero “transgressivo”. In: _____ e MELLO, Renato de. (orgs.) (2004). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, pp. 75-86.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de (2003). *Paródia, paráfrase & Cia*. 7. ed. São Paulo: Ática, (Série Princípios).
- _____ (2004). *Música popular e moderna poesia brasileira*. 4. ed. São Paulo: Landmark,

Onde encontrar:

As paródias podem ser encontradas em programas televisivos de humor, em filmes, em charges, etc.

Sites:

- www.ppgcomufpe.com.br/arquivos/publicaçãodiscente
- http://200.159.236.207/users/74/59/25974/cantigas_de_roda.doc
- www.manuelzao.ufmg.br/jornal/jornal23/manuescolapoesias.htm
- <http://wwwusers.rdc.puc-rio.br/kids/test/kidcafe-esc/folclore.htm>
- <http://memoriasfracas.com/opiniaio/cancao-do-martirio/>

VAMOS BRINCAR DE ARREMEDAR?

Paródia

2º Ciclo do Ensino Fundamental (3ª e 4ª séries)

Eixos de ensino	Passo-a-passo	Material didático	Observações
Oralidade	<p>1º momento: Converse com os alunos sobre brincadeiras infantis que envolvam a imitação de pessoas ou de animais. Algumas perguntas que podem direcionar a discussão:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Quem sabe brincar de arremedar? ▪ Para que arremedamos uma pessoa? ▪ Como podemos arremedar uma pessoa, sem que ela fique chateada? 		<p><i>Professor, o número de aulas necessárias nesta seqüência é variável. Dependerá do número de alunos na turma e do ritmo de trabalho deles.</i></p> <p>Aproveite para verificar se eles conhecem a palavra arremedar.</p> <p>Essa pergunta tem a finalidade de discutir os limites da brincadeira, para que ela seja divertida e não desrespeite as pessoas imitadas.</p>
Análise lingüística	<p>2º momento: Apresente aos alunos uma reprodução da pintura “Vênus ao espelho” (O banho de Vênus), Anexo 1. Explique-lhes que se trata de uma das obras mais famosas do mundo, pintada entre 1647 e 1651, pelo espanhol Diego Velásquez (1599-1660).</p> <p>Agora mostre o quadro “O banho da Gorducha”, de Maurício de Sousa*, (Anexo 1) e discuta com os alunos as semelhanças com o quadro de Velásquez.</p>	<p>Projektor; Textos “O banho de Vênus” e “O banho da Gorducha”.</p>	<p>Se possível, use um projetor multimídia (data-show), ou transparência com retroprojektor; você pode, ainda, mostrar os textos na forma impressa.</p> <p>* Maurício de Sousa, cartunista brasileiro, criou inúmeros personagens de histórias infantis publicadas na forma de “gibis” ou “tirinhas”, sendo os da “turma da Mônica” os mais conhecidos.</p> <p>Aproveite para ativar os conhecimentos que os seus alunos tenham sobre os personagens.</p>

	<p>Verifique o que seus alunos sabem sobre os personagens de “A turma da Mônica”, de Mauricio de Sousa. Se achar necessário, “apresente” os personagens, promovendo um momento de leitura de algumas revistas.</p> <p>Retome a comparação entre os dois textos e pergunte “quem está imitando o outro”? Maurício de Sousa ou Velásquez?</p> <p>Amplie a discussão, agora, focalizando as intenções de Maurício de Souza ao imitar o quadro de Velásquez. Algumas hipóteses que podem dirigir a discussão: Maurício de Souza queria:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. mostrar que era também um grande pintor. 2. mostrar que seu quadro era uma obra de arte. 3. trazer ao seu público uma obra de arte importante. 4. ridicularizar a obra de Velásquez. <p>fazer as pessoas se divertirem com a imitação.</p>	<p>Revistas e/ou tiras de Maurício de Souza</p>	<p>Procure levar revistas em que apareçam os personagens do quadro “O banho da Gorducha” (Mônica e Anjinho).</p> <p>Leve os alunos a concluírem que seria impossível Velásquez imitar Mauricio de Sousa, uma vez que o pintor espanhol nasceu em 1599.</p> <p>Acompanhe a discussão e sistematize as conclusões no quadro. Ajude os alunos a perceberem o sentido divertido expresso tanto na pose de Mônica como no título do quadro “O banho da Gorducha”.</p>
<p>Leitura</p> <p>Oralidade</p>	<p>3º momento:</p> <p>Convide a classe para cantar a cantiga de roda “Atirei o pau no gato” e depois exponha, por meio de um cartaz, a paródia “Não atire o pau no gato” (Anexo 3), convidando-os a cantar a nova versão.</p> <p>Discuta as diferenças entre as duas versões. Perguntas que podem guiar a discussão:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Qual a versão que foi feita primeiro? ▪ A segunda versão combina com a primeira? ▪ Quem é que fala na cantiga tradicional? E na outra? ▪ Com qual das versões você concorda? Por quê? ▪ A pessoa que criou a segunda versão tinha alguma intenção? Qual? 	<p>Cartaz com a paródia “Não atire o pau no gato”.</p>	<p>Explique que o texto que foi feito primeiro é chamado de “texto-base” e é o texto imitado. Procure fazer os alunos perceberem a diferença de pontos de vista entre os dois textos.</p>

Escrita	<p>Apresente um quadro-síntese confeccionado em papel-madeira e, com a participação dos alunos, sintetize as observações nesse quadro.</p>	<p>Quadro-síntese em papel madeira, lápis-piloto, fita adesiva.</p>	<p>O quadro-síntese é importante para sistematizar o funcionamento do gênero com os alunos.</p> <table border="1" data-bbox="1489 236 2016 724"> <thead> <tr> <th></th> <th>Texto-base</th> <th>Paródia</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Título</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Autor</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Quem fala</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>O que diz</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Intenção/Objetivo</td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Sua opinião (de quem lê/escuta os textos)</td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table>		Texto-base	Paródia	Título			Autor			Quem fala			O que diz			Intenção/Objetivo			Sua opinião (de quem lê/escuta os textos)		
	Texto-base	Paródia																						
Título																								
Autor																								
Quem fala																								
O que diz																								
Intenção/Objetivo																								
Sua opinião (de quem lê/escuta os textos)																								
Leitura Escrita	<p>4º momento: Distribua e leia com a turma o texto “Canção do martírio” (Anexo 4). Pergunte se há algum aluno ou aluna que conheça algum texto que lembre a “Canção do martírio”. Leia com a turma o trecho da “Canção do exílio” (Anexo 4) e discuta as diferenças entre as duas versões. Perguntas que podem guiar a discussão:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Qual o texto que foi escrito primeiro? ▪ Quais as diferenças entre a terra de Gonçalves Dias e a de Thássius Veloso? ▪ Qual o assunto de cada um dos textos? ▪ Que fato motivou a escritura da “Canção do martírio”? ▪ Qual a intenção de Thássius Veloso ao criar a “Canção do martírio”? <p>Construa com seus alunos um quadro-síntese com os principais resultados da discussão</p>	<p>Cartolina; lápis-piloto de cores variadas</p> <p>Textos “Canção do martírio”/ “Canção do exílio”</p>	<p>Mostre aos alunos que, somente quando conhecemos o texto-base, é possível saber que um texto imita o outro. É importante fazer os alunos perceberem o contexto de produção da “Canção do martírio” (a crise aérea brasileira iniciada em 2006) e contrastar esse contexto com a perspectiva nacionalista de Gonçalves Dias. Outros contrastes: época em que cada texto foi escrito; elementos da natureza X elementos urbanos (aeroporto); pássaro (sabiá) X aeronaves/jatinho.</p>																					

Leitura	<p>5º momento: Texto-base: “A casa” – Vinícius de Moraes Organize a classe para vivenciar o poema musicado de Vinicius: afaste o mobiliário e estimule o canto, a dança e a brincadeira com a canção.</p>	<p>Texto “A casa” (anexo 5) Equipamento de som + CD Painel com o poema escrito</p>	<p>Nesse poema infantil, escrito em 1976, Vinicius de Moraes desconstrói, verso a verso, o conceito de casa, a qual, assim, vira uma “não-casa”. O estranhamento dessa casa que, em vez de ser construída, é desconstruída, é que gera o “engraçado” desse texto.</p>
Oralidade	<p>6º momento: Exponha um cartaz com figuras de casas convencionais, se possível, vistas em diferentes ângulos (vista externa da frente, da lateral e dos fundos; vista dos ambientes internos). Mostre, se possível, por meio de um projetor, fotos de residências de diferentes tipos: edifícios, casas grandes, casas pequenas; cabanas de índios ou de pescadores; casas de madeira, de tijolos e de taipa (pau-a-pique); conjuntos residenciais e favelas.</p>	<p>Cartazes ilustrados com figuras de casas de diferentes tipos e sob diversos ângulos; Projetor; fotografias de diferentes tipos de residência e de conjuntos residenciais</p>	<p>Você pode aproveitar para mostrar que as habitações humanas são diferentes, mas devem ter alguns elementos comuns e imprescindíveis. Essa discussão deve considerar a realidade da região quanto às características das habitações, mas deve permitir que os alunos conheçam outros tipos de habitação. A discussão pode partir de perguntas como: Como é a sua casa? Você mora em casa ou em apartamento? Tem terraço? Tem quintal?</p>
Oralidade	<p>7º momento: Converse com a turma sobre o porquê de a casa da canção “ser engraçada”. Permita que eles expressem o que falta na casa e relacionem o fato de o poeta referir-se à casa como “engraçada”, por ela não ter os elementos que fazem uma casa ser uma casa, como teto, chão, parede. Mostre figuras de habitações do mundo das histórias infantis, como as casas de “Os três porquinhos” (casa de palha, de madeira e de tijolo); o castelo da madrasta de Branca de Neve e a casa dos anões; a casa feita de doces da bruxa da história de João e Maria etc.</p>	<p>Texto “A casa” (anexo 5) Figuras de habitações do mundo das histórias infantis, como as casas de “Os três porquinhos”; o castelo da madrasta de Branca de Neve e a casa dos anões; a casa feita de doces da bruxa da história de João e Maria etc.</p>	<p>Aproveite para discutir sobre o que não pode faltar numa casa: determinados espaços e objetos, suas funções; as brincadeiras possíveis em cada tipo de cômodo/habitação (brincar na sala, no quarto, no quintal, na rua, na cama, no sofá, etc.). Esse momento serve para os alunos distinguirem o real do imaginário e também para ativar ou formar a memória de leitura dos alunos, fazendo-os associar a temática a outros textos que também falam de casas.</p>

Oralidade	<p>8º momento: Convide a classe pra “brincar de arremedar” o texto “A casa”. Divida a classe em equipes e escreva, no quadro alguns temas para serem desenvolvidos nas paródias. Discuta com as equipes o ponto de vista a ser adotado em cada tema, lembrando que o posicionamento pode ser crítico (por exemplo, uma praça que não tem bancos para sentar) ou engraçado (uma gatinha muito maluca).</p>	<p>Texto “A casa” (anexo 5) Quadro Piloto</p>	<p>Podem ser propostos temas que se relacionem à vida nas cidades ou no campo, como: praça, rua, escola, cidade, fazenda; que satirizem comportamentos humanos; que brinquem com animais etc. Outra sugestão seria trabalhar um mesmo tema, desenvolvido a partir de vários textos-base, de gêneros também diferentes. Essa idéia é particularmente aplicável quando se trabalha com projetos didáticos. Por outro lado, pode-se focar um determinado gênero (além da própria paródia), por exemplo, a cantiga de roda, e trabalhar o desenvolvimento de paródias de várias cantigas. Outra possibilidade é, ainda, o trabalho com artes plásticas, como o visto na criação de Mauricio de Sousa. Tudo vai depender do objetivo, o importante é não esquecer que a paródia sempre deve envolver uma perspectiva crítica, irônica ou simplesmente divertida.</p>
<p>Produção de texto</p> <p>Análise lingüística</p>	<p>9º momento: Ajude os alunos a utilizarem o recurso da métrica, trabalhando o número de sílabas das palavras e mostrando-lhes que uma palavra de duas sílabas pode “aumentar de tamanho”, ao ser colocada no diminutivo ou no aumentativo. Assim, “Era uma casa/ muito fraca” não “cabe na música”, mas “Era uma casa/ muito fraquinha” tem o tamanho certo para “caber na música”. Do mesmo jeito, “Era uma praça muito grande”/“Era uma praça muito grandona”. Percorra os grupos, auxiliando-os a descobrirem o efeito das rimas para a sonoridade do texto.</p>	<p>Papel e lápis</p>	<p>Em poesia, métrica é o tamanho dos versos de um poema; é verificada pelo número de sílabas das palavras que formam o verso. Esta atividade tem o objetivo de fazer o aluno perceber que o tamanho das palavras determina o tamanho dos versos e é importante para construir efeitos rítmicos no poema; a idéia é utilizar esse conhecimento para construir a paródia, não para classificar as palavras quanto ao número de sílabas.</p>

Análise lingüística	10º momento: Após cada grupo dar o trabalho por concluído, promova uma troca de textos entre as equipes para revisão e observação dos efeitos de sentido.	Textos dos alunos	Incentive seus alunos a discutirem os textos, analisando a adequação ao gênero (se apresentam crítica ou brincadeira), se a métrica e as rimas estão bem construídas, se o vocabulário está adequado. Os comentários e as sugestões devem ser feitos através de anotações no final dos textos: só os autores poderão reescrever o próprio texto.
Leitura/ Produção de texto	11º momento: Devolva os textos para os respectivos grupos e peça que analisem as sugestões, façam as alterações que julgarem adequadas e preparem a apresentação do trabalho. O quadro- síntese pode ajudar a sistematizar a apresentação.	Folhas grandes de papel madeira;	Acompanhe essa fase final de escritura do texto e faça mais algum ajuste que achar necessário. Este momento, assim como o anterior, servem de sistematização do trabalho com o desenvolvimento do gênero
Oralidade	12º momento: Organize uma apresentação prévia dos grupos na sala: ajude-os a escrever seus textos, formando painéis que permitam que o resto da classe leia o texto. Antes da cantação da paródia, com base no quadro-síntese, cada grupo deve apresentar o trabalho, explicar a escolha do tema, o ponto de vista adotado etc.	Pilotos de cores diversas	Procure garantir que cada grupo explicita as intenções de seu texto. Durante a cantação das paródias, estimule a participação de todos, ajudando a cantar e a marcar o ritmo da canção com palmas.
Oralidade	13º momento: Promova uma apresentação pública dos trabalhos. Para isso, prepare um palco e convide outras classes, professores e pais para assistirem à apresentação. O importante é que os trabalhos não fiquem restritos ao grupo-classe que os criou.	Trabalhos dos alunos	Na apresentação, você pode usar equipamento de karaokê, se a escola dispuser desse recurso.
Avaliação	14º Momento: Discuta com a classe a participação de todos, o que poderia ter sido melhor, os problemas superados e registre as observações.		Este momento promove a avaliação do trabalho e incentiva a auto-avaliação do empenho e das equipes e alunos.

 **História em Quadrões** 
Maurício de Souza



O Banho de Vênus (Velázquez - 1647--1651)



O Banho da Gorducha (Maurício de Souza Produções - 1995)

SOUSA, Maurício de (2001). *História em quadrões*: pinturas de Maurício de Souza. Rio de Janeiro: Globo. Disponível em: www.monica.com.br/mural/alcance.htm
Acesso em 21 de maio de 2007.

Anexo 2:

Texto-Base:

No meio do caminho

Carlos Drummond de Andrade

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca esquecerei desse acontecimento
na vida das minhas retinas tão fatigadas
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

ANDRADE, Carlos Drummond de (1980). “*No meio do caminho*”. In *Reunião*. 10ª ed. Rio de Janeiro: José. Olympio.
Disponível em <<http://www.pucrs.br/gpt/parodia.php>>. Acesso em 28 fev. 2008.

Paródia:

No meio do caminho

Deise Konhardt Ribeiro

No meio do caminho tinha um fuquinha
tinha um fuquinha no meio do caminho
tinha um fuquinha
no meio do caminho tinha um fuquinha.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na ida de minhas noitadas tão agitadas
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha um fuquinha
tinha um fuquinha no meio do caminho
no meio do caminho tinha um fuquinha.

Disponível em <<http://www.pucrs.br/gpt/parodia.php>>. Acesso em 28 fev. 2008.

Anexo 3:

Texto-base:

Atirei o pau no gato

Atirei o pau no gato
Mas o gato
Não morreu
Dona Chica
Admirou-se
Do berro
Do berro
Que o gato deu.
Miau!!!

Paródia:

Não atire o pau no gato

(autoria desconhecida)

Não atire o pau no gato
Porque isso
Não se faz
O gatinho
É nosso amigo
Não devemos
Maltratar
Os animais.
Jamais!!!

Disponível em http://200.159.236.207/users/74/59/25974/cantigas_de_roda.
Acesso em 26 de maio de 2007.

Anexo 4:

Texto-base:

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso Céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
(...)

(Gonçalves Dias. Coimbra, Portugal, 1843)

DIAS, Antônio Gonçalves (1944) “Canção do exílio”. In *Obras poéticas de Antônio Gonçalves Dias*. São Paulo: Nacional.

Paródia:

Canção do martírio

Minha terra tem aeronaves,
Que não podem decolar;
As poucas que decolam,
Não conseguem chegar lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nosso exército tem mais dores;
Nossos aeroportos têm mais filas,
Nossas filas mais temores.

Em tentar, sozinho, a sorte,
Nem jatinho vou encontrar;
Minha terra tem aeronaves,
Que não podem decolar

(Thássius Veloso. Brasil, 2007). Disponível em:

<http://memoriasfracas.com/opiniao/cancao-do-martirio/> Acesso em 27 de maio de 2007

Poema “*A casa*”, de Vinícius de Moraes.

MOARES, Vinícius de ([1998]2004). *Poesia completa e prosa: poemas infantis*. Organizador: Alexei Bueno. São Paulo: Nova Aguilar.

Disponível em <http://www.viniciusdemoraes.com.br/>.

Acesso em 28 fev. 2008.

OlimPIADAS

Piada

2º ciclo do Ensino Fundamental (3ª e 4ª séries)
Débora Amorim G. da Costa Maciel

Objetivo geral: compreender as estratégias de construção do gênero textual piada, vivenciando a ludicidade proporcionada pelo gênero e refletindo sobre alguns recursos lingüísticos e discursivos utilizados em piadas para a produção de sentido.

Objetivos específicos

As atividades previstas propiciam aos alunos:

- vivenciar a contação/ escuta de piadas, resgatando o lúdico no espaço escolar;
- compreender piadas lidas ou ouvidas, atentando para a função social do gênero;
- compreender a importância dos recursos da oralidade usados na contação de piadas (gestos, expressões faciais, entonação) para a construção de sentido do texto, a fim de utilizá-los na contação de piadas;
- refletir sobre o papel da pontuação na piada escrita, como pista para orientar o leitor durante o processo de leitura, aplicando esse conhecimento em atividades de pontuação de piadas, de modo a ajudar o leitor a construir os sentidos;
- ativar as estratégias de leitura relevantes para a compreensão de piadas, tais como elaborar inferências, estabelecer relações com outros textos, antecipar sentidos relativos a uma piada que está sendo contada;
- contar e escrever piadas, provocando efeitos de humor.

**ESTE TEXTO SE DESTINA A FORNECER INFORMAÇÕES BÁSICAS SOBRE O GÊNERO PARA O PROFESSOR.
NÃO DEVE SER USADO COM OS ALUNOS.**

Caro professor,

A piada é um gênero que reproduz e recria os discursos produzidos numa dada sociedade, daí porque veicula valores de certos grupos sociais. É comum haver piadas depreciativas sobre mulheres, homossexuais, portadores de deficiência física, negros e outros cidadãos que sofrem algum tipo de discriminação. Normalmente curta, a piada se consagrou como gênero oral, pois é nas “sessões” de piadas que esse gênero se perpetua e passa a ser conhecido. Entretanto, nos dias atuais, já podemos encontrá-la em registros escritos: livros, revistas, sites, além de poder ouvi-las gravadas em CDs, fitas e DVDs. Além disso, observa-se um uso de piadas em vários programas humorísticos exibidos na televisão brasileira. Por seu caráter eminentemente humorístico, as piadas são apreciadas por públicos diversos. Essa empatia com os ouvintes/leitores é um dos fatores que estimula a abordagem das piadas na escola, além das estratégias de produção de humor, que podem ser objeto de reflexão nos eixos de leitura, oralidade, análise lingüística e produção de texto.

A piada é um gênero pertencente ao domínio do humor, entretanto as piadas podem provocar o riso ou não, pois isso depende muito dos ouvintes/leitores, do contexto de situação e até mesmo da cultura. Muitas vezes, ela envolve uma narrativa que, por si mesma, não é o que produz o riso, porém os bons contadores de piadas incrementam as suas performances descrevendo, de forma peculiar, os personagens, as situações, os estereótipos, envolvendo a audiência e preparando-a para um desfecho cômico.

Todas as piadas se constroem com base na quebra de expectativas. A “surpresa” das piadas está baseada na transgressão, seja quanto aos sentidos das

palavras ou às regras sociais. A graça de uma piada pode se dar quando o sentido de certos termos ou expressões não é o esperado pelo leitor, quando estamos diante de uma transgressão semântica. O ouvinte/leitor é levado a uma interpretação “errada”, por meio de uma estratégia despistadora. Na piada “O sorveteiro rouco” (anexo 2), por exemplo, a estratégia despistadora está na frase “O senhor tem laringite?”, que deveria remeter à doença, mas é interpretada pelo sorveteiro como mais um sabor de sorvete, o que é inesperado e, portanto, provoca o riso. Em outros casos, há algum desvio no modo como o mundo “normal” funciona (transgressão pragmática). Na piada “As pulgas” (anexo 3), por exemplo, dois insetos travam um diálogo, remetendo o ouvinte/leitor para comportamentos de seres humanos, o que termina sendo engraçado. Outras piadas se fundamentam na transgressão de regras sociais, apoiadas no que se denomina de “politicamente correto” (transgressão social). Geralmente são envoltas em temas que constituem tabu, como as piadas étnicas e de gênero, e, muitas vezes, estão carregadas de preconceitos. Na piada “Três loiras no deserto” (anexo 12), por exemplo, podemos ver a relação de gênero permeando o discurso, apontando o homem como ser detentor de toda a inteligência.

As piadas priorizam alguns discursos em relação a outros. Temas polêmicos, estereótipos sociais e lingüísticos, fatos da política nacional e estrangeira são mais facilmente encontráveis em piadas do que a narração do dia-a-dia de uma dona de casa, por exemplo, a não ser que aborde algum fato, geralmente não muito elogioso, incomum ou cômico. É importante lembrar que as piadas que retratam ou descrevem características, tipos sociais, privilegiam aqueles que apresentam certo “desvio” em relação ao que a sociedade prescreve como “normal”, correto, seja por uma questão moral, caso das piadas de políticos corruptos, seja por uma questão de exclusão histórica, caso das piadas de mulheres e negros. Na escola, é importante atentar para o cuidado com a seleção de textos a serem explorados, visto que os alunos podem trazer piadas preconceituosas e politicamente incorretas. Nesse momento, o professor deve estar atento para trabalhar o porquê de certos temas serem recorrentes nos textos piadísticos, explorando com o grupo o que faz as pessoas rirem com esses textos, que preconceitos estão ali expressos, etc. Pode ser um bom momento para se discutir sobre a diferença entre rir *com* o outro e rir *do* outro.

Em todos esses espaços em que as piadas circulam, percebemos que as seqüências narrativas predominam: ouvimos pequenas histórias para causar humor, situações narradas de forma breve e com final inesperado. Também podem apresentar o formato de um dicionário, glossário ou de uma adivinha. São difíceis de serem classificadas porque é possível perceber a presença do humor em vários gêneros que não são piadas, assim como notamos a inserção de piadas em outros gêneros. Isso torna complicado, em alguns casos, distinguir entre uma piada e uma adivinha ou entre uma piada e uma charge, por exemplo.

Para compreender uma piada, levantamos informações com base nas pistas textuais e contextuais que vamos recebendo ao ouvi-la ou lê-la. Inferimos o que não está dito explicitamente, mobilizamos nossos conhecimentos prévios em busca de entender o sentido das palavras ditas, antecipando o seu significado. O contexto, tanto o imediato quanto o histórico-social, desempenha papel importante para a construção do sentido do texto. Ele possibilita identificar e analisar que pistas, implicitamente inscritas no discurso, vão fazer com que o leitor/ouvinte compreenda a piada. Por exemplo, para compreender certas piadas contadas em programas humorísticos, é preciso atentar para o cenário, o figurino, além do próprio texto verbal. Em outros casos, padrões culturais são postos em jogo, como o machismo, ainda comum no Brasil; o moralismo, comum em outras culturas ocidentais. É por essa razão que algumas piadas não são compreendidas por todos os leitores.

As piadas podem ser usadas como recursos que contribuem para o ensino-aprendizagem nos eixos de leitura; produção oral e escrita, bem como no trabalho com a análise lingüística, podendo-se investir na reflexão sobre recursos extra-verbais (entonação, gestos, etc.), nas piadas orais; e sobre a pontuação e a produção de sentido, nas piadas escritas.

Para saber mais:

FIGUEIRA, Rosa Attié (2001). Dados anedóticos: quando a fala da criança provoca o riso... Humor e aquisição da linguagem. In: *Línguas e instrumentos lingüísticos*, vol, 6. Campinas, Pontes.

POSSENTI, Sírío (1998). *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*. Campinas, São Paulo: Mercado de letras.

Onde encontrar:

O professor poderá encontrar o gênero piada em livros e revistas destinados ao público infantil, em *sites* especializados, em programas televisivos e radiofônicos, etc.

Livros:

AVIZ, Luiz (2001). *Piadas da internet para crianças espertas*. São Paulo: RBC.

FINZZETO, Ângela.(2004). *Meu Primeiro Livro de Piadas*. Blumenau, SC: Editora Todo Livro.

Sites:

- <http://www.alemdeeducar.com.br/humor/curtinhas.shtml>
- <http://www.piadas.com.br/>
- <http://sitededicas.uol.com.br/humor.htm>
- <http://criancas.uol.com.br/piadas/>

OlimPIADAS
Piada

2º ciclo do Ensino Fundamental (3ª e 4ª séries)

Eixos de ensino	Passo-a-passo	Material didático	Observações
Oralidade	<p>1º momento: Inicie a aula contando algumas piadas e convidando seus alunos a socializarem as que conhecem. Você também pode ler algumas piadas, assim os alunos já saberão que elas tanto podem ser orais quanto escritas.</p>	Coletânea de piadas (ver anexo 3)	<p><i>O número de aulas necessárias nesta seqüência é variável. Dependerá do número de alunos na turma e do ritmo de trabalho deles.</i></p> <p>Estabeleça um contrato didático para que haja critérios claros de seleção do tipo de piada contada pelos alunos. Piadas pejorativas, preconceituosas e inadequadas ao espaço escolar não deverão ser contempladas. Embora não seja a proposta desta seqüência, é possível trazer piadas politicamente incorretas para a sala de aula, com os devidos cuidados, para tomá-las como objeto de reflexão sobre preconceitos veiculados, sobre o desrespeito ao outro, sobre o que é diferente de algum padrão social valorizado, etc.</p>
Leitura	<p>2º momento: Peça aos alunos que escutem as seguintes piadas, em seguida, leia para eles:</p> <p>Piada 1 Um homem foi à loja comprar um animal, e o vendedor falou: Chegou na hora certa, temos um papagaio especial. Se</p>	Quadro Piloto/giz ou cartazes com as piadas ou cópias das piadas.	<p>Anote as piadas no quadro ou ampliadas em cartolinas. Se preferir, entregue cópias aos alunos.</p> <p>Não há necessidade de explorar as piadas usando as classificações (semântica, pragmática e social) abordadas nas orientações dirigidas a você.</p>

- Com esta você levantar a perna esquerda dele, ele fala inglês, se levantar a perna direita ele fala francês.
- Aí o comprador perguntou:
- E se ele levantar as duas?
- O papagaio disse:
- Eu caio, seu bobão!!!!

Piada 2

Primeiro dia de aula, e a professora, diante da turma, disse:

- Mãe é uma coisa muito importante, e por isto quero que cada um conte uma história, e esta história deve terminar com a frase: 'Mãe só tem uma'.

E o Juquinha começou sua história:

- Um dia na hora do almoço, minha mãe, olhou para mim e disse: "Juquinha vá lá na geladeira e pegue duas coca-colas, uma para você e outra para o seu pai." Eu fui na geladeira e, depois de olhar bem lá dentro, disse bem alto: "Mãe, só tem uma!"

Piada 3

Na aula, a professora pergunta:

- Ricardinho, resolva esse problema: "Há uma mulher olhando pela janela!" Isso é singular ou plural?
- Singular, fessora!
- Muito bom! Agora você, Robertinho: "Há várias mulheres olhando pela janela!", o que é isso?
- Fessora... isso é falta de roupa no tanque pra lavar!

Pergunte:

- As piadas que vocês observaram tratam de quais assuntos?
- Qual será o tema da piada 1?

Prossiga a atividade perguntando:

atividade, buscamos ajudar o aluno a reconhecer as diferentes temáticas do gênero piada e as abordagens dadas a cada tema nas piadas.

Ajude os alunos a refletirem sobre os discursos que perpassam as piadas, enfatizando as transgressões. Por exemplo, é fundamental refletir sobre quais delas ironizam o comportamento humano, que valores sociais estão sendo alvo do humor e se os alunos concordam com isso. Questione-os: 'É trabalho apenas da mulher cuidar dos serviços domésticos? Se a mulher não tiver roupa para lavar, ela fica desocupada? Por que essa piada é engraçada?'

O mais importante aqui não é apenas apontar as temáticas, mas discutir os efeitos de sentido relacionados com o humor. Além disso, é importante discutir os temas relacionados com os valores e ideologias que são veiculados nas piadas.

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Há alguma piada em que o personagem não entende o que é dito? ▪ Há alguma piada em que acontece algo impossível de acontecer? ▪ Há alguma piada que fala sobre algo que constrange as pessoas ao ouvirem? 		
Leitura	<p>3º momento: Selecione uma piada inédita na sala e, em meio à leitura, suspenda o final do texto. Por exemplo:</p> <p>A professora pergunta para o Pedro: - Diga três partes do corpo com a letra z. Ele respondeu: - "Zoio", "zuvido" e "zoreia". Aí a professora falou: - Adivinhe, a sua nota Também começa com "z". Ele respondeu: (Pare a leitura neste ponto)</p> <p>Pergunte:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ O que será que Pedro respondeu? ▪ Vamos pensar em uma resposta “legal”, engraçada, que ele poderia dar a professora? <p>Após a resposta dos alunos, conte a piada completa. A professora pergunta para o Pedro: - Diga três partes do corpo com a letra z. Ele respondeu: - "Zoio", "zuvido" e "zoreia". Aí a professora falou: - Adivinhe, a sua nota Também começa com "z".</p>	Piada selecionada por você ou a sugerida nesta sequência	<p>Essa atividade ajudará os alunos a levantarem hipóteses sobre o final da piada, construindo, oralmente, um novo texto baseado nas hipóteses levantadas durante a leitura. É uma oportunidade para os alunos perceberem a quebra de expectativas na qual se baseiam as piadas.</p> <p>Repita essa estratégia com outras piadas, até que os alunos se familiarizem com a estratégia de quebra de expectativas, constitutiva do gênero piada. Essa estratégia didática – ler o texto até certo ponto, “suspendendo” o seu final - ajuda o aluno a ampliar a habilidade de antecipar sentidos do texto, de construir hipóteses durante a leitura, que também serão importantes para a compreensão de textos de outros gêneros.</p>

	<p>Ele respondeu: - Ah, deve ser um "zoito".</p> <p>Pergunte:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ O que vocês acharam da resposta de Pedro? ▪ As respostas de vocês têm ou não a ver com o que Pedro falou? ▪ Houve alguma surpresa na resposta de Pedro? ▪ O que a professora falou da nota que começava com a letra Z? ▪ Por que Pedro respondeu “zoito”? O que isso tem a ver com as respostas anteriores? <p>Debata com os alunos sobre as hipóteses que são construídas pelos leitores, antecipando informações com base no que o texto oferta.</p>		
Oralidade	<p>4º momento: Inicie um novo momento de contação de piadas.</p> <p>Leia ou conte uma piada sem atentar para:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Entonação; ▪ Gestos; ▪ Expressão facial; ▪ Criação de vozes diferentes. <p>Pergunte aos alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ O que vocês acharam da piada contada? ▪ Pareceu uma piada? Por quê? ▪ Sentiram falta de alguma coisa? O quê? <p>Anote as repostas dos alunos.</p>	Quadro Piloto/giz	<p>A sua performance é fundamental para o êxito da atividade, portanto algum ensaio poderá ser necessário.</p> <p>Os recursos de entonação, gestos, expressão facial, criação de vozes especiais. São chamados de recursos paralingüísticos.</p> <p>Você pode aproveitar esse momento para discutir por que algumas pessoas dizem não saber contar piadas. Poderá relacionar esse discurso com a provável ausência dos recursos paralingüísticos necessários no momento da contação de piadas.</p>

	<p>Em seguida, conte a mesma piada explorando todos os recursos não enfatizados na apresentação anterior.</p> <p>Feita a apresentação, pergunte:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Há alguma diferença entre o primeiro e o segundo momento de contação? Quais? ▪ O que foi necessário fazer para que a piada pudesse se parecer com uma piada? <p>Anote as respostas dos alunos no quadro e reflita sobre as estratégias mobilizadas na hora da contação.</p>		
Oralidade	<p>5º momento: Agora é a vez de os alunos, em grupo, tentarem lembrar de uma piada ou criar uma, para ensaiar uma apresentação para o grupo-classe. Oriente os alunos a utilizarem os recursos sobre os quais discutiram no momento anterior: entonação, gestos, expressão facial, criação de vozes especiais. Solicite que eles ensaiem a contação da piada antes da apresentação. Cada equipe elege o “piadista” que irá representar o grupo. Após a apresentação de cada grupo, os alunos podem fazer uma avaliação do desempenho dos piadistas, enfatizando pontos positivos e sugerindo mudanças, para tornar as piadas mais engraçadas. Pode-se até comparar mais de um aluno contando a mesma piada.</p>	Piada selecionada pelos alunos	Esse momento prepara os alunos para a contação de piadas que vem posteriormente, estimulando-os a refletirem sobre o uso de recursos importantes na produção de efeitos de humor, como entonação, gestos, expressão facial, criação de vozes especiais, etc. Se for necessário, ajude os grupos na escolha da piada.
Oralidade Escrita	<p>6º momento: Solicite aos alunos que pesquisem e registrem por escrito</p>	Caderno Lápis	Esta atividade de pesquisa poderá ser passada como tarefa de casa.

	<p>piadas contadas pelos seus avós, tios, amigos de brincadeiras, vizinhos do bairro.</p> <p>As piadas coletadas pelos alunos deverão ser socializadas com o grupo-sala.</p> <p>Confeccione, na sala de aula, um espaço especial, como se fosse um “palco”, criado com um tapete ou uma marcação no chão, para que os alunos contadores se apresentem. Esse espaço proporcionará melhor visualização dos contadores pelo grupo-sala.</p>		<p>Caso os alunos disponham de gravador (em celular, em aparelho de som, etc.), o registro das piadas pode ser feito em áudio ou em audiovisual.</p> <p>Poderão aparecer piadas com termos em desuso, se alguns dos entrevistados forem pessoas de gerações diferentes. Nesse caso, o professor solicitará que sejam anotados para que possam, em seguida, ser pesquisados no dicionário.</p>
<p>Leitura Análise lingüística</p>	<p>7º momento:</p> <p>Transcreva no quadro uma piada sem pontuação e leia em voz alta, sem as pausas adequadas. Peça que eles digam se foi possível entender, se o texto está bom, o que falta, etc.</p> <p>Peça que eles pontuem a piada e a leiam em, voz alta, para evidenciar a diferença.</p> <p>Depois disso, forme grupos e distribua tiras de papel contendo diferentes piadas, entre aquelas pesquisadas pelos alunos. Oriente-os a ler e observar os diferentes sinais de pontuação empregados no texto.</p> <p>Distribua uma tabela modelo (ver em anexo), contendo os principais sinais de pontuação, para que eles possam observar as pontuações empregadas no texto e para que serviram</p>	<p>Tiras de papel com diferentes piadas (ver anexo 3)</p> <p>Tabela de sinais de pontuação (anexo 1)</p>	<p>Com essas atividades, estamos buscando ajudar o aluno a perceber a importância da pontuação na construção de sentido do texto.</p>
<p>Análise lingüística</p>	<p>8º momento:</p> <p>Entregue aos grupos algumas piadas e oriente-os a pontuar os textos, observando o sinal mais adequado para o efeito de sentido que se quer produzir.</p> <p>Em seguida, oriente os grupos a trocarem os textos entre si. Eles irão observar como os amigos pontuaram os textos e</p>	<p>Piadas diversas transcritas em papel (ver anexo 3)</p>	<p>Este momento de justificativa do emprego da pontuação pode ser oportuno para a construção de um quadro, pelos alunos, de regras ou orientações sobre o uso da pontuação em piadas, pois eles serão estimulados a perceberem a função da</p>

	<p>poderão anotar, na mesma folha da piada, algo que gostariam que fosse mudado no emprego da pontuação, justificando sua sugestão. Circule nos grupos verificando as sugestões feitas, para confirmá-las ou não.</p>		<p>pontuação no texto (ver em anexo cartela 1). Por exemplo, poderão chegar à conclusão de que “O travessão marca a fala dos personagens”, “Para mostrar que o personagem está muito confuso ao fazer uma pergunta, use interrogação e exclamação.”, etc.</p> <p>A piada deve ser entregue em uma folha de papel, com espaço para as anotações do grupo revisor.</p>
<p>Análise lingüística</p>	<p>9º momento: Peça aos grupos que devolvam a piada revisada. Oriente a todos a observarem as indicações feitas pelos amigos. Em seguida, entregue aos alunos o mesmo texto, desta vez já, com a pontuação, para que façam o confronto com os seus textos. Pergunte:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ As pontuações empregadas por vocês coincidiram com as do texto já pontuado? ▪ Alguém gostaria de apresentar um texto cujo emprego da pontuação está diferente? (peça ao aluno para anotar, no quadro, o texto com as duas versões de pontuação). <p>Convide a turma a ler as duas versões da piada e pergunte:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Quais foram as diferenças observadas nas duas versões? ▪ Será que houve alguma alteração no ritmo, na melodia ou no sentido do texto por causa da mudança? <p>Oportunize a reflexão sobre a função da pontuação dentro do texto.</p>	<p>Piadas pontuadas pelos alunos</p>	<p>Ajude seus alunos a observarem que, na língua escrita, não dispomos dos inumeráveis recursos rítmicos e melódicos da língua falada. Para suprir essa carência, utilizamos a pontuação buscando aproximarmo-nos do movimento da elocução oral, por isso temos que procurar a pontuação que melhor expresse a nossa intenção no texto.</p>

Análise lingüística	<p>10º Momento: Oriente os alunos a realizarem as possíveis alterações em seus textos a partir das reflexões levantadas sobre o uso da pontuação.</p>	Piadas pontuadas pelos alunos	
Oralidade	<p>11º momento: Proponha a realização de uma <i>OlimPIADA</i>, ou seja, uma “olimpíada de piadas”. Nesse evento, a turma poderá reunir-se em pequenos grupos para contar piadas.</p> <p>Deverão ser formados grupos de piadistas para a competição. Essa formação poderá ser feita através de sorteio ou agrupamentos espontâneos.</p> <p>Os grupos podem eleger representantes para representar a equipe. O grupo-classe ficará responsável por elaboração de critérios de avaliação e pelo julgamento das equipes competidoras (ver, em anexo, sugestão de critérios). Informar que a equipe campeã irá se apresentar para alunos de outras séries, que irão votar nas piadas e piadistas mais engraçados.</p>		<p>Poderá ser formado um grupo específico para avaliar os competidores. Esse grupo pode ser composto por alunos da sala ou de outras salas, assim como professores da escola.</p> <p>Você será o apresentador do evento, chamará cada grupo para contar sua piada, sorteando temas de piadas para serem apresentadas.</p>
Escrita	<p>12º momento: Inicie, juntamente com os alunos, a elaboração dos critérios de avaliação. Pergunte:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ O que vocês esperam das piadas contadas? ▪ E o que esperam dos piadistas? <p>Amplie o leque de perguntas, instigando a participação da sala.</p>		<p>Estamos elencando alguns critérios de avaliação, porém você poderá, inicialmente, construir uma lista de critérios, junto aos alunos, e agregá-la aos itens sugeridos pela seqüência didática.</p> <p>No dia das <i>OlimPIADAS</i>, os grupos competidores deverão estar preparados para a apresentação. Serão dois grupos por vez, cada grupo se apresentará obedecendo à ordem do sorteio de temas feito por você. Cada equipe contará uma piada por vez.</p>

Oralidade

13º momento

Faça a abertura das *OlimPIADAS* relembrando aos alunos os critérios de avaliação estabelecidos pelo grupo-sala.

Toda a sala deverá estar atenta às piadas contada pelos representante das equipes. Os analisadores, a postos, deverão observar as instruções descritas na ficha de avaliação.

A equipe que atender melhor aos critérios de avaliação será a campeã e irá se apresentar no pátio da escola para os alunos de outras turmas. Na apresentação, a equipe campeã levará como convidadas as outras equipes que participaram das *Olimpiadas*.

Ficha com os critérios de avaliação (anexo 2)

A ordem de apresentação dos grupos poderá ser estabelecida através de sorteio.

Os analisadores deverão ter em mãos os critérios de avaliação.

Promova um momento em que os alunos das outras turmas votem nos piadistas e nas piadas mais engraçadas.

ANEXOS:

Anexo 1



TABELA PARA A REFLEXÃO SOBRE O EMPREGO DA PONTUAÇÃO



SINAL	NOME DO SINAL	QUANDO FOI USADO
.		
?		
,		
!		
-		
“ ”		

 FICHA DE AVALIAÇÃO DOS PARTICIPANTES DAS OLIMPIADAS 		
Tema da Piada	1ª Equipe	2ª Equipe
Contação da Piada	A piada foi: Muito engraçada? Pouco engraçada? Sem graça? Por quê?	A piada foi: Muito engraçada? Pouco engraçada? Sem graça? Por quê?
	Observe se o contador: <ul style="list-style-type: none"> ▪ se movimentava; ▪ gesticulava; ▪ muda o tom de voz; ▪ cria vozes diferentes. 	Observe se o contador: <ul style="list-style-type: none"> ▪ se movimentava; ▪ gesticulava; ▪ muda o tom de voz; ▪ cria vozes diferentes.
	Perceba, pela reação da turma, se o contador convenceu a platéia como piadista. Faça um comentário a respeito.	Perceba, pela reação da turma, se o contador convenceu a platéia como piadista. Faça um comentário a respeito.

Professor, é preciso lembrar aos alunos que deve haver uma relação entre o que diz a piada e essas estratégias. O contador não pode usar quaisquer movimentos, gestos ou vozes.

 **SUGESTÕES DE PIADAS PARA USO DO PROFESSOR** 

O SORVETEIRO ROUCO

O sorveteiro da praia ficou rouco de tanto gritar, mas mesmo assim se esforçava pra anunciar seus produtos:

- Olha o sorvete! - tentava gritar ele - Tem de creme, chocolate, morango, tuti-fruti...

Então um médico que estava na praia perguntou:

- O senhor tem laringite?

E o sorveteiro:

- Não senhor! Só creme, chocolate, morango, tuti-fruti...

AS PULGAS

Duas pulgas tomam umas doses de inseticida a mais no bar das pulgas e saem de lá cambaleando...

- E aí? Vamo a pé pra casa?...

- Sei não... acho melhor a gente pegar um cachorro...

ATAQUE

O menino chegou muito atrasado na escola, e a professora perguntou:

- O que aconteceu ?

- Fui atacado por um crocodilo !!!!

- Oh, meu Deus!!! E você se machucou?

- Machucar não, mas o trabalho de matemática ele comeu todinho....

MÃE SÓ TEM UMA!

Primeiro dia de aula, e a professora, diante da turma, disse:

- Mãe é uma coisa muito importante, e por isto quero que cada um conte uma história, e essa história deve terminar com a frase: '**Mãe só tem uma**'.

E o Juquinha começou sua história:

Um dia na hora do almoço, minha mãe, olhou para mim e disse: " Juquinha vá lá na geladeira e pegue duas coca-colas, uma para você e outra para o seu pai."

- Eu fui na geladeira e depois de olhar bem lá dentro, disse bem alto:

- **Mãe, só tem uma!**

CASTIGO

Joãozinho, assustado, pergunta:

- Professora, alguém pode ser castigado por algo que não fez?

- Não, Joãozinho, nunca!!!

- EBA !!! Tô livre, não fiz a lição de casa...

O COBRADOR

O dono do mercadinho foi à casa de um freguês para receber a conta.

Um garotinho veio atender à porta.

- Você pode chamar seu pai? - solicitou o cobrador.

- Meu pai não está em casa - respondeu o garoto.

- Como não está? - recuou espantado o comerciante - Eu o vi na janela quando estava vindo para cá!

- Pois é, ele também viu o senhor, e por isso desapareceu.

A GRANDE SURPRESA

A mãe de Juquinha entra, subitamente, na cozinha e pega ele tirando chocolates de dentro do armário para comer escondido. Ela exclama com surpresa:

- Francamente, Juquinha, estou admirada em encontrá-lo aqui!
- Pois saiba que eu estou muito mais! - respondeu Juquinha - Pensei que a senhora tinha saído.

SAPO JURURU

O sapo foi se consultar com uma cartomante. Depois de jogar as cartas, ela profetizou:

- Vejo uma moça loira, muito bonita e inteligente querendo saber tudo sobre você!
- Croac! E quando eu vou conhecer essa princesa? - perguntou o sapo.
- Semestre que vem... na aula de biologia!

COBRA DESCONFIADA

A cobrinha chega em casa e pergunta para seu pai:

- Papai, é verdade que somos venenosas?
 - Não, minha filha! Mas por que perguntou?
- E a cobrinha:
- É que acabei de morder a língua!

GAROTO "ESPERTO"

- Pai, eu estava andando pelo mato e vi uma cobra, mas nem me assustei pois sabia que ela era filhote!
- E como você sabia disso, meu filho?
- É que ela estava brincando com um chocalho!

TRÊS LOIRAS NO DESERTO

Três loiras caminhavam conversando quando acharam uma lâmpada. Quando elas a esfregam, sai um gênio que concede um desejo para cada uma:

- Eu quero ser dez vezes mais inteligente do que sou.
- Plim, e a loira sente uma leve mudança.
- Eu quero ser cem vezes mais inteligente do que ela (a primeira).
- Plim, e a loira se transforma em uma morena.
- A terceira parou... pensou e disse :
- E eu quero ser mil vezes mais inteligente do que a soma das duas. Plim, e a loira se transforma em um homem.

DiverTIRAS

Tira em quadrinhos

3ª ciclo do Ensino Fundamental (7ª e 8ª séries)
Jorge Luís Lira da Silva

Objetivo geral: promover o estudo do gênero tiras, numa perspectiva lingüístico-discursiva, a fim de contribuir na formação de leitores críticos, de forma lúdica e com humor.

Objetivos específicos

As atividades previstas propiciam ao aluno:

- realizar leitura de prazer de tiras diversas;
- refletir sobre a relação entre texto verbal e imagem na construção de sentidos do gênero crônica;
- perceber estratégias de produção de humor próprias dos gêneros tira, tais como quebra de expectativa, ironia, duplo sentido, desenho caricatural, etc.;
- ler criticamente tiras, refletindo sobre a crítica social ali apresentada;
- produzir final coerente de tira, atentando para a articulação entre imagem e texto verbal e para o efeito de humor que se deseja alcançar;
- produzir carta a autores brasileiros de tiras, relatando sobre a experiência de ler os textos criados por esses autores;
- produzir dramatização, tomando os personagens e as histórias das tiras como referência para desenvolvimento da oralidade, do humor e da crítica social, veiculada geralmente nesse gênero textual;
- produzir coletânea de tiras como atividade de produção e reescrita de texto, observando a adequação lingüística nesse gênero textual.

**ESTE TEXTO SE DESTINA A FORNECER INFORMAÇÕES BÁSICAS SOBRE O GÊNERO PARA O PROFESSOR.
NÃO DEVE SER USADO COM OS ALUNOS.**

Caro Professor,

O gênero 'tira em quadrinhos', 'tira' ou 'tirinha' derivou das histórias em quadrinhos (HQs), gênero que une a linguagem verbal escrita e a linguagem não-verbal dos desenhos. Dado esse parentesco, inicialmente, iremos apresentar algumas características gerais das HQs, que se aplicam também às tiras. As HQs nasceram no século dezoito, mas assumiram a forma que hoje conhecemos apenas no final do século dezanove, tendo se desenvolvido nos jornais diários.

As HQs são narrativas contadas através de cenas expostas em quadros, em seqüência. Nesses quadros, personagens agem, dialogam e pensam, sendo suas falas e pensamentos apresentados em balões. Geralmente, os diálogos das HQs buscam reproduzir uma conversação face a face, com traços de informalidade e de interatividade, tais como o uso de interjeições, de pontuação expressiva, como exclamações, reticências, interrogações duplicadas, etc. Diversos recursos gráficos também emprestam aos diálogos das HQs esse caráter informal e interativo, tais como o uso de negrito, de certos tamanhos e formatos de letras, de certos símbolos, como pequenas estrelas simbolizando dor; de formatos especiais para os balões (em forma de nuvem, para os pensamentos e sonhos, balões pontilhados para falas sussurradas, por exemplo).

A exemplo das HQs, as tiras também surgiram no suporte jornal e nele alcançaram sucesso e lugar cativo. Hoje já circulam em coletâneas, revistas, livros

didáticos, sites, etc. O predomínio de tiras em jornais e revistas, em lugar das HQs, pode ser compreendido por razões de ordem comercial, como economia de espaço, o que determina a curta extensão do texto. Há quem afirme que as primeiras tiras eram episódicas: de forma semelhante aos folhetins, os leitores tinham acesso à história narrada por partes, capítulo a capítulo, diariamente. Hoje em dia, os leitores das tiras têm acesso à narrativa completa em uma mesma edição, fator que pode facilitar a leitura, do mesmo modo que a atração exercida sobre os leitores pelo diálogo entre desenho e linguagem verbal.

A tira é uma narrativa contada em poucos quadros, normalmente de um a cinco. A exemplo de muitas HQs, as tiras também têm um caráter humorístico, que é alcançado por estratégias específicas. Uma das principais é a quebra de expectativa, que consiste num final inesperado, expresso no último quadro da tira, provocando o riso. Nesse sentido, arriscamos dizer que a tira é uma espécie de “piada visual”, já que, tanto a piada quanto a tira, são narrativas curtas que rompem com um final previsível, divertindo o leitor ou ouvinte. A leitura de tiras, portanto, exige a ativação de estratégias de leitura, que acionem conhecimentos de mundo, inferências, relações entre textos, imprescindíveis para a (re)construção do humor e, conseqüentemente, para a produção de sentido.

O gênero tira aborda temáticas diferenciadas, voltadas para públicos leitores bastante distintos, desde adultos até crianças, de forma humorística e crítica. Quando publicadas em revistas semanais e jornais diários, figuram nas seções de entretenimento e, geralmente, destinam-se aos adultos, público-alvo desses veículos. As tiras infantis, por sua vez, são mais freqüentes em revistas infantis (gibis, principalmente), sites, coletâneas e livros didáticos voltados para crianças.

Muitas tiras realizam sátira política e social com personagens que materializam estereótipos, certos modos de pensar e de agir comuns em nossa sociedade. O caráter satírico dessas tiras pode propiciar um bom trabalho na formação de leitores numa etapa mais avançada de escolaridade (3º ciclo do ensino fundamental e ensino médio), por possibilitar o estabelecimento de relações entre a temática e a crítica social subjacente à história narrada, de modo que se discutam, em sala de aula, questões éticas, políticas, culturais, sociais etc. Por exemplo, nas tiras de Quino, a personagem Susanita (anexo 1) representa a mulher burguesa, programada para o casamento e para os filhos, preconceituosa, machista. Manolito, outro personagem de Quino, encarna o capitalista sem escrúpulos, que supervaloriza o dinheiro e, muitas vezes, ignora a ética nas relações sociais, em nome de seus interesses pessoais (anexo 2).

Do ponto de vista lingüístico, o registro informal de linguagem é o mais comum, pois se aproxima da conversa cotidiana, a forma de diálogo mais freqüente nas cenas de cada quadrinho. A pontuação usada nas tiras tem caráter expressivo muito evidente, já que apontam as emoções sentidas pelos personagens. Como dificilmente há um narrador na história, o leitor só conta com a expressão facial e corporal dos personagens, com a pontuação usada e com o que é dito pelos personagens. As onomatopéias são um outro recurso importante para manter a interatividade e o envolvimento entre leitor e texto nas tiras, pois tentam imitar os sons produzidos pelos personagens e os ruídos que ocorrem no contexto da história. Esses recursos, assim como outros já citados, aproximam o leitor do “clima” da história.

O gênero tira, assim como as HQs, por seu caráter humorístico, são bastante queridos pelo público leitor de maneira geral, mas, especialmente por crianças e adolescentes. Por essa razão, são gêneros bastante propícios para o trabalho em sala de aula com esse público. Mas é preciso dizer também que, tendo em vista o uso de desenhos e o caráter humorístico de muitas tiras e HQs, elas podem ser usadas com bastante proveito nos anos iniciais de escolarização, inclusive com alunos que ainda não lêem convencionalmente. Assim, usá-los nas aulas de língua materna pode se converter não só uma oportunidade de aprender, mas, especialmente de aprender com prazer.

Para saber mais:

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Tira cômica: uma leitura na escola. *Estudos Lingüísticos XXVI*. Anais de Seminários do GEL. 1997. pp. 381-387.
- IANNONE, Leila R. & IANNONE, Roberto A (1994). *O mundo das histórias em quadrinhos*. 5.ed. São Paulo, Moderna.
- LINS, Maria da Penha P. (2002). *O humor nas tiras de quadrinhos: uma análise de alinhamentos e enquadres em Mafalda*. Vitória: Grafer.
- MENDONÇA, Márcia (2003). Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In DIONISIO, Angela; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. pp. 194-207.
- NEPOMUCENO, Terezinha (2005). *Sob a ótica dos quadrinhos: uma proposta textual-discursiva para o gênero tira*. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Letras e Lingüística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. Disponível em < <http://www.mel.ileel.ufu.br/dissertacoes/DISSERT163.PDF>>. Acesso em 10 set. 2007.
- POSSENTI, Sírio (2002). *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*. 3. ed. Campinas: Mercado de Letras.

Onde encontrar:

Livros:

- QUINO (2003). *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes.
- SOUZA, Maurício de (2003). *Mônica: superaventuras*. Rio de Janeiro: Globo.

Sites:

- <http://www.mafalda.net/>
- <http://www.mafalda.com.br>
- <http://www.calvinbr.hpg.ig.com.br>
- <http://www.guiademidia.com.br/sites/quadrinhoshqs.htm>
- <http://www.brazilcomics.hpg.ig.com>
- <http://www.universohq.com>
- <http://www.clubedamafalda.blogspot.com>
- <http://www.sitedocalvin.com.br>
- <http://tiras-hagar.blogspot.com/>
- <http://www.mauriciodesouza.com.br/>
- <http://www.monica.com.br/>

DiverTIRAS
Tira em quadrinhos

3º ciclo do Ensino Fundamental (5ª e 6ª séries)

Eixos de ensino	Passo-a-passo	Material didático	Observações
Leitura Oralidade	<p>1º momento: Para a organização dos grupos, distribua, para os alunos, tarjetas com nomes de personagens de tiras em quadrinhos (personagens das tiras de Mafalda, das tiras da turma da Mônica, das tiras do Hagar, das tiras do Kalvin, das tiras de Níquel Náusea) e peça para eles se agruparem de acordo com o nome dos personagens recebidos. Você poderá questioná-los se conhecem os personagens que receberam, onde os encontraram, de que personagem gostam mais e o porquê.</p>	Tarjetas em cartolina com nomes de personagens de tiras em quadrinhos	<p><i>O número de aulas necessárias nesta sequência é variável. Dependerá do número de alunos na turma e do ritmo de trabalho deles.</i></p> <p>Esta atividade é interessante não somente para organizar os grupos, mas também para introduzir os alunos no universo dos personagens das tiras em quadrinhos. Se preferir, em vez das tarjetas com nomes das personagens, use as próprias tiras da atividade do 2º momento.</p>
Leitura Análise Linguística	<p>2º momento: Distribua tiras (das mais diversas) para os alunos. Estes, coletivamente, irão fazer a leitura de suas tiras. Logo depois, solicite que eles analisem as tiras para verificar suas características estruturais e linguísticas. Você poderá, ainda, direcionar questões para encaminhar a análise, tais como:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Onde podemos encontrar as tiras? (suporte) 2. Que elementos linguísticos constituem as tiras? 3. Que recursos gráficos estão presentes nas tiras? (desenhos, balões, requadros, símbolos, etc.) 4. As tiras são somente para rir, ou utilizam os recursos do humor para fazer uma crítica social? Por quê? (função social) <p>Diante da análise, os alunos, em grupos, receberão tarjetas, nas</p>	Cartolina Piloto Cópias de tiras Tarjetas	<p>No momento de caracterizar o gênero tira, chame a atenção para o fato de as tiras terem se originado das histórias em quadrinhos (HQs). Você pode levar suportes autênticos das tiras: gibis, jornais e revistas (seções específicas), livros (coletâneas de tiras), para que os alunos os visualizem e/ou propor, dentro das suas reais possibilidades, uma pesquisa em sites, na <i>Internet</i>, que trazem as tiras. Para que a atividade funcione a contento, é preciso distribuir tanto tiras de humor quanto tiras que fazem crítica social.</p>

	quais anotarão as características formais, estruturais, lingüísticas e discursivas do gênero tiras para montagem do “mural das caracterizações”.		
Leitura	<p>3º momento: Distribua aos alunos, em grupos, uma cartela, contendo tiras de personagens diversos, por exemplo, Mafalda, Calvin e Hagar. Na cartela, a seleção das tiras enfocará um personagem. Através do seu comportamento e das suas atitudes, os alunos irão analisar a cartela, identificando e listando traços da “personalidade” de cada personagem focado. Por exemplo, uma tira de Mafalda trará uma situação em que ela faz uma crítica social forte; uma tira de Hagar mostrará o seu machismo e sua estupidez; uma de Magali mostrará sua gula. Os alunos farão uma lista e apresentarão para o grande grupo. Logo depois, de posse de sua análise prévia, sistematize a discussão.</p>	Cartela com tiras de personagens diversos	Essa atividade pode ser realizada com tiras de outros personagens, para adequar-se às necessidades e preferências do grupo-classe. É importante que, previamente, seja feita uma pesquisa sobre a história dos personagens. A pesquisa na net, através de sites especializados, é uma boa sugestão. Fique atento para selecionar tiras que evidenciem as características essenciais de cada personagem. Aproveite para retomar o mural de caracterizações no que toca à crítica social.
Leitura Escrita	<p>4º momento: Depois de terem conhecido os personagens, dê aos alunos três tiras (de personagens diferentes). Nessas tiras, o último balão estará com balões vazios. Caberá aos alunos, em grupo, encontrarem um final para as tiras, completando o balão e, conseqüentemente, estabelecendo o humor e o sentido do texto. Logo depois, de posse das tiras com seus finais originais, peça para que os alunos façam a comparação com os finais que produziram, verificando se conseguiram produzir humor através da quebra das expectativas.</p>	Cópias de tiras Lápis Caneta	O objetivo desta atividade é ler uma tira para observar a quebra de expectativas. Não se trata de analisar se os alunos são capazes de “adivinhar” o final da tira original, mas se conseguem perceber como se constrói humor com base na quebra de expectativas.
Escrita	<p>5º momento: Distribua para os alunos tiras, cujos balões estejam sem nenhuma fala. Como já sabem sobre os personagens, peça para os alunos produzir em falas para eles, relacionando, de forma</p>	Cópias de tiras Lápis Caneta	É importante chamar a atenção, na produção do texto verbal das tiras, para a linguagem desse gênero, muito aproximada da conversação informal, haja vista a

	coerente, os elementos verbais e não-verbais, produzindo humor e, conseqüentemente, sentido.		reprodução de diálogos face a face na escrita
Análise lingüística	6º momento: Entregue, para os alunos, tiras, nas quais predominarão a presença da linguagem não-verbal nos primeiros balões e, no último quadro, haverá um balão, no qual os alunos darão voz a esse balão, fazendo a leitura dos elementos não-verbais presentes nas tiras, além de efetivar humor e sentido.	Cópias de tiras Lápis Caneta	Essa atividade pretende contribuir para o trabalho com a leitura do texto-verbal característico do gênero em questão. Aparentemente muito simples, essa atividade é bastante desafiadora, pois o que está em jogo não é simplesmente a leitura do texto não-verbal, mas, também, atrelada a essa leitura, a produção de humor.
Análise lingüística Escrita	7º momento: Solicite aos alunos que pesquisem sobre os principais autores das tiras, através de pesquisas em <i>sites</i> , revistas, livros entre outros suportes. Logo depois, a partir da identificação dos alunos em relação às tiras estudadas, eles elegerão o autor preferido e produzirão uma carta, falando da experiência vivenciada com as tiras no que se refere à leitura e à produção de humor.	Pesquisa dos alunos Lápis Caneta	É importante, antes de pedir a produção do gênero carta, levantar conhecimentos prévios sobre o gênero, caracterizá-lo ou trabalhar com modelos, aproveitando para abordar a questão da adequação ao nível de formalidade da linguagem na produção desse texto. A esse respeito, veja a seqüência sobre carta do leitor, neste livro. As cartas deverão ser enviadas para que a produção de texto não tenha um fim em si mesma, mas cumpra com seu propósito comunicativo, portanto a necessidade de selecionar autores brasileiros como destinatários em potencial.

Escrita	<p>8º momento: A partir do estudo sobre os personagens das tiras, peça para os alunos elegerem o personagem de que mais gostam. Feitas as escolhas, oriente-os, tomando como base uma tira, a “ampliar” os diálogos presentes no texto escolhido, desenvolvendo uma história, cuja trama e cujo desfecho ficarão a cargo deles. Feitas as produções, os alunos irão apresentar a produção do texto (por escrito e oralmente).</p>	Papel Caneta	<p>Verifique se os alunos já são familiarizados com o gênero oral “dramatização”, em que o improviso pode ser bem-vindo. Aproveite para lembrar que, assim como nas histórias em quadrinhos, a narrativa a ser dramatizada será maior, o que poderá subsidiar a produção dos alunos. Destaque, ainda, que serão apresentados esquetes curtos e que o gesto, a expressão, os objetos, os cenários servirão como recursos que “reproduzem” as imagens nas tiras. É importante garantir, nessa produção, um trabalho de reescrita, já que será um trabalho apresentado à turma.</p>
Escrita Análise Linguística	<p>9º momento: Após o trabalho com as tiras, solicite aos alunos que produzam suas “tiras”, criando seus personagens, dando-lhes nomes, características pessoais e ideológicas, que estabeleçam crítica, de forma humorada, a algo (a alguma situação) que lhes seja próximo. Eles serão responsáveis, ainda, pelos aspectos gráficos do texto, como por exemplo: a feitura dos personagens, dos balões, das expressões faciais entre outros aspectos.</p>	Papel Lápis	<p>A montagem do livro de coletâneas garantirá um trabalho de reescrita dos textos dos alunos, não somente no tocante a questões de norma culta, mas, sobretudo, no que diz respeito à adequação ao nível de formalidade da linguagem, à escolha lexical, ao uso da pontuação, dos recursos onomatopaicos e das estratégias de produção de humor e de sentido nos textos verbal e não-verbal e da quebra de expectativas.</p>

CRIAR E ANUNCIAR: A PUBLICIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR

Anúncio publicitário

1º ciclo do Ensino Fundamental(1ª e 2ª séries)
Débora Amorim G. da Costa Maciel

Objetivo geral: explorar o gênero anúncio publicitário, procurando refletir sobre a sua função social e diferentes formas de realização, e circulação, em busca de produzi-lo adequadamente.

Objetivos específicos

As atividades previstas propiciam aos alunos:

- fazer uso dos conhecimentos prévios sobre o gênero e seus exemplares, associando logomarcas e logotipos de marcas conhecidas;
- identificar, em anúncios publicitários de grandes veículos e junto a estabelecimentos comerciais e profissionais autônomos do bairro em que reside o público-alvo a que se destinam, algumas de suas características, como *slogan* e logomarca, e o espaço de circulação social;
- refletir sobre as possíveis modificações sofridas por um anúncio se fosse veiculado em mídias diversas, através da comparação de anúncios;
- refletir sobre estratégias de persuasão usadas em anúncios publicitários, tais como tamanho das letras, cores, imagens, *slogans*, etc.;
- elaborar *slogans* para os estabelecimentos comerciais ou para os profissionais autônomos do bairro, procurando usar algumas estratégias de persuasão adequadas ao tipo de produto ou serviço;
- avaliar a pertinência das produções, apresentá-las, posteriormente, para a turma (ou outras turmas) e entregar os *slogans* produzidos aos estabelecimentos comerciais ou aos profissionais autônomos do bairro.

**ESTE TEXTO SE DESTINA A FORNECER INFORMAÇÕES BÁSICAS SOBRE O GÊNERO PARA O PROFESSOR.
NÃO DEVE SER USADO COM OS ALUNOS.**

Caro Professor,

O anúncio publicitário faz parte da realidade cotidiana das crianças, uma vez que é um dos gêneros textuais com o qual elas se deparam frequentemente em seu dia-a-dia, através da interação com veículos diversos, como jornais, revistas, televisão, rádio, *outdoors*, cartazes em paradas de ônibus, internet etc. A publicidade pode voltar-se tanto para propósitos comerciais (compra e venda de produtos e serviços) quanto para propósitos não-comerciais, como campanhas de saúde, educação, solidariedade e outros temas relativos à cidadania. Neste último caso, é comum que seja chamada de propaganda, para diferenciar-se da publicidade. No caso desta seqüência didática, estaremos enfocando os anúncios publicitários com objetivos comerciais.

O produto da publicidade, seja ele, um objeto, uma imagem, um serviço, uma idéia etc, é veiculado através de gêneros publicitários variados, cuja finalidade é vender. O anúncio publicitário é um desses gêneros e procura convencer o consumidor a comprar o que é oferecido. Para isso, usa múltiplas linguagens, várias estratégias discursivas, como a utilização de imagens estáticas (revistas, jornais etc) ou em movimento (televisão etc), sons (rádio), cores, tipos de letras (texto escrito), organização visual específica (*layout*), etc., de acordo com o suporte midiático no qual será divulgado. Também são comuns, nesse gênero, os jogos com a linguagem, tais como duplo sentido, metáfora, rima e aliteração, além da grande incidência de frases curtas, formato muito apropriado para os *slogans* e para a apreensão rápida do texto por parte do leitor..

Os discursos emanados dos anúncios publicitários procuram não só informar, como também modificar comportamentos. O sujeito constrói assim sua mensagem através de “estratégias” discursivas direcionadas ao outro que, ao interpretar o texto, deve estar atento para o implícito, as inferências e a pressuposição presentes em qualquer texto. Ele depreende o sentido que emana de fatores lingüísticos e extralingüísticos presentes no gênero.

Ao selecionar anúncios para o trabalho escolar, nas séries iniciais, é imprescindível a reflexão sobre os seus objetivos, o público a que se destina, as peculiaridades do suporte no qual eles são veiculados. Além disso, os recursos visuais e sua mensagem, geralmente curta, favorecem o trabalho com crianças de todos os níveis de apropriação do sistema escrita, facilitando o processo de leitura por parte do alfabetizando, que pode lançar mão de diferentes estratégias para sua efetivação.

Em termos dos elementos que compõem o anúncio publicitário, o *slogan* é um dos mais importantes. Esse termo da língua inglesa é usado para referir-se à frase concisa, de fácil memorização, que expressa uma qualidade da marca, ofertando-lhe credibilidade. Por exemplo, “Energia que dá gosto” é o *slogan* de um achocolatado. Sempre acompanha a logomarca da empresa e o mais importante, deve ser de fácil assimilação. A questão da credibilidade também pode ser reforçada pelos “garotos-propaganda”, que persuadem o consumidor a aderir ao que se quer informar/vender.

O gênero anúncio publicitário pode ser trabalhado não apenas nas aulas Língua Portuguesa, mas também em outras disciplinas, numa perspectiva interdisciplinar, agregado a temas que atravessam todo o currículo escolar, nas várias áreas de conhecimento. Isso porque discutir sobre os valores veiculados na publicidade possibilita que os alunos tenham uma visão mais crítica do estímulo ao consumo presente no mundo de hoje e como ele se expressa nas diversas linguagens. Os anúncios veiculam modismos, valores, crenças, ideologias, estereótipos. Essa característica, se explorada de forma criteriosa, pode ser objeto de um trabalho pedagógico relevante, especialmente na formação do leitor crítico.

Esse gênero oferece ainda ao professor condições de desenvolver diversas atividades, como o trabalho com a interpretação de texto, a reflexão sobre a intencionalidade das escolhas lingüísticas, as estratégias de persuasão presentes no texto, oportunizando a exploração dos recursos verbais e não-verbais usados no anúncio publicitário. Como não há, em princípio, anúncios específicos para cada série/ciclo, o professor deve analisar que anúncios se prestam a serem trabalhados com as crianças, atentando para aqueles criados especificamente para o público infantil.

Para saber mais:

- CARDOSO, Beatriz e EDNIR, Madza (1998). *Ler e escrever, muito prazer!* São Paulo: Ática.
- CARRASCOZA, João A. (1999). *A evolução do texto publicitário*. São Paulo: Futura.
- CARVALHO, Nelly de (2000). *Publicidade: a linguagem da sedução*. São Paulo: Ática.
- LIMA, Raimundo de (2007). A publicidade infantil é ética? *Espaço Acadêmico*. N° 60, jan.. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/068/68lima.htm>. Acesso em 17 ago. 2007.
- NAGAMINI, Eliana (2000). O contexto da publicidade no espaço escolar: a construção dos pequenos enredos. In: CITELLI, Adilson (coord.). *Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática*. São Paulo: Cortez. pp. 39-80
- SANDMAN, Antônio (2003). *A linguagem da propaganda*. São Paulo: Martins Fontes.

Onde encontrar:

Os anúncios publicitários podem ser encontrados em encartes de lojas, supermercados, jornais e revistas para o público infantil e adulto; nos veículos de comunicação de massa, como rádio, televisão, internet. Também são veiculados em *outdoors*, paradas de ônibus, vidros traseiros dos ônibus e táxis; em embalagens de produtos industrializados, em placas de rua, etc.

Sites :

- <http://www.cbsp.com.br/anuarios/>

CRIAR E ANUNCIAR: A PUBLICIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR
Anúncio publicitário

1º Ciclo do Ensino Fundamental (1ª e 2ª séries)

Eixos de ensino	Passo-a-passo	Material didático	Observações
Leitura	<p>1º momento: Colete anúncios publicitários conhecidos dos seus alunos, recorte, separando o logotipo e a logomarca de modo que pareça um “quebra-cabeça”.</p> <p>Distribua envelopes contendo as logomarcas e, em outros, os logotipos e oriente-os a montar. Eles procurarão fazer a junção das partes e, conforme achem o par, formarão pequenos grupos.</p> <p>Finda a montagem, pergunte:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ O que vocês acharam nesse “quebra-cabeça”? ▪ Alguém conhece o produto que conseguiu montar? ▪ Na hora de montar, o que vocês observaram para encaixar as peças? ▪ Já viram o produto sendo anunciado na TV, rádio ou jornal etc.? ▪ Alguém lembra do anúncio? Como era? <p>Deixe os alunos falarem sobre seus contatos com os anúncios publicitários na mídia.</p>	Recortes de logomarcas e logotipos.	<p><i>O número de aulas necessárias nesta seqüência é variável. Dependerá do número de alunos na turma e do ritmo de trabalho deles</i></p> <p>Nesta atividade, mesmo que os alunos não estejam lendo convencionalmente, eles realizarão a leitura a partir de pistas, tais como as cores e o tamanho das letras, entre outras.</p> <p>Procure juntar nos grupos alunos de diferentes fases de apropriação do sistema de escrita.</p> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-top: 10px;"> <p>Logotipo: Letras (especialmente desenhadas ou adaptadas) utilizadas para compor o nome de marca ou empresa.</p> </div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px; margin-top: 10px;"> <p>Logomarca: símbolo gráfico identificador de uma empresa ou marca</p> </div>

Leitura
Escrita

2º momento:

Distribua jornais e revistas e peça aos alunos que escolham um anúncio publicitário.

Em uma cartolina, monte a seguinte tabela:

Produto	Público-alvo	Características	Local de circulação

Coletivamente responda as questões com o grupo-sala, em seguida, pergunte:

- Em que outros veículos de comunicação poderão ser encontrados os anúncios que vocês escolheram?
- Como seriam os anúncios que vocês encontraram caso fossem divulgados em rádio, TV, jornal, internet?
- Haveria semelhanças e ou diferenças nos anúncios veiculados nesses meios de comunicação? Quais?

Faça uma tabela e complete com os alunos:

Anúncio escolhido	TV	Rádio	Jornal	Internet

Refleta sobre os diferentes recursos mobilizados pelos suportes. Procure atentar para as semelhanças e diferenças entre eles.

Revistas;
Jornais.

Utilize diversos portadores de texto, tais como: livros, inclusive os didáticos, jornais, revistas, TV, embalagens, outdoor, entre outros, explorando suas situações de uso. Você estará permitindo contatos variados com os diferentes gêneros produzidos socialmente, ajudando o aluno a investigar, comparar, questionar, compreender regras usadas nos diferentes textos e seu contexto de produção.

Auxilie os grupos na hora da leitura dos textos. Ajude-os a perceber que os anúncios procuram persuadir, convencer os leitores.

É importante ajudar os alunos a perceberem que pode haver pistas para saber se o anúncio é para adulto ou criança:

- o tipo de produto;
- as cores;
- o tipo de ilustração (se houver);
- a linguagem, etc.

Essa estratégia permite que as crianças que ainda não lêem convencionalmente façam uma leitura com base nos seus conhecimentos prévios.

Este momento será importante para que os alunos percebam a adequação do gênero ao suporte/mídia e as modificações que os mesmos podem sofrer em sua materialidade textual.

Se achar pertinente, inicie aqui uma discussão com as crianças quanto à quantidade de publicidades veiculadas em certas épocas do ano. É provável que eles percebam como o Dia das Mães, o Dia dos Pais, o Dia das Crianças, etc. são explorados comercialmente. Isso pode ajudar a perceber como essas datas ajudam o comércio a vender produtos e como a publicidade é parte desse objetivo.

Leitura
Escrita

3º momento:

Solicite aos alunos que, em grupo, identifiquem três anúncios em seu bairro ou cidade e verifiquem os dados expostos no quadro a seguir:

Produto (nome/desenho)	Público- alvo	Características	Local de circulação
	Criança		
	Adolescente		
	Adulto		
	Idoso		

Os alunos devem copiar esse quadro no caderno (ou você deve distribuir para eles), a fim de registrarem as informações coletadas.

Cópias do
quadro
sugerido.

Esta atividade de pesquisa ajudará os alunos a perceberem os anúncios publicitários que os rodeiam e seus respectivos suportes.

Estimule seus alunos a anotarem o que viram, mesmo que eles ainda não estejam escrevendo convencionalmente. Peça que registrem ao seu modo.

Nesta, atividade eles poderão pedir a ajuda de um adulto, caso seja necessário.

A seleção das perguntas deve ser feita em função dos objetivos da atividade, ou seja, o que queremos que seja foco principal de investigação.

<p>Oralidade Leitura</p>	<p>4º momento: Socialização da pesquisa. Os grupos virão à frente da sala e apresentarão seus achados. Lance perguntas orientadoras:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Que produto estava sendo anunciado? ▪ Para quem se destinava o produto? ▪ Onde ele estava escrito (cartaz, revista, jornal...)? ▪ Em que locais foram apresentados os anúncios? ▪ O anúncio realmente chamava a atenção das pessoas? Dava vontade de comprar? ▪ Alguém encontrou o mesmo anúncio em diferentes locais? Ele estava apresentado da mesma forma? Havia alguma diferença? Qual? <p>Construa, com a ajuda dos alunos, um painel a fim de sistematizar as informações apresentadas por eles.</p>	<p>Cartolina; Hidrocor.</p>	<p>Você poderá escrever, no quadro, as sistematizações, e alguns grupos passarão a limpo na cartolina para compor o painel.</p>
<p>Leitura Escrita</p>	<p>5º momento: Distribua diferentes anúncios infantis com os grupos e oriente-os a observar as pequenas frases que os acompanham. Em seguida, pergunte a todos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Para que servem essas frases ao lado da marca? ▪ O que sugerem as frases sobre a marca/produto? ▪ Qual das frases é mais interessante, criativa e convincente? Por quê? ▪ Tem algo que atraia a atenção das crianças? <p>Sistematize, no quadro, as principais idéias apontadas. No final da discussão, fale para os alunos que as frases são chamadas de <i>slogan</i>. Defina de forma acessível aos seus alunos.</p>	<p>Anúncios publicitários retirados de revistas, jornais, sites especializados (ver anexos).</p>	<p>Colete anúncios destinados ao público infantil. Caso necessite, utilize os anúncios sugeridos em anexo. Esteja atento para o fato de que algumas reproduções de anúncios não preservam todas as características dos anúncios originais, como cor, tamanho, textura (no caso de mídia impressa), movimento (no caso de anúncios animados).</p>

Escrita	<p>6º momento: Os grupos voltarão a visitar os bairros, desta vez, buscando observar se, no anúncio das empresas do bairro, feira do bairro, feira de produtos populares, no carro do sorveteiro, na oficina do mecânico, pedreiro, no fiteiro etc, há <i>slogan</i>.</p> <p>Peça aos alunos que, com a ajuda de um adulto, escrevam o <i>slogan</i> dos pontos comerciais, caso haja.</p>	Papel e lápis.	Se achar necessário, oriente-os a preencherem uma tabela
Escrita	<p>7º momento: Registre, no quadro, os possíveis <i>slogans</i> encontrados pelos alunos. Pergunte:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Onde foram encontrados? ▪ Qual o <i>slogan</i> mais interessante, criativo e convincente? Por quê? ▪ Em algum comércio ou anúncio de profissionais autônomos, vocês não encontraram <i>slogans</i>? ▪ Que tal criarmos <i>slogans</i> ou mesmo um novo <i>slogan</i> para as pessoas que estão querendo divulgar seus produtos? Vamos caprichar? <p>Oriente os grupos a criarem os <i>slogans</i> sabendo que, posteriormente, entregarão para os comerciantes/profissionais.</p> <p>Depois de prontos, os alunos podem usar a ficha de avaliação (ver anexo 3) para julgarem o seu próprio desempenho.</p>	Papel Caneta Lápis de cor Ficha de avaliação (ver anexo 3)	<p>A criação do <i>slogan</i> deve ter um objetivo claro, a entrega aos comerciantes e profissionais do bairro evidencia uma finalidade.</p> <p>Os grupos devem ser orientados a atentarem para o que está sendo anunciado, o público a que se destina e em que suporte se pretende anunciar o produto.</p> <p>Oriente-os a observarem outras publicidades que estejam sendo expostas nos suportes que escolheram para que possam tomá-las como modelo.</p> <p>Caso os alunos tenham escolhido anunciar na TV, alerte-os para que observem os gestos e o tom de voz usados para chamar a atenção sobre o produto/marca, assim como todos os recursos utilizados na propaganda.</p> <p>Todos devem ensaiar bastante e, quando estiverem satisfeitos com a sua atuação, se apresentam para a turma.</p>
Oralidade	<p>8º momento: Os grupos apresentarão à turma os <i>slogans</i> criados. A apresentação poderá ser feita através de cartazes, televisão (gravando com câmeras digitais, celulares, etc), rádio (simulando um <i>slogan</i> veiculado em rádio) etc.</p> <p>Em seguida, irão entregar os <i>slogans</i> aos comerciantes e profissionais autônomos.</p>	Material necessário ao tipo de apresentação escolhida.	Alunos de outras salas poderão ter contato com as produções dos alunos, através de mural, cartazes ou de uma apresentação feita para outras classes.

Anexo 1

Anúncio da linha *Bibi Fashion*, dos calçados Bibi.
Disponível em
<http://www.bibi.com.br/product/default.aspx?category=fashion>.
Acesso em 28 fev. 2008.

Anexo 2

Anúncio integrante da campanha “*Compre Batom*”, da Garoto.
Disponível em <http://www.garoto.com.br/site/site_bra/institucional/comunicacao/com_campanhas_baton.php>. Acesso em 28 fev. 2008.

Anexo 3

Ficha de observação

Pontos a observar?	Comentários	Sugestões
Qual marca/produto escolhido?		
Qual <i>slogan</i> foi criado pela equipe?		
Qual elemento chamou atenção na criação do <i>slogan</i> ?		
O que a equipe procurou evidenciar na marca/produto?		
Será que a estratégia da equipe convencerá o cliente a adquirir a marca/produto? Por quê?		
Segundo a equipe, em que veículo de comunicação ou portador de texto (jornal, revista, panfleto etc.) será divulgado o <i>slogan</i> ? Por quê?		
O <i>slogan</i> criado é compatível com o veículo/portador em que será divulgado?		

A PALAVRA É SUA, LEITOR!

Carta do leitor

2º Ciclo do Ensino Fundamental (3ª e 4ª séries)
Débora Amorim G. da Costa Maciel

Objetivo geral: familiarizar-se com o gênero carta do leitor buscando compreendê-lo e refletir sobre as suas especificidades, bem como produzi-lo adequadamente.

Objetivos específicos

As atividades previstas propiciam aos alunos:

- oportunizar o contato com os diferentes modelos de carta do leitor;
- mobilizar os conhecimentos sobre o gênero carta pessoal para confrontá-los com o que sabem sobre carta do leitor;
- perceber elementos estruturadores do gênero carta do leitor;
- identificar os diferentes portadores textuais do gênero;
- ler e produzir cartas do leitor, levantando os pontos de vista e argumentos para criticar, elogiar, sugerir, indagar, solicitar ou denunciar.

**ESTE TEXTO SE DESTINA A FORNECER INFORMAÇÕES BÁSICAS SOBRE O GÊNERO PARA O PROFESSOR.
NÃO DEVE SER USADO COM OS ALUNOS.**

Caro Professor,

A carta do leitor, também identificada como carta à redação, é um gênero do domínio jornalístico. As cartas do leitor são veiculadas em revistas e jornais destinados ao mais variados públicos, geralmente numa seção específica do veículo. Caracteriza-se como uma carta aberta, que é dirigida a destinatários desconhecidos, uma vez que é veiculada em revistas e jornais de circulação nacional ou em outros meios de comunicação de grande penetração social, portanto é pública. Esse caráter público estabelece uma relação ocasional, esporádica entre o leitor e o jornal, por exemplo, diferente das demais cartas de caráter particular.

O gênero carta do leitor é bastante semelhante, do ponto de vista de sua organização geral, às cartas pessoais. A carta é, de fato, um gênero muito antigo, que emergiu com o advento da escrita, estabelecendo-se como uma forma de interação que utiliza o meio escrito, bastante usada entre os homens durante séculos. Ela possibilita a comunicação entre um autor, que envia um texto ao interlocutor, o qual recebe essa mensagem por meio de um veículo. Podem ser usadas em situações formais e informais, o que se reflete na sua organização interna, no vocabulário usado, etc. Por exemplo, no caso de cartas pessoais, assemelha-se a uma conversa entre pessoas dentro de uma circunstância determinada, possibilitando uma maior proximidade entre os interlocutores.

O gênero carta obedece a uma estrutura rígida, formada por três partes: a) seção de contato (local das saudações); b) núcleo da carta, onde é definida a seqüência argumentativa, narrativa, descritiva, discorrendo sobre os mais diversos assuntos; c) seção de despedida. São esses elementos que contribuem para a unidade interna do texto. Nessas partes, encontramos elementos identificadores de lugar, tempo, destinatário, remetente, saudação, despedida, dentre outros, que podem variar de acordo com o tipo de carta - carta pessoal, carta aberta, carta do leitor, carta comercial, etc. – cada uma com características diferentes. Esta diversidade existe em razão das finalidades que cada uma possui, podendo ser de comunicação pessoal (carta pessoal), de comunicação pública (carta institucional), etc.

Ao ser enviada à redação, a carta do leitor é composta dos elementos estruturais, peculiares deste tipo de texto. No entanto, ao chegar à redação passa

por um processo de transformação, pois geralmente é editada antes de sua publicação. Pode haver a retirada da data de envio, do vocativo, o corte de alguns trechos, a criação de um título. O veículo pode, ainda, tecer comentários ou responder a uma queixa de um leitor. A carta também pode não ser publicada, se assim decidir a editoria do veículo. Nessa perspectiva, a relação de poder entre o leitor(escritor) e o jornal/revista, etc. é assimétrica: o jornal ou revista é que decide o que será publicado, de que forma e quando.

A carta do leitor pode ser classificada em três categorias, a) carta à redação, em que se faz uma reflexão sobre algum tema; b) cartas dirigidas a artigos publicados, que comentam e opinam sobre uma matéria lida; c) cartas dirigidas a autores de artigos, que se posicionam sobre o que foi abordado ou sobre a perspectiva de abordagem adotada pelo autor. Nessas cartas, o leitor **enaltece ou critica** a revista, comentando algo que foi publicado. Também podemos encontrar cartas de **agradecimentos**, em que os leitores agradecem a publicação de determinado artigo. Ainda podemos encontrar as **solicitações**, em que são feitos pedidos à redação das revistas.

Quanto aos temas abordados, as cartas do leitor podem variar bastante. Em jornais de grande circulação, o mais comum é que as pessoas se expressem sobre assuntos de interesse público, inclusive sobre matérias divulgadas no veículo, levantando seus pontos de vista e argumentos para criticar, elogiar, sugerir, indagar, solicitar. Em revistas destinadas a públicos mais específicos, como os gibis infantis, é comum que os leitores sugiram novas histórias, digam de qual personagem mais gostam, etc. Nas cartas à redação, o leitor procura interagir com a equipe de redação das revistas/jornais, ocorrendo entre leitor/equipe de redatores um verdadeiro diálogo. Essas cartas possuem uma linguagem clara e objetiva, de estilo simples, no entanto são escritas no registro formal da língua.

Como se sabe, os gêneros textuais são constituídos por seqüências tipológicas diversas, que podem ser expositivas, argumentativas, narrativas, descritivas, etc. Quando a carta do leitor trata de alguma reclamação ou reivindicação, é preciso convencer os leitores e/ou ouvintes a aceitar os pontos de vista expostos, levando as pessoas a acreditarem no que é dito e a aderirem ao que se reivindica. Nesses casos, as seqüências argumentativas e expositivas são bastante freqüentes. Algumas vezes, é preciso relatar fatos ou ações em uma seqüência temporal e causal, quando predominam as seqüências narrativas. Em cartas do leitor destinadas à redação de revistas em quadrinhos, por exemplo, é comum o autor da carta se apresentar e, nesse momento, surge a seqüência descritiva, que se preocupa em caracterizar os seres ou situações descritos.

O trabalho com a carta do leitor proporciona ao aluno o contato com um gênero textual escrito de circulação social que mobiliza o uso de seqüências textuais importantes no desenvolvimento de competências comunicativas. A introdução da carta do leitor no trabalho escolar favorece a descoberta da função social do gênero, oportunizando a reflexão sobre o porquê das pessoas escolhem o referido gênero para expressar suas opiniões, comentar algo, etc., qual a importância desse gênero no estabelecimento de um contato entre veículo e leitor etc., quais temas são mais recorrentes no mesmo. A escola pode propor atividades que vão desde a percepção dos elementos estruturais do gênero até a reflexão nos eixos da oralidade, leitura e produção textual.

Para saber mais:

- BRONCKART, Jean -Paul. *Seqüências e outras formas de planificação*. In Atividades de linguagem, textos e discursos. São Paulo: Edusp, 1999. pp. 218-248.
- LEAL, Telma Ferraz. *Produção de textos na escola: a argumentação em textos escritos por crianças*. Cap. 1, 2 e 3. Tese de Doutorado da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.
- MELO, Cristina Teixeira Vieira de. *As revistas semanais: o Esopo moderno*. Dissertação de mestrado. Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Pernambuco,, 1993.
- _____. *Cartas à redação: uma abordagem discursiva*. Tese de doutorado. Pós-Graduação em Lingüística. Universidade Estadual de Campinas, 1999.

Onde encontrar:

As cartas do leitor podem ser encontradas em jornais e revistas variados, inclusive os dedicados ao público infantil, tais como gibis diversos, *Ciência Hoje das Crianças*, *Recreio*, e também em suplementos infantis publicados nos jornais nos fins de semana. Algumas cartas são publicadas em sites de revistas e de jornais, como abaixo:

Sites:

- <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT787092-2119,00.html>
- <http://www.terra.com.br/istoe/>
- <http://www.dpnet.com.br/>
- <http://www.cartanaescola.com.br/>

A PALAVRA É SUA, LEITOR!
Carta do leitor

2º ciclo do Ensino Fundamental (3ª e 4ª séries)

Eixos de ensino	Passo-a-passo	Material didático	Observações												
<p>Leitura Oralidade</p>	<p>1º momento: Forme peque nos grupos e distribua exemplares de gibis, em cuja edição apareça a “seção carta do leitor”. Peça para que os alunos observem cuidadosamente e vejam em que parte desses gibis são publicadas as cartas dos leitores.</p> <p>Pergunte:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Vocês encontraram a seção em que as pessoas falam suas idéias, dão a sua opinião? ▪ Há algum nome que identifica essa seção? ▪ Os gibis dão alguma informação sobre as pessoas que escrevem para eles? Quais? <p>Anote as respostas em uma tabela:</p> <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="text-align: center;">Nome do Gibi</td> <td style="width: 50px;"></td> <td style="width: 50px;"></td> <td style="width: 50px;"></td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">Nome da seção</td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">Identificação do remetente</td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </table> <p>Após preenchimento da tabela, explore os diferentes nomes apresentados na seção de carta do leitor, visto que alguns veículos a identificam como: “correio do Cebolinha” (ou outra personagem do gibi), outros identificam apenas com o nome de</p>	Nome do Gibi				Nome da seção				Identificação do remetente				<p>Exemplares de gibis; Cartolina. Piloto</p>	<p><i>O número de aulas necessárias nesta seqüência é variável. Dependerá do número de alunos na turma e do ritmo de trabalho deles.</i></p> <p>As respostas dos alunos devem ser afixadas na parede da sala de modo que eles percebam as diferentes identificações dadas pelos veículos de comunicação à seção “Cartas do leitor”, bem como alguns elementos identificadores dos leitores (sexo, idade, lugar de onde escrevem, etc.).</p>
Nome do Gibi															
Nome da seção															
Identificação do remetente															

	alguns gibis trazem apenas o nome do leitor, outros divulgam endereço para correspondência. São diferentes formas de identificação da seção de carta e do leitor.		
Leitura	<p>2º momento: Apresente aos alunos três modelos de cartas do leitor. Convide-os a lerem as cartas, em seguida pergunte:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Em que veículo elas foram publicadas? ▪ As cartas podem aparecer em outros veículos de comunicação? Quais? 	Cartolina Piloto / Giz Quadro Exemplos de carta do leitor (ver anexos 1, 2 e 3).	Aproveite o momento para refletir com o grupo-sala sobre os diferentes portadores textuais do gênero. Não esqueça de comentar que as cartas do leitor têm sido substituídas, na internet, pelos <i>e-mails</i> .
Leitura Análise Linguística	<p>3º momento: Para explorarmos as características da carta do leitor e da carta pessoal, convide os alunos a observarem dois exemplos do gênero.</p> <p>Retome o que os alunos disseram sobre as cartas do leitor aparecerem em outros veículos de comunicação. Pergunte:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Será que a carta enviada pelo leitor à redação das revistas, jornais, gibis, TV etc. é igual às que ele manda para um amigo? <p>Apresente, de forma ampliada, os anexos 1 e 4.</p> <p>Pergunte:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ O que a gente pode ver na primeira carta? (carta pessoal, anexo 4)? ▪ O que faz o remetente para que a gente perceba de onde a carta é e quando foi escrita? (local e data) ▪ Neste exemplo, o que faz o remetente ao iniciar a carta? (saudação) ▪ Após a saudação, o que podemos perceber no conteúdo da carta? 	Cartolina Piloto / Giz Quadro Exemplos de carta pessoal (anexo 4) e de carta do leitor (anexo 1).	<p>Ajude seu aluno a observar a estrutura do gênero textual carta:</p> <ol style="list-style-type: none"> a) seção de contato (local das saudações); b) corpo da carta, onde é definida a seqüência argumentativa, narrativa, descritiva; c) seção de despedida. <p>Não esqueça de refletir que alguns elementos tais como: identificação de lugar, tempo, destinatário, remetente, saudação, despedida, dentre outros, podem se apresentar em disposições diferentes, dependendo da carta. A finalidade da carta é que imprime essa diversidade de modelos.</p>

- Como a carta foi finalizada? (despedida e assinatura)
- Lendo a carta, podemos perceber a finalidade dela?

Anote ao lado da carta pessoal os pontos levantados pelos alunos. Em seguida, chame-os a observarem a carta do leitor.

Comente que eles irão observar o segundo exemplo (anexo 1) que, como eles já disseram, foi retirado de uma revista infantil.

Pergunte:

- Neste exemplo, como a carta é iniciada?
- O que o remetente diz a redação da revista?
- Como a revista identifica o remetente?
- Qual a finalidade dessa carta?

Anote a fala dos alunos ao lado da carta, a fim de que observem elementos, tais como: solicitações, elogios, sugestões, etc., presentes nesse modelo de carta.

No exemplo escolhido, o leitor enaltece a revista, solicita a publicação de novas matérias, bem como a divulgação de seu endereço para contato. Mas podem aparecer outros assuntos na carta do leitor. Leia mais sobre as características do gênero no texto de abertura desta seqüência.

Escrita
Leitura
Oralidade
Análise
lingüística

4º momento:

Pergunte:

- Na carta do leitor há elementos semelhantes e ou diferentes aos que aparecem na carta pessoal? Quais?

Registre no quadro:

Semelhanças		Diferenças	
Carta do Leitor	Carta Pessoal	Carta do Leitor	Carta Pessoal

Cartolina
Piloto

Faça uma discussão oral apoiando-se nos pontos listados nas tabelas, mas não esqueça de pontuar no quadro as respostas dos alunos para que contemplem as especificidades do gênero apresentado nos dois modelos de carta.

	Explore os pontos trazidos pelos alunos, buscando evidenciar as especificidades do gênero textual.		
Leitura	<p>5º momento: Forme pequenos grupos e distribua um exemplar de uma carta da leitora “Ana Shineide”, enviada a um jornal recifense. Pergunte:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Do que trata a leitora em sua carta? ▪ O que ela tenta mostrar ao governo? ▪ O que ela reivindica? ▪ Quais os argumentos usados para convencer o governo a tomar providências a respeito do problema denunciado? ▪ A leitora convence você a acreditar no problema e a reivindicar, juntamente com ela, melhoras urgentes? <p>Aproveite o momento para explorar outras cartas do leitor, enfocando as diferentes estratégias mobilizadas pelo leitor para defender suas idéias, denunciar problemas etc.</p>	Carta do leitor (anexo 5)	<p>Nesse momento, é importante frisar que os argumentos dos remetentes é fundamental para o convencimento do público leitor sobre a situação denunciada.</p> <p>Esse momento poderá ser oportuno para discutir, de forma bastante inicial, que, em geral, as cartas publicadas nas revistas podem não criticar ao que pensa o jornal sobre as notícias publicadas (linha editorial).</p>
Escrita Oralidade	<p>6º momento: Pergunte aos alunos se, em sua comunidade/bairro, haveria algum problema que eles gostariam de denunciar, utilizando-se da seção carta do leitor.</p> <p>Liste no quadro alguns problemas apontados e oriente-os a escolherem apenas um, para que possam produzir uma carta à redação do jornal.</p>	Caneta; Papel; Envelope de carta.	<p>Os alunos podem complementar a carta com as opiniões dos moradores do bairro ou mandar a carta da forma como foi preparada em sala de aula, pois esta poderá já estar contemplando a demanda da comunidade.</p> <p>Ajude os alunos a escolherem um</p>

	<p>Alerte-os de que, como a carta tratará de um problema da comunidade, eles poderão apresentá-la ao conselho de moradores do bairro para que a comunidade fique sabendo o que será denunciado e, possivelmente, venha ajudar a ampliar o que está sendo dito.</p> <p>Na hora da produção, deixe claro que eles terão de atentar para:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ O conteúdo da carta; ▪ O problema a ser abordado; ▪ As estratégias argumentativas para convencer o jornal divulgar o problema denunciado, bem como convencer os leitores. <p>Produzam a carta de forma coletiva, oriente-os a levarem ao conselho de moradores do bairro.</p> <p>Após a apresentação da carta ao conselho de moradores, abra espaço para que os alunos socializem como foi o encontro com os moradores e o que eles disseram sobre a carta.</p> <p>Prepare junto com eles o envelope e aproveite esta oportunidade para explorar a forma de preenchê-lo. Envie a carta pelo correio.</p>		<p>jornal de grande circulação no município/Estado e ajude-os a postarem a carta.</p> <p>Lembre que alguns jornais disponibilizam espaços em sites oficiais para os leitores ou a comunidade se comunicar. Logo, a carta pode ser enviada pelo e-mail.</p> <p>Será importante observar constantemente o jornal ao qual foi enviada a carta para ver se e carta foi divulgada na seção e caso tenha sido com foi que apareceu. Essa será a oportunidade para explorar o que ocorre com as cartas ao serem publicadas. Veja, na fundamentação teórica, algumas modificações que podem sofrer as cartas do leitor ao serem divulgadas.</p> <p>Alguns jornais publicam em dias específicos da semana suplementos para crianças. Você poderá reservar esses exemplares para explorar na seqüência.</p>
<p>Leitura Oralidade Escrita</p>	<p>7º momento: Retome o trabalho com gibis, dessa vez provocando os alunos a produzirem individualmente suas cartas à redação. Pergunte:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Vocês conhecem algum personagem da Turma da Mônica? Quem gostaria de contar alguma história deles? 	<p>Gibis diversos (com seção de cartas do leitor) (anexo 6)</p>	<p>Como se sabe, em algumas cartas, os leitores comentam matérias já exploradas em edições anteriores ou mesmo sugerem novas matérias (no caso das HQs, novas histórias). Aproveite para solicitar que os alunos escolham o que gostariam de explorar, comentar sobre a história lida ou sugerir novas aventuras.</p>

	<p>Após a contação, pergunte se eles teriam vontade de escrever para a redação, sugerindo novas idéias para os personagens.</p> <p>Comente:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Vocês sabiam que algumas crianças escrevem dando sugestão para a editora? Vamos ver uma delas! <p>Peça que leiam a carta do leitor Felipe Oliveira.</p> <p>Pergunte se eles gostaram da sugestão do Felipe, se concordam com a sugestão dele e por quê. Sugira que cada um escreva uma carta à redação dando suas sugestões.</p>		
<p>Oralidade Escrita</p>	<p>8º momento:</p> <p>Oriente os alunos a produzirem uma carta individual. As cartas produzidas devem ser trocadas entre elas para que os alunos leitores observem e comentem o que acharam do conteúdo da carta. Depois disso, eles devem passar a limpo, de preferência em papel apropriado para carta.</p> <p>Remetam a carta pelo correio e oriente os alunos a ficarem atentos para verem se as cartas foram publicadas no gibi.</p>	<p>Papel Caneta / lápis</p>	<p>Não esqueça de reservar um espaço para que as cartas sejam revistas em seu conteúdo, bem como na ortografia e na organização do texto.</p> <p>Uma variação desta atividade pode ser feita usando o <i>e-mail</i>, caso os alunos tenham acesso à internet na escola. A familiarização com o gênero e a exploração de suas características são necessárias.</p>

Anexos
Anexo 1



FUNGOS

Olá, turma da *CHC*. É a primeira vez que escrevo. Eu gostaria de parabenizar vocês pela maravilhosa revista. Gostaria que publicassem uma matéria sobre fungos e que publicassem meu endereço para eu fazer novas amizades. Vou ficando por aqui. Abraços para a turma do Rex e para a redação.

Obrigada!

Rita de Cássia Amorim, Praça da Igreja, Pintado Indaiabira, 39536-000, Rio Pargo/MG.

Rita, a CHC 75 traz um texto muito interessante sobre fungos. Confira!

Anexo 2



In SOUZA, Maurício de. Correio do Cebolinha: *Cebolinha*, p. 34: Panini Comics, 2007 (texto adaptado).



Eu e o Diarinho

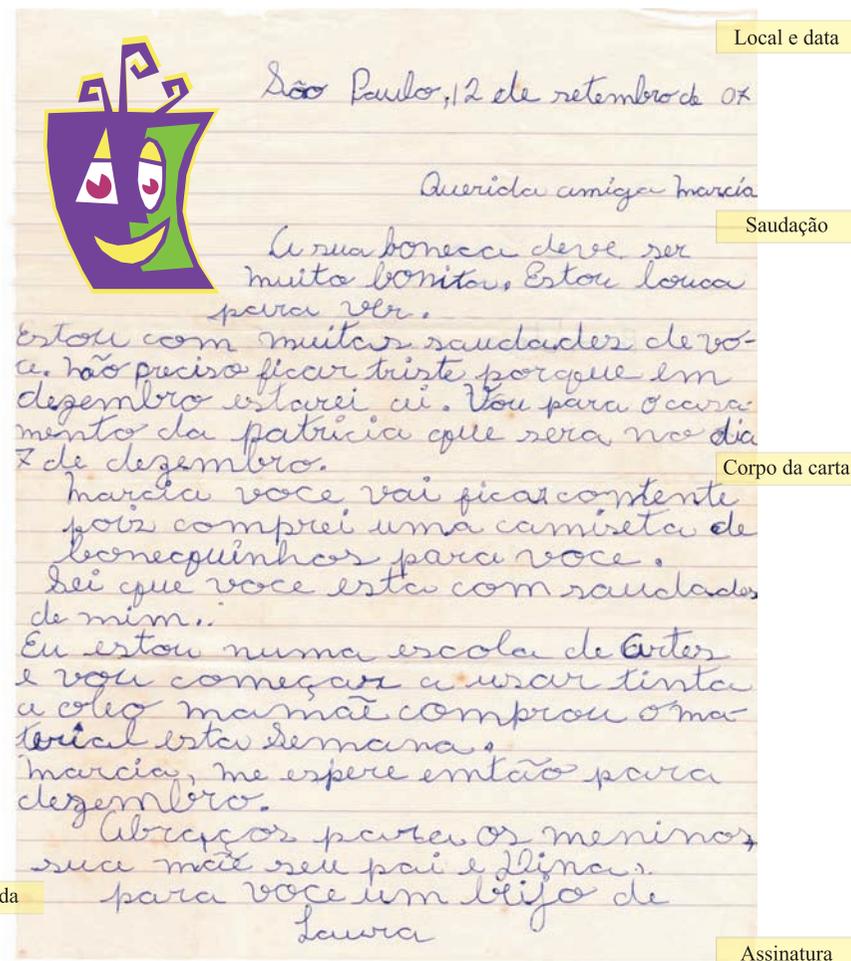


Colaborador do caderno infantil

Olá, meu nome é Pedro Fernandes Leal. Tenho nove anos e estudo no Colégio Motivo. Conheci o Diarinho quando fui convidado para escrever sobre o livro "O menino e o trio elétrico". Gostei muito do livro e do caderno infantil também. Traz reportagens interessantes para as crianças, dicas de teatro e cinema, diversão e muita informação. Parabéns!

Um beijo,

Diarinho



GRUDE, GRUDE !

Oi ! Estou escrevendo esta carta para homenagear vocês pelo belo trabalho, Estão de parabéns! Vi algumas revistas no colégio e amei, pois sou uma ótima leitora. Gosto muito de estudar e saber das coisas. Sou muito curiosa e nisso vocês arrasam, pois são muitas as curiosidades que podemos ler na revista. Quem possui os exemplares da CHC não desgruda da revista. Eu tenho e ando por todos os cantos da casa com ela. Continuem assim, pois a cada ano vocês irão longe!

Thayane Maytchele Veríssimo Santos.
Ingá/PB.

Adoramos quando nossos leitores não desgrudam os olhos da CHC. Abraços!

Janela altas

Alguns ônibus que estão circulando no Recife possuem janelas altíssimas, dificultando a circulação de ar, fazendo com que as pessoas passem mal, sem respirar direito, devido ao calor. É o caso da linha Massangana / Boa Vista, da Borborema, nº 23, que antes tinha ar-condicionado, mas agora circula sem ar, e sem janelas apropriadas totalmente sem conforto. O governo do estado precisa tomar providências.

Cláudia Cadena -Recife

CARICATURA E HUMOR NA CRÍTICA SOCIAL

Charge

4º ciclo do Ensino Fundamental (7ª e 8ª séries)
Anny Querubina de Souza Barros e Márcia Mendonça

Objetivo geral: compreender criticamente a charge, reconhecendo-a como gênero jornalístico que une diferentes linguagens, no caso, texto verbal e desenho, e que utiliza o humor e a caricatura para fazer a crítica social.

Objetivos específicos

As atividades previstas propiciam aos alunos:

- reconhecer a função social do gênero charge;
- ler criticamente charges, identificando os temas tratados e associando-os às notícias em que se basearam;
- perceber como o chargista se posiciona quanto ao fato noticiado, identificando a crítica ali presente;
- identificar a diferença entre charge, cartum e caricatura, reconhecer o caráter datado daquela e o caráter atemporal destes últimos;
- estabelecer relações intertextuais entre charge e carta do leitor, observando como um mesmo tema é tratado em diferentes gêneros e como opiniões são expostas e sustentadas através de diferentes estratégias;
- intitular charges, de modo a demonstrar a compreensão do tema geral abordado;
- pesquisar charges e textos sobre um tema, para promover discussão oral a respeito;
- escrever e revisar carta do leitor sobre o tema discutido e remetê-la à redação de jornais e revistas;
- montar jornal mural temático com charges e textos pesquisados, além das cartas do leitor produzidas;
- debater sobre temática presente em charges diversas, como atividade preparatória do fórum de discussão aberto;
- escrever, revisar e veicular mensagem para fórum aberto de discussão, expressando sua opinião sobre o tema debatido em sala.

**ESTE TEXTO SE DESTINA A FORNECER INFORMAÇÕES BÁSICAS SOBRE O GÊNERO PARA O PROFESSOR.
NÃO DEVE SER USADO COM OS ALUNOS.**

Caro Professor,

A charge é um gênero multimodal, pois é constituído de texto verbal e desenhos, e traz sempre uma crítica social, por meio do humor. Pode-se categorizá-la tanto como um gênero jornalístico quanto da esfera humorística/ de entretenimento, justamente por ela ter surgido nos jornais, mas também ser veiculada como gênero humorístico em coletâneas e exposições.

Apesar de bastante popular atualmente, a charge surgiu nos jornais franceses há mais de um século. Logo que surgiu, esse gênero não era assinado, para proteger os autores, geralmente jornalistas, que faziam crítica social e política por meio da charge. O termo *charge* vem do francês *charge*, que significa “carga”, o que remete à crítica feroz realizada pelos chargistas. Em pouco tempo, a charge ganhou aceitação mundial, e os jornais passaram a contratar cartunistas para “ilustrar” as reportagens polêmicas e de maior interesse para o jornal. Atualmente, a charge é publicada em todos os grandes jornais e em muitas revistas de circulação nacional. Na maioria dos casos, aparece junto a outros gêneros opinativos, como o artigo de opinião e o editorial, mas também surge em outras seções do jornal. Mais recentemente, surgiram as charges animadas, veiculadas em noticiários da televisão e na internet.

Em sala de aula, a exploração da charge pode ser de grande proveito para a formação do leitor crítico. Para isso, é interessante observar onde a charge se

localiza dentro do jornal. É preciso lembrar que os cadernos do jornal foram criados porque este é um veículo destinado a um público muito diversificado: os temas de interesse variam bastante de leitor para leitor, assim como a regularidade na leitura do jornal e as práticas de letramento familiares a cada pessoa que lê o jornal, etc. Assim, as seções e os cadernos, ao estabelecerem uma “rotina” de leitura, facilitam o acesso desse público diversificado àquilo que, de fato, ele busca. Exemplos são os cadernos de informática e de turismo, criados mais recentemente (há cerca de 10 anos), que não são diários, mas semanais, e sempre são publicados num dia específico da semana. No caso da charge, como já ressaltado, é comum que ela seja publicada numa seção destinada a textos opinativos, mas ela pode aparecer em outras seções a depender do conteúdo que critica (esportes, política, cotidiano, catástrofes, etc.). A localização da charge no jornal e seus porquês devem provocar discussões na sala de aula, já que auxiliam os alunos a compreender como a distribuição desse gênero no veículo se relaciona com a relevância de certas notícias e com as possibilidades que cada uma oferece de se fazer uma crítica bem-humorada. Você pode chamar a atenção dos alunos também para as temáticas mais recorrentes nesse gênero.

A charge é um gênero textual predominantemente composto pela junção de desenho e texto, sendo, mais freqüentemente, constituída por quadro único. Sua circulação social se dá de diferentes maneiras, mas o suporte por excelência, utilizado pelos cartunistas, é o jornal impresso. O desenho mostra os pormenores caracterizadores de pessoas públicas, personagens, situações, ambientes, objetos. Os comentários relativos à situação representada aparecem por escrito. Texto e desenho integram-se de tal modo que, por vezes, fica difícil, senão impossível, ler uma charge e compreendê-la, sem considerar as duas linguagens complementarmente. Outra característica é o “diálogo” que a charge estabelece com a(s) notícia(s) que lhe deu (deram) origem, o que, muitas vezes, dá a orientação daquilo que se espera que o leitor compreenda com a leitura do texto – uma certa interpretação e não outra qualquer. Por isso, o trabalho com a charge também possibilita realizar leitura de notícias, reportagens e editoriais em sala de aula.

Um exemplo da íntima junção entre texto e imagem e da crítica social realizada na charge está no anexo 2, charge publicada no dia 1º de abril de 2004. Ela foi feita para a seção "Contexto", do jornal *Correio Popular*, onde o assunto tratado era a característica mais comum entre os políticos (a mentira). Para abordar a temática, o autor caricaturou os quatro personagens que representam os políticos. São eles, da esquerda para a direita e de cima para baixo: o político delirante (se acha mais importante do que é), o dissimulado (assume ser mentiroso e não está preocupado), o sedutor (usa todos os meios para convencer os eleitores) e o corrupto (rouba, mas finge que é santo). Através dessa construção irônica, o chargista critica esse perfil de político com humor. Nesse exemplo, assim como em muitos outros, para compreendermos o que a charge quer veicular, faz-se necessário entender o momento histórico no qual ela foi concebida. Como as charges “envelhecem” rapidamente, as mais antigas podem não ser compreendidas se lidas atualmente sem uma contextualização histórica, e isso deve ser considerado no momento de se escolherem os exemplos para o trabalho em sala de aula.

Em termos de potencialidades pedagógicas mais específicas da área de linguagem, podem ser explorados recursos e estratégias discursivas diversas, tais como a presença de implícitos, da ambigüidade, da ironia, todos eles a serviço do humor e da crítica. Como a charge sempre remete a um fato recente, fazer a intertextualidade com a notícia ou reportagem que a originou é uma atividade relevante também para os eixos da leitura e da análise lingüística. A intertextualidade, nesse caso, se revela como traço constitutivo da charge e deve ser objeto de reflexão em sala de aula, especialmente se servir à abordagem de temas sociais ou polêmicos.

No eixo da produção de textos, é preciso lembrar que a elaboração de uma charge implica alguma habilidade para desenhar, ou melhor, para fazer caricatura. Assim, é possível que alguns alunos tenham dificuldades, portanto leve isso em consideração se solicitar a criação de charges. Por outro lado, partir da charge para produzir outros gêneros argumentativos escritos ou orais, como o debate, o fórum de discussão, o artigo de opinião, a carta do leitor, entre outros, é um caminho para formar o leitor crítico e para desenvolver a competência argumentativa dos alunos.

Aproveite, numa perspectiva didática, as possibilidades oferecidas pela charge, partindo do lúdico e do humor para a formação de leitores críticos.

Para saber mais:

Livros e artigos:

- BARROS, Anny Querubina de Souza (2005). *Alguns aspectos lingüísticos no gênero charge*. Recife, UPFE (Dissertação de mestrado).
- BEZERRA, Maria Auxiliadora (2003). Por que cartas do leitor na sala de aula? In DIONISIO, Angela; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. pp. 208-216.
- FRANCASTEL, Pierre (1973). *A realidade figurativa*. São Paulo: Perspectiva.
- MENDONCA, Márcia A (2003). Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In DIONISIO, Angela; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. pp. 194-207.
- MIANI, Rozinaldo A. (2000) . *A utilização da charge na imprensa sindical na década de 80 e sua influência política e ideológica*. São Paulo: ECA/USP (Dissertação de mestrado).
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira (org.) (1998). *Metáforas do cotidiano*. Belo Horizonte: Ed. do Autor.
- ROJO, Roxane. (2000). *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- SOUZA, Luciana Coutinho Pagliarini de e DRIGO, Maria Ogécia (2006). *A charge política jornalística como processo sócio-cultural*. *Verso e Reverso: Revista de Comunicação*. Ano XX, 1 - Número 43. Disponível em <<http://www.versoereverso.unisinos.br/index.php?e=7&s=9&a=64>>. Acesso em 12 set. 2007.

Sites:

- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Charge>

Onde encontrar

As charges podem ser encontradas nos jornais diários e revistas semanais, em sites especializados e em coletâneas.

Coletâneas:

- *2001. Uma odisséia no humor* (2001). São Caetano, SP: Virgo.
- CARUSO, Chico (2006). *Lula Lá: a o missão*. São Paulo: Devir Livraria.
- *Humor Brasil, 500 anos* (2000). São Caetano, SP : Virgo.
- SILVA, Benjamim (2005). *Imagine só: charges virtuais*. São Paulo: Insular.

Sites

- <http://charges.uol.com.br/>
- <http://www.chargeonline.com.br/>
- <http://charges.uol.com.br/topcharges.html> (*charges animadas*)
- <http://charges.uol.com.br/chargeoke.htm> (*charges animadas*)
- <http://www4.humortadela.com/charges/> (*charges animadas*)

CARICATURA E HUMOR NA CRÍTICA SOCIAL

Charge

4º ciclo do Ensino Fundamental (7ª e 8ª séries)

Eixos de ensino	Passo-a-passo	Material didático	Observações
<p>Leitura Oralidade</p>	<p>1º momento: Divida a turma e explique que eles irão observar quais textos aparecem no jornal impresso. Oriente-os para preencher a ficha de análise (anexo 1), que busca alertá-los para a diversidade textual, tocando em questões do tipo:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Que cadernos há no jornal? ▪ Que seções existem? Elas trazem diferentes gêneros? ▪ Que gêneros você encontrou nessas seções? Faça uma lista. ▪ Qual o objetivo de cada gênero (função social)? <p>Os alunos socializam as respostas, e você as sistematiza no quadro, tirando as dúvidas e comparando as análises.</p>	<p>Jornais completos, de preferência de dias diferentes da semana corrente e de empresas diferentes.</p> <p>Ficha de análise (anexo 1)</p>	<p><i>O número de aulas necessárias nesta seqüência é variável. Dependerá do número de alunos na turma e do ritmo de trabalho deles.</i></p> <p>Essa atividade possibilita aos alunos observar a pluralidade de gêneros presentes no jornal. É provável que os alunos reconheçam gêneros distintos, mas que não saibam nomeá-los corretamente. Isso não é empecilho para continuar a exploração do jornal impresso. Aproveite para ajudá-los nesse momento, discutindo brevemente de que gênero se trata, por que é diferente de um outro e o que há de semelhante, etc.</p> <p>Para algumas turmas, manusear o jornal completo pode ser uma novidade. Portanto, se achar pertinente, invista mais tempo de aula para o reconhecimento dos diferentes gêneros.</p> <p>Ao longo da seqüência, os alunos irão registrar as conclusões a que chegaram sobre o gênero, para sistematizá-las. Sugerimos uma ficha (anexo 2), que pode ser alterada e complementada, mas você pode optar por usar o quadro, um mural, um cartaz ou mesmo a produção de um texto descritivo sobre charge no caderno.</p>

<p>Leitura Oralidade Escrita</p>	<p>2º momento: Passe à segunda etapa de observação do jornal, quando os alunos deverão perceber em que gêneros a crítica social aparece. Formule questões do tipo:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Que gêneros presentes no jornal fazem o relato de fatos? ▪ E a crítica social? ▪ Em que cadernos e seções esses gêneros se localizam? Por quê? <p>Ao perceberem que a charge faz a crítica social, pergunte o que eles já conhecem do gênero, se costumam lê-lo, se gostam, se compreendem, etc. Peça que eles registrem, na ficha de sistematização (anexo 2), as primeiras observações.</p> <p>Anuncie, então, para os alunos, que eles irão conhecer mais sobre esse gênero.</p>	<p>Jornais completos, de preferência, de dias diferentes da semana corrente e de empresas diferentes.</p> <p>Ficha de análise (anexo 1) Ficha de sistematização (anexo 2)</p>	<p>Lembre-se de que, no jornal, há gêneros de caráter predominantemente informativo, como notícia, reportagem, notas, editais, necrológio, etc.; e outros de caráter predominantemente denunciativo/argumentativo, como charge, carta do leitor, editorial, artigo de opinião, etc. Há, ainda, gêneros publicitários (anúncios, anúncios classificados, etc.), de entretenimento (histórias em quadrinhos, jogo dos 8 erros, palavras-cruzadas, etc.), místicos (horóscopo, orações, etc.). Vale lembrar a presença marcante da linguagem não-verbal no jornal: fotografias, ilustrações, infografias, etc. Em suma, o jornal, além de ser de fácil acesso, é riquíssimo como coletânea da diversidade de gêneros que hoje circulam na sociedade</p>
<p>Leitura Oralidade Escrita</p>	<p>3º momento: Mantendo a turma dividida em equipes, peça que eles localizem a charge no jornal que têm em mãos, observando:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ O que vocês entenderam na charge? Por quê? ▪ É possível dizer de que assunto ela trata? ▪ Os desenhos procuram retratar fielmente a realidade? Por quê? ▪ Há algo de engraçado na charge? ▪ Vocês percebem alguma crítica social? <p>Após a discussão com a turma, distribua, então, a cópia de uma charge (anexo 3) e peça que os alunos façam a mesma análise. Solicite a comparação entre os dois exemplares de charge, para que eles busquem características em comum. Sistematize, no quadro, as características apontadas na discussão e peça que eles a registrem na ficha de sistematização (anexo 2).</p>	<p>Charges presentes nos jornais analisados anteriormente.</p> <p>Cópias de charge</p> <p>Ficha de sistematização (anexo 2)</p>	<p>Ao analisarem os desenhos, os alunos devem perceber que eles não são convencionais, buscam o exagero, para criar o clima de humor e de crítica social. Num momento posterior, trabalharemos com o traço caricatural da charge.</p> <p>Nessa atividade, os alunos iniciarão uma caracterização preliminar do gênero. Alguns traços característicos que já podem ser percebidos são o desenho caricatural, os temas de interesse público, o caráter humorístico e crítico, a vinculação com</p>

		sistematização (anexo 2)	alguma notícia abordada no jornal, etc. Veja o exemplo comentado no texto de abertura desta seqüência.
Leitura Análise lingüística Oralidade	<p>4º momento: Ainda com a turma dividida em grupos, entregue uma cópia de charge a cada um. Em seguida, peça para que eles se detenham nas questões abaixo:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Quando a charge foi publicada? 2. Qual a importância das imagens na charge? Observe a expressão facial dos personagens. 3. Qual a importância da escrita na charge? Se houvesse só a imagem ou só a escrita, a interpretação da charge seria a mesma? 4. Qual o objetivo da charge para você? 5. Todos os componentes do grupo interpretaram a charge da mesma forma? Todos entenderam a mesma coisa? Por quê? 6. O que você entende sobre a temática da charge? 7. Qual a crítica que está sendo feita? <p>Socialize as respostas e solicite que eles complementem a ficha de sistematização com mais algumas conclusões a respeito da charge.</p>	Cópia de charge.	<p>Com as perguntas, exploramos a compreensão da charge. Também verificamos se os alunos, em grupos, identificam a relação entre a imagem e a escrita e, ao mesmo tempo, se conseguem expor suas opiniões a respeito do assunto. Ainda poderemos perceber o percurso de interpretação das charges. Com as perguntas direcionadas à escrita e à imagem, poderemos ajudá-los a estabelecer o grau de importância de cada uma no texto.</p> <p>Se achar necessário, faça outras análises detalhadas de outras charges, para que os alunos se tornem ainda mais autônomos na leitura desse gênero</p>
Leitura Escrita	<p>5º momento: Apresente a ficha com o texto lacunado sobre a história da charge (ver anexos 4 e 5). O objetivo é dinamizar a apresentação da história da charge.</p>	Texto sobre história da charge (anexo 4)	Essa atividade explora o levantamento de conhecimentos prévios dos alunos sobre o gênero, bem como a tentativa de construir

	<p>Os alunos tentam preencher a ficha e, depois, faz-se uma discussão coletiva. Complemente a discussão sobre o gênero, trazendo outras informações sobre a charge, que sejam relevantes para os alunos. Peça que os alunos complementem a ficha de sistematização.</p>	<p>Texto sobre história da charge preenchido (anexo 5)</p> <p>Ficha de sistematização (anexo 2)</p>	<p>um texto coerente. É importante lembrar que, mesmo que as respostas dos alunos não sejam exatamente iguais às do texto original (anexo 4), se forem pertinentes, veiculando a mesma informação, devem ser consideradas e respeitadas. Por exemplo, se o aluno usou <i>chargistas</i> em vez de <i>autores</i>; ou <i>da sociedade</i> em vez de <i>social</i>, são respostas corretas. É possível que eles usem outros termos, que não a nomenclatura técnica, como <i>chargistas</i>. Aproveite para familiarizá-los com os novos termos relativos ao gênero.</p>
<p>Análise Linguística Leitura</p>	<p>6º momento: Exponha, agora, para os alunos 2 charges de épocas distintas: uma da época do Império (ver anexo 6, sem o texto que a acompanha) e outra recente (ver anexo 7).</p> <p>Para a charge mais antiga, peça para que os alunos exponham o que entenderam e que elementos icônicos indicam o momento histórico que ela representa. O mais provável é que eles entendam apenas parte da charge (um rei e um papa, o papa batendo no rei, etc.). Só depois dessa discussão inicial, apresente o contexto em que a charge foi publicada (ver texto abaixo da charge, no anexo 6).</p> <p>Quanto à charge atual, observamos que ela usa a seqüência de cenas para denunciar a falta de segurança nas grandes cidades. Instigue o aluno a interpretar o exemplo a partir das perguntas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ De que forma a seqüência de cenas colabora para desautorizar e descaracterizar a personagem, no caso, o policial? 	<p>Cópias de 2 charges de épocas diferentes. (anexos 6 e 7)</p>	<p>Para se compreender o gênero, é necessário resgatar a forte vinculação entre a charge e o momento histórico que ela retrata. Sem o resgate do contexto, o aluno, possivelmente, não entenderá as charges, especialmente as mais antigas.</p> <p>As perguntas sobre a charge atual objetivam levar os alunos a perceberem as críticas. Mas a comparação entre as duas charges ajuda os alunos a perceberem que a charge representa a época em que foi produzida, nos personagens, em suas roupas, no ambiente, na linguagem, etc. Por outro lado, a charge tem mantido, ao longo dos séculos, o caráter crítico e humorístico nos desenhos, além do traço caricatural (marca maior do gênero) para denunciar as situações apresentadas.</p> <p>Como a crise do sistema prisional atinge</p>

- Por que o policial aceita passivamente os argumentos do bandido?
- Observe os quadros 2 e 4. No quadro 2, o que o autor quis dizer com “*Tá querendo complicar a situação do Estado?*”?
- No quadro 4, detenha-se na expressão facial do cidadão comum. O que ela nos diz?
- Você concorda com a visão do chargista sobre a temática da segurança pública? Por quê?

todo o país, o aluno não terá grandes dificuldades para perceber que há uma crítica ao excessivo número de presos nas celas e ao alto índice de fuga dos presídios.

De maneira geral, as informações trazidas na charge podem ser:

- Se o ladrão for preso, a situação do Estado será mais complicada, pois terá mais um preso a ser abrigado no já superlotado sistema carcerário;
- Mesmo que o ladrão seja detido, não há lugar onde prendê-lo;
- Ainda que se consiga um lugar num dos presídios para o ladrão ficar, ele poderá fugir;
- O cidadão comum não tem a quem recorrer, já que o Estado, a instância competente, não assume sua responsabilidade em relação à segurança pública.

Pode-se partir do humor e da imagem, aspectos constitutivos das charges, para trabalhar com temáticas polêmicas e de cunho social. Então, chega-se à leitura de textos verbais mais longos e, eventualmente, mais complexos para os alunos, como o artigo de opinião e o editorial. Outros momentos desta seqüência serão dedicados a esse aspecto.

Leitura	<p>7º momento: Com a turma ainda em dupla ou trio, distribua, entre eles, um</p>	Cópias de exemplos de	Com esta atividade, os alunos poderão aprofundar seus conhecimentos sobre o
---------	---	-----------------------	---

	<p>exemplo de charge, outro de cartum e outro de caricatura, para que os alunos os observem e tentem perceber semelhanças e diferenças entre os gêneros.</p> <p>Sistematize, no quadro, as semelhanças e diferenças, em três colunas (CHARGE, CARICATURA e CARTUM).</p> <p>Solicite que os alunos complementem a ficha de sistematização (anexo 2).</p>	<p>cartum, charge e caricatura (nessa ordem, no Anexo 8)</p> <p>Ficha de sistematização (anexo 2)</p>	<p>gênero charge, diferenciando-o do cartum e da caricatura, gêneros muito assemelhados. É importante salientar que tanto a charge quanto o cartum tratam de uma certa temática, lançam alguma questão. Subsídios para orientar os alunos encontram-se no texto que estabelece a distinção entre esses três gêneros - <i>A diferença entre caricatura, charge e cartum</i> (anexo 10), para subsidiar o professor anexo 9). Esse texto é uma referência para você e não deve ser entregue aos alunos, para que eles tirem suas próprias conclusões com a análise dos exemplos. Para enriquecer a atividade, apresente mais exemplos de charges, caricaturas e cartuns. Você pode encontrá-los em coletâneas, jornais, revistas e nos sites abaixo:</p> <p>Caricaturas: http://fabricarica.2it.com.br/?ref=galeria http://www.sergeicartoons.com/</p> <p>Cartuns: http://www.sergeicartoons.com/cartoons.aspx</p> <p>Veja as referências para charges após o texto de abertura desta seqüência.</p>
<p>Oralidade Leitura Análise</p>	<p>8º momento: Inicie com uma discussão oral sobre o gênero carta do leitor:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Vocês sabem o que é uma carta do leitor? ▪ Para que serve e onde é publicada? 	<p>Carta do leitor (anexo 10)</p>	<p>Levantar os conhecimentos prévios dos alunos a respeito desse gênero é importante para realizar a leitura do exemplo com maior eficácia.</p>

- Já leram ou escreveram alguma carta do leitor ?
- Distribua alguns exemplos de carta do leitor na página original do jornal. Peça que eles observem os seguintes aspectos:
- Em que parte do jornal ou da revista a carta do leitor é publicada?
 - Que outros gêneros são encontrados na mesma página?
 - Há títulos para as cartas do leitor?
 - Há dados de identificação?
- Peça que eles leiam a carta do leitor e respondam às questões:
- Qual o assunto tratado na carta?
 - Que aspectos identificam esse texto como sendo do gênero carta do leitor?
 - Qual é a opinião do leitor sobre a situação denunciada?
 - Que expressões indicam essa tomada de posição?
 - Que argumentos ele usa para defender seu ponto de vista?
 - Ele usa uma linguagem formal ou informal? Cite exemplos que justifiquem sua resposta.

Para mais detalhes sobre como explorar carta do leitor na escola, veja a seqüência *A palavra é sua, leitor!*, neste volume. No anexo 10, há também um texto que pode ajudá-lo na condução da discussão sobre o gênero.

Ter acesso ao suporte original ajuda a familiarizar os alunos com sua organização formal e com as formas de circulação desse gênero: o caderno em que se encontra, os gêneros que estão na mesma página, a formatação em colunas, etc.

Discuta, brevemente, alguns traços constitutivos da carta do leitor, que podem ser percebidos no exemplo, tais como:

- seu caráter argumentativo/de denúncia,
- organização formal (título, dado pelo jornal; dados de identificação do autor, como nome, cidade e estado).

Os alunos irão refletir sobre como um mesmo tema pode ser abordado por textos distintos (intertextualidade temática). No caso da charge, a argumentação será construída com base na junção entre texto e imagem, no traço caricatural, na cena representada. Já na carta do leitor, os argumentos são expostos na linguagem verbal, com frases declarativas e expressões que indicam tomada de posição, como certos advérbios e de certos verbos na 1ª pessoa do singular.

<p>Leitura Escrita Análise lingüística</p>	<p>9º momento: Peça que os alunos tragam, para a sala, charges e textos argumentativos (cartas do leitor, editoriais, artigo de opinião, etc.) sobre o tema educação e emprego. Explique que eles escreverão uma carta do leitor sobre esse tema, inspirados também na ironia da charge de Angeli. A carta será enviada para um jornal da cidade. Retome, com eles, as características da carta do leitor, já trabalhadas.</p> <p>Quando os textos estiverem prontos, oriente-os a trocar com um colega para a revisão do texto quanto a coesão, coerência, organização do gênero e atendimento à norma gramatical. Faça suas observações nas versões revisadas para ajudá-los a chegar à versão final da carta.</p> <p>Envie as cartas para jornais diferentes da cidade e peça que os alunos acompanhem as edições durante algum tempo, para verificar se alguma carta foi publicada.</p> <p>Agora, monte um mural temático com os textos e as charges trazidos pelos alunos e também com as cartas escritas por eles (cópias das cartas, pois as originais deverão ter seguido para a redação dos jornais)</p>	<p>Textos argumentativos diversos</p>	<p>Se desejar, faça uma seleção, com os alunos, das melhores cartas, para serem enviadas.</p> <p>Se existir um jornal na escola ou na comunidade, as cartas também podem ser publicadas nesse veículo. Outra opção é enviar as cartas para programas radiofônicos. Alguns deles abrem espaço para a leitura de cartas do leitor, ao vivo.</p>
<p>Oralidade Leitura Escrita</p>	<p>10º momento: Uma outra atividade de produção escrita pode ser realizada a partir de charges.</p>	<p>Charges selecionadas</p>	<p>Caso sinta a necessidade de conhecer melhor as características de um debate em sala de aula, sugerimos consultar o capítulo</p>

Divida a turma em grupos. Selecione charges sobre uma mesma notícia, relativa a um fato polêmico, divulgadas em diferentes jornais de sua cidade, durante uma semana. Leve-as para sala de aula e distribua uma para cada grupo. Peça aos alunos que analisem o exemplo que receberam e respondam as perguntas a seguir:

- 1) Qual a temática abordada?
- 2) Qual o fato relatado na charge de seu grupo?
- 3) Como o humor aparece representado no exemplo?
 - a) Na imagem;
 - b) Nos diálogos.

Como atividade de “aquecimento” para o fórum, peça que cada grupo eleja um representante para representar sua equipe num debate oral. Conduza o debate regrado na sua turma, atentando para os princípios básicos de respeito à opinião alheia e à vez de cada aluno falar.

Finalizado o debate, explique aos alunos que eles irão participar de um *Fórum Aberto de Discussão*. Esse tipo de fórum surgiu na internet e é uma ferramenta para páginas de internet destinadas a promover debates através de mensagens publicadas abordando uma mesma questão. É constituído de um conjunto de textos, em que as pessoas expressam sua opinião sobre um certo tema. O conjunto de textos é exposto a todos os que participam do fórum, que podem, por sua vez, comentar alguma mensagem, introduzir nova mensagem, etc. A dinâmica de funcionamento do fórum é alimentar-se das intervenções, das concordâncias e discordâncias, durante algum tempo, o que faz o debate avançar. Não há uma conclusão final a chegar; o importante é dar espaço para as pessoas expressarem sua posição. As mensagens ficam expostas em ordem decrescente por data (da mais recente para a mais antiga). Mostre para eles algumas intervenções de um fórum de discussão e discuta o modo como as mensagens se organizam, a linguagem usada, as referências a outras mensagens (anexo 14).

Mensagens em fórum de discussão (anexo 11)

Papel madeira
Cartolina
Piloto
Cola

destinado ao gênero debate regrado, deste capítulo.

Vale lembrar que, para a construção de textos opinativos, não basta que o autor diga o que pensa. É necessário, também, expor justificativas que respaldem os pontos de vista defendidos.

Para maiores detalhes sobre como conduzir um debate regrado, veja a seqüência a respeito deste gênero oral neste volume – *A produção oral no centro do debate*.

Esteja atento para deixar espaço em branco no mural, para a opinião de alunos das demais turmas da escola, já que o fórum é aberto. Para isso, cole as mensagens do final para o começo, garantindo que a última mensagem seja a primeira a ser lida, como ocorre nos fóruns de discussão virtuais.

Se sua escola tiver acesso à internet, o fórum pode ser virtual e pode integrar outras turmas ou, até mesmo, outras escolas etc. Conheça fóruns virtuais no site <http://www.educarede.org.br/>, no link Fórum.

Então, solicite a cada aluno que construa uma mensagem para o fórum, registrando o seu ponto de vista acerca da temática estudada. Mais uma vez, oriente os alunos para a revisão e refacção do seu texto, contando com a sua ajuda e a dos colegas.

Feito isso, organize, junto com os alunos, a montagem e exposição do fórum, numa espécie de mural. Peça que eles dêem um título ao fórum, que deverá ser pertinente à temática abordada. Aguarde as próximas intervenções dos seus alunos e dos outros e estimule-os a participar do fórum.

A ferramenta Orkut também pode ser usada para isso, já que expõe mensagens enviadas por integrantes do grupo.

Sugerimos que o fórum na internet seja de acesso restrito, para evitar intervenções inconvenientes e desvinculadas dos propósitos pedagógicos da atividade.

Anexos
Anexo 1

 **FICHA DE ANÁLISE** 

JORNAL:		DATA:
MANCHETE		
NOTÍCIAS DE CAPA		
CADERNOS		
SEÇÕES		
ÊNEROS (CITE AO MENOS 5)		
OBJETIVO DOS GÊNEROS CITADOS		

Anexo 3



Anexo 4

Pequena história da charge

A charge surgiu nos jornais franceses no século XIX. As primeiras charges não eram assinadas para proteger os _____, geralmente jornalistas, que faziam a crítica _____ e principalmente _____ por meio da charge. O termo *charge* vem do francês *charge*, que significa “carga”, remetendo à crítica feroz realizada pelos _____. Em pouco tempo, a charge ganhou aceitação mundial, e os jornais passaram a contratar cartunistas para “ilustrar” as reportagens polêmicas e de maior interesse. Atualmente, a charge é publicada em todos os grandes _____ e em muitas revistas de grande circulação. Na maioria dos casos, aparece junto a outros gêneros opinativos, como o _____ e o editorial, mas também surge em outras seções do jornal.

Anexo 5

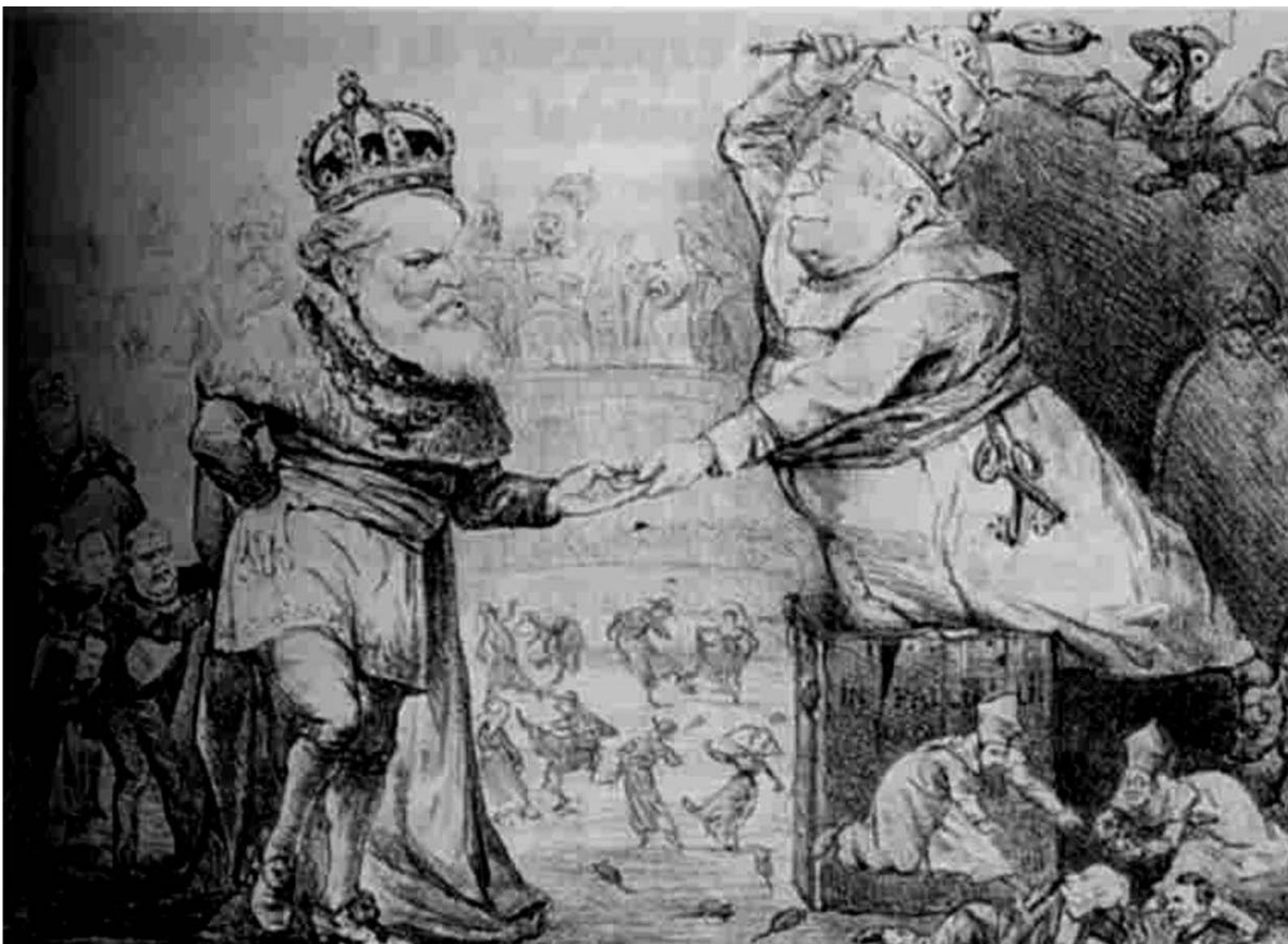
Pequena história da charge

(Texto preenchido. Não deve ser distribuído com os alunos.)

A charge surgiu nos jornais franceses no século XIX. As primeiras charges não eram assinadas para proteger os **autores**, geralmente jornalistas, que faziam a crítica **social** e principalmente **política** por meio da charge. O termo *charge* vem do francês *charge*, que significa “carga”, remetendo à crítica feroz realizada pelos **chargistas**. Em pouco tempo, a charge ganhou aceitação mundial, e os jornais passaram a contratar cartunistas para “ilustrar” as reportagens polêmicas e de maior interesse. Atualmente, a charge é publicada em todos os grandes **jornais** e em muitas revistas de grande circulação. Na maioria dos casos, aparece junto a outros gêneros opinativos, como o **artigo de opinião** e o editorial, mas também surge em outras seções do jornal.



Charge publicada no jornal *Correio Popular*, Campinas-SP, em 01/04/2007.
Autor: Junião (jrjuniao@uol.com.br).
Disponível em www.juniao.com.br. Acesso em 28 fev. 2008.



Charge de Bordalo Pinheiro, publicada em “*O Mosquito*”, em setembro de 1875.

O Papa Pio IX pune exemplarmente o imperador D. Pedro II, usando a palmatória, comum na época. A charge critica a submissão do imperador brasileiro às imposições da Igreja Católica da época, mostrando-o como uma criança que recebe, com disciplina, o castigo imposto por aquele a quem deve obedecer (o Vaticano, no caso).

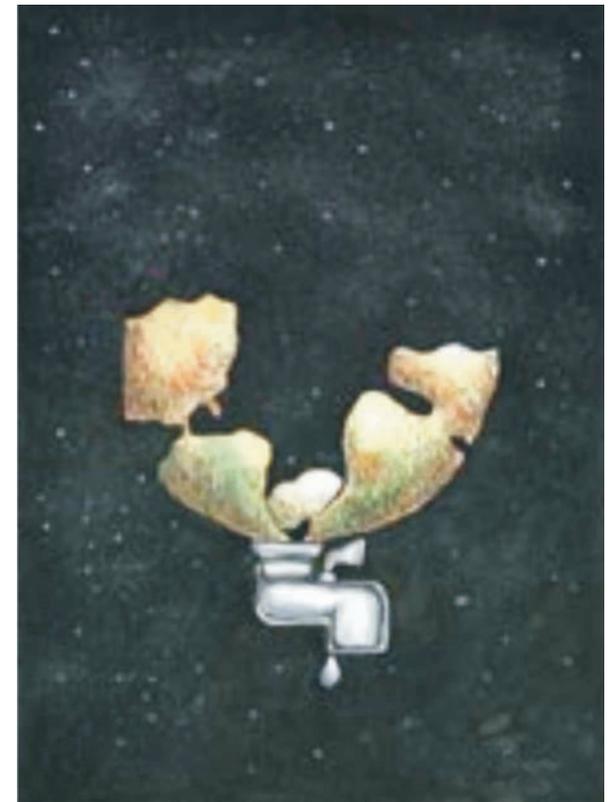
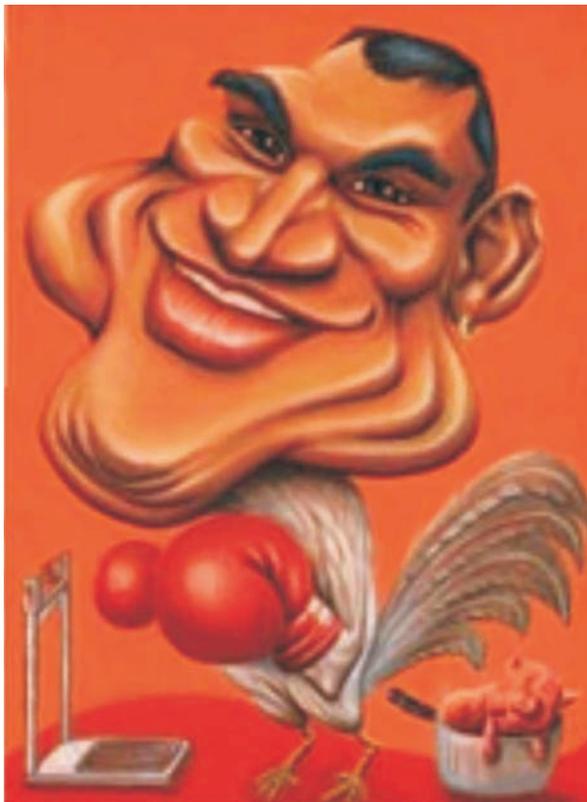
Anexo 7

Charge “Teje preso!”, de Amarildo, publicada no jornal *A gazeta*, de 13/04/2006.

Disponível em <http://gazetaonline.globo.com/amarildo/charge/>.

Acesso em 28 fev. 2008.

Anexo 8



Trabalhos de Stegun. Disponíveis em http://fabricarica.2it.com.br/?sec_cod=5&news_cod=1. Acesso em 01 out. 2007.



A diferença entre caricatura, charge e cartum



Por: STEGUN

Quando falamos em caricatura, inúmeros são os fatores sociais, culturais e históricos que contribuíram para o surgimento dessa forma de expressão. Uma simples definição não é o suficiente para passar a limpo a riqueza de informações que a caricatura, como linguagem gráfica, traz consigo.

De qualquer maneira, pretendo aqui explicar de modo mais simples possível, as características que diferem as principais formas de manifestação da caricatura como desenho de humor (caricatura pessoal, charge e cartum).

À saber, além do desenho, a caricatura é também expressa através da pintura, da escultura, do cinema, teatro, etc.

Voltando ao desenho de humor, muitas pessoas fazem confusão ao citar uma caricatura pessoal, uma charge ou um cartum. Qual a diferença entre esses termos?

A **caricatura pessoal** é uma das formas de expressão físicas da pessoa. É mais comum vermos o emprego do exagero nos qualquer parte do corpo, bem como trejeitos para serem destacados manter traços característicos que identifiquem a pessoa caricaturada.

A charge e o cartum são outras duas formas de manifestação um determinado fato ocorrido.

A diferença entre a **charge** e o cartum é que a primeira relata determinado contexto político, cultural, econômico e social desses fatores para ser entendida. Fora desse contexto ela provavelmente perderá sua força comunicativa, portanto é perecível. Justamente por conta desta característica, a charge tem um papel importantíssimo como registro histórico.

Já o **cartum**, ao contrário da charge, relata um fato universal que não depende do contexto específico de uma época ou cultura, sendo assim atemporal. Temas universais como o naufrago, o amante, o palhaço, a guerra, o bem x mau, são frequentemente explorados em cartuns. São temas que podem ser entendidos em qualquer parte do mundo por diferentes culturas em diferentes épocas. É comum vermos a ausência de textos em cartuns. São os chamados *cartuns pantomímicos* ou *cartuns mudos* onde a idéia é representada somente pela expressão dos personagens no desenho sem que seja necessário o emprego de texto como suporte.

Como eu disse no início, uma simples definição não é o suficiente para citarmos todas as características dessa forma de expressão, mas, como base, é importante fazermos essa diferenciação entre as formas de manifestação da linguagem caricatural.

Até a próxima!

Anexo 10

EDUCAÇÃO OU BARBÁRIE

Admiro a perspicácia do chargista Angeli. A charge do dia 16/1 (pág. A2, reproduzida ao lado) merece uma reflexão. Realmente, o aumento de emprego constatado nas áreas carentes é 'do mal'. A mão-de-obra desqualificada, a fome e a falta de opção para os jovens para vencer na vida levam ao crime. Infelizmente, temos assistido a um coro de vozes pedindo mais policiais, mais cadeias e mais aparato repressivo. Gostaríamos de ver a sociedade brasileira clamando por mais empregos na área da educação, com professores bem preparados e bem remunerados, instruindo a nossa juventude para um futuro melhor.

Sebastião de Souza Pinto, Jacareí, SP
(*Folha de São Paulo*, 23/01/03)

Anexo 11

NOTAS SOBRE O GÊNERO **CARTA DO LEITOR**

(*Texto de subsídio ao professor; não deve ser distribuído com os alunos*)

A *carta do leitor* é um gênero da mídia impressa, conhecido pelas mais diversas denominações: carta ao editor, carta à redação, painel do leitor, etc. Encontra-se em seção fixa de revistas ou jornais e serve para que os leitores expressem pareceres pessoais, favoráveis ou não, sobre as matérias publicadas. Em outras palavras, é um texto utilizado em situação de ausência de contato imediato entre remetente e destinatário que não se conhecem (o leitor e a equipe do jornal), com propósitos comunicativos variados: opinar, agradecer, reclamar, solicitar, elogiar, criticar, entre outros. É um gênero de domínio público, de caráter aberto, com objetivo de divulgar seu conteúdo, possibilitando ao público a sua leitura.

Em relação à estrutura composicional, a carta do leitor caracteriza-se pela ausência de saudação, introdução e despedida, comuns a qualquer outra variedade de carta; a identificação do autor se faz apenas pelo nome, cidade e estado de onde se originam as correspondências. Enviadas por e-mail ou correio, essas cartas são geralmente “curtas” ou são editadas para ocuparem pouco espaço físico no jornal ou na revista. Normalmente, trazem um título no topo, que é adicionado pelo jornal.

Texto baseado em BEZERRA, Maria Auxiliadora (2003).

Por que cartas do leitor na sala de aula? In DIONISIO, Angela; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. pp. 208-216.

 **MENSAGENS EM FÓRUM DE DISCUSSÃO** 
TEMA: JUVENTUDE E JOGOS ELETRÔNICOS

Mensagem 1 de 1

Enviada em 15/09/2007 - 20:42

Acredito sim que os jogos são importantes na formação dos jovens, mas desde que sejam devidamente orientados, o fato de jogar simplesmente por jogar, penso que não faz sentido, é impossível nos dias atuais fazermos vista grossa para o lado negativo de determinados jogos, mas também não é correto satanizá-los é preciso que estejamos preparados para transformá-los em aliados dos jovens e da aprendizagem.

karen barros
karenabarros@ig.com.br

Mensagem 1 de 6

Enviada em 17/08/2007 - 08:49

As crianças baseiam suas vidas em tudo o que vêem, mas elas não sabem diferir o bem do mau. Sendo assim, é preciso cuidarmos para que as crianças não baseiem seus comportamentos nos jogos. Os pais e educadores precisam cuidar para que as crianças não confundam suas vidas com a de personagens eletrônicos.

Fabio Rodrigues Coelho
fbiorodriguesal@yahoo.com.br

Mensagem 2 de 5

Enviada em 15/08/2007 - 15:46

É isso mesmo Maria Célia. O diferencial é sabermos usar os jogos, seja como estratégia para conhecer nossos jovens e interagir com eles, seja como educador para saber tirar proveito do que há nos jogos de interesse das crianças e dos jovens para promover uma aprendizagem significativa!!

claudemir viana
Claudemir Edson Viana
cviana@uol.com.br

Disponíveis em
http://www.educarede.org.br/educa/index.cfm?id_comunidade=0&id_forum=186&pg=forum.ds_listatopicos. Acesso em 02 out. 2007.

COISAS DE ENTREVISTA: FALO EU, FALA VOCÊ

Entrevista

2º Ciclo do Ensino Fundamental (3ª e 4ª séries)
Débora Amorim G. da Costa Maciel

Objetivo geral: (re)conhecer o gênero entrevista - escrita e oral - buscando compreendê-lo e refletir sobre ele em diversas dimensões, para produzi-lo adequadamente

Objetivos específicos

As atividades previstas propiciam aos alunos:

- mobilizar os conhecimentos sobre o gênero entrevista, aplicando-os a outras situações;
- ler entrevistas buscando a familiarização com as características do gênero;
- reconhecer alguns elementos característicos do gênero textual;
- identificar os papéis sociais (entrevistador e entrevistado) dos participantes da entrevista;
- refletir sobre as especificidades do gênero quando inserido em diferentes suportes textuais;
- analisar entrevistas, por meio da observação / escuta de programas de entrevista, apresentados em diferentes veículos de comunicação, tomando-os como fontes de referência para a produção da entrevista.
- observar como se dá a relação pergunta-resposta (troca de turnos conversacionais) nas entrevistas;
- refletir sobre as relações de proximidade e distanciamento no processo de transformação (retextualização) das entrevistas orais em entrevistas escritas;
- discutir sobre o registro formal ou informal utilizado nas entrevistas escritas e orais;
- produzir entrevistas, criando espaço para seu planejamento e realização.

**ESTE TEXTO SE DESTINA A FORNECER INFORMAÇÕES BÁSICAS SOBRE O GÊNERO PARA O PROFESSOR.
NÃO DEVE SER USADO COM OS ALUNOS.**

Caro Professor,

A entrevista é um gênero jornalístico que nos põe a par do diálogo entre um jornalista e um especialista, uma personalidade ou pessoa que tem um interesse particular em um assunto. Existem vários tipos de entrevista, como as entrevistas realizadas na esfera científica, para coleta de dados de pesquisa; as entrevistas jornalísticas, com diferentes objetivos: coletar dados para produzir uma notícia, uma reportagem, produzir um documentário, divulgar informações em programas de variedades; entrevistas para emprego, em que o entrevistado “candidato” concorre a uma vaga no mercado de trabalho; entrevista escolar, cuja função é explorar/ampliar o conhecimento dos alunos sobre determinado assunto. Entre os diferentes tipos de entrevistas, escolhemos, nesta seqüência didática, tratar da entrevista jornalística publicada em revista, jornais e rádios, assim como a entrevista escolar.

Como evento comunicativo, a entrevista se realiza primordialmente na oralidade. Entretanto, em alguns casos, as entrevistas podem ser realizadas por escrito: via e-mail, fax etc. Mesmo nas entrevistas publicadas nas revistas, em geral, a interação entre os participantes ocorre oralmente e, em seguida, é editada. Durante o processo de edição, a entrevista oral vai assumindo a forma de entrevista escrita.

A entrevista pode ser realizada com **um especialista**, em que o entrevistador busca extrair informações para explicar um fenômeno; com **uma**

autoridade, em que o objetivo é colher opiniões do entrevistado sobre determinado assunto; com **uma personalidade/celebridade**, em que são mostrados aspectos biográficos e pessoais de uma figura pública. O público leitor/ouvinte/telespectador que se deseja atingir determinará a predominância ou até a exclusividade de um desses sujeitos. Em revistas de circulação nacional, por exemplo, as entrevistas ocupam um espaço fixo e são até chamadas de “páginas amarelas” ou “páginas vermelhas”.

Diferente de uma conversa trivial, a entrevista jornalística é estruturada com o objetivo satisfazer a curiosidade dos destinatários. Ela se constitui como uma comunicação padronizada, pois espera determinados comportamentos dos envolvidos. O entrevistador tem seu papel pré-definido, abre e fecha a entrevista, faz perguntas, provoca a resposta, incita a transmissão de informações, introduz novos assuntos, orienta e reordena a interação. O entrevistado, por sua vez, aceitando a situação, responde e fornece informações requisitadas. Mas, mesmo havendo papéis sociais diferenciados, o entrevistado, dono das informações, pode desviar-se do quadro temático, contradizer, desencadear negociações, fazer perguntas ao entrevistador etc.

No processo de produção da entrevista jornalística, há o momento de preparação, o da entrevista propriamente dita e o da edição. Na edição, a entrevista pode manter-se na modalidade oral (rádio, televisão) ou passar para a modalidade escrita (jornais, revistas). Quando o texto passa da ordem falada para a ordem escrita, num processo de retextualização, desaparecem elementos característicos do texto falado, tais como as marcas estritamente interacionais, as repetições, as redundâncias, as auto-correções, surgindo elementos próprios da escrita, como a pontuação; a introdução de parágrafos representando a alternância entre pergunta e resposta (troca de turnos), etc.

Na escola, o trabalho com o gênero entrevista pode ser realizado em todas as séries, bem como por professores de todas as áreas de conhecimento. Diferentes atividades podem ser programadas em busca de desenvolver as habilidades de produção oral e escrita, da competência leitora e de escuta compreensiva. Também podemos criar tarefas em que os alunos examinem de que maneira se dá a interação entre os participantes da entrevista jornalística, colem informações em diferentes campos de interesse, debatam os assuntos em pauta, adiram a ou neguem os posicionamentos ideológicos dos participantes do evento comunicativo.

Para saber mais:

- CAVALCANTE, Marianne, e TEIXEIRA, Cristina. Gêneros Oraís na Escola (2006). In: FERRAZ, Carmi, e MENDONÇA, Márcia (orgs.). *Diversidade textual: os gêneros na sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica,.
- HOFFNAGEL, Judith C. (2002) Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONÍSIO, Angela. P. MACHADO, Ana Rachel & BEZERRA, Maria A. (orgs). *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. p.180-193.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio e DIONÍSIO, Angela (orgs.) (2005). *Fala e Escrita*. Belo Horizonte: Autêntica.

Onde encontrar:

As entrevistas podem ser encontradas em diversos meios de comunicação: jornais, revistas, programas de rádio e tv, internet, etc.

Livros:

- CARRASCOZA. J.A, SANDRONI. Luciana, SCLIAR, Moacyr *et al.* (2005). *Histórias de Avós e Netos*. São Paulo: Scipione.

Sites:

- http://www.universohq.com.br/quadrinhos/2003/entrevista_mauricio_sousa.cfm
- <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u57410.shtml>

COISAS DE ENTREVISTA: FALO EU, FALA VOVÊ

Entrevista

2º Ciclo do Ensino Fundamental(3ª e 4ª séries)

Eixos de ensino	Passo-a-passo	Material didático	Observações
<p>Oralidade Leitura</p>	<p>1º momento: Organize a turma em círculo, em seguida, pergunte:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Vocês conhecem o criador da turma da Mônica? Qual o nome dele? ▪ Quem conhece o nome dos personagens criados por ele? ▪ Vocês já o viram/ouviram em algum programa de TV, rádio, revista, site? <p>Após o levantamento inicial, distribua com os alunos a entrevista de Mauricio de Sousa e peça para que leiam o texto. Informe-lhes que o texto foi retirado de um site da internet, chamado Universo HQ (anexo 1).</p> <p>Faça a leitura e peça que os alunos acompanhem. Não avise que se trata de uma entrevista, diga, apenas, que é um texto em que Mauricio de Sousa aparece conversando com outra pessoa.</p>	<p>Cópia da entrevista de Mauricio de Sousa (anexo 1).</p>	<p><i>O número de aulas necessárias nesta seqüência é variável. Dependerá do número de alunos na turma e do ritmo de trabalho deles.</i></p> <p>Caso alguns alunos tenham visto alguma entrevista com o cartunista, peça para que socializem com o grupo-sala.</p> <p>Se sentir necessidade, converse com os alunos sobre o a função do cartunista.</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Cartunistas são pessoas que fazem cartuns ▪ Cartum é desenho humorístico. <p>Sugerimos a não - divulgação do nome do gênero textual, neste momento inicial, pois, posteriormente, o gênero entrevista será explorado.</p> <p>Você poderá fazer uso da entrevista em anexo ou substituí - la por outra conforme os objetivos do seu trabalho e as características de sua turma .</p>

<p>Oralidade Análise lingüística</p>	<p>2º momento: Pergunte aos alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ O texto que foi lido se parece com algum outro texto que vocês conhecem? ▪ Alguém conhece o nome que se dá ao diálogo entre duas pessoas, em que alguém faz perguntas a um especialista/celebridade/autoridade? ▪ Por que Maurício de Souza foi o escolhido para dar a entrevista sobre esse assunto? ▪ A quem interessam as respostas de Maurício de Souza? ▪ Por que a entrevista foi publicada? 	<p>Cópia da entrevista de Mauricio de Sousa (anexo 1)</p>	<p>O objetivo das questões é fazer com que os alunos acionem seus conhecimentos prévios sobre o gênero entrevista, como também se familiarizem com o gênero.</p> <p>Estabeleça um debate ajudando os alunos a observarem que:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ A entrevista foi realizada com um especialista no assunto; ▪ Que as respostas de Mauricio de Sousa interessam aos que gostam de quadrinhos, em especial, os produzidos pelo cartunista; ▪ Que a entrevista é um gênero cuja função social é informar a população, por isso ela é divulgada em diferentes meios de comunicação.
<p>Oralidade Leitura</p>	<p>3º momento: Distribua aos alunos cópia de uma entrevista com Júlio do Castelo Rá-Tim-Bum (anexo2). Peça para que todos leiam, em seguida, questione-os:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Qual o título da entrevista que vocês leram? ▪ Qual o assunto tratado? ▪ Quem foi convidado para dar a entrevista? Por quê? ▪ O que o entrevistado fala? <p>Motive os alunos a contarem o que leram na entrevista.</p>	<p>Cópias da entrevista com Júlio do Castelo Rá-Tim-Bum (anexo 2)</p>	<p>Enfatize a leitura do conteúdo textual, para que os alunos se apropriem das características e da linguagem da entrevista, a fim de, posteriormente, fazerem uma boa retextualização.</p>
<p>Oralidade Escrita</p>	<p>4º momento: Convide os seus alunos a compararem as duas entrevistas trabalhadas em sala de aula. Pergunte a eles:</p>	<p>Quadro Piloto/Giz</p>	<p>Chame a atenção dos alunos para o fato de que, embora as duas entrevistas estejam na internet, seus veículos de comunicação são diferenciados.</p>

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Nas duas entrevistas que trabalhamos em sala de aula, quem foram os entrevistados? ▪ Vocês já os conheciam? ▪ Alguma informação no texto possibilitou vocês conhecerem (mais) os entrevistados? ▪ Qual a finalidade das entrevistas? ▪ Os conteúdos divulgados interessavam a quem? <p>Continue perguntando:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Onde cada entrevista foi divulgada? ▪ Quem entrevistou Maurício de Sousa? ▪ Quem entrevistou Júlio? ▪ Há semelhanças e/ou diferenças nas formas de realização da entrevista? <p>Monte um quadro com as falas dos alunos, dando visibilidade aos suportes de divulgação, à forma como cada suporte desenha o modelo de entrevista.</p>		<p>A entrevista de Mauricio de Sousa foi divulgada no site Universo HQ, especializado em quadrinhos, e a entrevista com Júlio foi divulgada no site da folla online.</p>
Oralidade Escrita	<p>5º momento: Forme pequenos grupos e oriente-os a escolherem um programa de entrevista veiculado em TV ou rádio para que vejam/ouçam. Solicite aos grupos que anotem o que se pede na tabela em anexo (anexo 3).</p>	Cópia da tabela (anexo3)	<p>Você poderá auxiliar os alunos recomendando programações de TV e rádios, exibidas em emissoras locais. Nas emissoras de TV, por exemplo, temos programas que podem ser recomendados, o programa “Sem Censura”, exibido pela TVE BRASIL, por exemplo.</p>
Oralidade	<p>6º momento: Reúna os grupos e oriente-os a conversarem sobre as experiências que vivenciaram como telespectadores e/ou rádio-ouvintes. Em seguida, oriente-os a socializem as experiências para o grande grupo, apoiando-se na tabela que preencheram em suas pesquisas.</p>	Tabela preenchida pelos alunos (anexo 3)	<p>A atividade de exposição oral ajudará os alunos a tomarem a lista como apoio à memória. Lembre que não é necessário ler o que está escrito, mas que a lista deve ser tomada como apoio.</p>

<p>Oralidade Produção textual</p>	<p>7º momento: Convide os alunos a produzirem um programa de entrevista televisiva ou radiofônica a ser realizado na escola. Ajude-os a pensarem em temas que gostariam de conhecer um pouco mais.</p> <p>Oriente-os a produzirem, em grupo, uma lista com os temas desejados. Em seguida, faça uma votação entre eles para que seja eleito um tema a ser discutido.</p> <p>Pergunte aos alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ O que poderíamos fazer com a entrevista para que outras pessoas pudessem ouvi-la ou lê-la? ▪ Se quiséssemos que crianças de outras escolas, de hospitais infantis pudessem ver a nossa entrevista, em quais veículos de comunicação poderíamos apresentá-la? ▪ O que vocês acham de transformarmos nossa entrevista em um pequeno Jornalzinho Escolar? 	<p>Papel Lápis (para a lista)</p>	<p>O objetivo da produção de um programa de entrevista (suporte à escolha do aluno) contempla a proposta de produção textual. Para isso, organize a seqüência de acordo com as sugestões.</p> <p>Sugira alguns temas, caso os grupos tenham dificuldade de listá-los. Você poderá apontar temas tais como:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ O que gostaríamos que fosse criado no bairro/escola; ▪ Os problemas da rua em que moro, etc. <p>É importante que você traga, para sala de aula, modelos de jornal confeccionado pela escola ou no município em que as crianças residem.</p>
<p>Oralidade</p>	<p>8º momento: Após a eleição do tema, inicie o processo de produção da entrevista. Solicite que os alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Escolham quem será o apresentador; ▪ Pensem no(s) possível(is) entrevistado(s); ▪ Projetem a arrumação da sala de modo que o(s) entrevistado(s) fique(m) em posição central; <p>Elejam um grupo para ficar responsável pela gravação/vídeo-gravação da entrevista (caso não haja possibilidade de gravação, oriente seus alunos a:</p>	<p>Aparelho de gravação de áudio e/ou vídeo.</p>	<p>Quanto ao uso do gravador:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Marque um dia para ensinar os alunos a manusearem o instrumento. ▪ Ajude-os a perceberem que a aula está sendo gravada para posterior exploração. <p>Ao utilizar o gravador ou outros recursos tecnológicos, você estará explorando as tecnologias como suporte para a abordagem do conteúdo ou tema.</p>

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ anotarem as principais informações) e pelas fotografias do entrevistado(s), visto que, para a publicação no jornal, será importante termos a fotografia. ▪ Atentem para o papel dos alunos telespectadores/ rádio-ouvintes, que poderão fazer perguntas ao(s) entrevistado(s), no momento da entrevista (desde que peçam a vez). <p>Crie, em sala de aula, um “estúdio” de gravação de rádio e/ou televisão, simulando um ambiente real de produção do gênero.</p>		<p>Estamos sugerindo um programa de entrevista com platéia, independente do suporte (rádio ou da TV) escolhido pelo grupo-sala.</p>
Escrita	<p>9º momento: Inicie a fase de planejamento das questões que serão feitas ao(s) entrevistado(s). Reserve um momento de planejamento para a confecção das questões. Inicialmente escreva no quadro:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Tema escolhido pelos alunos; ▪ Nome do entrevistador (eleito pelo grupo-sala); ▪ Nome(s) do(s) entrevistado(s); <p>Em seguida, converse com os alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Vocês já sabem o tema que vamos explorar, quem serão o(s) repórter(es), quem será o entrevistado, a hora da entrevista, o que devemos fazer durante a entrevista. Agora está na hora de elaborarmos as perguntas. <p>Lance perguntas que estimulem a curiosidade dos alunos sobre o tema escolhido:</p>	<p>Quadro Piloto/giz Papel Lápis</p>	<p>É muito importante que os alunos possam selecionar o tema e o(s) entrevistado(s). Lembre a eles que o interesse do público determina bastante a condução da entrevista, conforme apontado no texto de abertura.</p> <p>Se achar pertinente, convide os alunos a elaborarem um convite, chamando o(s) entrevistado(s) para participar(em) da atividade.</p> <p>Atente para que as perguntas elaboradas não desviem do foco do tema da entrevista.</p>

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ O que vocês gostariam de perguntar ao(s) entrevistado(s) sobre o tema? ▪ O que vocês acham que os leitores/ouvintes da entrevista gostariam de saber do(s) entrevistado(s)? <p>A elaboração das perguntas deve ser feita de forma coletiva. Incentive a participação de todos.</p>	
Oralidade	<p>10º momento: ORGANIZAÇÃO PARA A ENTREVISTA Organização do espaço aula:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Sala organizada em semicírculo, para que todos possam ver o apresentador e o(s) entrevistado(s). <p>Abertura do evento:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ O apresentador deverá iniciar o evento apresentando o(s) entrevistado(s), e, de certa forma, justificando a sua presença no evento, visto que ele é um especialista/celebridade/autoridade no tema a ser debatido. <p>Dinâmica da entrevista:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ O entrevistador fará perguntas ao(s) entrevistado(s) e permitirá que a platéia (alunos) também pergunte. <p>Participação dos alunos: O aluno que desejar fazer perguntas deverá:</p>	<p>Caso a escola não tenha equipamentos para gravação, alguns alunos podem tentar anotar as informações e, posteriormente, você retomará as principais discussões.</p> <p>Entrevistas, normalmente, são veiculadas com fotos do entrevistador. É possível também que os alunos fotografem os entrevistados para a elaboração/produção do Jornalzinho escolar.</p> <p>Os alunos poderão escolher um dos seus avós para serem entrevistados. Porém a atividade com o gênero entrevista poderá ser realizada fora do espaço escolar, assim os alunos também poderão visitar um asilo e entrevistar alguns idosos.</p>

	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Pedir a vez para falar; ▪ Respeitar a fala dos amigos; ▪ Prestar atenção ao que está sendo dito pelo(s) “entrevistado(s)”, para que não sejam feitas perguntas repetidas etc. <p>Grupo da gravação:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ O grupo responsável pela gravação deverá estar monitorando o instrumento de gravação, que estará colocado próximo ao(s) entrevistado(s). <p>Marque o dia da entrevista, observando os passos já citados.</p>		
Escrita Oralidade	<p>11º momento:</p> <p style="text-align: center;">APÓS A ENTREVISTA</p> <p>Separe a turma em pequenos grupos e distribua a tabela (anexo 4) contendo perguntas que avaliam a atividade. Oriente-os a preencherem a tabela e, em seguida, socializarem suas respostas.</p>	Roteiro de avaliação (anexo 4) Caneta	Este momento de avaliação possibilita os alunos refletirem sobre as etapas da entrevista e como foi desenvolvida.
Análise lingüística	<p>12º momento:</p> <p>Escute a entrevista gravada juntamente com os alunos. Em seguida, desafie-os a passarem do texto falado para o texto escrito. Estimule a curiosidade do grupo-sala perguntando:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Como vocês acham que vai ficar o texto falado quando for passado para o texto escrito? Será que vai ficar igual? 	Gravador Piloto/Giz Quadro Caderno Caneta	<p>A retextualização pode ser feita por um pequeno grupo ou de forma coletiva, caso seja conveniente.</p> <p>Caso não haja gravação, você será o escriba. Anote, no quadro, o relato dos alunos, em seguida, passe para um caderno de anotações. Você poderá pedir ao grupo-sala que o ajude,</p>

- Será que precisaremos escrever tudo que o entrevistado falou? Será que conseguiremos?

anotando o texto do quadro.

Cada grupo deverá receber um exemplar do texto transcrito.

Escrita
Análise
lingüística

13º momento:

Peça para que os grupos leiam o texto, em seguida, pergunte:

- O que vocês acharam da atividade?
- Saiu do jeito que vocês esperavam?

Complete a tabela de forma coletiva, apontado as questões abaixo:

O que apareceu no texto falado	O que apareceu no texto escrito

Para problematização do tema, pergunte:

- Será que o que apareceu no texto falado também apareceu no texto escrito?
- O que pudemos ouvir no texto falado que não apareceu no texto escrito?
- O que vimos no texto escrito que não apareceu no texto falado?
- O que podemos ver nos dois textos?
- Será que a fala do entrevistado mudou quando passou para o texto escrito? Caso tenha mudado, vamos apontar a mudança?

Piloto / Giz
Quadro

Considerando que o texto está sendo retextualizado da fala para a escrita, é necessário que as perguntas ajudem os alunos a observarem elementos característicos das duas modalidades de uso da língua.

É provável que os alunos percebam menor frequência de repetições no texto escrito, Nesta atividade, podemos explorar a questão dos graus de formalidade presentes na produção retextualizada. Por exemplo, se o entrevistado falou “tá”, “tô”; por que alterar para “estou” ou “está”? Que mudanças foram necessárias?

Anote os elementos apontados pelos alunos, ajudando-os a refletirem sobre:

- A relação de proximidade e distanciamento do texto falado com o texto escrito;
- A variação que pode ocorrer no registro falado e escrito.

Discuta as respostas dos alunos, focalizando a tabela preenchida por eles.

<p>Escrita Análise lingüística</p>	<p>14º momento: Retome a proposta de confecção do Jornalzinho Escolar. Liste com os alunos o que será necessário para que o jornal fique pronto. Forme equipes responsáveis pela capa, 4ª capa, sumário, ilustrações etc. Caso a entrevista tenha sido gravada, utilize o texto transcrito. Caso não, os alunos deverão recuperar as informações anotadas em seus cadernos. Destine momentos para refletir sobre:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Correção ortográfica; ▪ Possíveis substituições de palavras (sinônimos, pronomes); ▪ Atribuição de títulos ou não às entrevistas; ▪ Formas de apresentar os entrevistados (entrevistas publicadas em revistas e jornais trazem um breve perfil do entrevistado antes das perguntas transcritas). ▪ Utilização de fotos do entrevistado ou sobre a temática da entrevista. 	<p>Reserve alguns dias para o desenvolvimento dessa tarefa.</p> <p>Leve modelos de Jornal Escolar para que os alunos identifiquem os passos a serem seguidos.</p>
	<p>15º momento: Prepare um dia especial de lançamento do jornalzinho. Podem ser convidados parentes dos alunos e amigos da escola.</p>	<p>É importante elogiar o trabalho dos alunos e fazer as críticas de forma cuidadosa e construtiva. Faça-os reconhecerem-se produtores/escritores. Incentive as crianças a doarem exemplares do Jornalzinho Escolar à biblioteca da escola, para que outras crianças tenham acesso à produção. A entrevista a ser desenvolvida deverá ser ajustada ao suporte a ser divulgado (Jornal Escola).</p>

✎ O pai dos planos infalíveis e das coelhadas devastadoras ✎

Por Hugo Silva em: 14.11.2003



Mauricio de Sousa em Amadora

Ele é o quadrinhista mais bem-sucedido do Brasil. Com quase 50 anos de carreira, continua conquistando leitores em todos os países onde seus trabalhos são publicados. Colecionador de prêmios, tem no Yellow Kid, que recebeu em 1971, no Festival de Lucca, na Itália, o principal de sua vitoriosa caminhada profissional.

Claro que o entrevistado em questão é Mauricio de Sousa, que foi, sem sombra de dúvida, o principal destaque da 14ª edição do FIBDA - Festival Internacional de Banda Desenhada de Amadora, em Portugal. Este ano, o evento foi realizado na Escola Intercultural da cidade.

Mauricio de Sousa em Amadora

UHQ: Como é continuar a conviver com os mesmos personagens após tantos anos? Ainda mais por saber que eles foram responsáveis por influenciar gerações durante as três últimas décadas?

Mauricio: Bem, como meus personagens são baseados nos meus filhos, e partindo do princípio que nunca nos fartamos dos filhos, eu não me canso deles jamais (risos). E essa responsabilidade é muito grande, mas da uma satisfação enorme. É bom saber que muita gente cresceu lendo e se divertindo com meus personagens, já que eles foram criados com essa intenção.

UHQ: Como era o seu processo criativo? Sabemos que os personagens principais da turminha são baseados em seus filhos, mas e o restante surgiu como? De amigos das crianças?

Mauricio: Fui me apegando a algumas características da personalidade e até estéticas dos meus filhos e de alguns amigos deles para ir criando as personagens. O Cascão, por exemplo, era um menino que brincava ali perto de nossa casa. O mesmo ocorreu com o Cebolinha e outros que povoam os gibis da turma. Agora vão surgir mais personagens novos, como Vanda e Valéria (que serão lançadas em breve), baseadas nas minhas duas filhinhas; ou o Marcelinho, que é inspirado no meu filho de cinco anos, que já nasceu politicamente correto e é tão certinho e "patrulheiro" que não dá para acreditar! Ele brinca e depois arruma os brinquedos, lava as mãos antes de comer, apaga a luz quando sai do quarto... E já nasceu assim, certinho. Às vezes, é até difícil de agüentar (risos). E como eu tenho dez filhos, sempre haverá personagens para serem lançados!

UHQ: Qual o critério utilizado para um roteirista ou um desenhista entrarem para os Estúdios Mauricio de Sousa?

Mauricio: Bem, não coloco anúncio em jornais. As pessoas vêm me procurar e eu avalio seu trabalho em diversos pontos. Ambição, capacidade de evoluir e

interação com outros profissionais são coisas de que não abduco, e gosto de ver em alguém que queira colaborar comigo. Se a pessoa vier falar comigo, pra me mostrar seu material, eu avalio se tem potencial ou não, decidindo, em seguida, se ficará no estúdio. Nós não temos estágios. Nas avaliações, eu vejo o que está de errado e o que deve ser corrigido. Então, mando a pessoa treinar em casa, o que penso ser necessário. E este processo pode se repetir quatro, cinco, seis vezes ou o tempo que for necessário - até se isso significar dois anos!



Horácio, um dos personagens favoritos de Mauricio de Sousa

UHQ: Na década de 1980, numa tentativa de combater as produções japonesas que assolavam o Brasil, você lançou alguns longas-metragens. Quando podemos esperar ver de novo a turminha na telona?

Mauricio: (Sorrindo) Grande Hugo, bom perguntar isso. Bem, a aventura nos anos 80 não foi bem-sucedida, principalmente devido a uma grande falta de financiamento, coisa que está sendo sanada neste momento. Por isso, em breve, esperamos iniciar, a todo vapor, novos projetos, tanto na telona quanto na televisão.

Horácio, um dos personagens favoritos de Mauricio de Sousa

UHQ: Pergunta inevitável: qual seu personagem favorito? E quais as novas "caras" que podemos esperar na Turma da Mônica?

Mauricio: Esse negócio de personagem favorito é algo difícil de escolher, pois são todos aqueles com os quais trabalho no momento. Afinal, se estou escrevendo aquele personagem, estou dando a ele um bocadinho de mim mesmo. Então, naquela hora, sou a Mônica, o Cebolinha ou qualquer outro. Mas, sinceramente, nos personagens animais eu deixo mais do que um simples pedaço de mim, pois ali posso ser o adulto que sou e extrapolar as minhas opiniões. O Horácio, o Bidu e o Jotalhão possuem muito da minha alma, da minha filosofia de vida e das minhas idéias. Neles exponho todas as minhas preocupações. Por isso, pode-se considerar o Horácio como meu personagem predileto. Quanto a novos personagens, a turma vai ganhar novos integrantes muito em breve. E vou lhe adiantar alguns: Uma turma amazônica baseada em tribos deste local tão específico do Brasil e, por isso, bastante diferente, por exemplo, do Papa-Capim. Dois personagens deficientes que servirão essencialmente para mostrar como as crianças reagem, e devem reagir, perante outras crianças com alguma deficiência física. Um será cego e outro, paraplégico. Teremos também dois personagens negros, que serão dois músicos brigando para ver qual o melhor estilo de música (risos).

UHQ: Mauricio, muito grato por toda atenção e disponibilidade. Boa sorte para seus projetos futuros.

Mauricio: O prazer foi todo meu. Muito obrigado e cumprimentos para todos.

Texto adaptado. Universo HQ- Disponível em: http://www.universohq.com.br/quadrinhos/2003/entrevista_mauricio_sousa.cfm

✎ **Leia e ouça a entrevista com Júlio do "Cocoricó"** ✎

Por Laura Mattos da Folha de S.Paulo

Apesar do estrelato, Júlio é um garoto simples. Não tem celular nem videogame e prefere brincar com os bichos. Em meio à gravação do "Cocoricó", na Cultura, o personagem falou à **Folha**. Ouça ou leia abaixo a entrevista:



Júlio, do programa "Cocoricó"

Folha - Como é seu nome e quantos anos você tem?

Júlio - Meu nome é Júlio e tenho seis anos.

Folha - Onde você nasceu?

Júlio - Eu nasci na cidade grande, né, mas mudei aqui para a fazenda do vovô quando eu era pequenininho ainda, né. Eu vim, na verdade, passar umas férias. No começo eu achei tudo muito chato aqui na fazenda, até que eu conheci as galinhas, né. E eu vi que as galinhas falavam, eram muito legais, e elas viraram minhas melhores amigas. Logo depois eu conheci o Alípio e toda a turma, aí pedi para ficar morando aqui.

Folha - Por que não mora com os seus pais?

Júlio - Ah, por isso, porque meus pais moram na cidade grande, e eu queria morar no campo. Eles trabalham lá, não podiam vir pra cá, e eu fiquei na casa do vovô.

Folha - Quantas horas de TV você assiste por dia?

Júlio - Eu assisto pouco, porque eu fico o dia inteiro brincando. Quando eu não estou na escola, fico brincando com as meninas ou com o Alípio ou o Astolfo, então assisto muito pouco à TV. Mas eu gosto muito de um programa que ensina arte para crianças, então fico assistindo para fazer depois.

Folha - Você gosta de assistir à "Xuxa"?

Júlio - Eu nunca vi a Xuxa. Eu sei dela, eu conheço, mas eu não vi ainda, não pega aqui em Cocoricolândia.

Folha - E o Barney?

Júlio - Também não pega aqui. A TV aqui de Cocoricolândia é bem pequena.

Folha - E a novela das oito?

Júlio - Também não pega. Aqui só pega a TV municipal de Cocoricolândia.

Folha - Você já tem celular?

Júlio - Não, mas já existe celular. Não tenho porque sou muito pequeno, mas lá em casa o vovô tem.

Folha - Já pediu um celular de presente?

Júlio - Ah, não. Eu não quero, vou usar pra quê?

Folha - Você pode ligar para o seu amigo que se mudou para...

Júlio - Não, eu tenho telefone de lata. Você já viu telefone de lata com cordão no meio? Pois é, eu uso bastante.

Folha - Tem videogame?

Júlio - Videogame eu já tive, mas eu não acho engraçado. É mais legal brincar com as galinhas.

Folha - O que ganhou do Papai Noel no último ano?

Júlio - Ganhei uma coleção de livros. Mas ganhei do galo galileu um computador, e isso é muito legal, estou começando a aprender a mexer agora.

Folha - Você sabe o que é política?

Júlio - Hum... Sei um pouco, porque tem política em todo lugar, né, política eu conheço mais ou menos. Tem os políticos de Cocoricolândia, eu sei que é um negócio bem complicado para a gente entender. Uma hora eles são legais, outra hora são os vilões... Eu não entendo muito bem.

Folha - Para que time você torce?

Júlio - Eu mostro bem pouquinho [no programa], aparece às vezes uma ou coisinha preta e vermelha. Eu sou flamengo.

Folha - Que música gosta de ouvir?

Júlio - Gosto de ouvir as músicas da fazenda. Acho que a que mais gosto é "Acampar", que é bem tranqüila, e agora uma música nova que vem por aí é uma falando de chulé e toalha.

Anexo 3

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO DA ENTREVISTA JORNALÍSTICA		
	TV	RÁDIO
Nome do programa		
Quem iniciou o programa de entrevista?		
Havia quantos entrevistados?		
Quem foi entrevistado?		
Como o entrevistado foi apresentado?		
Quem apresentou o tema debatido?		
Quem iniciou a discussão do tema?		
Como o entrevistador passa a palavra ao entrevistado?		
O entrevistado ou entrevistador apresentou algum gráfico, recortes de entrevistas divulgadas em outros meios de comunicação etc., para auxiliar no diálogo?		
Quem encerrou a entrevista?		

ROTEIRO DE AVALIAÇÃO		
Fases	Investigação	Comentário
Abertura	Como o entrevistador abriu o evento?	
	Ele apresentou o(s) entrevistado(s) falando um pouco sobre a sua vida? Como?	
Introdução ao Tema	Ele apresentou o tema a ser debatido? Como?	
	Quem iniciou a discussão sobre o tema?	
Desenvolvimento	O(s) entrevistado(s) respondeu(eram) a todas as perguntas?	
	O grupo-sala(audiência) participou da discussão? Como?	
	As perguntas feitas ao(s) entrevistado(s) foram as que o grupo-sala tinha elaborado ou houve perguntas elaboradas na hora da entrevista?	
	Como o apresentador passou a palavra ao aluno(ouvinte) que quis fazer perguntas?	
	O(s) entrevistado(s) ou entrevistador apresentou (aram) algum gráfico, recortes de entrevistas divulgadas em outros meios de comunicação etc., para auxiliar no diálogo?	
	O que fez a equipe de gravação no momento da entrevista?	

ROTEIRO DE AVALIAÇÃO
(continuação)

Fase	Investigação	Comentário
Conclusão	Como a entrevista foi encerrada?	
Encerra- mento	Houve agradecimentos?	
	Houve aplausos?	
Avaliação geral	Como o grupo-sala se comportou na hora da entrevista?	
	Todos ficaram atentos?	
	O que mais chamou a atenção na hora da entrevista?	

EXTRA! EXTRA! NOTÍCIAS NA SALA DE AULA!

Notícia de jornal impresso

2º ciclo do Ensino Fundamental (7ª e 8ª séries)
Djario Dias de Araujo

Objetivo geral: refletir sobre aspectos constitutivos do gênero textual notícia, considerando o conhecimento prévio dos alunos como um importante instrumento contextualizador na compreensão do texto.

Objetivos específicos

As atividades previstas nesta seqüência propiciam aos alunos:

- entender a notícia impressa como um importante instrumento de reflexão sobre fatos da nossa realidade social;
- posicionar-se oralmente sobre os diversos temas apresentados nas notícias lidas;
- identificar notícias, diferenciando-as de outros gêneros, com base nos conhecimentos prévios sobre o gênero;
- refletir sobre as temáticas mais freqüentes nas notícias, bem como nos cadernos e seções dos jornais impressos;
- levantar hipóteses sobre as temáticas das notícias a partir da leitura dos títulos de notícias e das imagens relativas à notícia;
- identificar características próprias do gênero, como o uso de recursos gráficos (tipos e tamanhos de letras, negrito, etc.), de imagens (fotos e ilustrações), as informações básicas presentes no *lead*, etc, sistematizando-as num painel;
- comparar notícias publicadas em um jornal popular e em um jornal dirigida a um público diferenciado, observando aspectos como vocabulário, extensão e ordem das frases, parcialidade no tratamento do tema, etc.
- compreender o uso do discurso citado (direto e indireto) e de informações numéricas como estratégias para a legitimação de fatos na notícia;
- produzir notícias, atendendo a orientações quanto à organização formal e às estratégias discursivas do gênero.

**ESTE TEXTO SE DESTINA A FORNECER INFORMAÇÕES BÁSICAS SOBRE O GÊNERO PARA O PROFESSOR.
NÃO DEVE SER USADO COM OS ALUNOS.**

Caro professor:

O gênero notícia é um importante instrumento no processo de formação do cidadão. Por ser um gênero massivo de comunicação, atinge a todas as camadas sociais, trazendo informações e, indiretamente, contribuindo para a formação de opinião. É o “motor” dos periódicos impressos (jornais e revistas) e, hoje, circula também nas rádios e na internet e na televisão.

Mesmo sendo os gêneros construtos dinâmicos e mutáveis, eles seguem certas convenções históricas, que possibilitam sua identificação. No caso da notícia de jornal impresso, podemos caracterizá-la como um texto que divulga, para grandes parcelas da população, um fato noticioso. Como não é qualquer fato que vira notícia, ele deve ser marcado pelo ineditismo, improbabilidade, interesse, apelo e empatia. Isso porque os jornais impressos são empresas privadas que, como quaisquer outras, visam ao lucro e, sendo a notícia a sua matéria-prima, quanto mais pessoas se identificarem com a(s) personagem (ns) e a situação da notícia, mais importante ela se torna e mais jornais são vendidos.

A notícia de jornal impresso é composta, basicamente, das seguintes partes: título, “lead” (lide) e corpo. O título deve despertar no leitor o interesse pela leitura da notícia. Por isso, deve conter uma mensagem condensada, sucinta e, muitas vezes, surpreendente, destacando-se graficamente do texto que se segue. A importância do título é tal que o título mais importante de cada caderno é chamado de “manchete”. O lide – originado de *lead*, palavra inglesa que

significa “conduzir” - geralmente é encontrado no primeiro parágrafo. Trata-se de um breve relato dos fatos e deve apresentar informações essenciais capazes de responder às seis perguntas básicas: **o quê, quem, quando, onde, como, por quê**. No corpo, que corresponde aos demais parágrafos da notícia, são detalhados os fatos introduzidos pelo “lead” com inserção de novas informações, podendo ser em ordem cronológica ou de importância.

As fotografias e suas legendas também ajudam na construção de sentidos do gênero notícia. Muitos jornais, sobretudo os direcionados à população menos escolarizada, utilizam a imagem como resumo da notícia. Frequentemente, o jornal é lido em casa antes da ida ao trabalho ou, mesmo, no caminho para o trabalho, dentro do ônibus, em frente à banca de jornais, etc. Diante disso, a estratégia de leitura das notícias, muitas vezes, se resume à leitura do título e da imagem. Daí a importância de um título que resuma a notícia e, eventualmente, de uma imagem que complemente a compreensão. A concisão do título e a escolha cuidadosa das imagens como fonte de informação são características do gênero notícia que facilitam a seleção, por parte do leitor, de quais notícias serão lidas na íntegra.

Para cumprir sua função social adequadamente, a organização interna da notícia se caracteriza pela presença de períodos curtos, frases na ordem direta, vocabulário usual, descrições objetivas, emprego de verbos introdutórios de opinião, como *dizer, falar, afirmar, assegurar* (quando a notícia remete à fala de alguém), expressões circunstanciais de tempo, espaço, causa, etc., que organizam as informações básicas sobre o fato noticiado, presentes no *lead*. Todas essas características podem ser exploradas com proveito no eixo da análise lingüística, sendo elas também muito importantes para a leitura e para a produção do gênero.

Ao trabalhar com o gênero textual notícia de jornal, aspectos relacionados às condições de produção do gênero devem ser observados, tais como: o provável leitor (público-alvo); o posicionamento ideológico do jornal, que constitui a sua linha editorial, em que jornal a notícia foi publicada, a possível parcialidade da notícia, entre outros pontos. Esses aspectos interferem na construção dos sentidos das notícias e, portanto, merecem ser levados em conta nos trabalhos de leitura, análise lingüística e produção do gênero.

Dependendo da temática a ser escolhida, o gênero notícia poderá ser utilizado em todas as séries/ ciclos. Embora a seqüência de atividades aqui propostas esteja voltada para alunos do 2º ciclo do Ensino Fundamental (7ª e 8ª séries), também alunos no processo de alfabetização, por exemplo, poderão ler e produzir títulos das notícias.

Muito importante, na exploração do gênero notícia na escola, é trabalhar com textos publicados recentemente e que digam respeito à vida dos alunos, de alguma maneira. Anexamos algumas notícias para ilustrar como o professor pode trabalhar com esse gênero nas aulas de língua materna, mas frisamos que é sempre mais adequado que o professor procure exemplos atualizados para usar com os alunos, mesmo porque uma das características da notícia é ser recente.

Para saber mais:

- BARBOSA, J. P. (2000). Do professor suposto pelos PCNs ao professor real de língua portuguesa: são os PCNs praticáveis? In R. Rojo (Org.) *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo: Educ; Campinas: Mercado de Letras.
- FARIA, Maria Alice (1996). *Como usar o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto.
- _____.(1997). *O jornal na sala de aula*. 9 ed. São Paulo: Contexto.
- _____.(2002). *Para ler e fazer o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto.
- ZANCHETA JÚNIOR, José (2004). *Imprensa escrita e telejornal*. São Paulo: UNESP.
- <http://www.jornalescolar.org.br/>

Onde encontrar:

As notícias podem ser encontradas em jornais e revistas diversos, em programas radiofônicos e também em sites. A maioria dos grandes jornais possui sua versão na internet.

EXTRA! EXTRA! NOTÍCIAS NA SALA DE AULA!
Notícia de Jornal Impresso

2º ciclo do Ensino Fundamental (7ª e 8ª séries)

Eixos de ensino	Passo-a-passo	Material didático	Observações
<p>Leitura Oralidade</p>	<p>1º momento: Espalhe, pela sala, várias notícias recentes e peça aos alunos que circulem pela sala lendo as notícias expostas. Após uns 20 minutos, peça aos alunos que parem na notícia que mais lhes chamou a atenção. Depois de localizados próximos à notícia de sua preferência, pergunte aos alunos: 1-Como as pessoas chamam esse texto que você acabou de ler? 2-Você estava lendo uma história em quadrinhos? Por que não? 3-Para que servem esses textos que você leu? Onde você, normalmente, encontra textos assim? 4-Por que essa notícia chamou mais a sua atenção?</p>	<p>páginas do Recortes de notícias ou notícias nas próprias jornais.</p>	<p><i>O número de aulas necessárias nesta seqüência é variável. Dependerá do número de alunos na turma e do ritmo de trabalho deles.</i></p> <p>Neste primeiro momento, é interessante não ressaltar o nome do gênero para deixar que os alunos descubram. Essa produção oral permitirá que os alunos apresentem seu conhecimento prévio sobre o gênero, bem como seu nível de argumentação. É interessante expor notícias recentes, das mais diversas temáticas (esportivas, políticas, nacionais, internacionais, televisivas, etc.) e de diversos jornais. Sistematizar as respostas dos alunos num cartaz sobre a caracterização inicial do gênero. É importante que esse cartaz fique exposto durante toda a seqüência. Ele ajudará na sistematização de informações sobre o gênero notícia impressa. Uma outra possibilidade de organizar essa atividade é expor, na sala, vários jornais, como é feito bancas de revistas. É possível que os alunos digam que o texto lido é “informativo”, deve-se ressaltar que a notícia, assim como a reportagem ou o artigo</p>

			de revista, por exemplo, são textos informativos, mas que cada texto informativo tem um nome específico, uma estrutura e função social distintas.
Leitura/ Oralidade	<p>2º momento: Organize os alunos em pequenos grupos e entregue a crônica “Os Jornais” de Rubem Braga. Após a leitura junto com os alunos, abra um debate sobre as temáticas das notícias a partir das seguintes perguntas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Que tipo de notícias têm predominado nos jornais? ▪ Por quê? 	Cópia da crônica de Rubem Braga	<p>É importante enfatizar que as temáticas selecionadas (os fatos a serem noticiados pelos jornais) são em função do público alvo. Como os jornais são empresas e precisam vender jornais, essa visão, muitas vezes, orienta a linha editorial adotada. Ao final de toda discussão, lembre-se de sistematizar no cartaz.</p> <p>A utilização da crônica, neste momento, limitou-se à exploração temática. Caso você deseje trabalhar especificamente com o gênero crônica, consulte a seqüência a respeito desse gênero nesta mesma coleção.</p> <p>A seqüência de atividade com a notícia pode ser desenvolvida com os mesmos grupos, criando uma espécie de gincana, ou a cada etapa, novos grupos poderão ser formados, dependendo do seu objetivo didático.</p>
Leitura	<p>3º momento: Entregue um jornal a cada equipe e, objetivando resgatar o conhecimento sobre o suporte, lance as perguntas: Quantos cadernos tem o jornal que vocês estão lendo? Quais os temas encontrados nos cadernos? Os cadernos publicados são os mesmos todos os dias da semana? E a extensão dos cadernos, varia ou não de acordo com o dia da semana? Como foi dito, a notícia é um dos gêneros encontrados no jornal,</p>	Jornais usados, de preferência, completos.	<p>Com essa atividade, os alunos irão analisar o jornal para conhecerem os cadernos que o compõem, além de perceber os diferentes tipos de letras, os gêneros textuais da esfera jornalística, as seções, o projeto gráfico, entre outros. Alguns dos itens aqui não estão contemplados nas perguntas.</p> <p>Certamente os alunos observarão que os anúncios e as notícias predominam, esse é um</p>

	<p>que outros gêneros poderemos encontrar? Qual é o texto que predomina no jornal? Por que os diferentes tipos de letras são utilizados nos títulos dos textos encontrados? A organização gráfica do jornal (imagens, gráficos, cabeçalhos de seções e cadernos, etc.) permite uma melhor localização das informações? Os grupos terão um tempo para responder as perguntas e um componente da equipe poderá socializar as respostas.</p>		<p>importante momento para refletir sobre o porquê disso.</p>
<p>Leitura / Análise lingüística</p>	<p>4º momento: Leia o título da notícia: “Chico tem suas macaquices perdoadas” faça perguntas orais para o levantamento de hipóteses de cada equipe, tais como :</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Quem é Chico? ▪ O que são as tais macaquices? ▪ Quem as perdoou? ▪ Por quê? <p>Depois entregue a cada grupo a notícia. Peça para que um voluntário faça a leitura em voz alta e, ao final, pergunte ao grande grupo a equipe cujas hipóteses mais se aproximaram do conteúdo da notícia. Após esse momento, pergunte por que o título da notícia está no tempo presente se o fato relatado na notícia aconteceu dias antes? Registre as informações do grupo do cartaz. Após a análise do título, peça para os alunos encontrarem, na notícia lida, as seguintes informações:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ De que “crimes” Chico é acusado? ▪ Onde foi julgado e por quem? ▪ Você concorda com a sentença? Por quê? 	<p>Notícia “Chico tem suas macaquices perdoadas” (anexo 2)</p>	<p>O uso do tempo verbal <i>Presente do Indicativo</i> no título das notícias de jornais impressos permite uma maior aproximação do leitor com o fato, bem como evidencia que a notícia é recente. Já nos títulos de notícias de revistas semanais, outras estratégias para chamar a atenção do leitor estão presentes, como a ambigüidade, a intertextualidade e o humor.</p> <p>Essas perguntas ajudarão na continuação da caracterização do gênero, nesse caso, na reflexão sobre o “lead”, que é o primeiro parágrafo da notícia. A maioria das notícias terá que responder a essas perguntas básicas, que servem para orientar a redação do lide ou lead, para informar, de modo sucinto, o fato noticiado. Em muitas notícias, essas informações se distribuem ao longo do texto, não só no lead.</p>

Leitura Escrita	<p>5º momento: Entregue a cada equipe uma imagem retirada de uma notícia. Os alunos irão fazer a leitura da imagem e elaborar o possível título daquela notícia. Depois leia o título original para verificar o grupo que mais se aproximou.</p>	Fotos de notícias.	Como a imagem também compõe algumas notícias de jornal, explorar a relação da fotografia com o(s) fato(s) noticiado(s) é uma das maneiras de compreender o gênero notícia. É interessante que a seleção das fotos/ imagens esteja adequada ao nível dos alunos. Dependendo da turma, o professor poderá selecionar imagens da área de esportes, por exemplo. É importante colocar todas as características encontradas no nosso cartaz de caracterização. A presença de imagem (foto ou ilustração), por exemplo, é uma das características de muitas notícias impressas.
Leitura Produção Textual	<p>6º momento: Cada grupo recebe uma legenda de uma foto de uma notícia, (legendas diferentes para cada grupo) faz a leitura e, posteriormente, desenha, ou mesmo recorta uma imagem que possa representar aquela legenda. Cada equipe socializa sua produção, o professor mostra a imagem original da notícia.</p>	Recortes de legendas de fotos de notícias e suas respectivas imagens, lápis de cores diversas, tesouras, papel ofício.	É importante garantir momentos em que os objetivos didáticos façam parceria com objetivos lúdicos. Tais aspectos motivam e envolvem os alunos nas atividades solicitadas.
Leitura/ Análise lingüística	<p>7º momento: Cada equipe receberá uma notícia sobre um mesmo fato, publicada por dois jornais. Um de característica mais popular, outro destinado ao público de maior escolaridade. Os alunos irão ler as notícias e</p>	Notícias de diferentes jornais.	Esta atividade ajuda a refletir sobre a relação jornal e público-alvo e como isso, de certa forma, marcará a escrita de uma notícia.

	<p>escrever as diferenças encontradas. Que fatos mereceram destaques nas duas notícias? Há diferenças na apresentação dos fatos? Há diferenças na linguagem utilizada pelos jornalistas? Por que tais diferenças existem? Socialização oral das conclusões de cada grupo.</p> <p>Esteja atento para o fato de que, nos jornais, o vocabulário pode ser usual e até informal, e as frases tendem a ser curtas, para facilitar a leitura, Entretanto, no jornal popular é comum a presença do humor ou do sensacionalismo no tratamento de certas notícias, o que, até certo ponto, contraria a máxima da imparcialidade esperada nesse gênero textual.</p>		<p>Considerar o público-alvo da notícia é uma etapa importante para sua elaboração. Muitas vezes, as diferenças são ideológicas e ficam visíveis na escolha lexical de cada tipo de jornal. Escolher entre as expressões <i>ladrão</i>, <i>bandido</i>, <i>corrupto</i> ou <i>suspeito</i> revela muito da imagem prévia do leitor construída pelo jornalista/jornal e da ideologia do jornal. É importante que cada etapa de caracterização seja anotada no nosso painel, como forma de preparar os alunos para a produção final.</p>
<p>Leitura Análise lingüística</p>	<p>8º momento: Inicie a aula perguntando o que os alunos sabem sobre a Segunda Guerra Mundial. Após esse levantamento, entregue a cada grupo uma ficha com os seguintes números: <i>2,9 milhões / 4 mil/ 133 / 2km / 79 / 255 / 135 / 30%</i>. Pergunte oralmente aos alunos a que eles acham que se referem esses números representam no contexto da Segunda Guerra Mundial. Após esse momento, entregue aos alunos a notícia “Hiroshima indeniza sobreviventes” do <i>Diário de Pernambuco</i>, e peça que eles a leiam em grupos e encontrem os dados relacionados a cada número acima. Os grupos socializam suas respostas com os colegas e observam se as hipóteses sobre os números se aproximaram dos fatos relatados na notícia. Inicie, então, uma discussão sobre a função dos números nas notícias, com perguntas do tipo: - Será que, sem os números, a notícia sobre a Segunda Guerra teria o mesmo impacto? Por que vocês acham que há essa preocupação com os números nessa notícia e em outras?</p>	<p>Ficha com os números. Cópias da notícia “Hiroshima indeniza sobreviventes” (anexo 1)</p>	<p>Essa atividade mostra outra função discursiva dos números na notícia, que é de dar credibilidade, mais confiabilidade ao fato noticiado. Os números, nessa notícia, por exemplo, dão credibilidade e precisão ao fato relatado. Outra estratégia que pode ajudar a construir a credibilidade das notícias é inclusão da fala de especialistas e de pessoas importantes.</p> <p>Outra sugestão é entregar a notícia para os alunos e questioná-los sobre os dados ou as informações que fazem com que a notícia pareça verdadeira e confiável? Outra opção é pedir para os alunos que, em grupos, destaquem/sublinhem, na notícia destacada, o que a deixa com “cara” de verdadeira.</p>

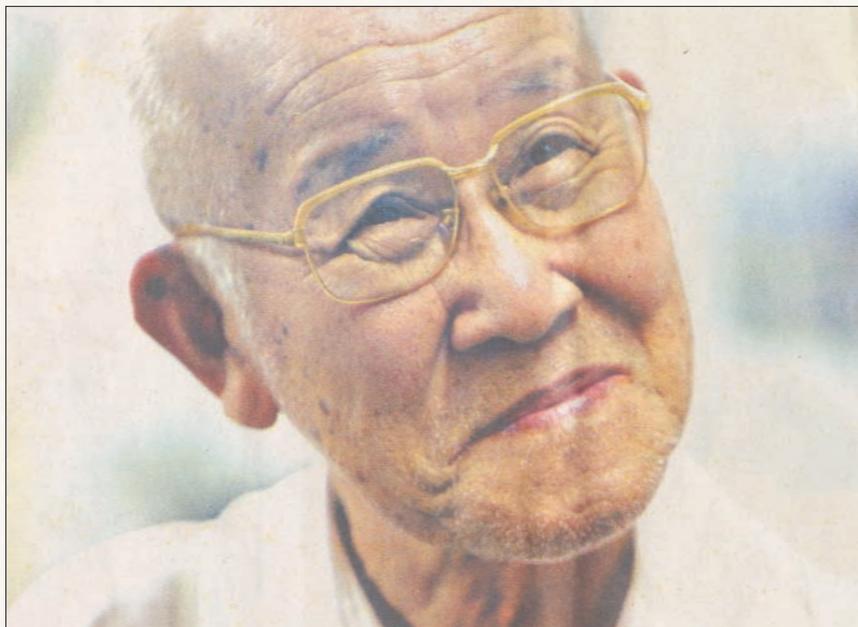
<p>Leitura Análise lingüística</p>	<p>9º momento: Ainda com a mesma notícia, escreva no quadro as citações das notícias no modo indireto. “Teruo Hosokawa afirmou que os seus problemas persistem, como a saúde fragilizada.” Pergunte a diferença entre a forma colocada no quadro e a presente na notícia “Hiroshima indeniza sobreviventes” (anexo 1) e a importância desse efeito na produção da notícia. As respostas devem ser sistematizadas no quadro. Numa exposição dialogada, conceitue, junto com os alunos, discurso direto e indireto e sua função discursiva no gênero. Você também pode lembrar o uso das aspas na fala direta do envolvido no fato.</p>	<p>Quadro Piloto/ giz Cópias da notícia “Hiroshima indeniza sobreviventes” (anexo 1)</p>	<p>Outro aspecto de ordem lingüística importante no gênero é o uso do discurso citado: direto e indireto. A fala dos envolvidos no fato dá mais credibilidade à notícia. Uma questão boa para a discussão é pensar sobre qual das duas formas (discurso citado direto ou indireto) dá mais credibilidade aos fatos noticiados e por que razão. Os alunos podem ainda ser estimulados a comparar notícias impressas e televisionadas quanto à inserção do discurso citado.</p>
<p>Escrita</p>	<p>10º momento: Solicite que os alunos produzam uma notícia a partir de um fato real de sua comunidade. Caso prefira o trabalho em grupo, outro aluno poderá ficar responsável pela foto e a legenda da mesma. Na aula seguinte, como forma de revisão do texto, peça para os alunos fazerem a análise de suas produções, guiados pelas informações do cartaz de caracterização do gênero notícia. Após a revisão feita pelos alunos, recolha as produções para mais uma revisão e entregue-as na aula seguinte para a reescrita. As notícias poderão ser publicadas no jornal da escola ou no da comunidade, como também no mural da classe ou da escola.</p>	<p>Papel e lápis</p>	<p>Antes da produção, é importante reler o painel da caracterização do gênero, como forma de preparação. As produções dos alunos devem circular e, quando falamos do gênero notícia, essa máxima da produção escrita na escola, mais do que nunca, deve ser respeitada. Quanto ao jornal escolar, sugerimos a leitura da seqüência didática sobre reportagem, neste volume, para maiores detalhes quanto a possível distribuição de tarefas na produção de gêneros jornalísticos e de um jornal escolar como um todo.</p>

Hiroshima indeniza sobreviventes

Rodrigo Craveiro
DO CORREIO BRAZILIENSE

Os hibakushas - sobreviventes do bombardeio atômico contra Hiroshima - sabem que nenhum dinheiro paga o terror e o sopro da morte sentidos na manhã de 6 de agosto de 1945. Mas uma decisão da Corte Suprema do Japão soou como um bálsamo após décadas de angústia. A máxima instância da Justiça japonesa concedeu a três sobreviventes residentes no Brasil o direito de receberem, em caráter retroativo, o auxílio de saúde pago pela prefeitura de Hiroshima. O valor total afixado pelo juiz é de 2,9 milhões de ienes (cerca de R\$ 50 mil). No entanto, um dos hibakushas esperou demais e morreu no último dia 8 de dezembro. Ao todo, a decisão beneficia 4 mil sobreviventes em 133 países.

O governo de Hiroshima alegava, com base no adendo 402 de uma lei aprovada em 1974, que os moradores no exterior não seriam compensados. A sentença decretada na semana passada torna esse argumento "into lerável" e o considera "abuso de poder". O dinheiro se refere uma ajuda de custeio a sobrevivente com problemas de saúde. Os hibakushas residentes no Brasil que visitaram o Japão precisam refazer os exames médicos a cada três anos para ter direito ao benefício. O valor das indenizações pouco importa para Takashi Morita, presidente da Genbaku Hibakusha Kyokai (Associação das Vítimas da Bomba



TAKASHI MORITA, 82 ANOS, PRESIDE A ASSOCIAÇÃO DAS VÍTIMAS DA BOMBA ATÔMICA NO BRASIL: "O VALOR NÃO IMPORTA"

Atômica) com sede em São Paulo. "O que vale é o simbolismo. Até então, o Japão não pensava nos sobreviventes, que estão muito velhos", comentou.

Sob condição de anonimato, a viúva de Shoji Mukai lamentou a demora da Justiça. "Meu marido lutou por 20 anos. Essa decisão chegou tarde demais". Até um mês antes de falecer, o vice-presidente da associação ainda mobilizava os hibakushas pela causa. Mesmo acumulando três anos de hemodíalise

e uma perna amputada, jamais deixou de acreditar. "Ele estaria bem feliz", garantiu a mulher. Mukai trabalhava num estaleiro a 2km do centro de Hiroshima. "Aquele raio caiu e queimou tudo. Não sobraram nem os cadáveres de meus pais", contou, dois anos antes de morrer, à emissora britânica BBC.

Teruo Hosokawa, de 79 anos, afirmou ao *Correio* estar contente pela vitória na Justiça. "O que mais me deixou feliz foi o fato de termos recebido um grande apoio de vários

grupos de sobreviventes do exterior. Por causa dessa ajuda, colocamos pressão no Japão", sustentou. Porém, ele destacou que o dinheiro não apaga o que ocorreu em Hiroshima. "Nossos problemas persistem, como a saúde fragilizada. Muitas das vítimas já morreram", acrescentou. Dos 255 hibakushas que se mudaram para o Brasil com o fim da Segunda Guerra Mundial, apenas 135 estão vivos. Pelo menos 30% dos hibakushas "brasileiros" gozam do direito à compensação.

SAIBA MAIS

Onda de calor mortal

Às 8h15 (hora local) do dia 6 de agosto de 1945, os moradores de Hiroshima foram surpreendidos por um clarão e por uma onda de calor mortífera. Os Estados Unidos acabavam de lançar o Little Boy sobre a cidade a oeste da Ilha de Honshu (Japão) - uma arma tão poderosa que arrasou 68% de todos os prédios e matou instantaneamente 80 mil pessoas. Contaminadas pela poeira radioativa, 60 mil morreram nos meses seguintes.

A missão dos tripulantes do bombardeiro Enola Gay era encerrar a Segunda Guerra, levando à capitulação das poderosas forças armadas japonesas. "Foi uma das missões mais fáceis de minha vida", revelou ao *Correio*, há dois anos, Theodore "Dutch" J. Van Kirk, navegador do B-29.

"Jamais me arrependi. Faria tudo de novo", acrescentou, sem dor na consciência. O ataque nuclear também custou a vida de 2 mil americanos-japoneses e de centenas de prisioneiros de guerra ocidentais.

A bomba destruiu tudo num raio de 1,6 km e espalhou incêndios por uma área de 11,4 km². A destruição foi insuficiente para a Casa

Branca, que ordenou nova ofensiva atômica. Em 9 de agosto, um B-29 despejou a Fat Man sobre a cidade portuária de Nagasaki, no sul do Japão. Por ironia do destino, vários sobreviventes de Hiroshima buscaram refúgio no local, onde foram bombardeados novamente. O ataque a Nagasaki matou 70 mil dos 240 mil moradores. Os Estados Unidos esperavam lançar outras sete bombas nucleares no Japão, mas o país se rendeu antes que a tragédia fosse maior. No dia 12 de agosto, o imperador Hirohito comunicou à nação a retirada de combate. A lembrança do cogumelo incandescente e mortal acompanhará boa parte dos 4 mil hibakushas (sobreviventes) pelo resto de seus dias.



CRAVEIRO, Rodrigo. Hiroshima indeniza sobreviventes. In *Diário de Pernambuco*, p. B11, de fevereiro de 2007.

MINAS GERAIS // Audiência pública decide manter animal em parque de Uberaba, apesar de ter incomodado e ferido os frequentadores

Chico tem macaquices perdoadas

PAULO HENRIQUE LOBATO
DO ESTADO DE MINAS

Belo Horizonte - Chico tem apenas cinco anos e já é acusado de furto, roubo e lesão corporal por dezenas de moradores de Uberaba, no Triângulo Mineiro, a 472 quilômetros de Belo Horizonte. Pelo menos 25 deles precisaram ser atendidos numa unidade de pronto atendimento (UPA), nos dois últimos meses. Também foi visto bebendo cachaça e comendo maconha, mas não é réu em nenhum processo na Justiça. Mesmo assim escapou de ser condenado ontem, numa audiência pública realizada na Casa do Conselho e que contou com a presença de várias vítimas. Ele vai permanecer no local, apesar de seus "crimes". Se fosse considerado culpado, teria que deixar o Parque Mata do Ipê, onde vive desde que nasceu. As informações são estranhas à primeira vista e só ficam claras quando é revelada a identidade de Chico: um macaco-prego (Cebus apella), que está dividindo a população da cidade. Muita gente considera que se trata apenas de um primata brincalhão que morde as pessoas, quando se sente ameaçado. Há quem o classifique como violento, acusando-o de atacar os frequentadores do parque. Alguns moradores dizem que a história do animal teve início há



COM CINCO ANOS DE IDADE, O MACACO-PREGO ATACOU PESSOAS, ROUBOU OBJETOS, BEBEU CACHAÇA E COMEU MACONHA QUE TIROU DO BOLSO DE UMA USUÁRIA

alguns anos, quando um casal de macacos-pregos foi encontrado por autoridades da cidade em poder de um suposto criador ilegal. Os órgãos de meio ambiente determinaram que o macho e a fêmea fossem soltos na Mata do Ipê, uma unidade de conservação na área urbana de Uberaba. Meses depois, Chico nasceu. Ele tem uma irmã e o nome não poderia ser outro: Chica,

que não incomoda ninguém.

Os animais adultos não estão mais no parque. Os filhotes, no início, encantavam os frequentadores do parque. Muita gente achava graça nas brincadeiras dos primatas e passaram a alimentá-los. Para a coordenadora do Grupo de Estudos de Animais Selvagens de Uberaba (Geasu) e estudante do 9º período de veterinária, Érica Assunção

Araújo, de 25 anos, esse pode ter sido o grande erro. "O macaco-prego, assim como o chimpanzé, é inteligente. Tem capacidade de manipular objetos, como quebrar coco com pedras. O indivíduo dessa espécie aprende tudo. E lhe ensinaram a enfiar as mãos nos bolsos das pessoas, para pegar comida", explica.

Isso não foi bom para Chico. Um dia ele pegou e comeu uma quantidade de maconha no bolso

de uma usuária de droga. Outra vez, bebeu cachaça de andarilhos. "As pessoas precisam ter mais consciência e proteger o macaco. Ele não é perigoso. Não pode ser acusado de roubo e outras infrações, porque não é racional. O macaco-prego vive cerca de 40 anos. O Chico tem só cinco. Ainda não chegou à idade adulta, que é de oito anos. É um jovem descobrindo a vida e

que age por instinto", defende a futura veterinária, cobrando maior segurança no parque, para evitar que o macaco tenha novo contato com drogas e álcool.

Reação - O secretário municipal de Meio Ambiente de Uberaba, Ricardo Lima, também defende o primata. "Os casos observados mostram que as pessoas foram feridas nas mãos. Isso acontece porque querem tocá-lo ou alimentá-lo com um monte de porcarias. Ele se sente acuado e reage." O secretário faz um alerta, no caso da população decidir outra vez que Chico deva morar em outro endereço. "Ele já está adaptado ao meio em que vive e é bem capaz de morrer, se for levado para uma área silvestre", afirma, acreditando numa solução "democrática e justa". As pessoas que foram atendidas na UPA tomaram vacina anti-rábica. A maioria das lesões ocorreu em julho, mês de férias e de maior movimento no parque.

A espécie *Cebus apella* pertence à família dos cebídeos e pode ser encontrada do Rio Grande do Sul à Venezuela. O animal tem hábitos diurnos e se alimenta de ovos, sementes, frutos, flores, insetos, algumas raízes e pequenos vertebrados. A fêmea tem período de gestação de seis meses e, geralmente, dá à luz um filhote de cada vez.

Enerson Cleiton/Jornal de Uberaba

QUANDO O CONHECIMENTO VIRA REPORTAGEM

Reportagem de divulgação científica

4º ciclo do Ensino Fundamental (7ª e 8ª séries)
Normanda Beserra

Objetivo geral: ampliar a competência discursiva dos alunos, oportunizando-lhes uma prática textual autêntica, com base na leitura, análise e produção do gênero reportagem de divulgação científica e numa perspectiva interdisciplinar.

Objetivos específicos

Por meio da participação nas atividades previstas, os alunos deverão:

- vivenciar as atividades envolvidas na produção de uma reportagem de divulgação científica.
- desenvolver o uso de recursos retóricos próprios da produção científica, tais como: o “gancho”, que serve de atrativo para o leitor, a organização de subtópicos, a citação de discurso de autoridades científicas, a explicação de termos técnicos, o uso de metáforas para explicar fenômenos, e outros, na produção de reportagens de divulgação científica;
- perceber os diferentes papéis profissionais envolvidos na produção de uma reportagem;
- realizar pesquisa e sistematização de dados científicos;
- perceber, em uma reportagem, a relação entre matéria principal e matéria vinculada;
- desenvolver atitudes de cooperação e responsabilidade pelo trabalho em grupo;
- desenvolver práticas orais de argumentação em discussões na sala de aula;
- construir significados pelo estabelecimento de relações entre textos verbais e textos imagéticos;
- estabelecer relações de hierarquização entre temas, textos, tópicos, imagens e sua distribuição no espaço de uma publicação jornalística;
- trabalhar a variante padrão da língua em textos de caráter científico.

**ESTE TEXTO SE DESTINA A FORNECER INFORMAÇÕES BÁSICAS SOBRE O GÊNERO PARA O PROFESSOR.
NÃO DEVE SER USADO COM OS ALUNOS.**

Caro professor

A reportagem é um gênero jornalístico de função eminentemente informativa, que tem o objetivo de detalhar e contextualizar um fato já anunciado. Diferencia-se da notícia, sobretudo, quanto à abrangência do tratamento dado ao fato jornalístico. Na reportagem, o assunto, que não é necessariamente novo, costuma ser apresentado sob diversos ângulos que o relacionam a outros fatos correlatos. A notícia, por outro lado, é o relato objetivo de um acontecimento recente. Uma notícia, a critério do veículo que a publica, pode dar origem a uma reportagem e essa é outra diferença entre notícia e reportagem: a notícia decorre de um fato novo, já a produção de uma reportagem pode ocorrer a qualquer momento julgado oportuno e, portanto, depende da decisão do veículo ou do jornalista para acontecer.

Na produção de uma reportagem ou notícia, a partir da seleção do assunto, podemos identificar as seguintes fases: 1) proposição da pauta; 2) apuração; 3) redação da reportagem; e 4) edição e formatação. Antes de iniciar o trabalho propriamente dito, o repórter recebe um texto, chamado *pauta*, que o ajudará a construir a matéria. Espécie de roteiro da reportagem, a pauta geralmente contém um resumo do assunto, informações, como, por exemplo, as fontes a serem entrevistadas ou consultadas, além de sugestões sobre o enfoque a ser dado ao tema. Veja no Anexo 1 uma proposta de pauta para a reportagem “O mistério da gota”.

A apuração é a fase de investigação ou pesquisa do assunto. O repórter e equipe podem realizar entrevistas com pessoas envolvidas no tema (fontes primárias) ou consultar fontes secundárias (documentos, livros, relatórios) e ainda utilizar material de órgãos ligados à imprensa (agências de notícias e assessorias de imprensa); todas as informações obtidas devem ser confirmadas e comparadas com as de outras fontes.

Na etapa de redação da reportagem, são elaboradas a matéria principal e as matérias vinculadas. Além disso, são produzidas e selecionadas as imagens que irão compor a reportagem: infográficos (em representações diversas, como gráficos, tabelas, mapas, diagramas) e fotografias.

A última fase é a de edição e formatação, quando textos e imagens são adaptados e dispostos de modo a ocupar um determinado espaço gráfico disponibilizado, por exemplo, em revista ou jornal impressos, ou certo tempo (em rádio e TV).

A necessidade de mostrar vários ângulos de um mesmo fato jornalístico (ou científico, no caso da reportagem de divulgação científica) faz que esse gênero jornalístico seja composto, na maioria dos casos, por vários textos: a matéria (ou texto) principal e uma ou mais matérias vinculadas ao tema da reportagem, além dos textos imagéticos (com base em imagens).

Podemos distinguir uma matéria principal de uma matéria vinculada, porque a primeira concentra as informações mais importantes sobre o tema da reportagem, é também maior que a matéria vinculada e, claro, ocupa um espaço mais importante dentro da organização gráfica da publicação. A matéria vinculada, por sua vez, trata de um tópico relacionado ao tema da reportagem, ocupando, um espaço menor na publicação. Observe essas diferenças nos textos “Enxergando o invisível” (Anexo 3), que é uma matéria vinculada à reportagem “O mistério da gota” (Anexo 2), (causa e consequência, cronologia dos fatos, ordem espacial etc.) e “Que bomba!” (Anexo 5), matéria vinculada à reportagem “O caminho da água” (Anexo 4).

Há muitas variações na forma de estruturar os textos que formam uma reportagem, bem como no tratamento gráfico dado a esses textos. Assim, em relação a esse último aspecto, podemos encontrar textos em que há uma introdução ocupando um espaço de destaque na publicação, como na reportagem “O mistério da gota” (Anexo 2), em que o trecho “*Para os nossos olhos, sempre tão acostumados a ver coisas grandes, existe dentro de uma gota d’água um universo totalmente diferente, cheio de organismos que só podem ser vistos com um microscópio*” aparece com tratamento gráfico diferenciado (cor, tamanho e posição na página). Em outros textos, a introdução não aparece destacada, ao contrário, é parte integrante da matéria, como na reportagem “O caminho da água” (Anexo 4), em que essa parte do texto é constituído pelo primeiro parágrafo da matéria: “*Quando abrimos uma torneira, estamos recebendo água que foi retirada da natureza, tratada e transportada até chegar às nossas casas. (...)*”. Entretanto, é possível notar, nesses dois exemplos, uma forma muito comum de iniciar as reportagens de divulgação científica, que é o “gancho”: um modo mais informal de tratar a informação científica, vincunlando-a ao mundo cotidiano, que atrai o leitor, despertando sua curiosidade e preparando-o para ler o texto completo, com informações científicas mais específicas.

²Você encontra mais informações sobre infográficos neste livro, na sequência “Texto e imagem explicando o mundo.”

Para saber mais:

- BURKETT, Warren (1990). *Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Forense Universitária
- COLLARO, Antônio Celso (2000). *Teoria e prática da diagramação*. São Paulo: Summus.
- DIMENSTEIN, Gilberto e KOTSCHO, Ricardo (1985). *A aventura da reportagem*. São Paulo: Ática.
- MASSARANI, Luisa (org.) (2005). *O pequeno cientista amador: a divulgação científica e o público infantil*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent: UFRJ, Casa da Ciência: FIOCRUZ.
- MASSARANI, Luisa; TURNEY, Jon; MOREIRA, Ildeu de Castro (orgs.) (2005) *Terra incógnita: a interface entre ciência e público*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent: UFRJ, Casa da Ciência: FIOCRUZ.
- VILAS BOAS, Sergio (Org.) (2005). *Formação e informação científica: jornalismo para iniciados e leigos*. São Paulo: Summus.

Sites:

- <http://pt.wikipedia.org/wiki/jornalismocientifico>
- <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos>
- www.prometeu.com.br (Notícias atualizadas diariamente sobre saúde, comportamento, sociedade e ciência).
- www.agirazul.com.br (Jornalismo ambiental com notícias e links sobre questões ambientais).
- www.abjc.org.br/documentos.asp (Boletim da Associação Brasileira de Jornalismo Científico, com artigos sobre política de ciência e tecnologia).
- www.uol.com.br/folha/ciencia (Seção de ciência da Folha Online)

Onde encontrar:

As reportagens de divulgação científica são encontradas, principalmente, em revistas dedicadas a temas da ciência, mas dirigidas ao público leigo, como *Superinteressante*, *Galileu*, *Ciência Hoje das Crianças*. Também são encontradas em jornais e revistas de circulação ampla e em sites.

Revistas e sites:

- Revista *Superinteressante* e sua versão on-line (<http://super.abril.com.br/super/super.shtml>)
- Revista *Nova Escola* e sua versão on-line (<http://revistaescola.abril.com.br/home/home.shtml>)
- Revista *Galileu* e sua versão on-line (<http://revistagalileu.globo.com/>)
- Revista *Recreio* e sua versão on-line (<http://recreionline.abril.com.br/home/index.shtml>)
- Revista *Ciência Hoje das Crianças* e sua versão on-line (<http://cienciahoje.uol.com.br/view/418>)

Escrita	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Em relação às imagens do texto: tipos de imagem, função/ importância para a compreensão do texto; textos que acompanham as imagens. ▪ Sobre as pessoas que participaram da reportagem: os nomes de repórteres que assinam cada um dos textos; os nomes dos fotógrafos e/ou infografistas; pessoas ou instituições mencionadas nos textos, por exemplo, pessoas entrevistadas, referências diretas ou indiretas a fontes de informação etc. <p>Peça que cada grupo sintetize as respostas em painéis, obedecendo ao seguinte esquema: resumo e enfoque dado ao tema; organização dos textos (subtópicos, seções); fontes consultadas; recursos lingüísticos de aproximação do leitor.</p>	Papel madeira para cada grupo Piloto Fita adesiva	Os alunos devem compreender que as reportagens são feitas com a participação de muita gente. Mostre-lhes, em cada revista, a sessão em que aparecem os nomes e funções das pessoas que trabalham naquela publicação (expediente).
Oralidade	<p>2º momento: Apresentação da leitura Promova a apresentação da síntese da leitura de todos os grupos. Deixe todos os painéis apresentados expostos no mural da sala ao lado de uma cópia da reportagem.</p>	Cópias xerografadas das reportagens analisadas	Ajude os grupos a organizar a apresentação da síntese; peça-lhes que mencionem os nomes dos profissionais que aparecem no texto, além de mostrar e explicar as imagens. O objetivo dessa apresentação é colocar toda a turma em contato com matérias jornalísticas diversas e de diferentes estruturas.
Oralidade	<p>3º momento: Organização do trabalho Divida a turma em quatro grupos. Escreva, no quadro, sugestões de temas científicos amplos e discuta com a turma a escolha de quatro desses temas. Distribua os temas escolhidos pelos grupos. Dê as orientações gerais para o trabalho: Coloque, no quadro, os elementos comuns que devem constar de uma reportagem; para isso, recorra às sínteses das leituras que estão no mural: matéria</p>	Quadro Lápis	Exemplos de temas amplos: meio ambiente; saúde; novas tecnologias; descoberta recente; pré-história; esportes. Sugerimos propor os temas com base em notícias científicas recentes que tenham chamado a atenção do grupo. Para isso, leve recortes de jornais e/ou matérias

<p>Produção escrita</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Repórteres: oriente o trabalho de entrevistas e de elaboração dos textos (matéria principal e matéria vinculada), verificando: concentração no foco previsto pela pauta; ordenação dos tópicos; adequação dos títulos; organização estrutural dos textos: introdução, desenvolvimento, síntese; outros textos: boxes, legendas. ▪ Discuta, com cada grupo, as estratégias lingüísticas que facilitem a compreensão das informações pelo leitor: citações, exemplos, esclarecimentos, escolhas de vocabulário. ▪ Fotógrafos: promova a discussão sobre os temas das fotografias que devem fazer parte da reportagem. <p>Infografistas: oriente a elaboração de esquemas, gráficos ou tabelas, com base nos textos produzidos.</p>		<p>Se não for possível fotografar, veja outras alternativas de criação de imagens: desenhos, pinturas, colagens, pesquisa e recorte de imagens em revistas e jornais. Os infográficos devem sintetizar, explicar e/ou complementar os textos produzidos.</p>
<p>Análise lingüística Escrita</p>	<p>6º momento: Formatação do jornal Reúna os responsáveis pela formatação (das quatro equipes):</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Diagramadores: oriente a formatação do jornal, observando a distribuição dos textos em colunas, localizando as imagens e utilizando, adequadamente, recursos gráficos de destaque (tamanho da fonte, destaques em negrito etc.). ▪ Editores: acompanhe o ajuste dos textos das reportagens ao espaço disponível, observando a articulação do texto; monitore a escolha das imagens e oriente a produção das legendas. 	<p>Papel Lápis</p>	<p>A organização de um jornal será um grande estímulo para os alunos. Se não houver condições para usar os recursos próprios de um jornal, pode-se envolver toda a turma na “improvisação” do texto.</p> <p>A função de diagramador deve ser exercida por quem domina ou tem interesse em dominar as ferramentas da informática. Pode ser necessário o apoio de profissionais dessa área.</p>
<p>Análise lingüística</p>	<p>7º momento: Revisão dos textos e finalização do jornal Retome a formação inicial de cada grupo, para a realização da leitura e revisão dos textos. Oriente os grupos para que os problemas dos textos,</p>	<p>Textos produzidos pelos alunos</p>	<p>Incentive a consulta a dicionários, livros didáticos ou gramáticas para resolver dúvidas e ajude os alunos nas questões mais complexas.</p>

	<p>identificados durante a leitura, sejam sublinhados para, depois, se proceder às alterações do texto. Envolva os alunos na fase final de produção do jornal impresso.</p>		<p>Se possível, programe uma visita a uma redação de jornal ou, pelo menos, a uma gráfica, para que os alunos possam ver o trabalho de produção e encadernação de impressos.</p>
<p>Avaliação</p>	<p>8º momento: Avaliação das atividades Organize um debate sobre o trabalho. Para isso, prepare um painel com perguntas e registre as respostas. Sugestões de questões que podem ser lançadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ O que foi bom? ▪ O que foi ruim? ▪ O que foi fácil? ▪ O que foi difícil? <p>O que podia ter sido melhor?</p>	<p>Quadro Piloto/giz</p>	
	<p>9º momento: Divulgação das reportagens Dependendo da quantidade reproduzida, os alunos podem distribuir o jornal com os colegas, na entrada da escola, ou percorrer os principais setores da escola com o mesmo fim: sala dos professores, secretaria, diretoria etc.</p> <p>Outra possibilidade é reproduzir alguns exemplares e expô-los em murais pela escola</p>		<p>Se a escola já dispuser de uma publicação, as reportagens podem figurar nesta; no caso de não haver um jornal na escola, e se resolver produzir um, será necessário proceder à criação dos elementos de um jornal: nome, seções, demais textos que costumam figurar num jornal.</p>

Anexos

Anexo 1:

Pauta de Reportagem

Pauta: O mistério da gota

A água esconde um verdadeiro mundo paralelo de atividade vital. Há um grande número de microorganismos, de grupos diferentes, que vivem na água. De aparência e nomes diversos, eles têm em comum o tamanho incrivelmente pequeno, que os torna invisíveis aos nossos olhos, e também a capacidade de causarem doenças ao homem.

Como essa capacidade é justamente o que costuma ser destacado quando se fala desses organismos, embora nem todo microorganismo cause doenças, a idéia dessa reportagem é dar um enfoque diferente: apresentá-los como seres que dão vida à água, um mistério a ser desvendado, uma curiosidade.

Roteiro de assuntos:

- nomeação, conceituação e descrição de alguns protozoários; explicar hábitos de alimentação, locomoção, reprodução e defesa desses microorganismos;
- como observar esses seres (incluir dicas de segurança);
- matéria vinculada: técnicas inovadoras de observação de microorganismos.

Contatos:

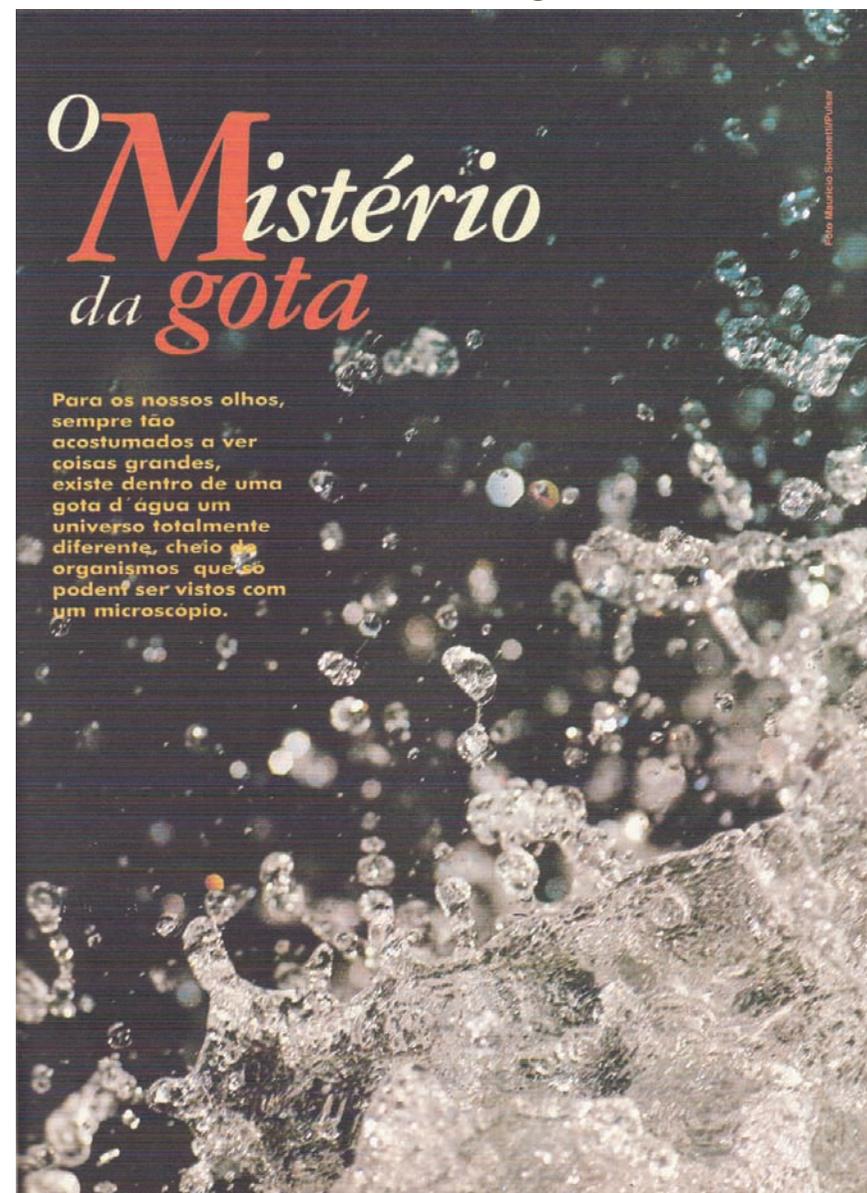
- Darci Esquivel (especialista em protozoários) – CBPF; Telefone: ----

- Patrícia F. Moreira Turcq e Jean-Marie Martin – Laboratório de Biogeoquímica Marinha (técnica do citômetro de fluxo) – Telefone: -

- Departamento de Parasitologia da Universidade Federal de Pernambuco – procurar Marina (laboratório); Telefone: -----

Anexo 2

Reportagem “O mistério da gota”



O Mistério da gota

Várias antenas na cabeça, pernas ágeis e um par de olhinhos que muitas vezes se fundem em um único olho bem no centro da cabeça. Corre bem rápido, se esconde e volta a aparecer.

Um extraterrestre? É o copépode, um dos muitos minúsculos personagens que vivem na água. São protozoários, microcrustáceos, algas unicelulares, bactérias e várias outras espécies que mantêm viva uma pequena gota d'água. Para eles, um grão de areia é um obstáculo que dificilmente conseguiriam ultrapassar.



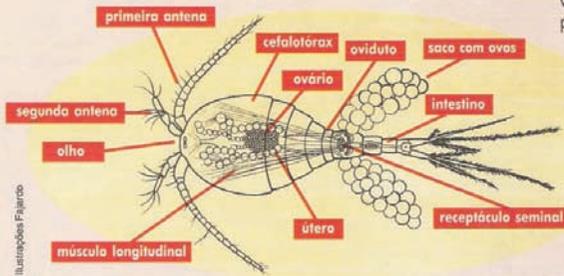
E quem pensou que esses bichinhos passam despercebidos pelos animais maiores se enganou redondamente. O próprio copépode, por exemplo, é um delicioso petisco para alguns peixes e até para a colossal baleia.

Esse "miniextraterrestre" parece um camarãozinho e, de fato, é parente dos camarões, dos caranguejos, das lagostas, enfim, de todos os crustáceos. Vive procurando alimento, mas não deixa de se preocupar com a fêmea. Quando os dois se

encontram, iniciam uma correria dentro d'água. Depois, a fêmea surge com uma bolsa cheia de ovinhos e novos copépodes aparecem.

Não sei o porquê, mas a maioria desses bichinhos tem um nome muito maior que o seu tamanho e sempre meio estranho. É o caso do ostracoda, um outro minicrustáceo muito simpático. Anda meio desajeitado, carregando nas costas uma carapaça de proteção, que se parece com duas conchas minúsculas unidas. Alguns desses animozinhos guardam uma agradável surpresa: em seu corpo há uma substância que fluoresce, ou seja, à noite eles emitem uma luzinha esverdeada que podemos ver brilhar na água.

Já os poliquetos são uns vermes horrorosos: verdadeiros monstros marinhos, ferozes e cheios de pernas. Alguns são bem pequenos, com mais ou menos um milímetro. Outros são maiores, chegando a ter mais de 10 centímetros. Tem até uma espécie que atinge um metro! Com a ajuda de um microscópio, podemos observar nos exemplares menores seus "terrorizadores" tentáculos e o vermelho de seu sangue, muito parecido com o nosso.



O minúsculo copépode é um petisco muito apreciado por alguns peixes e até pela colossal baleia.

Ilustrações: Fajardo

Ostracoda, um minicrustáceo

Outro habitante da gota d'água é a vorticela, um protozoário que lembra uma bela flor flutuando. Fica fazendo uns movimentos lentos até que, de repente, dá um pulo, encolhe a haste tão rápido que parece que some, para depois voltar a ser a "flor" que era.

Mas esses "minisseres" citados, normalmente pouco conhecidos por serem tão pequenos, são apenas alguns exemplos de um enorme número de animais microscópicos que vivem nesse esconderijo transparente da gota d'água. Só de protozoários há cerca de 50 mil espécies diferentes. Imagine como é povoado esse mundo "invisível"!

Para conhecer a gota d'água

Você pode conhecer um pouco o mundo da gota d'água, se tiver um microscópio. Para isso, coloque uma folha de alface em um copo com água, espere uma semana e... Pronto! Está na hora de começar a observar o que está acontecendo.

A vorticela é um protozoário que parece uma flor. Na foto, podemos vê-la de mais perto.

Mas, antes de começar a experiência, é bom lembrar que a "sopinha" que ficou ali está assim bem fedorenta por causa da ação de vários microrganismos. Como alguns desses microrganismos podem nos causar doenças, vale a pena tomarmos alguns cuidados. Assim, evite molhar as mãos e os dedos com o líquido. Caso isso aconteça, limpe-os bem com água da bica, tendo cuidado para não levá-los à boca ou aos olhos.

Agora, voltando à experiência, pegue com um conta-gotas uma gota da "sopinha" e a coloque na lâmina. Aí é só levar essa lâmina para o microscópio e ficar observando.

Imagens contidas pelo autor e por: Dairon Espinosa/CBPF

25

“Enxergando o invisível”

Matéria vinculada à reportagem “O mistério da gota”



Os desenhos mostram dois poliquetos. As espécies menores desses vermes têm cerca de um milímetro, mas outras podem chegar a um metro!



Se você é ainda mais curioso (ou curiosa), vale fazer uma experiência mais complicada. Pegue quatro copos e encha cada um deles com um dos itens abaixo:

- 1- Alfaca da feira com água da torneira, ou seja, clorada.
- 2- Alfaca da feira com água mineral sem gás, que não tem cloro.
- 3- Alfaca sem agrotóxico, comprada em barraquinhas ou lojas especiais, com água da torneira.
- 4- Alfaca sem agrotóxico com água mineral sem gás.



Espere uma semana e comece a observar em seu microscópio. Você vai ver que a “sopa” de alface sem agrotóxico na água mineral vai ter um número maior de organismos. Isso acontece porque o agrotóxico (usado nas plantações) e o cloro matam muitos microrganismos que podem causar doenças nas plantas e no homem.

Não estranhe que esses bichos tenham aparecido. Eles são “filhotes” de alguns organismos que estavam na folha de alface. Com a água e o tempo em que ficaram mergulhados nela, eles puderam crescer e se multiplicar.

Faça um desenho cuidadoso do que você está vendo e mande para a gente.

Quando acabar com suas experiências, não se esqueça de lavar as mãos com cuidado, para evitar qualquer problema de saúde.

Henrique Lins de Barros,
Museu de Astronomia e Ciências Afins.

Enxergando o invisível



Depois de saber como é “povoada” a gota d’água, talvez pinte a dúvida: como os pesquisadores conseguem estudar seres tão minúsculos?

Fácil não é, porque alguns deles são mesmo muito pequenos e muitas vezes não podem ser vistos nem com a ajuda de uma lupa. Mas também não é impossível. A brasileira Patrícia F. Moreira Turça e o francês Jean-Marie Martin, do Laboratório de Biogeoquímica Marinha da Escola Normal Superior (França), por exemplo, lançaram mão de uma técnica, o citômetro de fluxo, que antes só era usada para estudar as células do sangue.



Estuário do Rio Lea, Mar de Laptev, na Sibéria, onde uma equipe de diversos pesquisadores estudou minúsculos animais marinhos.

A técnica permitiu que os dois, com a colaboração de pesquisadores de vários países, estudassem organismos marinhos que vivem na Sibéria com menos de 2 microns, o que equivale a 0,002 milímetro, ou seja, são mesmo muito, muito pequenos. Com isso, além de eles conhecerem melhor os microrganismos, acabaram também por encontrar espécies até então desconhecidas.

E ficou claro: esses “minisseres” são mesmo muito importantes para o ambiente.

Luisa Massarani,
Ciência Hoje.

A técnica da luz

No citômetro de fluxo, são medidos dois fenômenos: a difusão (espalhamento) e a emissão de luz por meio da fluorescência, que é a luz emitida por alguns organismos quando iluminados.

A luz se espalha de uma maneira diferente nas partículas ou nas células, conforme o tamanho, a forma e a estrutura delas, dando “pistas” para os cientistas de como são esses “minisseres”.

É aí que entra o citômetro. As partículas ou as células são passadas em um foco de luz e a fluorescência é detectada. Com os resultados, os pesquisadores conseguem descobrir como é o organismo.

MASSARANI, Luisa (1997) Enxergando o invisível. In: *Ciência Hoje na Escola*, 4; Meio ambiente: Águas. Rio de Janeiro: Ciência Hoje, SBPC, p. 27.

Reportagem
 “O caminho da água”

O caminho da água

Quando abrimos uma torneira, estamos recebendo água que foi retirada da natureza, tratada e transportada até chegar às nossas casas. A água presente em lagos, rios e represas não é limpa e não devemos usá-la dessa forma. Somente depois de ser tratada, a água pode ser distribuída pelas cidades e consumida pelo homem.

As cidades realizam o saneamento básico, que compreende o sistema de coleta, transporte, tratamento e liberação de restos líquidos e sólidos, e o sistema de abastecimento de água. Depois que a água é retirada dos reservatórios naturais e se torna potável (própria para o uso do homem), é transportada para as residências pelas redes de distribuição.

Veja na figura como é formado o sistema de abastecimento de água. O manancial, que pode ser um lago, um rio etc., fornece a água bruta, exatamente como está na natureza.

A casa de bombas é responsável pela tomada de água do manancial, chamada captação. A seguir, a água ainda bruta é transportada por meio de uma tubulação, a adutora, até a estação de tratamento, que a transforma em água potável. Após essa etapa, é levada aos reservatórios de água tratada, onde é armazenada. De lá, escoada para uma nova adutora e fica depositada nos reservatórios de distribuição. Destes, escoada pela rede de distribuição, formada pelo conjunto de tubos que passam por baixo do solo sob as ruas das cidades e chegam ao interior das casas.

12

O açude Jaguaretama, no Ceará, é um dos diversos reservatórios naturais de água.

Nos locais onde não há um sistema de distribuição de água, é preciso apelar para os baldes.

Depois que passa pela estação de tratamento, a água torna-se adequada para ser usada pelo homem. Mas é muito importante que a qualidade da água tratada seja preservada nos reservatórios do sistema de abastecimento, nas redes de distribuição das cidades, nos reservatórios (caixas-d'água) e nas instalações existentes nas residências.

Sem sujeira

Se a água for fornecida à população com qualidade imprópria, pode transmitir doenças. A preservação da qualidade da água do manancial é a principal medida para que a população não seja afetada por organismos que causam doenças, por substâncias tóxicas produzidas por algumas algas e por produtos químicos presentes nela.

13

BARROS, Henrique Lins de(1997). O mistério da gota. In: *Ciência Hoje na Escola*, 4; Meio ambiente: Águas. Rio de Janeiro: Ciência Hoje, SBPC., p. 23-26.

FONTE: A GAZETA, 13/04/2006

“Que bomba!”

Matéria vinculada à reportagem “O caminho da água”

Por isso, a população deve ser conscientizada de que as atividades realizadas na bacia hidrográfica do manancial podem comprometer a qualidade da água, exigindo outros tratamentos específicos e de alto custo. Entre essas atividades, estão o desmatamento, a instalação de indústrias poluidoras e o uso de agrotóxicos.



Estação de tratamento de água do Guararú, em São Paulo.

A taxa de mortalidade de uma população está relacionada ao nível de saneamento básico da cidade. Os índices de mortalidade infantil mostram que as mortes até um ano de idade ocorrem em grande número por causa de doenças intestinais, principalmente por aquelas em que a água atua como transmissora dos organismos patogênicos.

Muitas dessas doenças ocorrem em epidemias, afetando grande número de pessoas em pouco tempo. Entre elas estão a cólera, a febre tifóide, a febre paratifóide, a disenteria bacilar, a amebíase e a esquistossomose, além de doenças causadas por alguns vírus, como o rotavírus, e outros protozoários, como a giárdia.

As algas também são organismos que podem contribuir para que apareçam problemas sérios de saúde na população, já que algumas espécies, principalmente do grupo das Cianobactérias, produzem toxinas que podem levar o homem à morte.

Percebe-se, com tudo isso, a grande importância do tratamento da água destinada ao consumo humano: a água usada para ser bebida e para fins higiênicos não pode prejudicar a saúde do homem. Um sistema de abastecimento de água requer atenção constante por parte das autoridades da comunidade e também preocupação contínua de toda a população atendida para que não aconteçam epidemias com conseqüências desastrosas.

Luiz di Bernardo,
Escola de Engenharia de São Carlos,
Universidade de São Paulo.

Conhecemos o percurso que a água faz desde os reservatórios naturais (um lago, um rio etc.) até chegar à torneira de nossa casa. Mas como será que a água é obrigada a percorrer um caminho tão longo, com tanto sobe-e-desce?

O segredo é um dispositivo, a bomba centrífuga, capaz de sugar a água de um lado e empurrar para o outro. A bomba centrífuga é composta por um motor e uma carcaça, na qual está o rotor. Este fica ligado ao motor por meio de um eixo.

O motor movimenta o rotor, o que gera a chamada força centrífuga, fazendo com que o líquido seja empurrado para a frente.

Para você entender o que é capaz de fazer a força centrífuga, amarre um copo de plástico cheio com água até a metade em um barbante. Gire esse copo em movimento circular e a água não cairá... por causa da força centrífuga.



Ilustrações: Amaralio Venezia

QUE BOMBA!

A água é puxada do rio, do lago, da caixa-d'água e de qualquer reservatório em que ela esteja por uma bomba centrífuga. Em seguida, ela é conduzida pelo caminho até chegar à torneira.

A figura mostra as partes da bomba centrífuga.

O rotor, acionado por um motor, faz com que a água seja sugada por uma abertura e descarregada em outro ponto, onde está conectado um cano.

Outra experiência é, antes de colocar a água, fazer um furo no fundo do copo amarrado com o barbante, da mesma maneira que antes. Daí, você tapa o furo com o dedo e derrama a água até a metade. Depois é só girar o copo e perceber que a água vai “escapulindo” pelo furo. É isso que acontece com a bomba centrífuga.

Mas, atenção, essas experiências devem ser feitas ao ar livre, porque, em caso de erros, a água vai para todos os lados!

Giulio Massarani,
Coppa/UFRJ

Anexo 6:

Funções jornalísticas

As funções que os jornalistas podem exercer na profissão variam de mídia para mídia, de canal para canal e de veículo para veículo. Às vezes, a mesma função recebe nomes distintos em empresas diferentes. Basicamente, as três funções fundamentais são a **reportagem** (coleta de informações), a **redação** (organização destas em texto) e a **edição** (seleção e hierarquização das informações no produto final).

Função	Impresso	Rádio	TV	Digital
Edição	Editor, Editor-Chefe, Subeditor	Editor	Editor	Editor, Editor de Capa
Redação	Redator, Articulista, Colunista, Crítico, Revisor	Redator	Editor de Texto	<i>Webwriter</i>
Reportagem	Repórter, Apurador, Pauteiro	Repórter, Produtor	Repórter, Produtor	Repórter, Produtor
Imagens	Fotógrafo	----	Cinegrafista	
Apresentação	----	Locutor	Apresentador	
Formatação	Diagramador	Editor de Som	Editor de Imagens	Webdesigner
Arte	Infografista, Ilustrador, Cartunista	Sonoplasta	Videografista	
Técnica	Gráfico	Operador de áudio	Iluminador	Programador

Funções auxiliares:

- Colunista, Articulista e Comentarista
- Editorialista
- *Ombudsman*
- Secretário de Redação

Funções extra-redação:

- Assessor de imprensa
- Correspondente estrangeiro

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Reportagem>. Acesso em 10 de novembro de 2007.

IMAGEM E TEXTO EXPLICANDO O MUNDO

Infográfico

3º ciclo do Ensino Fundamental (7ª e 8ª séries)
Márcia Mendonça

Objetivo geral: compreender e produzir infográfico, reconhecendo-o como gênero multimodal, que tem o propósito de deixar mais claras as informações para os leitores, ao explicar um fato, um fenômeno ou um processo.

Objetivos específicos

As atividades previstas propiciam aos alunos:

- compreender o gênero infográfico como integrante do universo da mídia e da educação, percebendo-o como recurso para explicar informações de forma clara;
- identificar aspectos característicos do infográfico, como suas partes constitutivas, a íntima junção entre texto verbal e imagem, a sua função explicativa, a seqüência temporal, através da análise de exemplos, etc;
- refletir sobre a organização do texto expositivo em infográficos para perceber aspectos, como a concisão, as frases curtas e a predominância da ordem direta;
- perceber como o infográfico complementa e amplia as informações presentes no texto verbal que, eventualmente, o acompanha (por exemplo, corpo da notícia ou da reportagem ou do texto didático);
- produzir infográfico sobre determinado tema, privilegiando a relação entre texto e imagem na exposição de informações;
- acionar conhecimentos sobre o infográfico no momento da produção desse gênero, para avaliar a adequação do que foi elaborado, levando em conta as orientações dadas em sala.

**ESTE TEXTO SE DESTINA A FORNECER INFORMAÇÕES BÁSICAS SOBRE O GÊNERO PARA O PROFESSOR.
NÃO DEVE SER USADO COM OS ALUNOS.**

Caro Professor,

O infográfico, termo que vem do inglês *informational graphics*, é um gênero que une texto verbal e imagem para explicar fatos, processos, fenômenos, objetos, estratégias, etc. Também chamados de *gráficos explicativos*, os infográficos são muito comuns em livros didáticos, jornais e revistas, principalmente as de divulgação científica, como *Superinteressante*, *Galileu*, e *Ciência Hoje das Crianças*. Atualmente aparecem quase que diariamente nos noticiários da televisão, como apoio explicativo para as notícias e reportagens. São extremamente úteis para explicar e apresentar informações difíceis de serem entendidas apenas com o texto verbal.

No jornalismo, são considerados infográficos os diagramas e também os gráficos, as tabelas e os mapas, todos eles gêneros multimodais, ou seja, construídos com mais de tipo de linguagem, no caso, imagem e texto verbal. Os diagramas explicam processos e fenômenos e, para isso, fundem de modo especial, imagem e texto (ver anexo 1, “Farelo de rocha”). Os gráficos (de barra, de pizza e de linha) são ideais para apresentar dados estatísticos e informações numéricas, já que essas representações atraem mais o leitor do que apenas os números. As tabelas apresentam dados descritivos, expostos em listas e colunas, sintetizando as informações. Os mapas, por sua vez, servem bem para expor aos leitores onde algo ocorreu e funcionam como “maquetes” ou plantas baixas.

As origens dos infográficos são bastante antigas e remetem, por exemplo, aos desenhos anatômicos feitos por Leonardo da Vinci no século 16. Mas as versões mais recentes surgiram nos jornais e revistas diários, para complementar e explicar as informações apresentadas em notícias e reportagens, ajudando os

leitores a compreenderem mais facilmente o que lêem. Os infográficos buscam explicar: a) um acontecimento ou um processo; b) o funcionamento de algo; ou c) a constituição de um objeto ou de um ser vivo. É preciso lembrar que nem todas as ilustrações são infografias; para ser considerada infografia, uma ilustração deve explicar algo.

Na época atual, o uso simultâneo de mais de um sistema semiótico – linguagem verbal, desenho, filme, música, pintura, etc. – parece ser a tendência predominante em diversas situações de interação. No universo escolar, os infográficos têm sido usados em materiais didáticos para abordar temas de Ciências, História e Geografia. Noticiários de TV também usam infográficos – estáticos e “animados” – para complementar notícias e reportagens sobre temas os mais diversos, como economia, desastres naturais e crimes. Dessa forma, a habilidade de ler infográficos é uma necessidade que se apresenta aos leitores de maneira cada vez mais freqüente, em diversos contextos sociais. Por isso, explorar esse gênero na escola pode contribuir para os processos de aprendizagem das diversas áreas de conhecimento, inclusive, com abordagens interdisciplinares, além de auxiliar o entendimento da informação veiculada em jornais, revistas e televisão. Nesse sentido, ao abordar o infográfico na escola, deve-se priorizar a percepção de seu potencial explicativo. É preciso lembrar que as imagens dos infográficos elaborados por profissionais são criadas por eles, pensadas para cada conteúdo e para cada público-leitor. Por isso, no ensino fundamental, pode-se solicitar que os alunos elaborem as imagens do infográfico ou que usem algumas já existentes, iniciando sempre com exemplos simples.

Quanto a sua organização interna, os infográficos se dividem, normalmente, em título, texto (opcional), corpo e fonte (ver anexo 2). O título deve ser direto e conciso, para informar sobre o assunto do infográfico. O texto de abertura, sempre verbal, deve ser curto e prover o leitor com a informação necessária para compreender o corpo do infográfico: tudo o que o corpo do infográfico não explica deve ser explicado nesse texto. O corpo é a essência do infográfico: a imagem e os pequenos textos que a acompanham; estes funcionam como “etiquetas” para as imagens, podendo ser números, expressões ou frases curtas. Por fim, a fonte indica quem criou o infográfico e/ou onde se obteve a informação ali apresentada. Reconhecer essas partes e as relações entre elas ajuda na compreensão do infográfico, além de servir para os momentos de elaboração do gênero.

Os textos que compõem o corpo do infográfico juntamente com a imagem, por nós denominados *textos-etiqueta*, são expositivos ou narrativos, na maioria dos casos. São compostos por frases curtas, na ordem direta e explicam ou comentam determinada imagem ou parte dela. Por exemplo, no infográfico “Farelo de rocha” (anexo 1), o texto-etiqueta “1. O calor, a água e o vento decompõem rochas e outros materiais.” explica o início da formação da areia da praia. É comum também haver seqüência temporal em certos infográficos, sinalizada por números e pela disposição dos textos ao longo das imagens. Por exemplo, nesse mesmo infográfico, o percurso do surgimento da areia da praia, desde os rios até o litoral, tem sua seqüência representada pelos textos numerados ao lado de cada parte do desenho em que ocorre o fenômeno.

Cada vez mais, os infográficos têm buscado se aprimorar na linguagem visual, como é o caso do infográfico “O preço de um parlamentar” (anexo 2), em que o popular “porquinho” foi dividido em partes. As linhas pontilhadas nos lembram a divisão usada para indicar de que parte do animal provêm os cortes de carne bovina que consumimos. Mas, nesse infográfico, cada “fatia” representa os vários tipos de despesas feitas pelos parlamentares (salários, passagens aéreas, etc.). O porquinho equivale, na verdade, a um gráfico de pizza ou de barra, pois o tamanho de cada parte de seu corpo remete ao valor da despesa: o item 2, relativo aos gastos com pessoal (assessores) é o mais dispendioso e, portanto, corresponde à “fatia” maior. As cores diferentes também ajudam o leitor a distinguir os tipos de despesas. Mas a grande ironia desse infográfico está na imagem do porquinho, que remete ao hábito de poupar dinheiro, justamente o oposto do que evidenciam os gastos parlamentares. Há ainda um jogo de linguagem implícito: porquinho = cofrinho; dinheiro público = cofres públicos. Esse jogo de linguagens – o que mostram as imagens e o que diz o texto – deve também ser explorado com os alunos, mesmo que num nível introdutório.

Do ponto de vista da produção de infográfico, é preciso considerar o que será representado. Se forem diversas etapas de um acontecimento ao longo do tempo, é preciso decidir como a seqüência de fatos será apresentada, através de quais imagens e em que ordem. Se for um processo, como o aquecimento global, que aspectos desse processo serão abordados. Se for o funcionamento de algum equipamento, se o leitor o verá por fora, por dentro, pela frente, pela lateral, que partes serão explicadas, etc.

Infográficos produzidos por alunos podem ser um ótimo material de apoio para apresentações de seminários sobre os mais diversos temas e como uma atividade que permita a verificação de quanto o aluno apreendeu sobre o tema. Servem ainda para desenvolver habilidades de síntese e de clareza de exposição. Mas vale o lembrete: nem todo conteúdo é adequado para ser representado em infográfico. Por exemplo, enquanto as etapas do processo de resgate de um acidente aéreo podem ser infografadas, o empenho e os sentimentos das equipes de resgate dificilmente podem ser representados em infográficos.

Agora, convide seus alunos para entender e explicar o mundo, unindo texto e imagem!

Para saber mais:

As pesquisas sobre infográficos na área da linguagem e do ensino de língua materna ainda estão iniciando, especialmente em língua portuguesa. Por isso, selecionamos também alguns textos diversos (entrevistas, dissertações, etc.) que podem, de alguma forma, subsidiar o professor.

- ARAÚJO, Júlio César (org.) (2007). *Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- DIONISIO, Angela (2006). Gêneros Multimodais e Multiletramento. In: Acir Karwoski; Beatriz Gaydeczka; Karim Brito. (Orgs.). *Gêneros Textuais: reflexão e ensino*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna. v. 1, p. 131-144.
- LETURIA, Elio. ¿Qué es infografía? *Revista Latina de Comunicación Social*. Abril de 1998, número 4. Disponível em <http://www.ull.es/publicaciones/latina/z8/r4el.htm>. Acesso em 15 maio 2007.
- VELHO, Ana Paula Machado (2001). A infografia no jornalismo científico: uma análise semiótica. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP.
- Entrevista com Alberto Cairo, jornalista e infografista. (Disponível em
- http://jpn.icicom.up.pt/2006/07/11/infografia_ao_e_uma_linguagem_do_futuro_e_do_presente.html. Acesso em 14 mar. 2007).

Onde encontrar:

Os infográficos podem ser encontrados em jornais diários, revistas semanais diversas e revistas de divulgação científica.

Revistas

- Revista *Superinteressante* e sua versão on-line (<http://super.abril.com.br/super/super.shtml>)
- Revista *Nova Escola* e sua versão on-line (<http://revistaescola.abril.com.br/home/home.shtml>)
- Revista *Galileu* e sua versão on-line (<http://revistagalileu.globo.com/>)
- Revista *Recreio* e sua versão on-line (<http://recreionline.abril.com.br/home/index.shtml>)
- Revista *Ciência Hoje das Crianças* e sua versão on-line (<http://cienciahoje.uol.com.br/view/418>)

Sites

- <http://www.albertocairo.com/infografia/graficospreferidos/2005/cuerpohumano.html> (esta página é em espanhol, mas pode ser útil para o professor encontrar exemplos de infográficos de grande qualidade, como o do corpo humano).
- http://idgnow.uol.com.br/linha_do_tempo_infografico (infográfico interativo/ animado sobre a transmissão da Copa do Mundo)
- http://revistaescola.abril.com.br/especiais/posteres/indice_pdf.shtml (infográficos animados/interativos sobre diversos temas)

IMAGEM E TEXTO EXPLICANDO O MUNDO
Infográfico

3º ciclo do Ensino Fundamental (7ª e 8ª séries)

Eixos de ensino	Passo-a-passo	Material didático	Observações
<p>Leitura Oralidade</p>	<p>1º momento: Divida a turma em grupos e apresente a cada um as mesmas quatro imagens, numeradas de 1 a 4:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ um infográfico (apenas a imagem, sem a reportagem de divulgação científica) (anexo 1); ▪ uma foto jornalística (sem legenda, retirada de notícia sobre um fato ocorrido na cidade, que mostre cenas do cotidiano) (anexo 3); ▪ uma ilustração de conto literário, sem o texto (selecione uma do seu acervo) ▪ uma tela de pintura (anexo 4); <p>Peça que eles tentem identificar as informações a seguir, anotando-as, a lápis, na ficha de avaliação (ver anexo 5):</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ de onde foram retiradas as imagens (de jornal, de revista, de livro de histórias, etc.); ▪ de que assunto tratam; ▪ que técnicas/ recursos foram usados para produzir a imagem? Câmera fotográfica? Tintas e pincéis? Fotografia? Desenho? Pintura? Computador? 	<p>Cópias apenas das imagens selecionadas, sem identificação (ver sugestões nos anexos 1, 3 a 5).</p> <p>Ficha de avaliação (anexo 6)</p>	<p><i>O número de aulas necessárias nesta seqüência é variável. Dependerá do número de alunos na turma e do ritmo de trabalho deles.</i></p> <p>O objetivo desta etapa é discutir como, entre imagens diversas, há aquelas de cunho artístico (pintura e ilustração de texto literário) e explicativo/informativo (foto jornalística e infográfico).</p> <p>Os anexos trazem uma foto jornalística, mas é sempre melhor trabalhar com fotos mais atuais e retiradas de jornais locais, para maior identificação dos alunos com o fato noticiado. O conhecimento prévio dos alunos sobre o acontecimento também facilita a identificação dos dados sobre a foto.</p> <p>As imagens devem ser reproduzidas <u>sem qualquer identificação</u>, para que os estudantes tentem responder às questões solicitadas.</p> <p>Uma outra alternativa para realizar essa atividade é usar apenas 3 imagens por grupo: infográfico, imagem artística (ilustração de texto literário ou pintura) e imagem informativa (foto jornalística).</p>

<p>Oralidade Leitura</p>	<p>2º momento: Cada grupo apresenta suas conclusões e você conduz a discussão, anotando, no quadro, as observações sobre cada imagem. Após a discussão com seus alunos, pergunte:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Quais dessas imagens servem melhor para explicar fatos aos leitores? Por quê? <p>Anote, no quadro, os exemplos e algumas observações feitas pelos alunos, para serem retomadas mais adiante.</p>	<p>Piloto Quadro</p>	<p>O objetivo, neste momento, não é chegar a uma única conclusão, mas promover a reflexão sobre os diferentes propósitos comunicativos de cada imagem. A atividade possibilita conhecer o que pensam os alunos sobre como diferentes imagens podem, à sua maneira, ser adequadas para expor informações. É provável que os alunos não citem os infográficos, ou pelo menos, não os citem por esse nome. Se assim for, por enquanto, não se refira ao gênero infográfico.</p>
<p>Leitura</p>	<p>3º momento: Explique que eles continuarão com a análise das imagens na ficha, só que, agora, dispondo do texto completo. O objetivo é distinguir entre imagens de cunho artístico e explicativo. Peça que eles escrevam:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ na 4ª coluna da ficha “Serve para explicar fatos? Justifique”; ▪ na 5ª coluna “Para que servem as imagens: explicar as informações do texto verbal ou explicá-las e complementá-las?” <p>Apresente aos grupos os textos completos (imagem + texto verbal) referentes a três das imagens anteriormente apresentadas, exceto a pintura. Peça que eles confirmem ou não as hipóteses lançadas sobre onde foram veiculadas as imagens e de que assunto tratam, anotando o que mudar na mesma ficha de avaliação.</p> <p>Lance agora as seguintes questões:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Tendo agora o texto completo em mãos, é possível dizer se as imagens complementam as informações do texto verbal? De que maneira? 	<p>Textos completos, imagem + texto verbal:</p> <ul style="list-style-type: none"> • reportagem de divulgação científica (anexo 1) • notícia (anexo 3); • conto literário ilustrado (anexo 4). 	<p>Circule entre os grupos, tirando as dúvidas e orientando para que eles comparem as informações do infográfico e do texto verbal. Todas as imagens complementam o texto verbal, ampliam a sua compreensão. Todas as imagens, de alguma maneira, orientam ou modificam a compreensão do leitor. Mas os alunos devem perceber que apenas os gêneros notícia e reportagem de divulgação científica têm o propósito/a função de explicar fatos ou de apresentar informações. Por isso, dentre as quatro imagens analisadas, apenas aquelas associadas a esses gêneros informativos – a foto jornalística, o infográfico e a ilustração de livro didático de ciências – foram criadas com o intuito de informar ou explicar.</p>

	<ul style="list-style-type: none"> Sem as imagens, os leitores teriam a mesma compreensão dos textos? Por quê? <p>Os alunos discutem em grupos e, depois, abre-se a discussão com toda a turma.</p>		Vale lembrar que os infográficos, quando acompanhados de um texto verbal (uma matéria jornalística ou um texto didático, por exemplo), não devem apenas repetir informações expostas nesse texto verbal, mas explicá-las, ampliá-las, complementá-las.
Oralidade	<p>4º momento: Peça que os alunos identifiquem os textos mais adequados para expor informações. Afixe no quadro tarjetas com as palavras NOTÍCIA – TEXTO DIDÁTICO – INFOGRÁFICO e peça que eles as associem cada uma a um dos exemplos que têm em mãos. Anuncie que eles irão agora conhecer melhor um dos gêneros vistos, o infográfico.</p>	3 tarjetas com os termos NOTÍCIA, TEXTO DIDÁTICO e INFOGRÁFICO	Neste momento, os alunos devem perceber que o conto literário, embora também traga informações, não tem esse propósito básico, ao contrário da notícia, do texto didático e do infográfico.
Leitura Análise lingüística	<p>5º momento: Peça que eles leiam com atenção toda a reportagem de divulgação científica “Farelo de rocha” e preencham a ficha de análise (anexo 7). Ao discutir a ficha, enriqueça o debate sobre a função dos infográficos nas reportagens, lançando algumas questões:</p> <ul style="list-style-type: none"> Que partes da reportagem o infográfico explica? As informações da reportagem ficaram mais claras com o infográfico? Por quê? A resposta à pergunta da leitora da revista foi dada pela geóloga Maria Cristina de Moraes, mas o infográfico foi feito por Chico Nunes, um jornalista. Quem usou mais termos técnicos? Por quê? <p>Onde há mais palavras desconhecidas: no texto verbal da reportagem ou nos pequenos textos ao</p>	Reportagem de divulgação científica “Farelo de rocha” (anexo 1)	<p>Se preferir, copie a ficha no quadro e peça que os alunos a transcrevam no caderno. Essa atividade evidenciará a função do infográfico nas reportagens: explicar passagens pouco compreensíveis apenas com a leitura do texto verbal e tornar mais imediata a compreensão do fenômeno ou processo descrito. Para estimular a discussão sobre o uso dos termos técnicos, os alunos podem comparar o trecho inicial da reportagem “A areia surge... biológicos” com o texto-etiqueta “O calor, a água e o vento decompõem rochas e outros materiais.”</p>

	<p>lado das imagens do infográfico (texto-etiqueta)? Sistematize, no quadro, junto com os alunos, a função do infográfico nas reportagens.</p>		<p>O importante é notar que a geóloga é muita mais técnica, enquanto o autor da infografia se preocupou em se fazer entender pelo leitor.</p>
<p>Leitura Oralidade</p>	<p>6º momento: Ainda com a divisão em grupos, apresente a todos os alunos apenas a imagem do infográfico “Quanto custa um parlamentar” (anexo 2). Peça que eles tentem responder à mesma ficha (anexo 6), apenas com a imagem em mãos. Ao final, os grupos socializam suas contribuições e você as vai sintetizando no quadro, para confrontar com a análise a ser feita no momento posterior.</p>	<p>Infográfico <i>Quanto custa um parlamentar</i> “desmontado” (só a imagem, sem o texto nem o título) (anexo 2).</p>	<p>Você pode expor a imagem em transparência ou numa cópia ampliada, e fazer a discussão coletivamente. O ideal é que a imagem seja colorida, pois as cores são extremamente importantes na construção de sentidos do infográfico.</p>
<p>Leitura Oralidade</p>	<p>7º momento: Distribua, com os grupos, o infográfico completo “Quanto custa um parlamentar” e peça que eles confrontem as hipóteses levantadas sobre tema e informações. A pergunta-chave seria:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Apenas a imagem foi suficiente para saber qual é o tema do infográfico? ▪ Observando o infográfico completo, pode-se dizer se a imagem contribui para se compreender quanto custa um parlamentar aos cofres públicos? De que maneira? 	<p>Infográfico completo “Quanto custa um parlamentar” (anexo 2)</p>	<p>Um dos objetivos da atividade é evidenciar o quanto texto e imagem são interdependentes nos infográficos, pois só com o auxílio do texto verbal é possível compreender o que representa o porquinho “fatiado”, ou seja, os tipos de gastos efetuados pelos parlamentares. Do mesmo modo, apenas o texto verbal não evidencia a proporção de cada tipo de gasto, enquanto na imagem cada “fatia” do porquinho deixa mais saliente essa informação, que é detectada visualmente pelo leitor. Assim, texto verbal e imagem se complementam sempre no infográfico. Se achar conveniente, use outro infográfico para realizar a atividade. O importante é que os alunos compreendam a forte relação entre texto verbal e imagem.</p>

<p>Leitura</p>	<p>8º momento: Escreva, no quadro, PARTES DO INFOGRÁFICO e afixe aí quadro tarjetas de cartolina, fora de ordem, com os nomes das quatro partes que compõem os infográficos: TÍTULO – TEXTO (opcional) – CORPO – FONTE – e mais quatro com as definições correspondentes (anexo 7). Peça que os alunos façam duas colunas no caderno, a serem preenchidas: uma com os nomes das partes do infográfico e outra com suas definições. Eles devem associar o termo a sua definição e, posteriormente, identificar, no infográfico que têm em mãos, cada parte. Na socialização das respostas, afixe, no quadro, na ordem, as tarjetas e suas respectivas definições.</p>	<p>Infográfico completo “Quanto custa um parlamentar” (anexo 2)</p> <p>Tarjetas com partes do infográfico (anexo 7)</p>	<p>A ordem correta das partes é: TÍTULO TEXTO (opcional) CORPO FONTE</p> <p>Se preferir, antes dessa atividade, os grupos podem discutir em quantas partes poderíamos dividir um infográfico. Muitas vezes, surpreendemo-nos com a capacidade dos alunos de criar termos adequados para descrever certas características de um gênero. Posteriormente, eles seriam confrontados com a terminologia usada no universo jornalístico.</p>
<p>Leitura Oralidade</p>	<p>9º momento: Distribua, com os grupos, apenas a imagem do infográfico “Bumbum e barriguinha” (anexo 8) sobre a coluna vertebral (ver anexos) sem título, sem o texto de abertura e sem os textos que servem como “etiquetas”. Distribua, também, tarjetas com cada um desses textos para que os grupos os associem às partes corretas do infográfico. Eles deverão justificar as escolhas. Vale salientar que os textos-etiqueta podem ser posicionados em outros locais, diferentes do infográfico original, desde que façam sentido. É o caso da “etiqueta” 1. Para manter o quadris empinados, a moça inclina a bacia para a frente, aumentando a curvatura e a tensão nas costas.”, que pode perfeitamente estar próxima dos quadris ou das costas.</p>	<p>Imagem do infográfico “Bumbum e barriguinha” (anexo 8) Tarjetas com os textos-etiqueta desse infográfico.</p>	<p>Se preferir, reproduza, em tamanho grande, o infográfico e os textos-etiqueta, exponha na frente da classe e peça que cada grupo afixe os textos-etiqueta em cada parte, justificando as escolhas. O importante é que os alunos percebam a íntima relação entre texto e imagem na explicação do fato/processo. Se achar difícil separar a imagem do infográfico das etiquetas, você pode usar uma foto retirada de revista ou jornal, que mostre uma pessoa numa postura semelhante.</p>

<p>Análise lingüística</p>	<p>10º momento: Com os infográficos “Bumbum e barriguinha” (anexo 8) e “As nove cidades” (anexo 9) em mãos, os alunos devem comparar os textos-etiqueta a fim de analisar a sua organização. Lance perguntas orientadoras:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ O que há de comum entre eles? ▪ São textos curtos ou longos? ▪ O que predomina: textos que descrevem, textos que expõem sobre um assunto ou textos que narram um fato? <p>Sistematize as conclusões dos alunos no quadro e peça que eles copiem no caderno. Informe que essa caracterização será novamente consultada por eles no momento da produção do infográfico</p>	<p>Infográficos completos “Bumbum e barriguinha” (anexo 8) e “As nove cidades” (anexo 9)</p>	<p>Os alunos devem perceber que os textos-etiqueta são escritos conforme o conteúdo tratado: se explicam transformações ao longo do tempo, serão narrativos; se explicam problemas na coluna, serão expositivos; apresentando, expõem causas e conseqüências da má postura, etc. Pode ser necessário dar mais exemplos aos alunos de textos descritivos, narrativos e expositivos.</p>
<p>Oralidade Leitura Escrita</p>	<p>11º momento: Agora é o momento de conhecer um tipo de infográfico específico: a linha do tempo. Apresente aos alunos alguns exemplos de linha do tempo, inclusive o infográfico sobre as mudanças em Tróia. Solicite que eles observem como a seqüência temporal é apresentada e que respondam no caderno:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ que fatos foram selecionados; ▪ se há imagens a eles associadas, ▪ se há um espaço de tempo regular entre cada marco da linha do tempo ou se os intervalos são dados entre acontecimentos importantes; ▪ etc. <p>Sistematize, no quadro, as conclusões da turma, em tópicos, e peça que reúnam essas informações, criando uma definição para o infográfico do tipo linha do tempo. Compare as produções dos alunos e eleja a melhor, que deverá ser copiada nos cadernos. Ressalte, para os alunos, que essa definição será importante no momento de avaliar as produções realizadas.</p>	<p>Exemplos de linha do tempo:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ “As nove cidades” (anexo 9) ▪ Era da informação (anexo 10) 	<p>É preciso lembrar que os marcos de uma linha do tempo podem obedecer à relevância dos fatos e não a intervalos regulares de tempo.</p>

Escrita	<p>12º momento: Agora que eles já conhecem melhor a organização do infográfico, proponha a produção de um infográfico sobre um assunto que eles conhecem muito bem: a sua própria vida. Esse infográfico será uma linha do tempo ilustrada com fotos de cada aluno (ou cópias dessas fotos). Terá o propósito de permitir aos colegas conhecer melhor uns aos outros, e poderá ser exposto em sala ou manuseado entre os colegas, a combinar com a turma.</p> <p>No planejamento, oriente para que eles decidam:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Que etapas da vida serão enfocadas? • O espaço de tempo usado será regular, de três em três anos, por exemplo? Ou serão escolhidos de acordo com as imagens/momentos que se quer mostrar? • Que imagens farão parte dessa linha do tempo? <p>Como deverá ser o texto que acompanha cada imagem? Descrição da imagem, comentário pessoal, citação de algum autor ou outra?</p>	Fotos dos alunos (ou cópias das fotos), cartolina, hidrocor, tesoura e cola.	<p>Esse primeiro momento da produção serve para familiarizar os alunos com a produção do gênero infográfico.</p> <p>Na área de História, é comum solicitar aos alunos que reconstruam sua história de vida, numa linha do tempo. Essa pode ser uma boa oportunidade para um trabalho multidisciplinar/ interdisciplinar. Além disso, no último ano do ensino fundamental, é comum haver álbuns de recordações da turma, livro com recados, etc. A linha do tempo ilustrada pode ser uma alternativa para manter essa tradição. O infográfico pode ainda assumir o formato de um álbum, para ser manuseado por cada estudante.</p>
Leituraa	<p>13º momento: Depois que cada aluno tiver preparado a sua linha do tempo, trará para a sala, para ser mostrada aos colegas. A turma pode escolher qual linha do tempo permitiu conhecer melhor o aluno que a produziu.</p>	Linhas do tempo produzidas pelos alunos.	É provável que os alunos levem mais de uma aula para produzir a linha do tempo, portanto, prepare a turma para o momento da socialização, para deixar até os mais tímidos à vontade para mostrar um pouco de sua vida.
Leitura Escrita	<p>14º momento: Uma segunda produção do infográfico será realizada como uma atividade interdisciplinar, junto com uma outra disciplina (História, Geografia ou Ciências). Nossa sugestão é o tema do aquecimento global, já que ele</p>	Textos diversos sobre aquecimento global (reportagens, notícias livros, sites, etc.)	Sugerimos que a produção desses infográficos seja feita em grupos, já que se trata de um gênero novo para muitos alunos e ainda pouco explorado na escola.

perpassa diversas áreas e tem implicações éticas que podem e devem ser discutidas transversalmente, ou seja, em todas as áreas de conhecimento.

Explique aos alunos que os infográficos produzidos por eles servirão para informar outras pessoas sobre o tema. Podem ser lidos nos murais, no jornal escolar, num site, em folhetos educativos. Também podem ser parte dos materiais auxiliares a serem usados em um seminário sobre o aquecimento global, a ser apresentado para a turma (ver seqüência didática sobre seminário, nesta coleção). Combine com a turma qual a melhor forma de socializar a produção.

Para a produção, oriente os grupos de alunos quanto às seguintes etapas:

1. Etapa de planejamento

Solicite aos grupos:

- pesquisa sobre o tema, com coleta e leitura de textos diversos;
- delimitação do aspecto a ser focado no infográfico (cada grupo ficaria com um subtema: queimadas, desmatamento, manejo do lixo, mudanças climáticas, etc.);
- seleção do que deverá ser explicado, ou seja, daquilo que pode ser desconhecido ou mal compreendido pelos leitores/ouvintes;
- seleção/criação de imagens que explicarão cada etapa do processo.

O tema aquecimento global possibilita a abordagem das causas e conseqüências desse fenômeno. É provável que os infográficos sejam construídos nessa direção. Assim, será necessário escolher que etapas do processo serão explicadas, atentar para a sua ordenação e para o texto expositivo. Essencial é observar se as imagens usadas, de fato, esclarecem o leitor.

Embora não seja objetivo específico desta seqüência didática, a etapa de coleta de materiais é uma preciosa oportunidade para realizar práticas de escrita significativas na escola, como a elaboração de resumos, de fichamentos, de roteiros de trabalho etc. Para isso, é preciso disponibilizar tempo em sala de aula para orientar os alunos e para que eles possam escrever e reescrever.

O trabalho conjunto com os professores de outra disciplina é muito importante nas diversas etapas, para garantir as corretas informações sobre os fenômenos. A atuação do professor de português está articulada com a do outro docente, pois será preciso orientar quanto ao atendimento às características do gênero infográfico, à formulação e revisão dos textos e à avaliação da qualidade dos infográficos elaborados.

Escrita	<p>15º momento: Com o material pré-selecionado em mãos, os grupos se organizam para elaborar o infográfico, sempre sob a sua supervisão.</p> <p>2. Etapa de produção</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Elaboração do <i>corpo</i> do infográfico: escrita dos textos etiqueta correspondentes a cada etapa do processo; ▪ Criação de título e, eventualmente, de texto para “abrir” o infográfico. ▪ Atribuição das fontes. ▪ Revisão com troca entre grupos, sob sua supervisão, observando-se os seguintes critérios: <p>CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DOS INFOGRÁFICOS</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. As informações estão corretas? 2. O infográfico é compreensível? 3. As imagens estão adequadas para explicar os fenômenos? 4. Os textos-etiqueta estão posicionados no local correto? 5. As partes do infográfico – título, texto corpo (imagem + textos-etiqueta) e fonte – estão presentes? 6. O infográfico ajuda a compreender o fenômeno ou um texto apenas verbal, sem imagem, serviria da mesma maneira? 7. Outros sugeridos pelos alunos. 	Textos diversos sobre aquecimento global (reportagens, notícias livros, sites, etc.), pré-selecionados. Cartolina Hidrocor Tesoura Cola.	Nessa etapa, sugerimos que os infográficos sejam elaborados na sala de aula, pois a orientação do professor é fundamental. Os alunos devem, primeiro, arrumar os texto-etiqueta e as imagens sem colá-los definitivamente. O grupo avalia sua primeira versão, a partir dos critérios expostos, e faz as alterações que forem necessárias. Então o grupo troca de lugar com outro, para se fazer a hetero-avaliação. As mudanças são sugeridas e cada grupo parte finaliza a versão definitiva do seu infográfico.
Leitura	<p>16º momento: Tendo finalizado os infográficos, combine com a turma o dia para a socialização.</p> <p>3. Etapa de socialização</p> <p>Oriente os alunos para que:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Afixem os infográficos na sala de aula de modo que os alunos circulem para lê-los. ▪ Elejam os melhores infográficos, a partir dos critérios anteriores. ▪ Exponham os infográficos nos murais da escola. <p>Após algum tempo, os alunos devem recolher os infográficos e criar um portfólio temático, com os textos que serviram de base para a pesquisa e as infografias elaboradas. Este será doado à biblioteca para permitir consultas futuras</p>	Infográficos produzidos	<p>Arrume a sala para permitir a livre circulação dos alunos.</p> <p>Se assim tiver sido combinado com a turma, oriente os alunos para as outras formas de socialização dos infográficos produzidos, seja num seminário, num <i>site</i> ou num jornal escolar.</p> <p>Convém deixar, no trabalho, o nome dos alunos que produziram, para valorizar a produção de cada um.</p>

ANEXOS

Anexo 1

Matéria de divulgação científica

Fnononono

Edição Nº144
Agosto de 2001
Índice

Como e por quê?

Geologia

Farelo de rocha

De onde vem a areia da praia?
Ana Lourdes Leal, Fortaleza

Chico Nunes

A areia surge da decomposição de elementos inorgânicos (minerais e rochas) ou orgânicos (conchas, corais e vegetais), causada por fenômenos físicos, químicos e biológicos. As partículas originadas nesse processo são transportadas por enxurradas, rios, geleiras ou ventos até se depositar em lagos, desertos e praias.



1. O calor, a água e o vento decompõem rochas e outros materiais
2. As partículas decompostas são levadas pelos rios até o mar, onde se depositam formando as praias
3. Quanto mais o material caminha, mais fino fica. Isso dá origem aos diferentes tipos de areia: mais grossa nas praias próximas a rios e mais fina nas mais afastadas

Os rios caudalosos, com alta energia de transporte, conseguem levar esse material até o mar (veja o infográfico). Já os que têm menos força deixam boa parte dos sedimentos pelo caminho, criando as praias fluviais.

O tamanho do grão de areia varia conforme o tipo de rocha de onde se desprende e a distância percorrida até o mar. Quanto mais longo o trajeto, mais fino (e puro) ele fica. Finalmente, quando a força das ondas do mar é maior do que o peso dos sedimentos, eles não conseguem se depositar, formando os chamados "costões".

Evelyn Müller



Resposta da geóloga Maria Cristina de Moraes, diretora pedagógica da Cooperativa Educacional do Butantã

Fundação Victor Civita 2006
Todos os direitos reservados

INFOGRÁFICO - Farelo de rocha (Nova Escola. Ago 2001). Disponível em http://novaescola.abril.com.br/ed/144_ago01/html/comopq_geo.htm. Acesso em 10 nov. 2007.

Anexo 2

INFOGRÁFICO

O preço de um parlamentar

Buscar uma palavra

AGÊNCIA BRASIL

Notícias Grandes Reportagens Coberturas Temáticas Banco de Imagens

Para visualizar este infográfico, utilize Flash 8

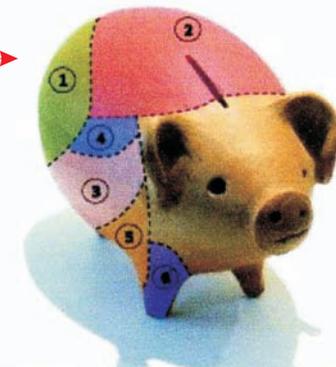
Título

O preço de um parlamentar

Texto

Cada um dos 81 senadores e 513 deputados custaria até **R\$114 mil/mês** com o novo aumento de salário

Corpo



- 1 Salário* R\$ 24,5 mil
- 2 Gastos com pessoal R\$ 50,8 mil
- 3 Gastos nos estados com escritório, locomoção etc R\$ 15 mil
- 4 Auxílio-moradia R\$ 3 mil
- 5 Adicionais para gastos postais e de telefonia R\$ 4,2 mil
- 6 Passagens aéreas R\$ 4,1 mil a R\$ 16,5 mil (dependendo do estado de origem)

TOTAL: de R\$101,6 mil a R\$114 mil

Alem de verba anual de R\$ 6 mil para publicação, assistência médica e assinatura de jornais e revistas

*O novo salário passaria a valer em fevereiro de 2007

Fonte: FONTE DIAP MULTIMIB (AB)

Multimídia Abr / Fonte DIAP. Disponível em http://www.agenciabrasil.gov.br/media/infograficos/2006/12/14/info_porquinho.swf/view. Acesso em 9 fev. 2008.

UM NORDESTE MAIS QUENTE

MENDIGOS DA ÁGUA

Em Esperança, no Sertão da Paraíba, a água evaporou e se tornou artigo de luxo, só acessível para os mais abastados. Comunidade vive dias de penúria

Esperança é o nome de uma cidadezinha do interior da Paraíba. O lugar, desabitado pelas décadas, mas possuidor de uma indústria de mineração, atrai milhares de migrantes em busca de trabalho. São os mendigos da água, os filhos de Araraçuaia que aguardam em fila, nos pontos de abastecimento, a água que não chega ao Sertão. Há milhares de famílias, com cerca de 18 milhões de habitantes, por perto de 20% de volume de chuva. Poder irrigar 100 mil, mas o que é ruim se for mal usado. Espere aqui, que, até 2010, vai chegar 180 milhões a menos por ano no Nordeste, em virtude do aquecimento global. Algumas áreas do Agreste, a exemplo de Esperança, vão ser engolidas ao Sertão. De 2004 para cá, 102 municípios se integraram às áreas mais atingidas do sertão.



ROTINA DE HUMILHAÇÃO Moradores de Esperança esperam, diariamente, na praça pública, em busca de um balde de água

Os moradores do Sertão Nordeste não têm acesso ao saneamento básico. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável.

Alguns moradores de Esperança vivem em condições precárias. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável.

Quando a água acaba, a situação piora. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável.

Em Esperança, a água é vendida por litro. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável.

Quando não há água, os moradores vivem em condições precárias. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável.

Quando a água acaba, a situação piora. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável.

Transposição do Rio São Francisco ignora aquecimento global

O empreendimento que não tem água se para hoje é o abastecimento da cidade de João Pessoa. O grande problema é que o aquecimento global vai reduzir a vazão do rio São Francisco em 20% até 2050. Isso significa que a cidade vai ficar sem água em 2050. O projeto de transposição do rio São Francisco ignora o aquecimento global. O projeto prevê a construção de uma barragem de 100 metros de altura, com um reservatório de 100 milhões de metros cúbicos de água. O projeto também prevê a construção de um canal de 100 quilômetros de comprimento. O projeto ignora o aquecimento global, que vai reduzir a vazão do rio São Francisco em 20% até 2050.

Em Esperança, a água é vendida por litro. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável.

Quando não há água, os moradores vivem em condições precárias. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável.

Quando a água acaba, a situação piora. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável.

UM RIO DE PROBLEMAS

- O Sertão do Nordeste tem maior déficit de água do País, com índices pluviométricos que variam entre 275 e 500 milímetros.
- O período de estiagem no Sertão do Nordeste vai se agravar, dependendo do local.
- Há municípios no País onde a temperatura chegou a atingir a marca de 45 graus.



Em Esperança (PB), a água é vendida por litro. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável.

Em Rio de Catarina (BA), a situação é semelhante. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável. Há 10 milhões de habitantes sem acesso à água potável.



Fonte: GROSSI, Haroldo. Aquecimento global. Acrílico sobre tela - 90 x 100 cm. Disponível em <http://www.haroldogrossi.com.br/quadros/globalwarming.htm>


PARTES DO INFOGRÁFICO


TÍTULO

Curto e posicionado no topo do infográfico, informa ao leitor sobre o assunto.

TEXTO (opcional)

Curto, apresenta ao leitor a informação necessária para compreender o corpo do infográfico. Tudo o que o corpo do infográfico não explica deve ser explicado nesse texto.

CORPO

É a essência do infográfico e compõe-se da imagem e dos pequenos textos que funcionam como etiquetas para cada parte do infográfico.

FONTE

Indica quem criou o infográfico e/ou onde se obteve a informação ali apresentada.


INFOGRÁFICO

O bumbum e a barriguinha



(*Superinteressante*, maio 2000, p. 30, infográfico integrante da matéria “Perigo! Postura errada”)

INFOGRÁFICO

As nove cidades



(Superinteressante, maio, 2004, pp. 52-53)

A PRODUÇÃO ORAL NO CENTRO DO DEBATE

Debate regrado

2º ciclo do Ensino Fundamental (3ª e 4ª séries)
Djario Dias de Araujo

Objetivo geral : desenvolver a fala pública dos alunos bem como sua competência argumentativa na prática do debate regrado.

Objetivos específicos

As atividades propostas na seqüência possibilitam aos alunos:

- ler criticamente reportagens sobre diferentes temas, a fim de escolher um para debate em sala;
- ativar conhecimentos prévios sobre o gênero debate;
- interpretar e sintetizar oralmente textos de apoio ao debate que será realizado;
- elaborar princípios básicos para a organização de um debate regrado;
- identificar opinião (tese) e argumentos que justifiquem essa opinião em textos lidos;
- participar ativamente de um debate regrado, respeitando os princípios coletivamente construídos;
- como debatedor, expor sua opinião, argumentando e contra-argumentando, e realizar escuta compreensiva dos colegas;
- como avaliador, analisar o andamento do debate, a partir de critérios estabelecidos;
- atentar para o uso da linguagem durante o debate: registro de linguagem, expressões que indicam tomada de posição, etc.;
- aproveitar sugestões surgidas em debate para elaborar documento escrito de encaminhamento de soluções.

**ESTE TEXTO SE DESTINA A FORNECER INFORMAÇÕES BÁSICAS SOBRE O GÊNERO PARA O PROFESSOR.
NÃO DEVE SER USADO COM OS ALUNOS.**

Caro Professor:

O debate é um gênero argumentativo nascido em instâncias extra-escolares, como o campo da política e da mídia. Migrou para dentro da escola de forma mais direcionada quando a produção oral passou a ser trabalhada sistematicamente no ensino de língua portuguesa. Assim, a polêmica e a voz do aluno passaram a ser peças importantes na construção do conhecimento escolar. Na escola, é mais comum o *debate regrado*, uma das configurações desse gênero, em que um moderador conduz a discussão, administrando o tempo e a distribuição da vez para falar (turnos de fala) entre grupos ou pessoas.

De acordo com Reyzábal (1999), o debate é uma discussão formal entre várias pessoas, regulada por um moderador. O debate, nesse contexto, é visto como uma comunicação pluripessoal, uma oportunidade de estabelecer o intercâmbio de opiniões entre várias pessoas sobre um tema ou acontecimento. Assim, debater um tema não é impor idéias a outras pessoas. O gênero debate se fundamenta no enfrentamento de dois ou mais grupos com posturas diferentes, ou no lançamento de um tema no grande grupo. Por isso ensinar a prática do debate na escola é de suma importância para explorar princípios inerentes a uma prática social democrática. A escolha de um tema polêmico é o ponto de partida essencial: sem divergência, não há debate. Além disso, outros aspectos devem ser negociados e expostos para a turma a fim de que o debate permita o desenvolvimento de capacidades orais importantes: a) estabelecimento dos princípios para um debate democrático; b) definição do papel do professor no direcionamento do debate, especialmente se ele for o moderador; c) organização da sala para a atividade; d) estudo prévio do tema pelos alunos, com pesquisas, discussões orais e registros escritos.

Nos últimos anos, o debate tem sido bastante usado nas aulas de língua materna (e de outras disciplinas também), pois o eixo da oralidade tem ocupado um espaço maior, antes destinado quase exclusivamente à escrita. Não havia estratégias didáticas específicas para abordar o eixo da oralidade, se a fala dos alunos aparecia apenas na leitura em voz alta ou como algo complementar, na correção de atividades e em discussões informais na aula. Entretanto, hoje se admite a necessidade de tratar a fala pública formal na escola, pois é necessário oportunizar aos alunos práticas lingüísticas orais em que essa fala pública seja focalizada.

Um traço característico do debate é que ele obriga os interlocutores a atentarem para a linguagem utilizada: clareza, certa formalidade, uso de expressões que denotem tomada de posição (contra ou a favor). Quanto à qualidade da interação durante o debate, algumas orientações são importantes para o aluno, por exemplo, pedir a palavra e esperar sua vez de falar; ouvir, com atenção, as opiniões dos colegas e pedir que as justifiquem, quando necessário. Quanto à construção da argumentação, é preciso saber justificar sua opinião a favor ou contra com argumentos e exemplos (relativos a si mesmo, a pessoas conhecidas e a situações) e fundamentar o seu ponto de vista sobre o que dizem os autores dos textos lidos, citando, sempre que possível, os trechos em que se baseia.

As estratégias usadas para expor, sustentar e refutar uma opinião devem ser objeto de reflexão na sala de aula, entre elas, a explicação, o uso de exemplos ou de citações da fala de outras pessoas. O emprego de certas expressões também deve ser explorado, desde as mais corriqueiras, usadas inclusive por crianças pequenas, como “Eu não acho porque...”; “Mas, por exemplo se X acontece, então...”; “Eu concordo com ela porque...”, até as mais elaboradas, como “No meu ponto de vista...”. Nesse sentido, o debate é um gênero com inúmeras possibilidades de abordagem pedagógica. Expressões que articulem argumentos contrários - como “Entretanto...”, “Mas, de outro ponto de vista...”, “Ao contrário, ...”, entre outras - também devem ser trabalhadas quando a contra-argumentação estiver sendo explorada.

A avaliação dessa prática oral deve estar relacionada a características do gênero: a capacidade de o aluno analisar criticamente a realidade, de ir além das informações presentes nos textos lidos ou nas discussões orais realizadas previamente ao debate, de tirar conclusões próprias, de expô-las de forma clara, construindo argumentos consistentes; de respeitar a opinião dos outros; de utilizar o registro de linguagem adequado (formal ou semi-formal), entre outros aspectos.

O debate em sala de aula, se adequadamente conduzido, permitirá que os alunos fundamentem e defendam seu ponto de vista, organizando sua fala pública no momento da exposição. É ainda uma oportunidade ímpar para refletir sobre a importância do respeito à opinião divergente e sobre o direito à palavra, desenvolvendo, com isso, as capacidades de interagir socialmente, sabendo afirmar suas posições e respeitar as alheias.

Para saber mais:

- CAVALCANTE, Marianne e MELO, Cristina Teixeira (2006). Oralidade no ensino médio: em busca de uma prática. In: Clécio Bunzen; Marcia Mendonça. (Org.). Português no ensino médio e a formação do professor. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial. p. 07-255.
- DOLZ, Joaquim & SCHNEUWLY, Bernard ([1996] 2004). Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: Roxane Rojo & Glaís Cordeiro (orgs./trads.). *Gêneros Orais e Escritos na Escola*. Tradução de trabalhos de Schneuwly & Dolz. Campinas: Mercado de Letras. pp. 41-70.
- DOLZ, Joaquim & SCHNEUWLY, Bernard (1996). O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: Roxane Rojo & Glaís Cordeiro (orgs./trads.) (2004) *Gêneros Orais e Escritos na Escola*. Tradução de trabalhos de Schneuwly & Dolz. Campinas: Mercado de Letras. pp. 149-185.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. ([2001] 2004). Seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: Roxane Rojo & Glaís Cordeiro (orgs./trads.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras. p. 95-128.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; PIETRO, Jean-François de. ([1998] 2004). Relato da elaboração d euma seqüência: o debate público. In: Roxane Rojo & Glaís Cordeiro (orgs./trads.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras. p. 247-278.
- MOTTA-ROTH, Désirée. O ensino de produção textual com base em atividades sociais e gêneros textuais. *Linguagem em (Dis)curso*, volume 6, número 3, set./dez. 2006. Disponível em <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0603/07.htm>>. Acesso em 12 set. 2007.
- REYZÁBAL, MariaVictoria (1999). A comunicação oral e sua didática. Bauru; SP: EDUSC.
- ROJO, Roxane & CORDEIRO, Glaís. (2004) Gêneros orais e escritos como objetos de ensino: Modo de pensar, modo de fazer. In Roxane Rojo & Glaís Cordeiro (orgs/trads) *Gêneros Orais e Escritos na Escola*. Tradução de trabalhos de Schneuwly & Dolz, Campinas: Mercado de Letras. pp. 7-18.

Sites:

- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Debate>
- <http://www.cidade.usp.br/educar2001/mod4ses7.php>
- http://www.unab.cl/sitio-html/extension/debates/formatos/mundial_escolar.htm (sobre formatos de debates, site em espanhol)

Onde encontrar:

Não há muitos debates gravados disponíveis. O ideal é que o professor grave algum debate radiofônico ou televisivo, em certos programas veiculados.

A PRODUÇÃO ORAL NO CENTRO DO DEBATE

Debate regrado

4º ciclo do Ensino Fundamental (3ª e 4ª séries)

Eixos de ensino	Passo-a-passo	Material didático	Observações
<p>Leitura Oralidade</p>	<p>1º momento: Divida a turma em pequenos grupos e entregue, a cada equipe, uma reportagem diferente sobre temas polêmicos atuais, na perspectiva do olhar da criança. Informe que cada equipe deverá ler o texto e depois o grupo irá eleger um representante para apresentar uma síntese oral do texto lido. Organize uma espécie de mesa-redonda, para que os representantes de cada grupo exponham sobre o assunto do texto. Garanta que todos fiquem de frente para os colegas no momento da exposição. Após a exposição de cada representante, os demais colegas podem fazer perguntas sobre o que foi exposto, caso reste alguma dúvida. Após as exposições, promova uma eleição sobre o tema que servirá de orientação para o debate.</p>	<p>Cópias de reportagens diversas sobre temas que são polêmicos para as crianças (anexos 1 a 5).</p>	<p><i>O número de aulas necessárias nesta seqüência é variável. Dependerá do número de alunos na turma e do ritmo de trabalho deles.</i> Caso repita essa atividade em outros momentos ou caso utilize material próprio, fique atento aos temas dos textos, para que os alunos sejam capazes de debater sobre qualquer um dos assuntos. A mesa-redonda ainda não é o momento de debater, mas de ouvir para escolher o tema do debate. Outra sugestão para familiarizar os alunos com o gênero debate, antes da produção, é orientar para que assistam a algum debate na televisão ou ouçam algum debate no rádio, anotando o tema debatido, que opiniões foram expostas, como foi a postura do debatedor, etc. É interessante dar indicação de canal e programa para que eles se organizem. Um outro critério de seleção de temas polêmicos para debate é buscar questões de interesse da comunidade ou da classe. Temas possíveis são coleta seletiva de lixo, melhorias na escola, relações interpessoais (respeito ao outro e à diversidade), direitos e deveres do aluno, etc.</p>

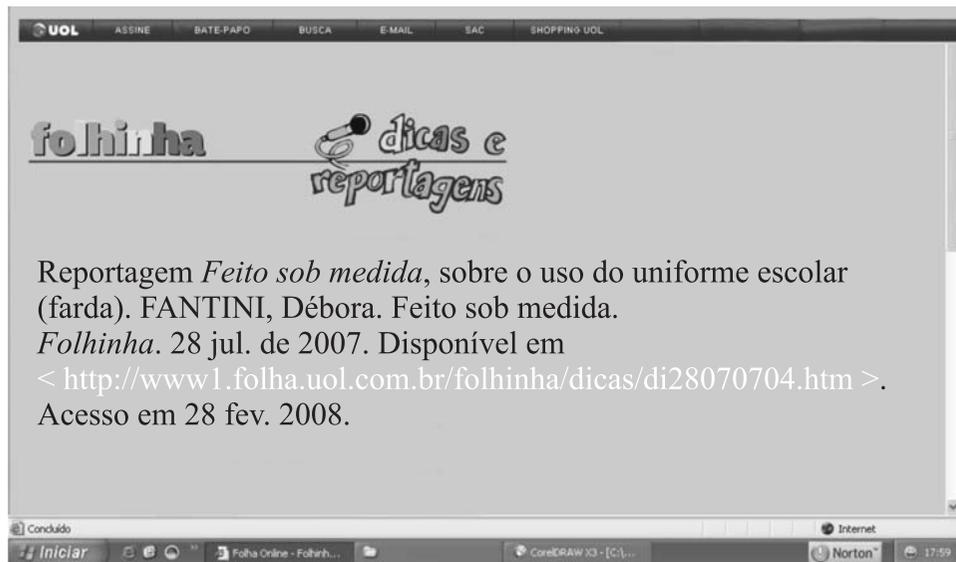
<p>Oralidade Escrita</p>	<p>2º momento: Antes de iniciar o debate, abra uma discussão com perguntas do tipo:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ O que é um debate? ▪ Para que serve um debate? ▪ Já assistiram a algum debate na televisão ou ouviram no rádio? Como foi? ▪ Todos tiveram direito de falar? Houve respeito entre os participantes? <p>Depois dessa discussão, exponha a necessidade de haver esse respeito entre os participantes de um debate. Questione-os sobre que princípios poderiam nortear um debate democrático, ou seja, aquele em que opiniões diferentes são respeitadas. Sistematize as respostas num cartaz, que ficará exposto até o fim da seqüência.</p>	<p>Cartolina para cartaz</p>	<p>Nesta atividade, busca-se partir do conhecimento prévio dos alunos sobre debate, buscando valorizar os saberes dos educandos.</p> <p>No texto de abertura desta cartela, há alguns princípios que podem complementar o quadro sobre o debate democrático.</p>
<p>Oralidade</p>	<p>3º momento: Retome, através de leitura, os princípios do debate, enfatizando que ele será regrado, ou seja, por inscrição de nomes, e que cada aluno terá um tempo para sua fala. Informe quem será o moderador do debate, organizando essas questões e coordenando as falas . Através de um sorteio, selecione 6 alunos para avaliar o debate. Esses alunos receberão uma ficha com as seguintes perguntas:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Que argumentos foram apresentados? 2. Os argumentos foram bem aprofundados com explicações, exemplos ou mesmo recorrendo ao que dizem especialistas no assunto? 3. As regras produzidas pela turma foram obedecidas? 4. Houve agressividade verbal entre os participantes? 5. Os participantes falaram de forma clara? 6. Todos tiveram vez de falar (houve equilíbrio na troca de turnos de fala)? 7. Que palavras e expressões foram usadas para indicar 	<p>Critérios de avaliação do debate (anexo 6)</p>	<p>Sua função como moderador do debate é essencial. Uma atuação eficiente do moderador pode garantir um debate de qualidade e propiciar aprofundamento do tema.</p> <p>A avaliação do debate feita pelos próprios alunos permitirá uma reflexão sobre a prática de um debate regrado e o reconhecimento desse importante gênero oral.</p> <p>Pode-se, também, pedir aos alunos que anotem algumas frases ditas pelos colegas, exatamente como foram faladas. Isso vai ajudar a refletir sobre estratégias argumentativas usadas (exemplificação, contra-argumentação, etc.). Algumas expressões comuns são: “Eu não acho porque...”; “Mas, por exemplo se X acontece, então...”; “Não é assim, pois...”;</p>

	<p>1. tomada de posição?</p> <p>Para facilitar a avaliação desse gênero oral, haverá 7 avaliadores, cada um responsável por apenas um dos critérios indicados na ficha do anexo 6. A seleção dos avaliadores (7 alunos) deverá ser negociada com a turma e, após o debate, eles terão a oportunidade de apresentar suas posições ao grande grupo.</p>		<p>“Eu concordo com ela porque...”. Ajude o avaliador responsável por esse item a reconhecê-las, para que possam anotá-las.</p>
<p>Leitura Oralidade Análise lingüística</p>	<p>4º momento:</p> <p>Divida a sala em grupos e escreva, no quadro, a seguinte pergunta: “Meninas e meninas devem brincar separados?” Após uma breve discussão com os alunos, entregue a cada grupo a reportagem, expondo o ponto de vista de crianças sobre “ser menino” e “ser menina” em brincadeiras.</p> <p>Cada grupo fará a leitura do texto e deverá responder às seguintes perguntas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Todas as crianças entrevistadas concordam que meninos e meninas devem brincar separados? ▪ O que eles dizem para defender suas opiniões? <p>Entregue uma ficha para sistematizar essa análise (anexo 8). Após o preenchimento da ficha, discuta com eles com quem eles concordam e por que razão; qual teria sido o argumento mais forte, mais convincente, etc.</p> <p>Essas anotações serão muito importantes para orientar os alunos na argumentação durante o debate.</p> <p>Aproveite para salientar para os alunos algumas frases e expressões que eles mesmos usaram ao expor suas opiniões na classe e que são importantes na articulação do gênero debate, na tomada de turnos, na construção da contra-argumentação, etc. Algumas expressões comuns são “Eu não acho porque...”; “Mas, por exemplo se X acontece, então...”; “Não é assim, pois...”; “Eu concordo com ela porque...”. Isso vai ajudar a refletir sobre estratégias argumentativas usadas (exemplificação, contra-argumentação, etc.).</p>	<p>Cópias da reportagem <i>Cada um na sua turma</i> (anexo 7) Ficha de levantamento de argumentos (anexo 8) Cartolina para cartaz Piloto</p>	<p>Esse momento da seqüência tem o foco na argumentação. O objetivo é desenvolver as habilidades de identificação de <u>tese</u> (ou posicionamento de alguém) e levantamento dos <u>argumentos</u> usados para defender ou refutar essa posição. Os argumentos podem ser explicações, exemplos, citações a falas de outras pessoas, etc.</p> <p>Sugerimos que você promova aqui um debate breve, sobre o tema. Para a sistematização desse debate, complemente a ficha do anexo 8 com opiniões dos próprios alunos da sala. Reproduzi-la em um cartaz grande, preenchendo-a com as posições do alunos entrevistados na reportagem e dos alunos de sua turma ajudará os estudantes a perceberem como um mesmo tema pode provocar opiniões divergentes. Além disso, é possível notar como diferentes argumentos podem ser usados para defender uma mesma posição. Nessa etapa, o essencial é ressaltar a importância dos argumentos num debate.</p>
	<p>5º momento:</p> <p>Retome o tema selecionado, 1º momento, para ser debatido. Divida a turma em pequenos grupos e entregue outros textos sobre o</p>		<p>Se possível, diversifique bastante os gêneros que servirão de apoio (histórias em quadrinhos, artigos de opinião, anúncios</p>

<p>Leitura Oralidade Escrita</p>	<p>mesmo tema, que servem de apoio, de aprofundamento ao conhecimento sobre o assunto. Um representante de cada grupo expõe para a turma que outras informações o texto traz sobre o assunto, que outras opiniões estão expostas, que outros argumentos são usados. Anote, no quadro, em tópicos, algumas dessas novas contribuições encontradas nos textos.</p>	<p>Cópias de textos diversos, sobre o tema selecionado, no 1º momento, para debate</p>	<p>publicitários, poemas, notícias, verbete de dicionário ou de enciclopédia, entrevista, carta do leitor, etc.). Nessa atividade, o importante é ampliar o conhecimento do aluno sobre o tema, preparando-o para o debate que ocorrerá em seguida. É preciso que os textos lidos nesse momento apresentem pontos de vista diferentes, informações diversas, para que, de fato, complementem, e não apenas repitam o que já veio dito no texto inicialmente lido.</p>
<p>Oralidade Escrita</p>	<p>6º momento: No dia combinado para a realização do debate, organize a sala para permitir o contato visual entre debatedores, avaliadores e moderador. Relembre os objetivos e princípios do debate regrado e as funções dos avaliadores, para que eles consigam preencher a ficha adequadamente. O debate se realiza.</p>	<p>Cópias dos critérios de avaliação do debate (anexo 6)</p>	<p>É importante garantir que os princípios para a realização de um debate democrático, levantados no 2º momento desta seqüência, sejam respeitados no momento do debate. Alunos de outras turmas também podem participar do debate, mas faz-se necessário retomar alguns princípios do debate para que tudo corra bem. Uma outra possibilidade é chamar um especialista ou alguém da comunidade para uma “roda” de conversa, antes do debate, a fim de aprofundar os conhecimentos dos alunos sobre o tema. Os alunos seriam informados, com antecedência, da presença desse profissional e elaborariam perguntas para o convidado.</p>

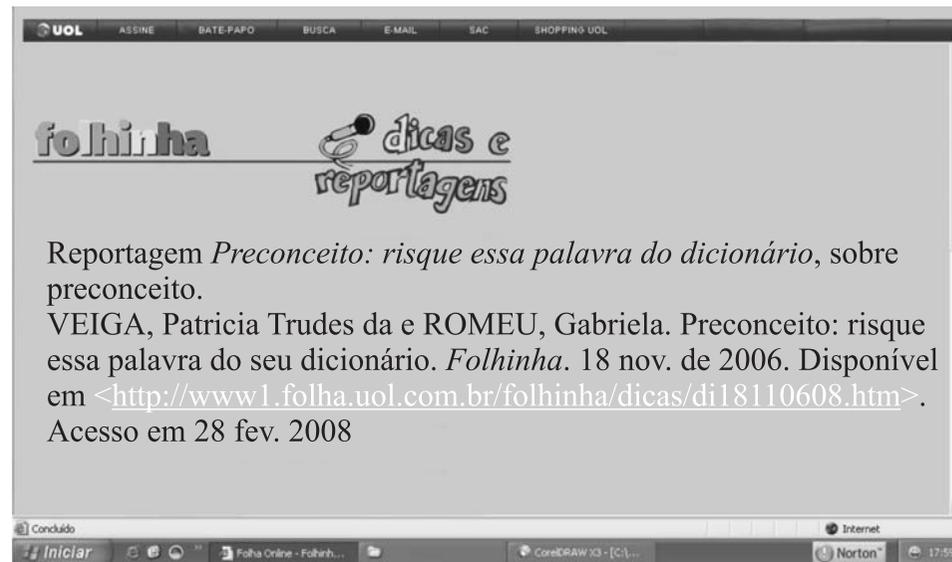
			Os pais dos alunos podem ser chamados para assistir ao debate, como uma forma de integrar família e escola.
Leitura Oralidade	7º momento: Após a realização do debate, solicite que os avaliadores exponham os resultados de suas anotações, para o conhecimento da turma. Sistematize, num cartaz, todas as anotações, para melhor visualização da dinâmica global do debate realizado.	Cartolina para cartaz Piloto	Esse é um momento muito importante, pois marca a sistematização final do debate e uma avaliação oral por parte do professor. Se desejar, realize uma eleição dos melhores debatedores, a partir do que foi anotado pelos avaliadores.
Oralidade Escrita Análise lingüística	8º momento: Eleja um problema que afete a escola para realizar um outro debate com a turma, a fim de sugerir possíveis soluções. Informe os alunos que participarão também representantes da comunidade escolar (direção, alunos, funcionários, pais), para contribuir com a discussão, buscando soluções para o problema. No momento do debate, lembre os princípios do debate democrático, para que a interação ocorra de forma satisfatória. O produto final das conclusões geradas pelo debate, bem como das sugestões apresentadas pelo grupo será sistematizado num documento escrito, que pode ser, dependendo do problema enfocado, um conjunto de normas de comportamento; uma carta a uma autoridade, um projeto de intervenção, entre outras possibilidades.	Papel Lápis Quadro	Esse debate tem o objetivo de ampliar as habilidades argumentativas dos alunos, é preciso sair do plano das opiniões pessoais para o plano das opiniões sobre temas comunitários. Se achar necessário, distribua, com os alunos um texto de apoio, para problematizar a temática e estimular o debate. Esse texto escrito a ser elaborado pode ser feito coletivamente e, em todos os casos, pode-se aproveitar a oportunidade para trabalhar habilidades do eixo da produção escrita, tais como as envolvidas nas etapas de planejamento, escrita, revisão e reescrita. A avaliação das produções também pode ser feita entre eles, na própria classe, sob a orientação do professor. Uma série de fatores torna essa atividade de escrita bastante significativa: a existência de uma motivação para além dos objetivos de sala de aula e a interação com um interlocutor real. O fato de estar escrevendo para o prefeito, por exemplo, direciona e dá sentido à escrita dos alunos jovens, além de motivá-los.

Anexo 1



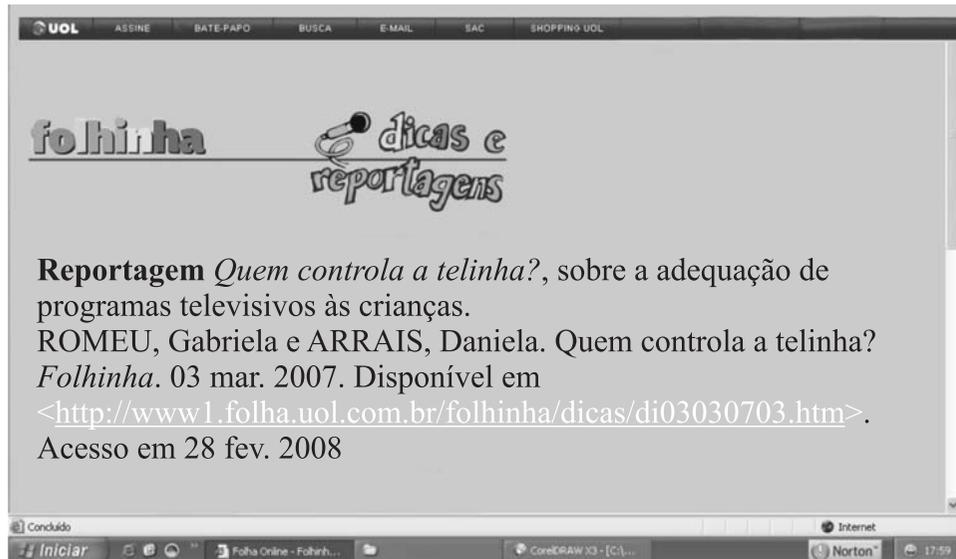
Reportagem *Feito sob medida*, sobre o uso do uniforme escolar (farda). FANTINI, Débora. Feito sob medida. *Folhinha*. 28 jul. de 2007. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/dicas/di28070704.htm>>. Acesso em 28 fev. 2008.

Anexo 2



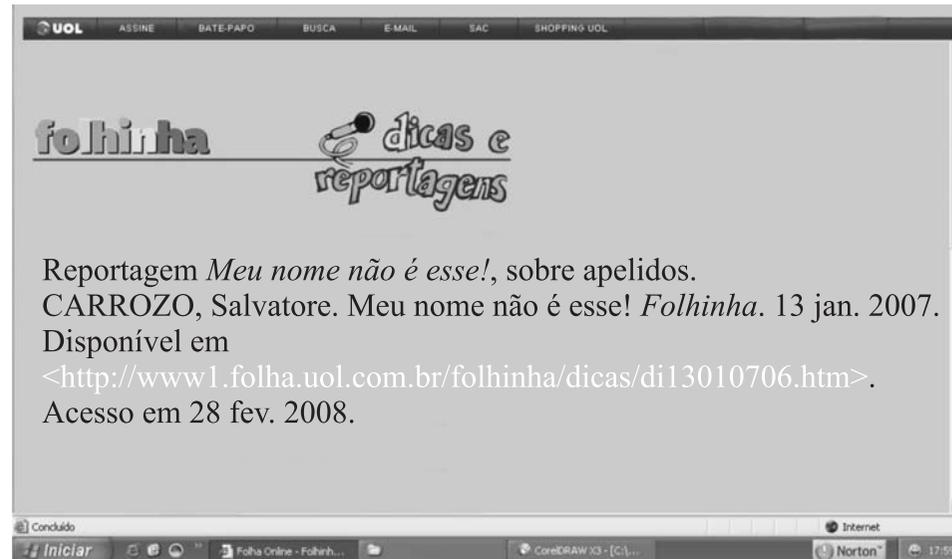
Reportagem *Preconceito: risque essa palavra do dicionário*, sobre preconceito. VEIGA, Patricia Trudes da e ROMEU, Gabriela. Preconceito: risque essa palavra do seu dicionário. *Folhinha*. 18 nov. de 2006. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/dicas/di18110608.htm>>. Acesso em 28 fev. 2008

Anexo 3



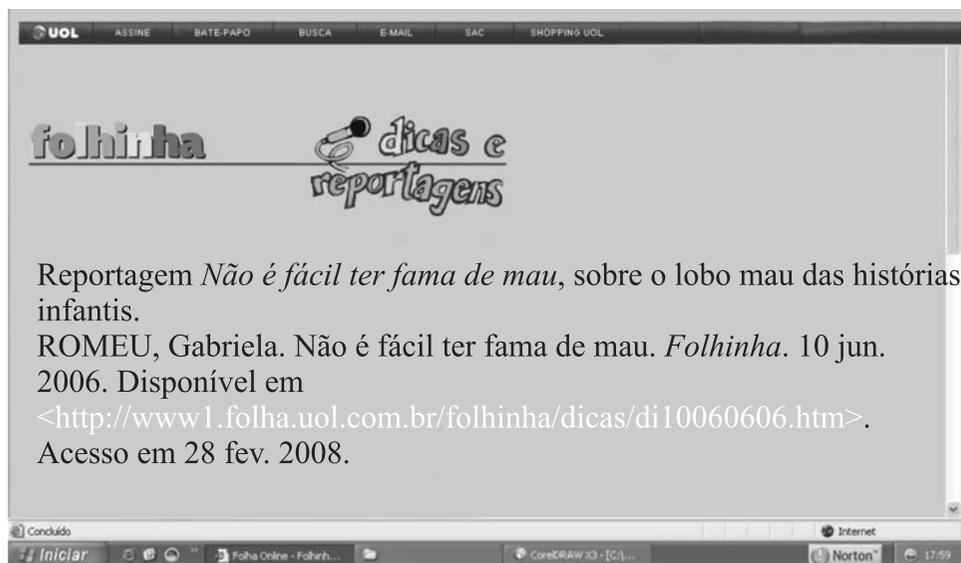
Reportagem *Quem controla a telinha?*, sobre a adequação de programas televisivos às crianças. ROMEU, Gabriela e ARRAIS, Daniela. Quem controla a telinha? *Folhinha*. 03 mar. 2007. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/dicas/di03030703.htm>>. Acesso em 28 fev. 2008

Anexo 4

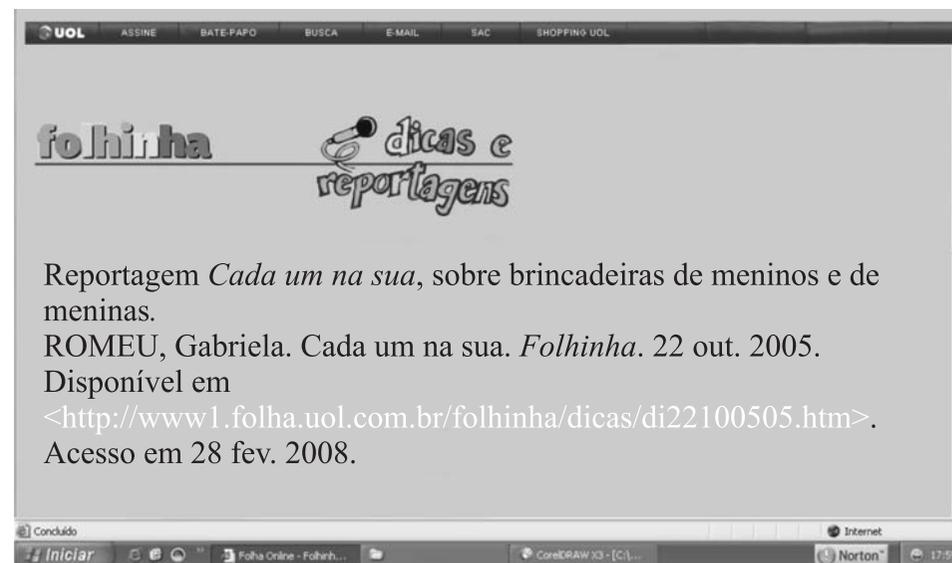


Reportagem *Meu nome não é esse!*, sobre apelidos. CARROZO, Salvatore. Meu nome não é esse! *Folhinha*. 13 jan. 2007. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/dicas/di13010706.htm>>. Acesso em 28 fev. 2008.

Anexo 5



Anexo 7



Anexo 6

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DO DEBATE	
1. Que argumentos foram apresentados?	
2. Os argumentos foram bem aprofundados com explicações, exemplos ou mesmo recorrendo ao que dizem os especialistas?	
3. As regras produzidas pela turma foram obedecidas?	
4. Houve respeito entre os participantes?	
5. Os participantes falaram de forma clara?	
6. Todos tiveram vez de falar?	
7. Que palavras e expressões foram usadas para indicar tomada de posição? ¹	

¹ Algumas expressões comuns são: “Eu não acho porque...”; “Mas, por exemplo se X acontece, então...”; “Não é assim, pois...”; “Eu concordo com ela porque...”. Ajude o avaliador responsável por esse item a reconhecê-las, para que possa anotá-las.

 (ficha a ser reproduzida em cartaz, pelo professor e para os alunos.) 

FICHA DE LEVANTAMENTO DE ARGUMENTOS Texto: <i>Cada um na sua (Folhinha, 22 out. 2005)</i>			
MENINOS E MENINAS DEVEM BRINCAR SEPARADOS.		MENINOS E MENINAS NÃO DEVEM BRINCAR SEPARADOS.	
CRIANÇAS	ARGUMENTOS	CRIANÇAS	ARGUMENTOS
Giovanna de Lolio, 7 anos	"Não gosto de quando eles falam: 'Vocês não podem brincar com esse brinquedo, é de menino'".		

- Ana Beatriz de Azevedo, a Nina, 9 anos
- Lívia Mancini, 8 anos
- Leonardo Assef de Melo, 7 anos

- Pedro Muarrek, 8 anos
- Daniela Huli, 8 anos
- Vitor Miller, 8 anos


INFOGRÁFICO


Era da Informação (Wikipédia)

<u>1970</u>	<ul style="list-style-type: none"> • 1970 - Brasil tricampeão da Copa do Mundo e 1º tricampeão da copa do mundo. Pelé vive o auge da carreira. • Crises do Petróleo (1973 e 1979) • Invenção do microprocessador, microcomputador, as primeiras redes: são lançadas as bases da Era da Informação. • 1972 - invenção do videogame.
<u>1980</u>	<ul style="list-style-type: none"> • 1980-1988 - Guerra Irã-Iraque deixa os 2 países destruídos economicamente. Curdos e iranianos são massacrados com armas químicas por Saddam Hussein, que matou mais de 200000 pessoas em seu governo(1979-2003). • 1981 - Descoberta da epidemia da AIDS. • Guerra das Malvinas entre Inglaterra e Argentina. Em um mês um dos melhores exércitos da Europa e do mundo, o inglês, masssacra os argentinos e fica com as Malvinas. A Argentina passa a ter grandes pretensões sobre as regiões antárticas. • 1985-1991 - em seu governo, Gorbachev reduziu as armas nucleares na URSS; assinou um pacto de redução com os EUA; permitiu a livre expressão e a abertura a fábricas estrangeiras, além de reduzir a burocratização e ver a queda da URSS. • 1989 - Queda do Muro de Berlim (9 de novembro) • 1990 - Unificação das 2 Alemanhas.
<u>1990</u>	<ul style="list-style-type: none"> • Descoberto tratamento da AIDS. • 1991 - Invenção da World Wide Web (6 de agosto). • 1991 - Fim da União Soviética (31 de dezembro) que se divide em 15 repúblicas. • 1991 - Guerra do Golfo envolvendo Iraque, que invade o Kuwait, de um lado, e EUA, Arábia Saudita, Israel, França e outros de outro lado. O Iraque sai derrotado da guerra.
<u>2000</u>	<ul style="list-style-type: none"> • 2001 - Ataque terrorista de 11 de Setembro feito por Osama Bin Laden saudita terrorista que morava no Afeganistão. • 2001 - EUA atacam o Afeganistão. • 2003 - Invasão do Iraque sob apoio de Espanha, Itália, Inglaterra, Turquia, Ucrânia, Japão. França, Rússia, China, Alemanha fazem protestos contra a guerra. O Brasil se declara contrário à guerra.

In:Atlas de História do Mundo, 4ªed. por Geoffrey Parker, original da Times Books, ed. Folha de São Paulo (1ª ed. brasileira), São Paulo, 1995 - Cronologia mundial pp. 12 a 23. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Linha_do_tempo_da_Hist%C3%B3ria_Universal. Acesso em 15 jun. 2007. (adaptado)

PRA RESUMIR...

Resumo

4º Ciclo do Ensino Fundamental (7ª e 8ª séries)
Ana Regina Ferraz Vieira

Objetivo geral: refletir sobre o gênero *resumo*, reconhecendo os contextos de produção e circulação, a função social e as características formais, além dos processos envolvidos na sua produção.

Objetivos específicos

Por meio da participação nas atividades, espera-se que os alunos aprendam a:

- reconhecer o resumo como produção textual autônoma;
- identificar o resumo como um gênero textual;
- reconhecer o resumo como parte constitutiva de outros gêneros textuais;
- compreender as especificidades do resumo, relacionando-as à situação concreta de comunicação;
- reconhecer a importância da leitura e compreensão global do texto original para a produção do resumo;
- mobilizar conhecimentos prévios sobre o tema e o autor do texto original e levantar hipóteses sobre o seu conteúdo;
- sumarizar as informações presentes no texto original, tendo em vista o objetivo do resumo;
- apreender as idéias mais relevantes presentes no texto original e entender como estão relacionadas;
- produzir um resumo coerente com as idéias do texto original, usando adequadamente os organizadores textuais;
- explicitar os atos comunicativos do autor, utilizando formas verbais adequadas (*O autor afirma...; O autor compara...*);
- avaliar criticamente os resumos produzidos.

**ESTE TEXTO SE DESTINA A FORNECER INFORMAÇÕES BÁSICAS SOBRE O GÊNERO PARA O PROFESSOR.
NÃO DEVE SER USADO COM OS ALUNOS.**

Caro Professor,

O *resumo* é uma apresentação concisa e breve dos conteúdos de um outro texto, com a finalidade de informar o leitor sobre esses conteúdos. Essa apresentação é organizada, normalmente, de modo a revelar a estrutura do texto original, ou seja, o fio condutor utilizado pelo autor para expressar as suas principais idéias e as relações entre elas. O conceito de resumo, portanto, parte normalmente da consideração de que o seu produtor é outro que não o autor do texto original.

Como professor e produtor de textos, você já tem uma idéia de resumo, até por ser um gênero constantemente solicitado e produzido nas salas de aula, da escola à universidade. No entanto, é importante perceber a intensa circulação de resumos de texto na sociedade e como os usos podem ser os mais diversos possíveis e sempre vinculados a cada situação de produção particular.

Como exemplares do gênero resumo podemos citar o *resumo escolar*, produto de uma atividade de leitura e produção escrita muito solicitada na escola, como também o *resumo de livro*, o *resumo de filme*, o *resumo de capítulo de novela* e o *resumo de artigo científico* (o *abstract*). No entanto, a sumarização é um recurso textual-discursivo utilizado também na produção de outros textos. Por exemplo, para escrever uma contracapa (ou quarta capa) de um romance ou uma resenha crítica para ser publicada em revistas semanais, o autor deverá resumir e selecionar informações (ver exemplos em anexo). Ao manusear livros

(romances, contos etc.) ou capas de DVDs, ou ao folhear jornais, revistas, catálogos de editoras (os que você recebe, por exemplo), informativos (*newsletter*) de locadoras e livrarias, entre outros, você verá que os resumos entram na constituição de uma série de gêneros familiares.

As características lingüísticas e discursivas desse gênero variam, principalmente, de acordo com o contexto em que ele é produzido e os objetivos do autor. Por tudo isso, é preciso deixar claro para o aluno qual tipo de resumo que você está focalizando na aula, a que ele se destina, para, então, ensinar como deve ser produzido.

De um modo geral, há três tipos mais conhecidos de resumo: o *resumo indicativo*, o *resumo informativo* e o *resumo crítico*.

O *resumo indicativo*, como o nome já diz, apenas indica brevemente o tema do texto, a questão levantada pelo autor, o ponto de vista que usou para examiná-la e a conclusão a que chegou. Um bom exemplo desse tipo de resumo são os resumos de artigos científicos, de monografias, de dissertações e de teses, que são produzidos pelos próprios autores do texto original. Também as sinopses de filmes publicadas nos jornais são outro exemplo de resumo indicativo. Com a leitura desses dois tipos de resumo, você tem uma idéia geral do assunto abordado no artigo científico ou do enredo do filme, para, então, decidir pela leitura do artigo ou pela ida ao cinema para ver o filme.

O *resumo informativo*, por sua vez, guarda as características que definem o texto original, inclusive a forma como foi estruturado pelo autor. Assim, apresenta as informações relevantes sobre os conteúdos do texto, mostrando como as idéias foram desenvolvidas e articuladas pelo autor. A leitura desse resumo permite que o leitor (o professor) avalie a compreensão global do texto original e oferece um bom conhecimento dos conteúdos tratados, mesmo sem a leitura do texto original. O *resumo escolar*, que será focalizado nesta seqüência, é um exemplo típico de resumo informativo.

Finalmente, o *resumo crítico* configura-se como um resumo informativo, ao qual são incorporadas interpretações e avaliações críticas do leitor do texto e produtor do resumo. É bastante solicitado pelos professores no Ensino Superior e exige uma boa leitura e interpretação da obra.

Vale fazer uma pequena distinção entre *resumo crítico* e *resenha*: quando um resumo crítico é escrito por um especialista para persuadir o leitor a comprar ou ler determinada obra e é publicado em revistas especializadas, apresenta características formais, contexto de produção/circulação e funções sociais distintas do resumo crítico, sendo reconhecido como uma *resenha*.

Na seqüência didática a seguir, o objeto de ensino é o *resumo informativo* e, mais especificamente, o *resumo escolar*, assim denominado porque é produzido pelo aluno, circula na própria escola e tem como finalidades apontar as idéias consideradas importantes pelo autor do texto lido e mostrar a compreensão leitora do aluno. O resumo é importante como ferramenta para o estudo ou como estratégia de leitura. Porém, muitas vezes, é utilizado apenas como dispositivo avaliativo da leitura do aluno, prática esta que precisa ser evitada para que a produção de resumo ganhe a merecida relevância na escola. Não estamos, com isso, negando a sua importância também como meio de trabalhar as habilidades de leitura, como, por exemplo, a sumarização, a generalização, a reformulação etc.

No processo inicial de produção do resumo escolar, os alunos tendem a copiar *palavra por palavra* trechos selecionados do texto-base. Leve seus alunos a perceber que não se trata de fazer uma *cópia* reduzida de um outro texto, mas produzir um novo texto com as suas próprias palavras. Mostre, através de exemplos, que o resumo deve sempre indicar os dados do texto resumido, no mínimo, o nome do autor e o título, e que esse autor pode ser citado em diferentes partes do resumo e de diversas formas (pelo sobrenome, pela expressão “o autor”, pelos pronomes *ele/ela* etc.), para atribuir-lhe ações discursivas como, por exemplo, “o autor diz (ou questiona ou menciona ou defende etc.)”. Finalmente, oriente-os a não incluir comentários pessoais ou informações que não estejam presentes no texto-base, e que utilizem o vocabulário e a norma gramatical adequados à situação escolar.

Nesta seqüência didática, focalizaremos não só o “produto” *resumo*, mas o seu processo de produção, que envolve estratégias de leitura, compreensão, sumarização e escrita. Portanto, os objetivos pretendidos aqui são amplos, até porque sabemos que o ensino-aprendizagem do gênero resumo desenvolverá percepções e capacidades nos alunos que, certamente, serão transmitidas e utilizadas na produção de outros gêneros, em outras situações comunicativas.

Para saber mais:

- ABREU-TARDELLI, Lílian; LOUSADA, Eliane S.; MACHADO, Anna Rachel (2004). *Resumo*. São Paulo: Parábola Editorial.
- MACHADO, Anna Rachel.(2002). Revisitando o conceito de resumo. In: DIONISIO, Angela; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs). *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, p. 138- 150.

Onde encontrar:

Os resumos podem ser encontrados em artigos científicos, em catálogo de livros, na programação televisiva, etc. Alguns sites trazem exemplos de resumos, como o que seguem.

Sites:

- <http://www.pucrs.br/manualred/resumos.php>
- <http://www.brasilecola.com/redacao/resumo-texto.htm>
- http://www.ucb.br/prg/comsocial/cceh/normas_organinfo_resumo.htm

PRA RESUMIR...

Resumo

4º Ciclo do Ensino Fundamental (7ª e 8ª séries)

Eixos de ensino	Passo-a-passo	Material didático	Observações
Leitura	<p>1º momento: Colete e traga, para a sala de aula, alguns textos que tenham informações resumidas de um - outro texto - livro, filme, novela de TV etc. - como, por exemplo, um resumo dos capítulos de uma novela, um resumo de um filme em exibição no cinema (ambos encontrados nos jornais, diariamente) e uma resenha de um livro (encontrada em revistas) (ver anexo 1).</p> <p>Divida seus alunos em grupos.</p> <p>Escreva no quadro as seguintes questões:</p>	Textos Diversos (Anexo 1)	<p><i>O número de aulas necessárias nesta seqüência é variável. Dependerá do número de alunos na turma e do ritmo de trabalho deles.</i></p> <p>O ideal é que os alunos entrem em contato com material autêntico, no suporte em que circulam, ou seja, que você traga, para a sala, o jornal, a revista etc., onde se encontram os textos que você escolheu para essa atividade.</p>
Oralidade	<p>Sobre cada um dos textos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Qual o autor? É possível identificá-lo? ▪ Onde foi encontrado o texto? ▪ Quais são os seus possíveis leitores? Você poderia ser um deles? ▪ Qual a sua utilidade? ▪ Que características apresenta? ▪ Quando você acha que foi produzido? ▪ Que nome é dado ao texto? 	Quadro Piloto/giz	<p>Se você tiver dificuldade em coletar jornais, revistas semanais, jornal da TV, catálogos, informativos de locadoras etc., então utilize cópias das amostras que estão no Anexo 1.</p>
Escrita	<p>Solicite que os alunos leiam os textos que serão distribuídos,</p>		<p>Circule entre os grupos, monitorando o trabalho dos alunos. Todos os gêneros trabalhados na sala têm, em comum, uma síntese das informações de um outro texto. Os resumos de capítulo de novela e de filmes são bastante conhecidos dos alunos, mas a <i>resenha de livro</i> talvez seja um gênero bem menos familiar. Leia a diferença entre o resumo e a resenha, no décimo parágrafo do texto introdutório dessa seqüência.</p>

<p>Escrita</p>	<p>discutam as questões acima e façam anotações sobre as conclusões do grupo. Distribua os textos e uma folha de papel para cada grupo. Enquanto os alunos discutem, reproduza a Tabela 1 (Anexo 2) no quadro.</p> <p>Dê início à discussão oral das respostas às questões propostas. Com a ajuda dos alunos, sistematize as conclusões na tabela.</p>	<p>Tabela 1 (anexo 2)</p>	<p>Normalmente, os “meninos” conhecem bem a <i>resenha esportiva</i>, que ouvem no rádio, depois do jogo de futebol. Esse conhecimento prévio pode ajudá-los a compreender a denominação e o conceito de <i>resenha de livro</i>. Nos dois casos – as resenhas de livro e de jogo – temos informações resumidas e críticas, positivas e/ou negativas, sobre um livro ou um evento, no caso, um jogo de futebol. O comentarista de futebol diz, na resenha, se o jogo foi bom ou ruim, se o jogador jogou como se esperava, se foi expulso etc... Na resenha de livro, o <i>resenhador</i> (autor da resenha) dá a sua opinião sobre o autor e a sua obra.</p>
<p>Oralidade</p>	<p>Pergunte aos seus alunos o que todos os textos têm em comum. Depois, solicite que apontem as diferenças básicas entre os <i>resumos</i> (de novela, de filme) e a <i>resenha</i> (de livro) que acabaram de ler.</p> <p>Lance as seguintes questões: para vocês, o que é um resumo? Vocês já produziram algum resumo? Em que situações?</p> <p>Construa, com os alunos, um conceito/idéia de <i>resumo</i>.</p> <p>Lembre-se que o conceito de resumo não precisa ser igual ao sugerido na coluna de comentários, ao lado. Os alunos, no seu dia-a-dia, produzem muitos resumos orais ao contar um filme, um capítulo de novela, um assalto, um caso de família ou um sonho. Comentar sobre essas práticas cotidianas facilita a compreensão do aluno.</p>	<p>Papel Lápis</p>	<p>Um conceito possível de resumo: É uma apresentação concisa dos conteúdos de um outro texto, com uma organização que reproduz a organização do texto original, com o objetivo de informar o leitor sobre esses conteúdos e cujo autor, geralmente, não é o autor do texto original.</p>
<p>Oralidade</p>	<p>2º momento: Introduza o tema do Texto 4 (Anexo 3), escrevendo “Aquecimento global” no quadro. Lance esta questão para discussão oral: o que é aquecimento global?</p> <p>Diga aos alunos que eles vão saber o que a ciência diz, hoje, sobre o aquecimento global e os seus efeitos.</p>	<p>Cópias do Texto 4 (anexo 3)</p>	<p>Os alunos podem, nesse momento, discutir entre si a relevância ou não das informações selecionadas. Em caso de discordância, peça que eles justifiquem a importância atribuída àquela informação.</p> <p>A capacidade de <i>selecionar informações</i> é essencial nos dias atuais, pois o imenso volume de informações e a diversidade de</p>

<p>Leitura</p> <p>Oralidade</p> <p>Escrita</p>	<p>Distribua cópias do Texto 4.</p> <p>Solicite que os alunos releiam o Texto 4, sublinhando ou fazendo anotações das informações que consideram as mais importantes presentes no texto.</p> <p>Faça uma discussão oral sobre as informações pontuadas pelos alunos. Ao longo da discussão, anote, no quadro, as informações.</p> <p>Revise o conceito de <i>resumo</i>, que foi construído coletivamente e discutido no momento anterior.</p> <p>Solicite que os alunos produzam um resumo do Texto 4.</p> <p>Recolha essa produção escrita para utilizar em momento posterior.</p>	<p>Papel Lápis</p> <p>Quadro</p>	<p>fontes podem dificultar a compreensão do aluno, pois a focalização sobre um tema se torna mais complexa.</p> <p>Nesse momento, os alunos vão produzir um resumo baseado nos seus conhecimentos prévios sobre o gênero. Os alunos vão poder comparar essa primeira produção com outra que deverão realizar em momento posterior, no final da seqüência.</p>
<p>Leitura</p> <p>Oralidade</p>	<p>3º momento: Divida os alunos em grupos pequenos. Distribua cópias dos Resumos 1 e 2 (ver anexo 4).</p> <p>Solicite que os grupos leiam os textos e discutam as seguintes questões:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Que textos são esses que vocês têm em mãos? ▪ Qual o tema abordado nos dois textos? ▪ Quais as diferenças e semelhanças entre os dois textos? <p>Peça que os grupos explicitem suas respostas.</p> <p>Lance uma questão final para reflexão:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Se o objetivo do produtor do resumo era apenas o de <i>indicar</i> o assunto tratado no texto original, qual dos 	<p>Quadro Piloto/giz</p>	<p>O agrupamento dos alunos em grupos pequenos facilita a interação entre eles, além de permitir um maior controle da turma e da atividade em processo.</p> <p>O aluno poderá ampliar o seu conceito de resumo ao perceber que há tipos diferentes de resumos, uns mais informativos que outros.</p> <p>Algumas categorizações de resumos (<i>resumo informativo, resumo indicativo etc.</i>) não são imprescindíveis agora. O importante é que os alunos percebam que os resumos podem variar, que não são estruturas fixas.</p> <p>Com essa reflexão final, você pode mostrar</p>

	<p>resumos seria o mais adequado?</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Se o objetivo do produtor era o de resumir todas as informações principais presentes no texto-fonte, qual dos resumos seria o mais adequado? <p>Discuta com os alunos a questão da <i>adequação</i> do resumo à situação de produção e ao objetivo do produtor. Mostre que os resumos podem variar de acordo com esse objetivo (Ver coluna de comentários), ampliando, assim, o conceito inicial de resumo.</p> <p>Recolha as cópias dos Resumos 1 e 2, para uso no próximo momento.</p>	Resumos 1 e 2 (anexo 4)	aos alunos que um resumo não é <i>melhor</i> que o outro. O resumo deve, sim, ser <i>adequado</i> à situação e ao objetivo do produtor.
Leitura	4º momento Ainda nos mesmos grupos, distribua as cópias dos Resumos 1 e 2 (já trabalhados) e do Resumo 3.	Resumos 1, 2 e 3 (anexo 4)	Os alunos vão ler e reconhecer um <i>resumo crítico</i> (Resumo 3).
Oralidade	Solicite que os alunos comparem os resumos já trabalhados (1 e 2) com o Resumo 3 e discutam no grupo:		Os alunos vão perceber a presença de <i>comentários avaliativos</i> sobre o texto-fonte no corpo do resumo, como, por exemplo, “tema interessante e atual”; “de forma bastante esclarecedora”.
Análise Linguística	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Quais as diferenças entre os resumos já lidos anteriormente e o Resumo 3? ▪ Qual o objetivo de quem escreveu o Resumo 3? <p>Solicite que os alunos releiam o Resumo 3 e marquem os trechos onde o autor do resumo emite sua opinião/avaliação do texto-fonte.</p>		O Resumo 3 é um resumo que incorpora também interpretações e avaliações críticas (positivas ou negativas) do leitor do texto-fonte e produtor do resumo.
Oralidade	Discuta com os alunos: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Quais os termos usados para avaliar o texto-fonte? ▪ A que categorias gramaticais pertencem e que função desempenham no Resumo 3? ▪ Quais modificações poderiam ser feitas no Resumo 3, para que o seu leitor percebesse uma crítica <i>negativa</i> ao texto-fonte? 		Os adjetivos e advérbios estão muito presentes no resumo crítico: “tema interessante e atual ” (adjetivos); “panorama bastante esclarecedor ” (advérbio + adjetivo), pois fazem parte de construções que qualificam a obra que está sendo resumida. Aproveite para mostrar como certas expressões adverbiais e adjetivas, usadas numa descrição ou

<p>Discuta com a turma a adequação dos termos sugeridos por eles para avaliar o texto-fonte.</p> <p>Distribua algumas revistas que contenham resenhas de livro, CDs e vídeos. Permita que os alunos leiam e se familiarizem com as resenhas.</p> <p>Incentive os alunos a tecer alguns comentários acerca das resenhas lidas.</p>		<p>comentário sobre um texto, podem expressar opiniões e sentimentos.</p> <p>Mostre ao aluno a importância das escolhas lexicais, dos termos de elogio e crítica na produção do resumo crítico.</p> <p>A crítica negativa pode também estar presente no resumo crítico, sem, no entanto, ofender ou denegrir a imagem ou a obra do autor. A crítica positiva exagerada pode também causar um efeito indesejado, dando a impressão que se quer agradar a todo custo</p>
<p>5º momento</p> <p>Partindo do conhecimento que os alunos já construíram sobre o gênero, inicie a caracterização do resumo.</p> <p>Distribua cópias do Resumo 2 (anexo 4).</p> <p>Escreva, no quadro, os seguintes tópicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Título do texto original: ▪ Nome do Autor: ▪ Tema: ▪ Síntese das informações: <p>Solicite que os alunos busquem essas informações no Resumo 2.</p> <p>Monitore a tarefa e cheque se os alunos apreenderam corretamente as informações solicitadas.</p> <p>Discuta com os alunos as possíveis variações dos elementos característicos presentes nos resumos. (Ver coluna de comentários, ao lado).</p> <p>Volte a distribuir cópias de um resumo de livro (anexo 1) para que os</p>	<p>Piloto Quadro/giz Resumo 2 (anexo 4)</p>	<p><i>Você irá focalizar, a partir de agora, o resumo informativo, por ser o tipo mais recorrente na escola. Procure deixar isso claro para os alunos.</i></p> <p>Essa atividade levará o aluno a identificar alguns elementos básicos presentes na maioria dos resumos.</p> <p>Procure se certificar de que os alunos percebem a diferença entre título (o nome dado ao texto) e tema (o assunto abordado). Mostre que um tema é sempre algo mais amplo (educação pública, globalização, efeito estufa etc.), e que o texto pode discutir apenas um aspecto do tema.</p> <p>A estrutura do resumo deve refletir a do texto original: Se o texto a resumir for um livro ou um filme, o produtor deverá fazer uma síntese</p>

	<p>alunos observem como a síntese das informações podem ser apresentadas de modos diversos. Recolha as cópias dos resumos para que sejam utilizadas no próximo momento.</p>		<p>narrativa (Na comédia romântica “Uma linda mulher”, a atriz Julia Roberts é Ann...); O livro “O caçador de pipas”, de Kahled Hosseini, conta a história de dois garotos afegãos ...). Se o texto a ser resumido for expositivo ou argumentativo, o produtor do resumo deverá apresentar a questão levantada pelo autor (o autor <i>questiona...</i>), uma síntese das idéias e argumentos defendidos por ele (o autor <i>defende, mostra</i> etc.) e a conclusão a que o autor chegou (Portanto, o autor conclui que...). Logo, no resumo informativo, a tipologia predominante (narração, descrição, exposição etc.) deve ser a mesma do texto-fonte.</p>
<p>Leitura</p>	<p>6º momento Distribua cópias do Resumo 2. Divida os alunos em duplas e solicite que os alunos releiam o Resumo 2. Peça que os alunos circulem, no resumo, as diferentes referências feitas aos autores do texto-fonte.</p>	<p>Cópias do Resumo 2 (anexo 4)</p>	<p><i>Nesse momento trataremos a questão da autoria do texto-fonte e do resumo.</i></p> <p>Os alunos deverão apresentar os modos diferentes de fazer referência ao autor do texto-fonte: o nome completo dos autores, <i>os autores, eles</i> e, finalmente, os sobrenomes.</p> <p>É importante que o aluno perceba que, apesar de escrevermos o resumo com nossas próprias palavras, estamos escrevendo sobre um outro texto, de outro autor. Citar esse autor constantemente no resumo mostra que as idéias apresentadas são dele. Se omitirmos o nome do autor, o leitor poderá pensar que as idéias são nossas,</p>
<p>Oralidade</p>	<p>Solicite que uma dupla voluntária apresente, para a turma, os elementos que circularam no texto.</p> <p>Solicite que os alunos discutam, em duplas, as seguintes questões:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Qual o objetivo do autor do resumo ao citar o autor do texto-fonte? 		

	<ul style="list-style-type: none"> • Por que usou o nome completo do autor no início do resumo? <p>Mostre ao aluno que o procedimento de fazer referência ao autor também caracteriza o resumo.</p> <p>Solicite que os alunos discutam, em duplas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Se o autor do texto-fonte fosse o Presidente Lula, que expressões você poderia usar para fazer menção a ele, ao longo do resumo? <p>Discuta com os alunos as opções apresentadas e a necessidade de adequação das referências ao contexto de produção do resumo.</p> <p>Solicite que os alunos leiam textos em jornais (reportagens, notícias, editoriais etc.) e anotem os diferentes modos com que os autores dos textos se referem a uma mesma pessoa.</p>		<p>e isso não é uma conduta ética.</p> <p>Na abertura do resumo é importante citar o autor usando o seu <i>nome completo</i>, pois é a primeira vez que ele é apresentado ao leitor. Depois, pode-se utilizar outras expressões para fazer essa referência. Essa é uma boa oportunidade para trabalhar a <i>coesão referencial</i>, o uso de pronomes (<i>Ele mostra que...</i>), expressões nominais (<i>O escritor afegão conta...</i>) para se referir a algum termo do texto.</p> <p>Os alunos podem oferecer muitas opções de referência neste caso, até por conhecerem melhor o autor (Presidente Lula): <i>Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Presidente Lula, Lula, o presidente, o ex-sindicalista, o ex-metalúrgico, o presidente brasileiro, o morador do Alvorada, o Petista etc.</i></p>
<p>Leitura</p> <p>Oralidade</p>	<p>7º momento</p> <p>Distribua cópias do Texto 4 (anexo 3) e da Tabela 2 (anexo 5). Solicite que os alunos façam uma leitura silenciosa do texto.</p> <p>Divida os alunos em grupos pequenos.</p> <p>Solicite que, juntos, identifiquem e numerem os parágrafos do texto. Cheque, oralmente, a resposta dos alunos e discuta a relação parágrafo – idéia central ou principal.</p>	<p>Tabela 2 (anexo 5)</p> <p>Cópias do Texto 4 (anexo 3)</p> <p>Quadro Piloto/giz</p>	<p><i>Os alunos vão ler o texto original e apreender a idéia veiculada em cada parágrafo.</i></p> <p>Aproveite a oportunidade para reforçar o conceito de <i>parágrafo</i>. Mostre que cada parágrafo veicula, geralmente, uma idéia principal, e, em torno dela, outras secundárias.</p>

Escrita	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Que informações foram generalizadas? <p>Solicite que os grupos preencham a última coluna da Tabela 2 (anexo 5).</p> <p>Depois, solicite que troquem as tabelas entre si. Cada grupo vai ler a tabela produzida pelo outro grupo e avaliar a tarefa.</p>	<p>texto do resumo deve ser compreensível em si mesmo, sem a necessidade de recorrer ao texto fonte;</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Não se trata de uma regra rígida, mas os resumos são geralmente desenvolvidos em um só parágrafo. <p><i>Os alunos podem comparar o texto original com o resumo para analisar as estratégias de sumarização.</i></p> <p>No processo de sumarização são feitos muitos apagamentos: de conteúdos que podem ser percebidos pelo próprio leitor, de exemplos, de sinônimos e explicações, de justificativas para uma afirmação etc.</p> <p>São também reformuladas algumas informações. Podem reunir vários termos em um só mais geral. Algumas informações são preservadas porque são imprescindíveis e não-resumíveis.</p> <p>Duas ou mais informações ou idéias podem ser reunidas, contrastadas, introduzidas etc. por meio de conectores: <i>e, ou, assim, por isso, mas, logo</i> etc.</p>
Leitura	<p>9º momento</p> <p>Selecione um texto cujo tema desperte o interesse dos alunos. Distribua cópias e solicite que produzam um resumo.</p>	<p>Texto</p> <p>O ideal é que essa produção seja feita em sala. Assim, você poderá monitorar e orientar melhor os alunos.</p>

Anexos

Anexo 1:



Exemplos de textos com informações resumidas de outro texto:

Texto 1:

61 TELECINE PREMIUM
DIA 16 SÁBADO 22h

Trocando as bolas

Na comédia romântica *Sorte no Amor*, a atriz Lindsay Lohan, de “*Meninas Malvadas*”, e Ashley Allbright, uma dondoca nova-iorquina que tem miuta sorte em tudo que faz. Durante um baile de máscaras, conhece Jake Hardim (Chris Pine), considerado a pessoa mais azarada da Big Apple. Em um ato impulsivo, os dois se beijam e, misteriosamente, seus destinos são trocados.



Um beijo muda a vida de Lindsay lojan

Texto 2:

A Construção do Samba de Jorge Caldeira (Mameluco; 224 páginas; 27 reais) - Há uma visão romântica consagrada segundo a qual o samba é um gênero musical “autêntico”, que nasceu no meio do povo, sem contaminações comerciais. O historiador Jorge Caldeira demonstra que não é nada disso; o samba se consolidou, entre 1917 e 1939, graças ao rádio e à incipiente indústria do disco.

Os compositores pioneiros, como Donga e Pixinguinha, tinham um apurado senso de mercado, nos termos mais diretos; gostavam de ganhar dinheiro. Complementado com um rico material fotográfico, *A Construção do Samba* inclui, além do ensaio que lhe dá título, a biografia breve *Noel Rosa de Costa para o Mar*, dedicada ao autor de *Conversa de Botequim* e outros sambas antológicos.



Texto 1: resumo de filme (Fonte: *Super Guia*, revista da NET, jul de 2007, nº 52)

Texto 2: resenha de livro (Fonte: *Veja*, Edição 2009, ano 40, nº 20, 23 mai 2007)

Texto 3:

Record/Divulgação

}}REDE BANDEIRANTES/TV CLUBE

(17h30) Paixoes proibidas

Estevão e Adelaide se beijam e Padre Bernado vê a cena escandalizado. Olinda e Rita estão sob a mira dos soldados franceses que exigem jóias e dinheiro. Domingos aparece de surpresa e mata dois. Quando está prestes a ser vencido pelo terceiro, Rita o acerta com um tiro. Pedro interroga Dinis para saber se ele fez os votos. Elisa demonstra surpresa Pedro pergunta a Álvaro se ele sabe de algum envolvimento entre Dinis e Ângela.

}}REDE GLOBO

(18h25) Etema magia

Nina diz que perdeu Conrado para sempre e que sabe disso porque é uma valentina. Eva se declara para Conrado. Pérola coloca um cristal em cima do mapa da região e reza. Max se irrita. Inácia pergunta se Pérola ama Max e ela assente. Pérola diz que jamais contou para Max,



porque se sente culpada pela morte da irmã. Lucas encontra o avião destrotado e vê Conrado e Eva dormindo abraçados.

(19h25) Pé na jaca

Rosa revela a Tadeu que descobriu o nome do comprador da fábrica. Lance diz a Arthur que eles têm que deter Morgana. Cândido se ofende com as acusações de que teria escondido o baú. Lance vende umas jóias de Maria a Juan, que as revende para Morgana. Lance é acusado de pegar as jóias e diz que Morgana é a mandante. Tanaka encontra as jóias no apartamento de Morgana e toma o seu passaporte. Maria encontra o exame de Lance.

(20h55) Paraíso tropical

Marion garante a Xavier que não foi Taís que roubou o documento. Fred diz a Taís que está interessado em comprar uma jóia do italiano. Daniel pede que Barreto procure hotéis de charme perto do Rio e diz a Nereu que quer fazer uma surpresa. Paula comenta com Taís que Antenor não gostou dela. Dinorá ouve Iracema Olavo reage forte ao ver Bebel e Rolf no restaurante do hotel.

Nota da redação: as sinopses das novelas são de inteira responsabilidade das emissoras, ficando a seu cargo eventuais alterações.

anexo 2:

Tabela 1:

 (para reproduzir no quadro ou em cartolina) 

	Texto 1	Texto 2	Texto 3	
Autor				
Local onde circula				
Possíveis leitores				
Função				
Características				


Texto 4 Aquecimento global: megassoluções para um megaproblema


Okky de Souza e Leoleli Camargo

O aquecimento global é estudado há 25 anos – mas pode-se dizer que 2006 foi o ano em que a humanidade tomou consciência de que a crise ambiental é real e seus efeitos, imediatos. Novas pesquisas científicas dissiparam a mínima dúvida de que o aumento repentino da temperatura planetária se deve à ação humana, com escassa contribuição de qualquer outra influência da natureza. Até os ecocéticos aceitam agora a idéia assustadora de que o tempo disponível para evitar a catástrofe global está perigosamente curto. Não há mesmo como ignorar o problema. Como uma praga apocalíptica, as mudanças climáticas já afetam o cotidiano de bilhões de pessoas de forma impossível de ser ignorada. Uma prévia do relatório anual da Organização Meteorológica Mundial, órgão da ONU que avalia o clima na Terra, divulgada em dezembro, mostra que 2006 foi marcado por uma série de recordes sombrios no terreno das alterações climáticas e das catástrofes naturais.

Pela primeira vez desde que começaram as medições, no século XIX, o termômetro chegou aos 40 graus em diversas regiões temperadas da Europa e dos Estados Unidos. A Somália foi castigada pelas enchentes mais devastadoras do último meio século. A calota gelada do Ártico ficou 60.400 quilômetros quadrados menor – ou seja, uma área equivalente a duas vezes o estado de Alagoas virou água e ajudou a elevar o nível dos oceanos. Na China, segundo o relatório, a pior temporada de ciclones em uma década resultou em 1.000 mortes e 10 bilhões de dólares em prejuízos. Na Austrália, o décimo ano seguido de seca impiedosa agravou o processo de desertificação do solo e desencadeou incêndios florestais com virulência nunca vista. Sabe-se que o relatório final da Organização Meteorológica Mundial, a ser divulgado em fevereiro, prevê o desaparecimento total do gelo no Ártico durante os meses de verão já a partir de 2040. Isso pode significar a extinção do urso-polar em seu habitat.

Todos esses transtornos são decorrência do aumento de apenas 1 grau na temperatura média do planeta nos últimos 100 anos. Estudos estimam que, mantido o ritmo atual, a temperatura média da Terra subirá entre 2 e 4,5 graus até 2050. O debate científico não é mais sobre em que momento dos

próximos cinqüenta anos o aquecimento global se abaterá sobre nosso pobre planeta, mas sobre como escapar da arapuca que nós próprios armamos para as futuras gerações. É universalmente aceito que, para evitar a piora da situação, seria preciso parar de bombear na atmosfera dióxido de carbono, metano e óxido nitroso. Esses gases, resultantes da atividade humana, formam uma espécie de cobertor em torno do planeta, impedindo que a radiação solar, refletida pela superfície em forma de calor, retorne ao espaço. É o chamado efeito estufa, e a ele cabe a responsabilidade maior pelo aumento da temperatura global.

Diante desse quadro sombrio, ganha impulso entre cientistas e políticos a idéia de que ações pontuais, por mais bem-intencionadas, podem não ser suficientes para estancar o aquecimento gradual da Terra. Por sua magnitude, problemas globais exigem soluções também globais. Ou seja, intervir nos processos que causam o aquecimento do planeta é uma tarefa demasiadamente complexa para ser resolvida com o esforço individual das nações. Ainda mais quando se sabe que nenhum país conseguirá diminuir drasticamente as emissões de dióxido de carbono (CO₂), o principal vilão do efeito estufa. Isso significaria frear o ritmo de suas indústrias e usinas termelétricas, acarretando enormes prejuízos à economia. Os cientistas que defendem as soluções globais para o aquecimento da Terra avaliam que só com idéias que envolvem um esforço mundial se poderá reduzir o problema. (...) (Fonte: *Veja*. São Paulo: Abril. N.52, 30 dez. 2007.)

Glossário:

- **Megaproblema:** um problema de grandes proporções.
- **Ecocéticos:** aqueles que não acreditam numa crise ambiental.
- **Praga apocalíptica:** desgraça coletiva que anuncia o fim do mundo.
- **Com virulência:** de forma devastadora; com muita violência.

Anexo 4:

Resumo 1

No texto “Aquecimento global: 7 megassoluções para um mega problema”, Okky de Souza e Leoleli Camargo apresentam um panorama do aquecimento do planeta e mostram que, no estágio atual, apenas soluções globais e um esforço mundial podem combater o problema.

Resumo 2

Em “Aquecimento global: 7 megassoluções para um mega problema”, Okky de Souza e Leoleli Camargo apresentam um panorama sobre uma crise que ameaça o planeta: o aquecimento global. Os autores mostram que, embora seja estudado há mais de 25 anos, só a partir de 2006 a humanidade tomou consciência desse fenômeno, porque o aquecimento do planeta passou a afetar o cotidiano das pessoas através de alterações climáticas sombrias e de catástrofes naturais. Eles citam, por exemplo, as altíssimas temperaturas registradas nas regiões temperadas, o agravamento da desertificação e dos incêndios florestais na Austrália, os ciclones na China, a redução da calota do Ártico que, segundo a ONU, deve desaparecer por volta de 2040 junto com certas espécies de animais, como o urso polar. Souza e Camargo dizem que já existem verdades universalmente aceitas hoje sobre a questão, como a de que o aumento da temperatura média do planeta, responsável por todas essas catástrofes naturais, apenas pode ser evitado com o controle da emissão dos gases responsáveis pelo efeito estufa, principalmente o dióxido de carbono. Outra constatação é a de que esforços isolados de algumas nações, embora bem-intencionados, não são mais suficientes para resolver o problema do aquecimento global. Segundo cientistas e políticos, apenas soluções globais que provoquem uma redução drástica nos níveis de emissão de dióxido de carbono podem mudar esse quadro sombrio.

Resumo 3

Em “Aquecimento global: 7 megassoluções para um mega problema”, Okky de Souza e Leoleli Camargo apresentam um panorama bastante esclarecedor sobre uma crise que ameaça o planeta: o aquecimento global. Os autores mostram que, embora seja estudado há mais de 25 anos, só a partir de 2006, a humanidade tomou consciência desse fenômeno, porque o aquecimento do planeta passou a afetar o cotidiano das pessoas através de alterações climáticas sombrias e de catástrofes naturais. Eles citam, por exemplo, as altíssimas temperaturas registradas nas regiões temperadas, o agravamento da desertificação e dos incêndios florestais na Austrália, os ciclones na China, a redução da calota do Ártico que, segundo a ONU, deve desaparecer por volta de 2040, junto com certas espécies de animais, como o urso polar. Souza e Camargo dizem claramente que já existem verdades universalmente aceitas hoje sobre a questão, como a de que o aumento da temperatura média do planeta, responsável por todas essas catástrofes naturais, apenas pode ser evitado com o controle da emissão dos gases responsáveis pelo efeito estufa, principalmente o dióxido de carbono. Outra constatação é a de que esforços isolados de algumas nações, embora bem-intencionados, não são mais suficientes para resolver o problema do aquecimento global. Segundo cientistas e políticos, apenas soluções globais que provoquem uma redução drástica nos níveis de emissão de dióxido de carbono podem mudar esse quadro sombrio. O texto é conciso, mas bastante informativo.

 **Tabela 2: Identificação das idéias presentes no texto-base por parágrafo (Ficha do Aluno)** 

§	Idéia do parágrafo	Como está no Resumo...	Apagamentos/generalizações
1			
2			
3			
4			

Tabela 2

 (Sugestão de preenchimento da tabela 2) 

§	Idéia	Como está no Resumo	Apagamentos/ reformulações
1	Apesar de o aquecimento global ser um fenômeno estudado há mais de 25 anos, só em 2006, a humanidade tomou consciência que essa crise é real, e seus efeitos são imediatos. Mesmo os mais radicais, que se recusavam a acreditar nessa catástrofe, já não podem ignorar o problema. As pesquisas comprovam que a ação humana é responsável pelas alterações percebidas no clima da terra que resultam em catástrofes naturais.	Os autores mostram que, embora seja estudado há mais de 25 anos, só a partir de 2006, a humanidade tomou consciência desse fenômeno, porque o aquecimento do planeta passou a afetar o cotidiano das pessoas através de alterações climáticas sombrias e de catástrofes naturais.	Apagamentos de informações: referência ao relatório da ONU; comentário sobre os “ecocéticos”; etc. Generalizações: os ecocéticos, as pessoas, os cientistas etc. <i>por</i> toda a humanidade.
2	Algumas regiões temperadas apresentam temperaturas de quase 40°, a Somália foi castigada pelas enchentes, a calota polar do Ártico ficou menor, a China teve a pior temporada de ciclones, causando mortes e prejuízos, na Austrália a seca provocou incêndios gravíssimos nas florestas e a desertificação intensificou-se. O relatório da ONU prevê a degelo do Ártico em 2040 e a extinção do urso polar junto com seu habitat natural.	Eles citam, por exemplo, as altíssimas temperaturas registradas nas regiões temperadas, o agravamento da desertificação e dos incêndios florestais na Austrália, os ciclones na China, a redução da calota do Ártico que, segundo a ONU, deve desaparecer por volta de 2040 junto com certas espécies de animais, como o urso polar.	Apagamento de informação e generalização.

3	<p>Todos esses transtornos decorrem do aumento de 1 grau na temperatura média do planeta nos últimos 100 anos. Se esse ritmo continuar, a temperatura subirá 2 a 4,5 graus até 2050. O debate agora é como solucionar o problema que afetará as próximas gerações. Todos concordam que o único caminho é parar de emitir gases como o dióxido de carbono, metano e óxido nitroso na atmosfera, responsáveis pelo efeito estufa que provoca o aumento da temperatura global.</p>	<p>Souza e Camargo dizem que, hoje, já existem verdades universalmente aceitas sobre a questão, como a de que o aumento da temperatura média do planeta, responsável por todas essas catástrofes naturais, apenas pode ser evitado com o controle da emissão dos gases responsáveis pelo efeito estufa, principalmente o dióxido de carbono.</p>	<p>Apagamento de informação que o leitor pode inferir do seu conhecimento de mundo.</p>
4	<p>Diante desse quadro, cientistas e políticos concordam que ações pontuais não podem mais deter o avanço do aquecimento da terra. É preciso que ações globais sejam desenvolvidas para diminuir drasticamente as emissões de dióxido de carbono na atmosfera, o maior vilão do efeito estufa, e nenhum país sozinho pode dar conta dessa complexa tarefa. Os cientistas acreditam que idéias que envolvem esforços mundiais podem dar conta do problema.</p>	<p>Outra constatação é a de que esforços isolados de algumas nações, embora bem-intencionados, não são mais suficientes para resolver o problema do aquecimento global. Segundo cientistas e políticos, apenas soluções globais que provoquem uma redução drástica nos níveis de emissão de dióxido de carbono podem mudar esse quadro sombrio.</p>	<p>Reformulações, generalizações e apagamentos.</p>

 **Exemplos de estratégias de sumarização:** 

a) Apagamento (regras seletivas): selecionam-se os conteúdos relevantes do texto, com o apagamento de informações redundantes ou das informações desnecessárias à compreensão de outras proposições.

- Selecionar/cancelar

João viajou <u>bem cedinho</u> para <u>a fria</u> Gravatá.	João viajou para Gravatá.
Maria brincou com a bola e a boneca. A bola era azul e tinha q uadrados brancos. A boneca era uma Barbie.	Maria brincou com a bola e a boneca. <i>ou</i> Maria brincou.

b) Substituição (regras construtivas): construção de novas proposições, ausentes no texto original, mas que englobam informações expressas ou pressupostas no texto.

- Generalização: substitui-se uma série de nomes de seres, de ações e de propriedades por um nome de ser, de ação e de propriedade mais geral.

lavar pratos, passar roupa, limpar tapete	trabalhar em serviços domésticos
---	----------------------------------

- Construção: substitui-se uma seqüência de proposições – expressas ou pressupostas – por uma proposição que é inferida delas, através da associação de seus significados.

João tomou um táxi, desceu na rodoviária, comprou uma passagem, esperou o ônibus, entrou, tomou o lugar reservado a ele etc.	João viajou.
--	--------------

PROFESSOR, HOJE OS ESPECIALISTAS SOMOS NÓS!

Seminário escolar

3º Ciclo do Ensino Fundamental (5ª e 6ª séries)
Ana Regina Ferraz Vieira

Objetivo geral: refletir sobre o gênero *seminário* e suas dimensões ensináveis na escola, explorando algumas de suas fases constitutivas, inclusive a apresentação oral pública.

Objetivos específicos

Por meio da participação nas atividades, espera-se que os alunos aprendam a:

- mobilizar conhecimentos prévios, aplicando-os a novas situações;
- pesquisar, selecionando informações em fontes diversas de referência e em diferentes suportes, analisando-as;
- organizar/estruturar a sua fala, argumentar, fazer comentários pertinentes, expressar idéias e interagir com colegas e com o professor;
- discorrer, espontaneamente, sobre um tema (não só *decorar* ou *ler* o trabalho escrito), adequando o registro à situação comunicativa e reconhecendo marcas lingüísticas recorrentes do gênero;
- reconhecer a importância do tom da voz, do olhar, dos gestos, dos movimentos corporais, das imagens, dos efeitos sonoros e das relações entre as modalidades oral e escrita da língua para a construção de sentidos;
- utilizar recursos tecnológicos – computadores, *slides*, *Internet*, projetores, transparências, entre outros – para a integração palavra-imagem-som;
- avaliar, criticamente, o que vê, ouve, lê e escreve nos seminários.

**ESTE TEXTO SE DESTINA A FORNECER INFORMAÇÕES BÁSICAS SOBRE O GÊNERO PARA O PROFESSOR.
NÃO DEVE SER USADO COM OS ALUNOS.**

Caro Professor,

O termo “seminário” tem raízes na palavra latina *seminarium(ii)*, derivada de *semen(inis)*, isto é, “semente”, e possui diversas acepções em diferentes dicionários da nossa língua materna, todas elas relacionadas, de alguma forma, à noção de semear conhecimentos e valores. Dos significados encontrados, o mais próximo ao que aqui nos referimos (o seminário escolar) é “uma aula dada por um grupo de alunos, em que há debate acerca da matéria exposta por cada um dos participantes”.

O seminário é uma prática que ganha cada vez mais espaço nos planejamentos de aula das diversas disciplinas escolares, nas sugestões de atividades nos livros didáticos, além de aparecer nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, como uma das propostas de tratamento dos gêneros como objetos de ensino-aprendizagem. Algumas das propostas mais recentes de ensino do seminário na escola através, de seqüências didáticas, seguem o modelo de seminário produzido no Ensino Superior, onde o gênero começou a ser construído. No entanto, apesar de os seminários acontecerem em outros contextos além da escola, como, por exemplo, universidades, congressos e ambientes corporativos, o ensino do seminário deve sempre partir daquilo que o professor e os alunos já (re)conhecem como *seminário escolar*, considerando suas características particulares de produção no Ensino Fundamental.

O gênero seminário pode ser compreendido como a apresentação oral de um trabalho de pesquisa, realizado por um grupo de alunos sobre um tópico específico. Essa apresentação oral é planejada e sistematizada pelos alunos com certa antecedência, e isso envolve, além do trabalho de pesquisa, a escolha e a produção de recursos necessários à realização da tarefa (*slides*, cartazes, esquemas, resumos etc.). Portanto, o caminho até a aguardada *apresentação do*

seminário deve ser construído com muita atenção e empenho dos alunos e sob contínua monitoração e orientação do professor.

O tema do seminário, por exemplo, é, muitas vezes, o responsável pelo maior ou menor engajamento dos alunos na atividade. Nossa proposta é que a discussão sobre o tema do seminário seja a primeira etapa do evento. Já a partir daí, estaremos desenvolvendo nos nossos alunos as habilidades de argumentar oralmente, de ouvir os argumentos dos outros (colegas e professor) e de negociar uma solução. Espera-se, ainda, que o interesse deles e a motivação pelo trabalho sejam bem maiores. Você pode, desde a escolha do tema, deixar claro como e quando avaliará o aluno e/ou grupo. Recomenda-se uma avaliação do grupo como um todo e ao longo do processo, seguindo critérios claros e construídos com os alunos. Isso ajudará na integração dos alunos menos participativos e reforçará a socialização dos conhecimentos.

Após a escolha do tema e dos modos de avaliação, segue-se uma fase importante do seminário – a pesquisa. Nesse momento, a sua participação é decisiva para que o trabalho contemple diferentes perspectivas e correntes de pensamento sobre o assunto, caso contrário, o grupo provavelmente buscará informações apenas no livro didático e na Internet. É fundamental que você mostre a importância de diversificar e selecionar as fontes de referência, portanto forneça algumas delas e oriente o grupo nessa fase. Na pesquisa, entra em cena o *letramento informacional*, que diz respeito não só à busca de informações, mas à seleção, organização e ao uso dessa informação. É interessante que a síntese, a organização final do material, a elaboração do *esquema de apresentação* e dos *roteiros individuais* sejam feitas em sala, sob a sua supervisão. Essa recomendação se justifica porque, na prática, os alunos dividem as tarefas entre os integrantes do grupo, perdendo, assim, o seminário a característica de um estudo em grupo e, também, a sua unidade textual. O resultado disso é um apendizado superficial e uma apresentação oral fragmentada, como uma “colcha de retalhos”.

No seminário escolar, a exposição oral não é a única forma encontrada pelos alunos para apresentar o seu trabalho, ou seja, cada apresentador pode escolher um ou mais gêneros (exposição oral, conversa informal etc.) para fazer a apresentação. Em alguns seminários, o apresentador pode optar por fazer apenas a *leitura oral de um gênero escrito* (o resumo, o livro didático etc.), que não é a forma ideal para desenvolver nos alunos as habilidades orais que desejamos. Cabe a você orientar seus alunos, mostrando as formas de apresentação mais eficientes e adequadas aos objetivos do seminário, aquelas que prenderão mais a atenção da audiência e permitirão interações que favorecem a construção coletiva de conhecimentos.

De uma forma geral, na etapa da apresentação oral, os seminários escolares se estruturam da seguinte forma: (I) *fase de abertura*: normalmente feita pelo professor que apresenta os alunos responsáveis e autoriza o início da apresentação; (II) *fase de introdução ao tema*: um dos alunos apresentadores faz a introdução do tema e apresenta o plano da apresentação; (III) *fase do desenvolvimento*: os apresentadores se revezam e apresentam seus sub-tópicos, utilizando *slides*, ou ilustrações, ou resumo distribuído com a audiência. Caso a escola disponha de recursos tecnológicos, o professor deve incentivar e facilitar a utilização desses recursos, trabalhando, interdisciplinarmente, com, por exemplo, o professor de informática; (IV) *fase da conclusão*: o professor faz alguma pergunta aos participantes e abre espaço para que a audiência faça perguntas; o debate deve ser incentivado pelo professor; (V) *fase do encerramento*: é uma etapa breve em que o professor ou o último aluno apresentador dá o seminário como encerrado.

Você pode reservar a aula posterior às apresentações para uma reflexão sobre os eventos, pois isso ajudará o aluno a melhor produzir o seminário e, também, a utilizar os conhecimentos construídos para produzir outros gêneros. Pode-se discutir, por exemplo, se a fala (mais ou menos formal) foi adequada à situação, se houve espaço para ouvir o outro, se o grupo prendeu a atenção do público e quais estratégias usou para esse fim, se os apresentadores souberam integrar a palavra do outro à sua palavra, argumentar e contestar sem ser agressivo, se souberam utilizar recursos materiais e se assumiram outros papéis durante a apresentação além dos de ouvintes e falantes.

Os seminários sempre foram vistos como eventos tipicamente orais e instrumentos para capacitar os alunos a utilizarem a linguagem oral no planejamento e realizações de apresentações públicas. Ao trabalhar com seminários na sala de aula, você perceberá que os seminários abrem um leque muito maior de possibilidades de ensino-aprendizagem, favorecem a interdisciplinaridade e o uso de outros modos de construir significados (imagens, gestos etc.) além da modalidade oral da língua.

Para saber mais:

Onde encontrar:

Os seminários são produzidos na escola, mas dificilmente são registrados (gravados e/ou filmados). Assim, o material para o estudo do gênero seminário provavelmente só poderá ser obtido caso se produza o seminário e caso se registre o evento

- ARAUJO, José Carlos Souza (1996). Para uma análise das representações sobre as técnicas de ensino. *In: Ilma P. A. Veiga (Org.). Técnicas de ensino: por que não?* Campinas, SP: Papirus, p. 11-34.
- BRAIT, Beth; ROJO, Roxane (2002). Organização de seminário ou exposição oral. *In: Gêneros: artimanhas do texto e do discurso. Coleção Linguagens e Códigos.* São Paulo: Escolas Associadas, pp.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEULY, Bernard; DE PIETRO, Jean-François; ZAHND, Gabrielle (2004). A exposição oral. *In: Roxane Rojo e Gláís S. Cordeiro (Org.). Gêneros orais e escritos na escola.* Campinas, SP: Mercado das Letras, pp. 215- 246.
- VIEIRA, A. R. F. (2005). *O seminário: um evento de letramento escolar.* 163 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

PROFESSOR, HOJE OS ESPECIALISTAS SOMOS NÓS!
Seminário e escolar

3º Ciclo do Ensino Fundamental (5ª e 6ª séries)

Eixos de ensino	Passo-a-passo	Material didático	Observações
<p>Oralidade Escrita</p>	<p>1º momento: Organize os alunos em grupos de quatro. Entregue para cada grupo uma <u>Ficha N°1</u> (modelo em anexo).</p> <p>Peça aos grupos que escrevam o que já sabem, o que acham que sabem e o que gostariam de saber sobre seminários na Ficha.</p> <p>Caso necessário, leia as seguintes perguntas para ajudar na reflexão:</p> <ul style="list-style-type: none"> (a) O que é um seminário? (b) Para que servem os seminários? (c) Que partes posso identificar num seminário? (d) Onde acontecem os seminários? (e) Que temas são tratados nos seminários? (f) De que forma podemos participar de um seminário? (g) Qual a diferença entre assistir a um seminário e apresentar um seminário? <p>Escreva no quadro a palavra SEMINÁRIO.</p> <p>Peça que um representante de cada grupo apresente o resultado da discussão. À medida que os representantes forem expondo as idéias recolhidas no grupo, você pode escrever no quadro palavras-chave que sintetizem tais idéias, em volta do nome SEMINÁRIO.</p>	<p>Ficha N°1 (anexo 1) Quadro Piloto/giz Papel Caneta/lápis</p>	<p><i>O número de aulas necessárias nesta seqüência é variável. Dependerá do número de alunos na turma e do ritmo de trabalho deles.</i></p> <p>Com essa discussão inicial, você permitirá que os alunos explicitem seus conhecimentos prévios sobre o seminário.</p> <p>As anotações servirão de apoio à memória quando os grupos forem socializar o resultado da discussão.</p> <p>A <u>Ficha N°1</u> deve ser recolhida para uso em outro momento. Os alunos, provavelmente, apresentarão, principalmente, idéias gerais sobre um dos aspectos do seminário: a apresentação oral para uma audiência.</p>

Oralidade	<p>2º momento: Partindo dos conhecimentos prévios dos alunos sobre seminários, apresente e explicita alguns aspectos dos seminários que não foram contemplados ou foram apenas parcialmente discutidos na atividade anterior.</p> <p>Construa um quadro para sistematizar as características do gênero e discutir os vários aspectos envolvidos na produção do seminário, desde a escolha do tema até o debate após apresentação oral, os modos de participação nas diferentes etapas do seminário (papéis etc.), a preparação dos recursos materiais e do esquema de apresentação, as marcas linguísticas presentes na apresentação, as questões de estilo, etc.</p>	Quadro Piloto/giz	<p>Aproveite para discutir, com os alunos, os estágios do gênero seminário e a importância de cada um deles para que o seminário atinja os objetivos esperados.</p> <p>Apresente a estrutura do seminário e as ações envolvidas em cada uma das seguintes etapas: (I) fase de abertura; (II) fase de introdução ao tema; (III) fase do desenvolvimento; (IV) fase da conclusão; (V) fase do encerramento.</p> <p><i>Na prática, essa estrutura pode apresentar algumas variações, como, por exemplo, a supressão do debate na fase de conclusão.</i></p>
Oralidade	<p>3º momento: Apresente aos alunos a proposta de uma rodada de seminários na turma. Ajude-os a:</p> <ol style="list-style-type: none"> a) Organizarem-se em grupos; b) Escolher os temas. <p>Discuta com os grupos:</p> <ol style="list-style-type: none"> c) O cronograma; d) Dia/hora para orientação dos grupos; e) O tempo para cada apresentação; f) Os critérios de avaliação; g) A entrega do trabalho de pesquisa escrito; h) A necessidade de diversificação das fontes de pesquisa; i) A necessidade de recursos materiais na apresentação. <p>Solicite que cada grupo escreva um <i>resumo</i> das decisões tomadas referentes aos itens acima.</p>	Quadro Piloto/giz	<p>A aula deve ser dedicada ao planejamento da proposta de trabalho com seminários. O número de alunos por grupo pode ser previamente definido por você.</p> <p>Você pode, também, apresentar algumas sugestões de temas. Lembre-se de que os temas devem partir do interesse dos alunos, caso contrário, eles não se sentirão motivados.</p> <p>Você pode ou não exigir a entrega do trabalho de pesquisa escrito. No entanto, o texto final desse trabalho será produzido em sala e servirá de base para a elaboração do <i>esquema de apresentação</i> e para o estudo do tema pelos apresentadores.</p> <p>Sugira aos alunos o uso de recursos</p>

Escrita	<p>Os grupos devem entregar ao professor uma relação com os nomes dos participantes e o tema escolhido.</p> <p>Comece a fazer uma pesquisa bibliográfica e elabore uma lista com sugestões de livros, revistas e <i>sites</i> sobre cada um dos temas escolhidos. Você entregará essa lista aos grupos, no 6º momento.</p>	Papel Lápis	materiais, de acordo com a disponibilidade da escola: resumos, quadro e piloto, cartazes, maquetes, tabelas, gráficos, mapas, imagens, retroprojektor e transparências, slides e datashow.
Oralidade	<p>4º momento: Informe aos alunos que eles assistirão a um seminário de história que será apresentado pelos alunos da 8ª série.</p> <p>Entregue a cada aluno uma <u>Ficha de Observação</u> (modelo em anexo).</p> <p>Solicite que os alunos leiam a ficha com atenção e tirem as suas dúvidas.</p> <p>Peça que os alunos façam anotações <i>durante</i> o seminário, seguindo os tópicos da Ficha de Observação.</p> <p>Apresente os integrantes do grupo da 8ª série que fará o seminário sobre “A Guerra de Tróia”, e sente-se na audiência. Verifique a possibilidade de filmar ou gravar a apresentação.</p>	<p>Ficha de Observação (anexo 2)</p> <p>Quadro Piloto/giz</p> <p>Cartazes</p> <p>DVD Player Filme TRÓIA</p>	<p>Com certa antecedência, solicite ao professor de História da 8ª série que um grupo de alunos prepare e apresente para os seus alunos um seminário sobre “A Guerra de Tróia”.</p> <p>O tema <i>A guerra de Tróia</i> é apenas uma sugestão. Você pode escolher um outro tema que seja interessante para alunos de 5ª e 6ª séries, como também envolver nesse projeto o professor de uma outra disciplina (Ciências, Geografia, etc.).</p> <p>Solicite que os apresentadores usem um <i>esquema</i>, explicitando como o tema será apresentado.</p> <p>Solicite que eles utilizem alguns recursos tecnológicos disponíveis na escola. Caso não seja possível, que apresentem cartazes com mapas localizando o mundo grego e a cidade de Tróia.</p> <p>Sugira a utilização de trechos do filme TRÓIA, em DVD.</p> <p><i>Caso seja muito difícil articular esse trabalho interdisciplinar, você pode propor</i></p>

			<i>um seminário em Língua Portuguesa, sobre um tema da disciplina (sobre um livro de leitura, um autor específico, um movimento literário etc.).</i>
Oralidade	<p>5º momento:</p> <p>Peça que os alunos se dividam em grupos, com a mesma formação do 1º momento.</p> <p>Solicite que os alunos comparem, em seus grupos, seus registros de observação e discutam:</p> <p>(a) Quais os pontos em comum? (b) Em que pontos discordam?</p> <p>Peça aos alunos que façam uma síntese por escrito dos aspectos observados e registrados no seminário da 8ª série, de acordo com o roteiro da Ficha de Observação.</p>	<p>Quadro Piloto/giz</p> <p>Fichas de observação preenchidas pelos alunos (anexo 2)</p> <p>Papel Lápis</p>	<p>Seus alunos vão discutir os aspectos observados do seminário da 8ª série.</p> <p>Eles deverão sintetizar as idéias presentes nos registros de observação e apresentá-las oralmente.</p>
Escrita			
Análise Lingüística	<p>Solicite que cada grupo faça uma breve exposição oral para a turma da sua síntese.</p> <p>Discuta com os alunos as marcas lingüísticas típicas do gênero seminário (ver exemplos na 4ª coluna, ao lado).</p>		<p>Analise, com os alunos, as <i>formas lingüísticas</i> mais comuns nesse gênero como, por exemplo, aquelas utilizadas para articular as partes (<i>Então, Falarei agora</i>); apresentar conclusões ou sínteses (<i>portanto, resumindo</i>); estruturar a fala (<i>então, portanto</i>); marcar a organização temporal (<i>Em primeiro lugar, depois</i>); explicar; distinguir a idéia principal da secundária (<i>principalmente, sobretudo</i>); introduzir exemplos (<i>por exemplo, para ilustrar</i>); reformular o que foi dito (<i>isto é, ou seja, em outras palavras</i>).</p>
Compreensão Oral	<p><u>Se o seminário foi gravado ou filmado:</u></p> <p>Você poderá selecionar e utilizar trechos do seminário em que essas expressões ou suas variações são utilizadas pelos apresentadores, analisando, com os alunos, alguns aspectos que envolvem a escolha de tais formas lingüísticas como, por exemplo, a adequação à situação, a intenção do apresentador, a função das expressões etc. Chame a atenção dos alunos para as diferenças entre os recursos lingüísticos e estilos usados pelos diferentes apresentadores e estimule-os a fazer comparações.</p>	<p>Filme ou fita gravada do seminário</p> <p>Ficha para análise lingüística (anexo 4)</p>	<p>A filmagem também ajudará a resgatar alguns aspectos do seminário que o registro escrito não permite. Explore a questão dos gestos, do olhar, do tom da voz, postura etcalguns aspectos do seminário que o registro escrito não permite. Explore a questão dos gestos, do olhar, do tom da voz, postura etc.</p>

	<p><u>Se o seminário não foi gravado ou filmado:</u></p> <p>Prepare, antecipadamente, 3 conjuntos de tiras de cartolina de cores diferentes (ver modelo no anexo).</p> <p>No conjunto 1 (branco), escreva as formas lingüísticas recorrentes no seminário. Ex.: formas explicativas, como ou seja, isto é, etc.</p> <p>No conjunto 2 (azul), escreva as funções dessas formas lingüísticas: Ex.: REFORMULAR O QUE FOI DITO PARA MELHOR ENTENDIMENTO.</p> <p>No conjunto 3 (rosa), escreva exemplos de enunciados em que essas formas aparecem. Ex.: “A Guerra de Tróia aconteceu, provavelmente, entre 1250 a.C. e 1240 a.C., ou seja, não se sabe, com exatidão, em que ano começou e em que ano terminou a guerra.”</p> <p>Na sala, explique o conteúdo das tiras e, em seguida, distribua-as, aleatoriamente, entre os alunos.</p> <p>Solicite que os alunos leiam suas respectivas tiras, comparem-nas com as tiras dos colegas e procurem agrupá-las, observando alguma relação entre elas.</p> <p>Solicite que os alunos leiam as tiras agrupadas e expliquem por que decidiram agrupar as tiras dessa forma. A partir das relações percebidas pelos alunos, discuta a função e o uso dessas formas lingüísticas.</p>	<p>Folha de cartolina azul, rosa e branca cortadas em tiras.</p>	<p>alguns aspectos do seminário que o registro escrito não permite. Explore a questão dos gestos, do olhar, do tom da voz, postura etc.</p>
<p>Leitura Oralidade</p>	<p>6º momento: Distribua as <u>Fichas N°1</u> preenchidas.</p>	<p>Ficha N°1 preenchidas (anexo 1)</p>	<p>Seus alunos poderão avaliar agora os conhecimentos construídos.</p>

	<p>Solicite que os alunos leiam o que registraram na Ficha no primeiro dia de aula sobre o seminário.</p> <p>Solicite que os alunos comparem o que sabiam sobre o seminário e o que sabem agora.</p> <p>Pergunte aos alunos se eles ainda têm alguma dúvida. Faça os esclarecimentos necessários.</p> <p>Entregue aos grupos a lista que você elaborou com as referências bibliográficas sobre os temas escolhidos, para que comecem o trabalho de pesquisa.</p>	<p>Lista com Referências Bibliográficas</p>	<p>Os alunos precisarão de sua ajuda para localizar e selecionar fontes para a pesquisa. Atue como facilitador. Se a escola dispuser de biblioteca e de acesso à Internet, oriente seus alunos sobre como buscar informações no material disponível. Essa pode ser uma boa oportunidade de inseri-los em <i>práticas de letramento</i> essenciais nos dias de hoje.</p>
<p>Leitura</p> <p>Escrita</p>	<p>7º momento: Divida os alunos nos grupos dos seminários.</p> <p>Solicite que os alunos leiam, selecionem e organizem as informações sobre o tema que serão utilizadas na produção do trabalho de pesquisa. Oriente e monitore a elaboração do trabalho escrito que servirá de base para o estudo e a apresentação oral do grupo.</p>	<p>Textos Papel Lápis</p>	<p><i>Na aula que antecede este momento, você deve orientar os alunos no sentido de trazerem todos os conteúdos pesquisados para a sala de aula, no próximo encontro.</i></p> <p>A síntese e a organização final dos conteúdos pesquisados devem ser feitas em sala, para evitar que o trabalho em grupo se transforme em um trabalho individual.</p> <p>Observe a participação dos integrantes do grupo e faça anotações para futura avaliação.</p>
<p>Escrita</p> <p>Oralidade</p>	<p>8º momento: Solicite que os alunos elaborem o <i>Esquema de Apresentação</i> (ver modelo no anexo) que deverá ser apresentado à audiência no quadro, em transparências ou na tela. Ajude os alunos a elaborar os tópicos e palavras-chave.</p> <p>Solicite que os alunos produzam e organizem os recursos materiais</p>	<p>Papel Lápis</p>	<p>O esquema deve ser baseado no texto do trabalho de pesquisa que foi finalizado, em sala de aula, no momento anterior.</p> <p>Se os alunos forem usar o <i>PowerPoint</i>, agendar com o professor de informática (se houver) a preparação dos slides.</p>

	<p>que utilizarão na apresentação oral (<i>slides</i>, cartazes, esquemas, resumos etc.).</p> <p>Oriente quanto às questões que o grupo deverá decidir e monitore esse planejamento:</p> <ul style="list-style-type: none"> (a) Quem abrirá o seminário? Como? (a) Quem apresentará o esquema? Como? (b) A quem caberá apresentar cada parte do conteúdo? (c) Quem e como será feita a finalização? Haverá uma síntese no final? (d) Quem abrirá a discussão ou debate? Como? (e) Quem usará recursos materiais? Quais? Quem fará a reserva do material? 		<p>O planejamento do seminário concorre para que seus objetivos sejam alcançados. Monitorar esse trabalho é indispensável para ajudar seus alunos a antecipar possíveis problemas e buscar soluções. Um bom planejamento evita improvisações excessivas e desagregações dentro do grupo.</p> <p>Observe a participação dos integrantes do grupo e faça anotações para futura avaliação.</p>
<p>Oralidade</p> <p>Leitura</p>	<p>9º momento:</p> <p>Distribua com os alunos da audiência <u>Fichas de Observação</u> para que façam anotações sobre a apresentação dos colegas.</p> <p>De acordo com a programação, dê início aos seminários.</p> <p>Sente-se com os demais alunos na audiência. Procure registrar, por escrito, os pontos que julgar interessantes para discutir com os alunos posteriormente, na avaliação dos seminários. Se possível, filme ou grave os seminários.</p> <p>Na <i>fase de conclusão</i>, você poderá fazer perguntas aos apresentadores ou lançar questões para discussão no grande grupo.</p> <p>Na <i>fase do encerramento</i>, você poderá dar o seminário como concluído, agradecer aos alunos apresentadores e chamar o próximo grupo.</p>	<p>Fichas de Observação (anexo 2)</p> <p>Câmera ou gravador (se disponível)</p>	<p><i>Reserve, dependendo do número de grupos, duas ou três aulas para a apresentação dos Seminários.</i></p> <p>Essas anotações servirão de referência para os alunos da audiência no momento da avaliação.</p> <p>Reforce que os alunos da audiência devem ser interlocutores ativos do seminário, pois participarão, posteriormente, do debate sobre o tema abordado e da avaliação do seminário.</p> <p>A sua intervenção, neste momento, pode ajudar a iniciar uma discussão sobre o tema apresentado. A audiência poderá acrescentar novos fatos ou dados sobre o tema, questionando ou ratificando a fala dos</p>

			apresentadores. Aprende-se, assim, a ouvir o outro, esperar o seu momento de falar e defender seus argumentos.
Oralidade	<p>10º momento:</p> <p>Seguindo a ordem das apresentações, peça que cada grupo avalie seu próprio seminário.</p> <p>(a) Quais as maiores dificuldades?</p> <p>(b) Quais os pontos positivos?</p> <p>(c) Que aspectos das apresentações reformulariam caso fossem apresentar de novo o mesmo seminário?</p> <p>Incentive os alunos que participaram da audiência a apresentarem, também, a sua análise com base nas anotações que fizeram.</p> <p>Após a avaliação pelos alunos, apresente a sua análise dos seminários.</p> <p>Procure valorizar os pontos positivos e orientar os alunos quanto aos aspectos que precisam ser mais bem trabalhados.</p> <p>Avalie o grupo ao longo de todo o processo de elaboração do seminário; não restrinja a sua análise à apresentação oral.</p>	Fichas de observação preenchidas (anexo 2)	<p>Muitas vezes, o aluno é bem mais rígido na sua própria avaliação do que o professor. É importante deixar sempre o aluno iniciar a análise do trabalho apresentado.</p> <p>O reconhecimento das falhas e das virtudes ao longo do processo ajuda a formar leitores críticos, alunos colaborativos e colegas solidários.</p> <p>Não seja muito rigoroso e exigente neste momento. Os alunos estão apenas começando a conhecer melhor o gênero seminário e construindo capacidades.</p>

ANEXOS

Anexo 1:



<i>Sobre Seminários...</i>		
Sabemos	Não temos certeza	Gostaríamos de saber

Anexo 2
Ficha de Observação:

Fases	Observar	Comentar
Abertura	Quem abriu o evento? Como? Que expressões usou? Os outros participantes foram apresentados? Como?	
Introdução ao Tema	Quem apresentou o Tema do seminário? Como? (O tema do nosso trabalho é...) Apresentou-se um Esquema? Como e com que recurso? Onde e como os apresentadores se posicionaram na sala?	
Desenvolvimento	Como o apresentador fala? Como mostra ilustrações, cartazes, etc.? Como organiza as informações? De que forma se dirige à audiência? Para onde e para quem dirige o olhar? Gesticula? Usa o Esquema de Apresentação? Usa outros recursos materiais? Quais e em que momento? Como um apresentador passa a palavra ao próximo?	
Conclusão	Como o último apresentador conclui a apresentação do tema? Quem inicia a fase da discussão? Quem responde às perguntas do professor e da audiência? A audiência participa da discussão?	
Encerramento	Como foi encerrado o Seminário? Houve agradecimentos? Houve aplausos? Os apresentadores recolheram todos os materiais?	
	O que você mais gostou? O que você menos gostou?	

ESQUEMA DE APRESENTAÇÃO DO SEMINÁRIO (modelo)

Tema: A guerra de Tróia (1250 a.C. ?- 1240 a.C.?)

1. Aspectos físicos, sociais, econômicos e políticos da Grécia e de Tróia.

- Localização geográfica
- A sociedade e a vida econômica
- O governo

2. Contexto histórico

3. A Guerra

- Causas
- Desenvolvimento
- Desfecho
- Os heróis

4. As conseqüências

5. Comparações/Relações com fatos atuais

Anexo 4

Material para Análise Lingüística (5º momento):

Você pode elaborar a sua tabela com as formas sugeridas neste modelo e complementá-la com as formas ou variações usadas por seus alunos no seminário. Depois, recorte as linhas e colunas, formando tiras:

Formas (cartolina branca)	Funções (cartolina azul)	Exemplos (cartolina rosa)
“O assunto do seminário é”	Apresentar o tema do seminário	“ O assunto do seminário é a Guerra de Tróia.”
“Vamos apresentar”		“O seminário que vamos apresentar é sobre a famosa Guerra de Tróia.”
“Dividimos o tema em”	Mostrar o Plano de Apresentação	“Nós dividimos o tema em 5 partes: o aspecto físico, o contexto histórico, a guerra propriamente dita, suas conseqüências e, para terminar, a relação desses fatos com os dias atuais.”
“Vamos passar para ”	Articular as partes do seminário	“ Terminei o contexto histórico e agora Erico vai passar para a guerra, contar como ela aconteceu.”
“Vou falar agora sobre”	Mudar o subtema	“ Vou falar agora sobre a localização da Grécia e de Tróia.”
“Bom”	Iniciar o “turno” de fala	“ Bom , vou começar explicando como essa guerra começou.”
“Então”	Apresentar conclusões	“ Então Helena foi viver em Tróia.”
“Portanto”		“ Portanto , a guerra durou 10 anos.”
“Concluindo”		
“Resumindo”	Fazer uma síntese do que foi dito	“ Resumindo , a Grécia venceu a guerra pela inteligência e não pela força.”
“Em suma”		
“Primeiro”		
“Depois”	Organizar o tempo da narrativa	“ Depois , as tropas se retiraram e deixaram um cavalo de madeira no portão.”
“Finalmente”		“ Finalmente , os gregos venceram a batalha.”
“Sobretudo”	Destacar uma idéia principal	“A guerra começou, sobretudo , por causa do rapto de Helena.”
“Principalmente”		
“Para ilustrar”	Introduzir exemplos	“ Para ilustrar , temos aqui o mapa da região.”
“Por exemplo”		
“Isto é”	Reformular o que foi dito para explicar melhor	
“Ou seja”		A Guerra de Tróia aconteceu, provavelmente, entre 1250 a.C. e 1240 a.C., ou seja , não se sabe, com exatidão, quando ela começou nem quando terminou.
“Em outras palavras”		
“Quer dizer”		

QUE GÊNERO É ESSE?

Intergenericidade

4º ciclo do Ensino Fundamental (7ª e 8ª séries)
Djário Dias de Araújo

Objetivo geral: reconhecer o fenômeno da intergenericidade em diversos gêneros, focalizando os efeitos de sentido provocados, bem como as razões sociocomunicativas que justificam a “mesclagem” de gêneros.

Objetivos específicos

As atividades sugeridas propiciam aos alunos:

- reconhecer as estratégias de “disfarce” de um gênero para parecer outro, responsáveis pelo fenômeno da intergenericidade: o uso da organização estrutural de certo gênero, de seu estilo característico (grau de formalidade, escolhas vocabulares, etc.), embora se busque cumprir a função social de um outro gênero.
- refletir sobre os modos de organização do gênero e sobre a estrutura composicional que compõe os gêneros em análise, bem como sobre sua função, adequação ao público-alvo e à finalidade.
- produzir adequadamente os gêneros textuais solicitados, utilizando estratégias pertinentes, como o atendimento à função social inerente a um gênero e a introdução de aspectos próprios de outro gênero, como o estilo e a organização formal (estrutural).

**ESTE TEXTO SE DESTINA A FORNECER INFORMAÇÕES BÁSICAS SOBRE O GÊNERO PARA O PROFESSOR.
NÃO DEVE SER USADO COM OS ALUNOS.**

Caro Professor:

Como sabemos, os gêneros textuais são fenômenos históricos, intimamente ligados a fatores sócio-econômico-culturais, de um determinado espaço e em uma determinada época. São mutáveis e recreáveis, estão sempre se renovando, principalmente, a partir de seus usos, todavia mantendo a sua função social. É nesse contexto dinâmico que surge a intergenericidade, fenômeno em que um gênero pode assumir a forma - estrutura composicional e/ou o estilo - de um outro, tendo em vista o propósito comunicativo que se pretende cumprir.

É o fato de entrar em contato com um gênero que “parece, mas não é” que, muitas vezes, provoca o interesse do leitor. Por essa razão, é comum encontrarmos esse tipo de estratégia em esferas da comunicação humana em que não há modelos fixos para os gêneros que serão produzidos, sendo mais importante a criação de efeitos de sentido que atraiam o leitor. É o caso das esferas publicitária, humorística e literária. Na esfera publicitária, por exemplo, é comum encontrarmos um anúncio publicitário, utilizando a forma e/ou o estilo de diversos outros gêneros, como uma carta, um *curriculum vitae*, uma notícia. Mas vale salientar que o processo de hibridização do gênero não significa a ausência de gênero, pois, mesmo que os dois gêneros usados se misturem, ainda se reconhecem traços de gêneros distintos num mesmo texto. Por exemplo, ainda que um anúncio publicitário esteja na forma de uma carta (anexo 5), em algum lugar, o leitor poderá identificar a logomarca do anunciante ou o *slogan*, e, com certeza, estarão presentes estratégias de sedução usadas para convencer os leitores/consumidores.

No mundo em que, a cada dia, novas estratégias textuais surgem como forma de seduzir, orientar e informar o leitor, o trabalho com a intergenericidade aparece como uma possibilidade em que duas dimensões se cruzam: o lúdico – “brincando” de transformar um gênero em outro - e o didático – explorando essa peculiar estratégia de produção de sentido para desenvolver capacidades de leitura e de análise crítica. Tais capacidades serão ser acionadas no momento

de produzir um gênero através da hibridização com outro. Assim, explorar, nas aulas de língua materna, a hibridização de gêneros ajudará os alunos a compreendê-los e a analisá-os criticamente. Isso envolve a observação da dupla dimensão da intergenericidade: de uma organização própria de um gênero e de uma função social própria de outro gênero. No trabalho com esse jogo de linguagem na escola, habilidades importantes de leitura, oralidade e escrita podem ser desenvolvidas.

Ainda que se ressalte o lado dinâmico e maleável dos gêneros textuais, há contextos sociais em que os gêneros apresentam aspectos recorrentes e formulaicos, admitindo poucas variações, como os documentos pessoais (carteira de identidade, título de eleitor, etc.), atestados, notas fiscais, artigos científicos, diplomas, procurações, petições, alvarás, etc.

Como se trata de uma abordagem nova no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa, é importante fazer a “transformação” com textos com os quais os alunos estejam familiarizados, para que a produção final do aluno atenda às características discursivas dos gêneros envolvidos. É uma boa oportunidade para refletir sobre os eixos de língua portuguesa (leitura, produção oral/ escrita e análise lingüística) de forma dinâmica e motivadora, tudo isso numa perspectiva de construção de conhecimento em que o aluno será protagonista do processo de aprendizagem.

Para saber mais:

- BAKHTIN, Mikhail (2003). Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes. pp. 261-306.
- KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda Maria (2006). *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo, Contexto.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio (2005). Gêneros textuais: definição e funcionalidade In: DIONÍSIO, A.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs.) (2004). *Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, pp. 19-36.
- PINHEIRO, Najara (2002). A noção de gênero para análise de textos midiáticos. In: José Luiz Meurer e Désirée Motta-Roth (Orgs.). *Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2002. pp. 259-290.

Onde encontrar:

Normalmente, o fenômeno da intergenericidade é encontrado em domínios discursivos que admitem, com maior facilidade e frequência, maneiras diversas de organizar os gêneros, modificando suas formas, etc. É o caso da literatura e da publicidade, em que a produção de efeitos de sentido é mais importante que a fidelidade à organização composicional dos gêneros. Assim, ela pode ser encontrada em poemas, crônicas, contos, romances, anúncios publicitários, etc.

QUE GÊNERO É ESSE?
Intergenericidade

4º ciclo do Ensino Fundamental (7ª e 8ª séries)

Eixos de ensino	Passo-a-passo	Material didático	Observações
<p>Leitura Oralidade</p>	<p>1º momento: Organize a turma em duplas e entregue um convite na forma de um folheto de cordel. Solicite a leitura entre os participantes e, após alguns minutos, faça as seguintes perguntas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Que espécie de texto vocês estão lendo? ▪ Uma notícia? ▪ Uma história em quadrinhos? <p>Anote as respostas no quadro, que podem apontar ou não para a literatura de cordel. Continue com a discussão, pedindo que eles justifiquem as respostas dadas, por exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Por que não é uma história em quadrinhos? ▪ O que vocês leram, então? ▪ Como chegaram a essa conclusão? ▪ Com qual objetivo esse texto foi produzido? ▪ Por que foi escrito dessa maneira? ▪ O que permanece do gênero convite e o que muda? <p>Após a reflexão sobre o gênero, entregue a cada aluno a ficha de sistematização para caracterização do gênero e peça para que eles preencham com base na discussão feita. Após alguns minutos, faça a correção coletiva da primeira etapa da ficha. (anexo 2).</p>	<p>Cópias do convite de casamento em formato de literatura de cordel (anexo 1)</p>	<p><i>O número de aulas necessárias nesta seqüência é variável. Dependerá do número de alunos na turma e do ritmo de trabalho deles.</i></p> <p>É possível que os alunos tenham dúvidas quando à definição do gênero, pois, no fenômeno da intergenericidade, um gênero se “disfarça” de outro. Como sabemos, um gênero textual é definido por sua função e não pela sua forma. Por essa razão, temos um convite que usa a estrutura composicional e o estilo do gênero literatura de cordel para envolver os convidados no “clima” da festa, com um toque de humor e originalidade. É fundamental deixar que seus alunos descubram isso ao longo das atividades de leitura previstas nesta seqüência.</p> <p>É muito importante procurar manter o suporte original do gênero no momento de apresentá-lo aos alunos. É comum que um gênero assuma a própria materialidade do suporte também para “confundir”/ “seduzir” o leitor/ consumidor. No caso do convite-cordel (ver anexo 1), vários detalhes contribuem para fazê-lo parecido com o gênero cordel ou para</p>

			criar um aspecto rústico, que remeta a esse gênero popular: a xilogravura na capa, o papel reciclado, o acabamento em palha, o tamanho e o formato do convite, cor e tipo de letra. No primeiro momento, o leitor pode ficar sem saber se é um convite ou um folheto de cordel. Caso não seja possível apresentar o suporte original, chame a atenção dos alunos para a importância desses detalhes na apresentação dos convites.
Oralidade Leitura	<p>2º momento: Após a caracterização inicial do convite-cordel, você ou um dos alunos lê o convite expressivamente, ou seja, usando certa entonação, ênfase, as pausas devidas, sotaque, etc. Depois pergunte o porquê de o texto ter sido lido dessa maneira. Nesse momento, o professor relaciona com informações sobre os poemas de cordel: que eles eram lidos nas feiras livres, fazem parte de uma tradição oral nordestina, etc. Finalizada a leitura, professor lança algumas perguntas para interpretação do texto lido, por exemplo: Que acontecimento colaborou para a união do casal? O que é importante para uma vida a dois?</p>	Cópias do convite-cordel (anexo 1).	Como sabemos, o texto analisado pelos alunos é um convite de casamento na estrutura composicional e estilo de literatura de cordel. Como a literatura de cordel é uma poesia popular de tradição oral, a leitura feita por você ou pelos alunos deve incorporar essas características, ou seja, a expressividade, entonação, entre outros aspectos a serem recuperados no momento da leitura em voz alta. Então, lembre aos alunos que a leitura expressiva do convite só foi pertinente porque ele está na forma de cordel, pois, de modo geral, os convites não são lidos em voz alta.
Oralidade Leitura	<p>3º momento: Pergunte se os alunos acharam interessante a estratégia de enviar um convite na forma de um cordel, o porquê dessa estratégia. Depois pergunte se os alunos já leram um convite “Convencional ou tradicional” de casamento e questione sobre a estrutura desse texto. Entregue uma cópia de um convite convencional a cada dupla e peça que façam a leitura do convite. Após a leitura, oriente para que eles preencham a ficha de caracterização do gênero na coluna sobre</p>	Cópias de convite convencional (anexo 3) Ficha comparativa (anexo 2)	Com essa atividade, estaremos dando um outro passo para analisar o processo de intergenericidade, ou seja, conhecer o gênero na sua forma convencional. É preciso lembrar que o gênero convite se caracteriza também por um cuidado com o suporte - tamanho e tipo de papel, dobraduras, tipo de impressão e com essa

	<p>3º momento: Pergunte se os alunos acharam interessante a estratégia de enviar um convite na forma de um cordel, o porquê dessa estratégia. Depois pergunte se os alunos já leram um convite “Convencional ou tradicional” de casamento e questione sobre a estrutura desse texto.</p>		<p>atividade, estaremos dando um outro passo para analisar o processo de intergenericidade, ou seja, conhecer o gênero na sua forma convencional. É preciso lembrar que o gênero convite se caracteriza também por um cuidado com o suporte - tamanho e tipo de papel, dobraduras, tipo de impressão – e com aspectos tipográficos - cor, tipo de letra, etc. O ideal é reproduzir o convite para as duplas exatamente como ele é, mas, se não for possível, chame a atenção dos alunos para esses detalhes. Outra possibilidade é</p>
<p>Escrita Leitura Análise lingüística</p>	<p>4º momento: Solicite para que cada equipe transforme o convite-cordel num convite tradicional, recuperando, para isso, as características do gênero convite estudadas e tendo como referencial o exemplo de convite lido. O professor visita as duplas fazendo intervenções no texto dos alunos, caso necessário. Feita a “transformação” (retextualização), os alunos fazem a leitura do seu material. Peça para um grupo reler o convite-cordel e, depois, para uma dupla ler o convite convencional. Pergunte qual a grande diferença entre os dois textos e qual deles causa maior impacto. As produções são afixadas num painel, denominado “Que gênero é esse?”. Esse painel reunirá todos os textos elaborados pelos alunos ao longo da seqüência.</p>	<p>Cópias do convite-cordel (anexo 1). Folhas de ofício, lápis de cores diversas</p>	<p>É importante enfatizar que a finalidade maior de uma seqüência sobre a intergenericidade é desenvolver a habilidade dos alunos na análise crítica desse fenômeno e na “transformação” de textos. Todas as produções serão afixadas no mural intitulado “Que texto é esse?”. É interessante chamar a atenção sobre o nível de formalidade da escrita de alguns convites, bem como aspectos relacionados à seleção vocabular. O público-alvo e o contexto cultural (convite em cordel para um casal nordestino) também devem ser analisados. O objetivo dessa etapa de nossa seqüência não é passar a idéia de que o convite formal é o mais adequado, pois tudo dependerá do contexto, mas de preparar os alunos para o processo de “transformação dos gêneros”</p>

Análise lingüística	<p>5º momento: Entregue a cada aluno o convite “50 Anos de Forró”. Faz a leitura compartilhada do texto e lança as seguintes perguntas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Esse convite foi escrito em que região do país? ▪ Qual o objetivo de elaborar um convite com essa linguagem? ▪ A linguagem utilizada tem a ver com o evento do convite? ▪ Se não se usasse essa linguagem, o convite seria lido da mesma forma pelos leitores? 	Cópia do convite “50 anos de Forró” (anexo 4).	<p>O texto apresenta marcas da oralidade e traços lingüísticos do falar nordestino. É um importante momento para refletir sobre essas variações, não numa perspectiva do certo ou do errado, mas das diferenças regionais que devem ser respeitadas e valorizadas, como riqueza cultural. O estilo usado no convite seria adequado por se tratar de um evento informal, ligado às tradições culturais nordestinas, portanto o falar regional é uma estratégia pertinente para seduzir os leitores.</p> <p>É importante mostrar aos alunos o convite original, mantendo as características do suporte, como as cores e o formato do papel. Fazer uma reprodução ampliada e colorida do convite é uma possibilidade.</p>
Escrita	<p>6º momento: Entregue a cada grupo uma receita, solicite a leitura nos grupos e recupere, oralmente com os alunos, aspectos da estrutura de uma receita e peça para que eles completem essas informações na ficha de sistematização do gênero. Agora, faça a leitura, junto com os alunos, das colunas do gênero convite e de receita da ficha, perguntando sobre as diferenças encontradas. Solicite a elaboração de um convite na forma de receita para o evento “50 Anos de Forró”. O desafio é fazer um convite utilizando a estrutura de uma receita.</p>	Cópias de receita	<p>Como já enfatizado, é interessante propor a produção de textos com os quais os alunos já estejam familiarizados (provavelmente, é o caso da receita), o que evitaria ter de investir tempo na caracterização dos gêneros.</p> <p>Se os alunos desejarem, podem manter, na receita, as marcas de oralidade e os regionalismos presentes no convite, para ajudar na caracterização cultural, embora essa não seja uma característica das receitas. Outra idéia é trabalhar com contextos fictícios: dizer que os alunos trabalham em uma agência de publicidade que tem como objetivo transformar o convite em um convite-receita. Pode-se simular uma competição entre “agências”, etc.</p>

<p>Escrita</p>	<p>7º momento: Feita a produção, o professor pede para que os grupos troquem seus convites em forma/estilo de receita e façam a análise da produção do colega a partir de perguntas, como as seguintes:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ O convite produzido está de acordo com a estrutura formal da receita? Por quê? ▪ A divisão em partes que é típica das receitas – ingredientes e modo de preparo – foi mantida? Que informações do convite foram dadas em cada uma? ▪ O que permanece do gênero convite e o que muda? As informações essenciais do convite permaneceram? De que maneira? ▪ O convite ficou criativo? Que parte chamou mais sua atenção? <p>Após a análise do material produzido pelo colega, um representante de cada equipe irá apresentar suas considerações.</p> <p>Afixe o material no mural “Que texto é esse?”.</p>	<p>Convites produzidos pelos alunos</p>	<p>Nesse momento, os alunos estarão refletindo sobre a adequação ao gênero convite na forma/estilo de receita. O elemento mais importante desta sequência é o fenômeno da intergenericidade e, nessa atividade de produção, o foco é o hibridismo: um gênero que parece outro. Logo, esse momento deve ser acompanhado com muita atenção, para que os alunos atendam à proposta. O lúdico (a brincadeira de transformar textos) e o didático (objetivos mais relacionados ao ensino da língua) devem andar juntos, para uma feliz parceira. Um dos objetivos dessa etapa é fazer com que os alunos percebam as estratégias usadas no processo de intergenericidade. Esperamos que na pergunta “o que muda?” os alunos levantem questões como: Distribuição das informações ao longo do texto, aspectos tipográficos, forma de interlocução com o leitor etc. Caso não levantem todas essas questões, é interessante sua complementação.</p>
<p>Leitura</p>	<p>8º momento Forme pequenos grupos e entregue a cada equipe um texto que apresente o fenômeno da intergenericidade (por exemplo, um anúncio publicitário na forma de uma carta, uma letra de música na forma de carta ou um poema na forma de receita). Escreva, no quadro, as seguintes perguntas para análise dos textos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Quem produziu esse texto? ▪ Em que local ele circulará? ▪ Qual o objetivo ou função desse texto? ▪ Que tipo de texto é esse? 	<p>Texto que apresente o fenômeno da intergenericidade (ver sugestões no anexo 5) Ficha comparativa (anexo 2)</p>	<p>É interessante não ressaltar o nome dos gêneros. O material deve ser entregue aos alunos e, a partir dos seus conhecimentos de mundo e textual, eles irão identificar os gêneros. Intervenha só após a fala dos alunos, caso necessário. Caso os alunos não descubram todas as características do gênero trabalhado, você poderá fazer intervenções. A discussão deve abordar o fato de que os textos que apresentam o fenômeno da</p>

	<p>8º momento Forme pequenos grupos e entregue a cada equipe um texto que apresente o fenômeno da intergenericidade (por exemplo, um</p>		<p>intergenericidade utilizam, geralmente, gêneros textuais conhecidos entre as práticas de leitura e escrita do público-leitor, seja para vender um produto, como no caso de um anúncio publicitário na forma de carta, seja para criar efeitos expressivos, como é o caso de um poema em forma de receita.</p>
<p>Leitura Escrita Análise Lingüística</p>	<p>9º momento: Entregue, a cada grupo, um texto instrucional. Solicite a leitura e lance, oralmente, as seguintes perguntas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Vocês leram um anúncio publicitário ou uma receita? ▪ Por que não? ▪ O texto dá orientações sobre o uso de que produto? ▪ Por que o texto é conhecido como “manual de instruções” (caso eles já tenham identificado o gênero). <p>Feita a caracterização do gênero, peça para que completem a coluna sobre “manual de instruções” na ficha e, ao final, faça a correção coletiva. Finalizada a correção, bem como a interpretação do texto, o professor afirma que o desafio será fazer um anúncio publicitário na forma de um manual de instrução. Os alunos devem criar um produto revolucionário e fazer o seu anúncio. A professora recolhe as produções, faz a revisão e, na aula seguinte, entrega aos alunos para a reescrita. Finalizada a reescrita e a elaboração dos anúncios, os grupos socializam suas produções e as colocam no mural “Que gênero é esse?”.</p>	<p>Lápis de várias cores. Cópias de texto instrucional.</p>	<p>É importante que, no momento da produção, você esteja circulando e fazendo intervenções de adequação ao gênero. Como já ressaltado, é interessante fazer a “transformação” com gêneros conhecidos pelos alunos. Os gêneros usados na seqüência são apenas sugestões, que devem ser adaptadas ao seu grupo-classe.</p> <p>Outra sugestão seria entregar aos alunos uma ficha de alguns produtos conhecidos no mercado e desafiá-los a elaborar uma propaganda com a estrutura composicional e o estilo de outro gênero, trabalhado anteriormente na sala. Como já sugerido, pode-se informar aos alunos que eles fazem parte de uma agência de publicidade e que, para elaboração de suas propagandas, todos terão que pensar no público-alvo, na forma de divulgar sua publicidade (veículo), entre outros aspectos. No final, poderia ser feita uma eleição para a seleção da agência mais criativa. Caso os alunos tenham alguma dificuldade nas “transformações”, peça para que eles retomem o quadro de caracterização dos gêneros.</p>

Escrita

10º momento

Informe aos alunos que irá fazer uma exposição na área central da escola de todo o material produzido durante essa seqüência e, para informar a comunidade escolar do evento, os alunos deverão produzir “avisos”, também na forma de outros gêneros. Distribua, com os grupos, exemplos de alguns gêneros, tais como horóscopo, manchetes de jornal, rótulos de produtos, entre outros, e oriente para que façam um aviso, numa cartolina, utilizando-se de um desses gêneros, informando sobre o evento. Coloque, no quadro, o conteúdo do aviso (evento, local, data, horário), que não deve faltar em nenhum dos gêneros.

Cartolinas,
lápiz de várias
cores.

Como todas as produções dos alunos foram colocadas no painel “Que gênero é esse”, o produto final de nossa seqüência poderia ser uma exposição desse material para a comunidade escolar. É uma forma de valorizar os textos dos alunos, garantindo a circulação social dessas produções.

Não esqueça de ressaltar que cada aviso produzido deve manter as características do gênero que serviu de base. Por exemplo, se o aluno escolheu o horóscopo, o aviso deve ter características que remetam o leitor a esse gênero preditivo (data, símbolo do signo, previsões, conselhos, texto curto, etc.).




FICHA COMPARATIVA


ASPECTOS DO GÊNERO		CONVITE CONVENCIONAL	CORDEL	RECEITA	ANÚNCIO PUBLICITÁRIO	MANUAL DE INSTRUÇÃO
Função social e circulação	<i>Qual a função do texto?</i>					
	Quem é o leitor provável?					
	Como esse texto chegará às mãos do leitor?					
Organização interna (estilo/ estrutura composicional)	Quais são as informações básicas? ¹					
	Como elas se distribuem no gênero?					
	A linguagem é formal ou informal?					
	Há uso de imagens?					
	Como é a formatação desse texto (tipo, tamanho e cor da letra, uso de negrito, etc.)					
	Como é o suporte em que se apresenta o texto (livro, revista, cartão, folheto, cartaz, etc.).					

⁴Professor, para exemplificar, no caso do convite, algumas informações básicas são: a) o evento; b) quem está convidando; c) quem está sendo convidado; d) onde será o evento; e e) quando será o evento.

 **Convite convencional de casamento** 

*Mário Vaz
Clarice Vaz*

*Antônio Cavalcanti
Gerusa Cavalcanti*

convidam

para a cerimônia religiosa do casamento de seus filhos

Daniela e Augusto

a ser celebrada pelo Arcebispo Dom Tarcísio Garcia

às vinte horas e trinta minutos de quinta-feira, dezessete de julho de dois mil e oito

na Capela de Santa Genoveva - na Rua Flaminia, junto ao n. 100

*Rua Solário, 100
Jardins*

*Av. Tiburtina, 37
Capunga*

